

Bruna Moraes Battistelli  
Jaileila de Araújo Menezes  
Luciana Rodrigues  
Diônvera Coelho da Silva  
ORGANIZADORAS



# Cartas para bell hooks

Práticas de esperança e de transformação  
social inspiradas nos feminismos negros



**Obpn**



INSTITUTO FEDERAL  
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
Sertão Pernambucano

**Bruna Moraes Battistelli  
Jaileila de Araújo Menezes  
Luciana Rodrigues  
Diônvera Coelho da Silva  
(Organizadoras)**

**Cartas para bell hooks:  
práticas de esperança e de transformação  
social inspiradas nos feminismos negros**

Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as - ABPN  
Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as - COPENE  
Editora IFSertãoPE

---



## AGRADECIMENTOS

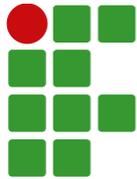
---

*Agradecemos a Editora IFSertãoPE do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano – pela parceria com a Executiva do XII Congresso de Pesquisadores e Pesquisadoras Negras e Negros (COPENE). Esta parceria possibilitou a publicação desta coletânea que certamente contribuirá para futuras pesquisas no que diz respeito à compreensão e combate ao racismo na sociedade brasileira.*

---

Presidente da República  
**Luiz Inácio Lula da Silva**  
Ministro da Educação  
**Camilo Sobreira de Santana**  
Secretário de Educação Profissional e Tecnológica  
**Getúlio Marques Ferreira**

---



**INSTITUTO FEDERAL**  
Sertão Pernambucano

<b>Reitora</b> Maria Leopoldina Veras Camelo	<b>CONSELHO EDITORIAL</b>
<b>Pró-reitora de Ensino</b> Maria do Socorro Tavares Cavalcante	Francisco Kelsen de Oliveira – Propip IFSertãoPE Jane Oliveira Perez – Cedif IFSertãoPE
<b>Pró-Reitor de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação</b> Francisco Kelsen de Oliveira	Marcio Rennan Santos Tavares – Proext - IFSertãoPE Ana Christina da Silva Bezerra – SIBI - IFSertãoPE Andre Ricardo Dias Santos – IFSertãoPE
<b>Pró-Reitor de Extensão e Cultura</b> Vitor Prates Lorenzo	Andrea Nunes Moreira de Carvalho – IFSertãoPE André Ricardo Lucas Vieira – IFSertãoPE Hudson do Vale de Oliveira - IFRR
<b>Pró-Reitor de Orçamento e Administração</b> Jean Carlos Coelho de Alencar	Domingos Diletieri Carvalho - IFSertãoPE José Ribamar Lopes Batista Júnior - UFPI
<b>Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional</b> Alexandre Roberto de Souza Correa	Manuel Rangel Borges Neto - IFSertãoPE Paulo Gustavo Serafim de Carvalho - UNIVASF Rafael Santos de Aquino - IFSertãoPE Leilyane Conceição de Souza Coelho – UPE
<b>Coordenadora da Editora IFSERTA OPE</b> Jane Oliveira Perez <b>Projeto Gráfico da Capa</b> Mironaldo Borges de Araújo Filho <b>Diagramação</b> Jane Oliveira Perez	Rosemary Barbosa de Melo – IFSertãoPE Rachel Perez Palha – UFPE Ricardo Tavares Martins - IFSertãoPE Eriverton da Silva Rodrigues – IFSertãoPE Cheila Nataly Galindo Bedor – UNIVASF Luciana Nunes Cordeiro - IFSertãoPE
<b>Fotos no corpo do livro:</b>	Arquivos dos autores/ Cessão para organização da edição



#### **Contato**

Rua Aristarco Lopes, 240 - Centro  
CEP: 56302-100 | Petrolina/PE – Brasil  
E-mail: [editora@ifsertaope.edu.br](mailto:editora@ifsertaope.edu.br)

---

**©2023 TODOS OS DIREITOS RESERVADOS**

Os capítulos ou materiais publicados são de inteira responsabilidade de seus autores.

Direito autoral do texto © 2023 Os autores

Direito autoral da edição © 2023 Editora IFSertãoPE

Publicação de acesso aberto por Editora IFSertãoPE

Disponível para download em:

<https://releia.ifsertao-pe.edu.br/jspui/>

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

**C322**

**Cartas para bell hooks : práticas de esperança e de transformação social inspiradas nos feminismos negros / Bruna Moraes Battistelli, Jaileila de Araújo Menezes, Luciana Rodrigues, Diônvera Coelho da Silva. - Petrolina: IFSertãoPE, 2023.  
1910 KB ; PDF ; 188p.: il.**

**ISBN 978-65-89380-16-0 .**

**1. Racismo. 2. Feminismo. 3. Opressão. 4. Esperança. 5. Transformação.**

**I. Título. II. Battistelli, Bruna Moraes. III. Menezes, Jaileila de Araújo. IV. Rodrigues, Luciana. V. Silva, Diônvera Coelho da.**

**CDD 320.56**

---

Ficha Catalográfica Elaborada pela Bibliotecária Ana Christina Bezerra CRB4-2311

# SUMÁRIO

---

<b>Introdução</b>	09
<b>PRIMEIRA COLEÇÃO</b>	
Todos os caminhos levam a bell hooks: te conhecer por (cosmo) percepções outras. Thuila Farias Ferreira	15
Amor e transgressão em trajetórias de vida: Um agradecimento. Rafaela e Clayton Marcio Hermes Pereira	24
A arte de amar como um presente para o futuro. Letícia Eli Pereira de Campos	29
Aprendendo a transgredir: o que hooks nos ensinou sobre o percurso formativo na universidade. Gabriela da Cruz Miranda e Katiane Barcelos da Costa	34
Hoje eu escolho a esperança: a sala de aula como possibilidade de novos mundos. Rebeca Kelly Gomes da Silva	40
Desaprendendo a graduação: por uma outra Psicologia. Bárbara Magnani Rodrigues	46
Literatura, Cura e Poder. Izanete Marques Souza	52
Descobrir um meio de ser e continuar sendo. Helen Leonardo da Silva e Yure Gonçalves da Silva	57
<b>SEGUNDA COLEÇÃO</b>	
Uma carta para honrar bell hooks. Gislenny Alves	60
Carta para minha mais velha. Marlete Andrize de Oliveira	64
Um encontro entre bell hooks e minha Yabá. Tarine Silveira Bialeski	69
Carta de uma mulher negra e lésbica que tem aprendido a sobreviver, escrever e cartografar. Roberta da Silva Gomes	75
Carta para bell hooks: práticas de esperança e de transformação social inspiradas nos feminismos negros. Camila Dutra dos Santos	80
Para bell hooks: dos seus ensinamentos ao exercício das práticas cotidianas do tornar-se pesquisador. Pedro Henrique Machado	84
Cartas para bell hooks: transformação e encontros pela pesquisa afetiva. Camilla Gabrielle Gomes Vieira	88
Carta-testemunho de aprendizagens sobre escutas. Sharyel Barbosa Toebe	92

<b>TERCEIRA COLEÇÃO</b>	
Para a querida bell hooks e todas as pessoas que constroem mundos novos. Amanda Barbosa Veiga dos Santos	96
Carta abierta a bell hooks (también a Nicole L., quien iluminó mi camino a casa. Andrea Avendaño Caneo	99
Compartilhando histórias juntas e misturadas da terra brasilis. Arthemisia Ferreira Paulo Santiago e Katia Lacerda Meira Menezes	102
Conversando com bell hooks: o aquilombamento de profissionais do Serviço Social. Hélen de Oliveira Soares Jardim e Dulce Mari da Silva Voss	110
Pistas para esperarçar. Danuza Kovaleski Machado	117
A controvérsia no amor. Nathallia Protazio	122
Silêncios... ou será que cansamos de explicar sobre lugares? Izabel Espindola Barbosa e Eliane Almeida de Souza	125
Se eu não me esqueço do ontem, eu ressignifico o amanhã. Nathália Cristina Lemes Simão	129
<b>QUARTA COLEÇÃO</b>	
Para sonhar contigo um mundo amoroso: compartilhando pedrinhas miudinhas. Luciana Rodrigues	133
Valéria, Lucimar e bell: mulheres em diálogo. Valéria Pereira da Silva e Lucimar Rosa Dias.	138
Do amor nosso de cada dia: a prática como princípio. Lilian Alves Machado	142
Uma carta para bell hooks a quatro mãos e duas cores: escritos que brotam do chão das nossas experiências. Jeanyce Gabriela Araújo e Marília Silveira.	147
Sobre a docência e a produção de conhecimento: celebrando os ensinamentos de bell hooks. Bruna Moraes Battistelli	154
Falando de amor na socioeducação. Roberta Gracyelle de Lima Ferreira Cunha e Jaileila de Araújo Menezes	161
O amor como uma ação: práticas de autocuidado em espaços não escolares. Tainara Machado Costa	168
Da lama ao caos, do caos à construção de uma educação como prática da liberdade: diálogos sobre uma escola atingida pelo desastre-crime da barragem de Fundão, Mariana-MG. Alessandra Bernardes Faria Campos e Áquila Bruno Miranda	174
Reafirmando nossa Parceria, o Compromisso com a Educação Popular e com o Amor a partir de bell hooks. Lwdmila Constant Pacheco e Livia Karoline Guerra Feitosa	180
<b>ORGANIZADORAS</b>	187

---

## Introdução

Bruna Moraes Battistelli  
Doutora em Psicologia Social e Institucional  
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Jaileila de Araújo Menezes  
Doutora em Psicologia  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Luciana Rodrigues  
Doutora em Psicologia Social e Institucional  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Diônvera Coelho da Silva  
Doutoranda em Educação  
Universidade Federal de Pelotas (UFPEl)

*de que valerão meus escritos  
se outras não falarem  
não se contarem  
não dançarem  
não se manifestarem  
não protestarem  
não se erguerem*

*Ryane Leão (2019)*

bell hooks, nome que Gloria Watkins quis ser chamada em homenagem a sua avó, escritora à frente do seu tempo, revolucionária em seu pensamento, fez sua passagem em dezembro de 2021. Em setembro de 2022, em homenagem aos seus 70 anos, decidimos enquanto integrantes do *Coletivo bell hooks: formação e políticas do cuidado*<sup>1</sup>, propor uma publicação-celebração em sua homenagem: um convite a quem desejasse escrever cartas à bell, o que se tornou possível a partir da chamada para organização de publicações especiais realizada pelo XII COPENE – Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as, evento organizado pela Associação Brasileira de Pesquisadoras/es negras/os (ABPN).

A menina que chorava na calçada da escola, se sentia invisível e que não era vista

<sup>1</sup> Coletivo de estudo, pesquisa e extensão vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao qual integram estudantes, docentes e profissionais de diferentes áreas de formação e de diferentes regiões do país.

pelos seus professores supremacistas brancos que desprezavam sua raça, sua condição de classe e o seu lugar de origem; que sentia o desconforto do machismo e do sexismo dentro de sua própria família, que se sentia cuidada, mas pouco amada, teve coragem de expor suas feridas ao mundo. Sua coragem seria como um farol a iluminar e tocar milhares de mulheres, homens e crianças; pessoas de todas as idades, raças, religiões para que tivessem também coragem de enfrentar as suas próprias dores e dificuldades e aprender a amar.

Estadunidense de Kentucky, mulher negra, feminista, educadora e escritora. Escreveu seu primeiro livro aos 19 anos. Seus escritos produzidos com seu corpo todo, acolhia os afetos e escrevia com o coração. Soube criticar a produção do conhecimento hegemônica e supremacista branca, a cisão entre a razão/emoção e a suposta neutralidade, pois é fundamental compreendermos como o “pessoal é político” (2019, p.80). Portanto, para ler bell hooks precisamos estar dispostas/os a romper com as políticas de opressões, sua luta, podemos assim dizer, baseia-se na esperança de um mundo sem opressões, um mundo radicalmente amoroso. A menina, a quem esperavam seguir a carreira de professora, cresceu defendendo a educação como prática de liberdade e, a partir do fazer docente, descobriu que a escuta ativa é uma excelente ferramenta de aprendizagem. Todas as pessoas precisam ser escutadas e as diferentes realidades precisam ser acolhidas. Aprendemos com bell que contar histórias, as mais miúdas do cotidiano, é uma importante ferramenta de transformação social, pois amplia as possibilidades de diálogos e aprendizados mútuos. Em tempos de violência e acirramento dos sistemas de opressão, a arte do diálogo é uma preciosidade que precisamos alimentar relação à relação.

Assim, inspiradas em bell hooks e no chamamento que o XII COPENE fez para propostas de publicações especiais, sonhamos uma coleção de cartas que pudesse acolher profissionais, docentes, estudantes e ativistas que sonham a transformação social em seu fazer cotidiano. Atenderam nosso chamamento para esta coleção celebrativa, mulheres e homens que chegam desde diferentes territórios físicos e existenciais e que moram em Alagoas, Pernambuco, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraíba, Goiás, Paraná e também do Chile. Essas pessoas têm algo em comum: o afeto e o reconhecimento agradecido por tudo que bell hooks e outras mulheres negras lhes ensinaram. Recebemos um total de 33 cartas (que dividimos em 4 coleções) através das quais bell hooks se torna próxima e é chamada de amiga, irmã, mais velha, mana, é aquela pessoa que abraça, que acolhe, que ensina com amor, que dá colo, que diz “verdades” duras de se compreender imediatamente. Partilhamos do sentimento de que bell é a pessoa que nos oferece um caminho de coragem, de cura, de resistência e sabedoria. É assim que ela percorre os espaços de vida e atuação profissional

das/os autoras/os deste livro; seu pensamento foi levado para diferentes lugares. Uma sensação comum a todas que a leem é de que existe alguém na academia que não está distante, que pensa como nós, que nos endereça a escrita, porque é também uma de nós. bell hooks foi levada para diferentes escolas de Minas Gerais por Alessandra e Áquila e, em Porto Alegre, por Tainara que fez um bonito trabalho na comunidade onde nasceu. Um trabalho que lembra as memórias de Lilian sobre a importância do amor e do cuidado na vida de crianças negras. De memória em memória, nos conectamos com Andrea, que no Chile, com crianças que são suas vizinhas, construiu um jardim de desenhos.

“O amor é o que o amor faz” (hooks, 2020a, p.47) é o que bell hooks nos ensina em seu livro do *Tudo sobre o Amor* (2020a) e as histórias que nos foram ofertadas em forma de cartas transbordam ações e gestos amorosos. Assim, a partir da ação, Nathália Simão foi conjurando os fios de uma pactuação coletiva de aprendizagem com suas/seus alunas/os – um enfrentamento cotidiano quanto aos efeitos do racismo em crianças em idade escolar. A obra de hooks também percorreu abrigos, consultórios, Unidades Básicas de Saúde, Grupos de Estudos, Coletivos que se formaram inclusive com seu nome, como o *Coletivo bell hooks: formação e políticas do cuidado* coordenado por Luciana Rodrigues, professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o qual integram as organizadoras e diferentes escritoras das cartas aqui reunidas.

Através dos escritos de cada remetente, percebemos bell presente em momentos de solidão, de medo, de sofrimento e desesperança, mas também acompanhando essas pessoas no encontro de caminhos contra-coloniais, em seus percursos de autorrecuperação e autorrealização, conceitos pensados pela autora e que, em diferentes momentos, foram citados ao longo das cartas. Lwdmila e Lívia, assim como Alessandra, Áquila, Rebeca, Letícia e Luciana reafirmam o valor da obra de bell para seus processos de cura e possibilidade de abertura para a experiência do amor. “Com você aprendi a não deixar o fatalismo consumir a minha esperança”, diz Rebeca em sua carta. bell hooks simplesmente é e está conosco, nas pequenas alegrias, nos prazeres da vida das mulheres e homens que escreveram essas cartas e que não desistem de enfrentar as lógicas de opressão a que estão submetidas/os, criando condições de possibilidades para uma existência ética e amorosa. Tarine nos ensina a arte do amor em sua delicadeza e firmeza mesmo em experiências tão doloridas como as que viveu. No trabalho de Roberta Gracyelle de Lima Ferreira Cunha e Jaileila, o pensamento de bell hooks foi ponte para que pudessem entender e defender a necessidade de cuidado para as trabalhadoras que ofertam a socioeducação; Jeanyce e Marília também compartilham uma carta que pensa o cuidado e como constituímos ele em nossos

espaços de trabalho nos alertando sobre a violência que não hesita em separar mães negras e pobres de seus filhos/as. O trabalho pode nos potencializar, mas também pode nos adoecer; Danuza foi corajosa ao deixar sua atividade profissional remunerada para cuidar de si e compartilhar sua história conosco.

Este ebook celebra o legado de bell hooks, apostando nas histórias que podemos contar e nas histórias que compomos quando nos abrimos ao diálogo com outras/os pelo país afora. Mais do que textos que reproduzem os conteúdos deixados pela autora em seus livros, queríamos a conversa, a partilha, as histórias de vida e de trabalho que constituem cuidado para as pessoas envolvidas, pois como nos ensina bell, contar histórias é parte importante dos processos de cura, de cicatrização, de construção de comunidades (hooks, 2020b). Dialogando com as cartas que nos foram ofertadas, lembramos de Gislenny que afirma que bell lhe forneceu uma lente que a torna capaz de enxergar as suas potencialidades e não hipervalorizar seus defeitos, alguém que “não silencia diante das injustiças”. Amanda também aprendeu a não silenciar e em sua carta-poema escreve: “O rompimento do silêncio nos salvou”. Nesse caminho, bell hooks nos ensina a erguer a voz (hooks, 2019), nos convocando a usarmos a linguagem como meio de luta, enquanto o nosso mundo for permeado por políticas de desamor. Valéria e Lucimar nos mostram a importância de registrar a história, a existência de pessoas negras. Nos lembram a importância de acolhermos as invenções cotidianas de estratégias de resistência para sobreviver às pressões sociais. Nos lembram da força que bell tem para acolher momentos de dor.

Podemos ser fãs das autoras com quem trabalhamos? Camila Dutra afirma ser fã de bell hooks. A autora é guia ancestral, alguém que oferta caminhos possíveis e potencializadores do nosso existir com dignidade. Para Roberta Gomes e Camilla Vieira, bell hooks têm sido uma intelectual importante no percurso de se tornarem negras. Camilla nos narra o quanto encontrou um lugar em meio a tantos não-lugares que a formação acadêmica oferece a uma mulher negra e Roberta nos conta que viajou para Recife e sentiu o *Aquilombamento* de perto e pôde, assim, comemorar o seu aniversário cercada por pessoas negras como elas, tudo isso a faz acreditar mais no amor que bell fala ser possível existir. Fios de histórias que nos lembram como Helen e Yure, que entrelaçaram suas histórias, para nos narrar possibilidades de resistir em um mundo que oferta não-lugares para mulheres e homens negras/os. Uma estratégia similar, teceram Arthemisia e Katia, que juntas tramaram suas redes de histórias para contar da experiência de serem mulheres negras nordestinas.

A obra da autora é essa força arrebatadora que fez Pedro Henrique reafirmar seu compromisso com a educação. Uma educação engajada, comprometida com a escuta atenta e

respeitosa. Bruna fala de como bell ampliou seu amor e cuidado com a sala de aula, permitindo ocupar esta com o corpo todo. Algo que talvez precise contagiar mais processos formativos, pois Katiane, Gabriela e Bárbara, em suas cartas, nos contam das suas frustrações com a formação em psicologia, elas solicitam mudanças reais para o fazer *psi*. É necessário uma psicologia que não seja de aparências para formar uma comunidade de aprendizagem, como lembrada na carta de Sharyel. Já Thuila mostra em sua carta que não precisamos ser feministas para dialogar com bell hooks e Hélen e Dulce nos contam de sua experiência com um grupo formado por mulheres negras para pensar o racismo e sua relação com o Serviço Social.

Marlete aciona suas histórias com o livro “*E eu não sou uma mulher*” e como o trabalho de bell foi ampliando suas possibilidades de reconstrução. Já o texto “*Vivendo de amor*”, um dos primeiros escritos de bell hooks que muitas de nós teve contato pela primeira vez, continua potente não só para Izanete, mas para todas que precisávamos/precisamos ouvir que merecemos o amor. E pensamos no que Nathallia Protazio afirma: que seu inegociável é a honestidade quando falamos de amor. A honestidade como forma ética de entrarmos nos relacionamentos cotidianos e afetivos.

Para irmos finalizando lembramos do exercício ficcional de Clayton e Rafaela que nos apresentam Maria, que escreve uma carta a pedido de sua filha Yara; assim a dupla nos mostra que bell hooks está muito perto de nós, porque ela alcança todos os lugares e pessoas que se abrem a educação engajada, a autorrealização, ao amor, a comunidade de aprendizagem, a erguer a voz, a autorrecuperação, conceitos criados por hooks e que vibram entre uma comunidade de pessoas que se importam em fazer do mundo um lugar habitável no qual é possível uma experiência interdependente. Se o feminismo é para todas/os como defendia a autora, que possamos dialogar em uma linguagem mais próxima, como as cartas, as conversas, os causos, a fofoca, etc. O diálogo honesto e amoroso, desta forma, são ferramentas de combate para que possamos nos ofertar e assim ofertar as/aos demais um mundo mais amoroso.

Antes de finalizarmos essa introdução, reafirmamos o convite para que vocês, caras/os leitoras/es, adentrem as cartas que nos foram ofertadas, bem como escrevam suas próprias cartas. Se você fosse escrever para bell hooks: o que diria? Como você narra suas experiências, histórias e trajetórias profissionais? Como narra aquilo que de mais precioso produz no miúdo de sua vida? Escolhemos nos ocupar com as cartas, porque estas acolhem o vivido, contam de como a vida vai se desdobrando e acima de tudo, as cartas apostam que o conhecimento acontece em rede, tecido fio a fio pela abertura ao diálogo. Quando pensamos

em celebrar a obra de bell hooks, lembramos do quanto ela apostou no diálogo como ferramenta de aprendizagem. E se queremos ampliar as possibilidades de narrarmos o cuidado em meios acadêmicos (livros, artigos, ebooks, dissertações, teses, congressos), precisamos apostar na potência que a conversa tem como ampliadora de aprendizagem e disseminadora dos fios mais sensíveis da existência. Sentimos, assim, que uma produção acadêmica escrita em pequenas cartas, honraria os ensinamentos de bell hooks.

Desta forma, nos despedimos, desejosas de que as quatro coleções aqui organizadas alimentem teu apetite por histórias, por conexões e por relações de cuidado. E que tu se abra e se permita se encharcar pelas histórias que tão gentilmente nos foram ofertadas. "Queríamos dizer-te obrigada", Isabel e Eliane afirmam em sua carta. E o mesmo desejo nos acompanha: Obrigada bell hooks por tamanha generosidade em teu percurso!

Abraços,  
Bruna, Jaileila, Luciana e Diônvera

## Referências

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor*. São Paulo: Elefante, 2020a.

HOOKS, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020b.

LEÃO, Ryane. *Jamais peço desculpas por me derramar: poemas de temporal e mansidão*. Planeta Estratégia, 2019.

## PRIMEIRA COLEÇÃO

---

### Todos os caminhos levam a bell hooks: te conhecer por (cosmo)percepções outras

Thuila Farias Ferreira  
Doutoranda em Estudos Étnicos e Africanos - Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9316977598552482>  
E-mail: [thuilafa@gmail.com](mailto:thuilafa@gmail.com)

**Resumo:** Na presente carta-conversa direcionada à bell hooks eu conto, enquanto me apresento, como minhas andanças pessoais e acadêmicas me levaram à intelectual, passeando por relações pessoais, familiares, de maternagem, acadêmicas, de trabalho, sociais, coletivo-aquilombadas e demais perspectivas possíveis que, afinal, imbricam em meu corpo. Uma série de reflexões analisando o macro e o micro, o pessoal e o coletivo, sobre movimentos negros, aquilombamento, gênero, diáspora, África e todos os sentimentos e percepções que me foram despertadas a partir das interlocutoras da grande bell hooks, com quem troquei ao longo do caminho e da correção/formatação dos demais textos deste número.

Querida bell hooks,

Mal nos conhecemos, mas eu aqui ouço teu nome há muitos anos. Neste escrito aqui, aos poucos, tal qual tu me foste sendo apresentada, vou me apresentando nos diferentes níveis e camadas que compõem (os contextos em que me insiro) esta a quem Viviane e Edson gestaram com muito amor e registraram Thuila Farias Ferreira – entre devaneios, causos e reflexões.

Eu sou a Thuila, cria e moradora da Restinga, bairro periférico que nasceu da gentrificação no centro desta cidade de Porto Alegre, que é a capital do Rio Grande do Sul e a mais segregada racialmente do Brasil (IPEA; PNUD; FJP, 2017, p. 37). Extremo sul da capital de um estado que, embora tenha importância histórica para a construção do Movimento Negro brasileiro, é ignorado mesmo pelos outros movimentos negros país a fora. No início de 2020, estava eu realizando um sonho, atravessando o Atlântico dentro que me tirava pela primeira vez do Brasil – indo em direção a Lagos, na Nigéria –, vejo na propaganda de turismo da tela à minha frente algumas cidades brasileiras, quando me deparo com uma Porto Alegre totalmente branca, dita de uma população de descendência europeia. Essa é uma imagem recorrente fora e dentro do país. Não acredita nisso não, bell!

Sempre teve preto aqui. Sempre teve preto lutando. Dos Lanceiros Negros séculos atrás à Bancada Negra da câmara de vereadores de Porto Alegre nos últimos anos. Ora, nós mesmas ignoramos que Porto Alegre e sua região metropolitana contam com cerca de 1.342

casas de religiões de matrizes africanas (Brasil; Unesco, 2010), tendo o estado do Rio Grande do Sul, proporcionalmente, o maior número de praticantes de religiões afro-brasileiras no país. O Dia da Consciência Negra, marco importante do movimento negro brasileiro, foi proposto Grupo Palmares, de Porto Alegre, composto, entre outros, pelo poeta Oliveira Silveira. É dele a proposta de errata para o hino rio-grandense que, veja só, diz que “povo que não tem virtude acaba por ser escravo” – como se a falta de virtude estivesse em ter sido escravizado, não em escravizar. A verdade é que, como nos diz Oliveira Silveira, “povo que é lança e virtude, a clava quer ver escravo” (Pereira, 2021). Mas a clava/branquitude/elite capitalista que lute, pois nós estamos aqui. Sempre estivemos. A tal Bancada Negra da câmara de Porto Alegre se elegeu para outras instâncias: agora, está na câmara federal (Daiana dos Santos) e estadual (Bruna Rodrigues, Laura Sito e Matheus Gomes). Trago estes poucos fatos apenas para ilustrar algumas das conquistas e vanguarda de um movimento negro invisibilizado no restante do país, mas jamais inerte ou inoperante como algumas vezes se faz querer acreditar.

Falo isso com a radicalidade amorosa (Bueno, 2022) de quem reivindica não protagonismo, mas o devido reconhecimento e participação na coletividade, no todo. Nesse todo que é o Brasil, o país com mais pessoas negras fora da África, estruturado por um racismo que, embora semelhante a outras plagas, tem “um jeitinho brasileiro” que é só dele e, neste contexto, a favela não vence quando um indivíduo avança, mas quando e se uma comunidade avança, pois o assassinato físico e epistemológico de indivíduos pretos faz parte de um projeto necropolítico muito bem estruturado. Saibamos aprender comunidade (hooks, 2021a) e reconhecer que, como nos diz B.art, “Eu ouvi dizer que a favela venceu/ Uma declaração do ego e não do coletivo/ A favela ainda tá sangrando/ Todo dia a meta é se manter vivo” (Zudzilla; B.art, 2022). Manter-se vivo, nesta *maafa* (Ani, 1994) em curso requer coletividade, aquilombamento.

Há quem não acredite na mudança através dos meios vigentes, há quem só acredite em “ocupar tudo”. Eu acredito que nem todo lugar precisa ser ocupado, ou que, assim como quando estamos crescendo e não cabemos mais em algumas roupas, é preciso saber desapegar. Acredito em fases, acredito no tempo circular: “Eu aprendi que o tempo é circular/ Hoje o futuro é de quem veio antes de mim/ O amanhã de quem não teve tempo pra terminar” (Zudzilla; B.art, 2022). Uma estrutura racista não muda se mantendo a mesma. Não creio que uma estrutura arraigada na Europa sustente para sempre um Estado de múltiplas nações e etnias como é o Brasil.

Creio que as estruturas precisam ser ocupadas para serem demolidas por dentro. Sim, demolidas, destruídas, arrasadas. Para ceder ao “novo”. Eu apoio e acredito no propósito de uma Bancada Negra. Sou, no entanto, cética com relação às instituições que dificultam seu trabalho. Entendo, desta forma, sua formação e atuação como uma conquista de todos nós, absolutamente necessária no contexto e conjuntura de hoje. Quando pessoas pretas assumem um espaço de poder apoiada pelos seus e por outros que entendem a necessidade de mudança, com um cortejo que traz à frente lideranças do Batuque do RS, o som do atabaque anuncia que Bará (*alupô!*) está abrindo os caminhos, está demolindo uma estrutura racista para fazer brotar uma governança mais justa, horizontal. Quem sabe ao longo deste processo de demolição e reestruturação, a partir de pessoas como estas, tenhamos uma presidência preta e governos federais proporcionalmente pretos, brancos e indígenas? Num afrofuturo, um sistema de governança mais horizontal e menos hierárquico?

bell, há quem insista em comparar questões raciais estadunidenses e brasileiras, julgando o Brasil a partir dos Estados Unidos, o que é injusto (e, por vezes desonesto), apesar de guardar semelhanças. O principal ponto, nesse caso, é que Estados Unidos (e África do Sul) viveram um *apartheid* institucionalizado, explícito, inequívoco. Aqui o processo se deu de forma a fazer-nos acreditar que a democracia racial existe. Tenho familiares da minha geração que acreditam nisso! Não é coisa “dos antigos”, ou “de gente pouco estudada” (ah, a arrogância acadêmica...). Não basta olhar pra gente e dizer “nossa, 56% da população do Brasil é negra, como vocês permitem isso?”. Esse ponto renderia vários textos, mas há de se conhecer o contexto brasileiro e a estruturação do racismo aqui, a começar pelo questionamento da categoria pardo, que compõe, junto à categoria pretos, o que chamamos de negros.

A mim, o pardo parece uma espécie de não-lugar. Um não admitir-se preto, um não perceber-se branco. Um “na dúvida, sou pardo”. Uma dúvida proposital, permeada pela miscigenação e mito da democracia raciais, dificultando o processo de autoidentificação racial, de pertencimento (Pereira, 2022); permitindo que brancos convenientemente se declarem pardos, e que pretos de pele clara neguem sua pretitude, atrasando nosso corre enquanto povo preto. O questão de pertença racial por aqui é bem mais complexa do que entender que pretos podem ser *light*, *brown* ou *dark skin* ou se dizer queniano mesmo tendo nascido nos EUA porque tem um avô que nasceu no Quênia... É, bell, que ladaia! Mas deixemos esta polêmica pra outro momento (risos).

Eu sou a Thuila Ferreira, acadêmica. Me graduei em 2016 em Relações Internacionais, numa época que, muito distante de ti e da negrada com quem ando hoje, eu

abraçava perspectivas bastante questionáveis, embranquecidas, eurocentradas – afinal, com muito custo ocupei aquele espaço, porém podia contar nos dedos de uma mão os outros colegas negros – ainda assim, e talvez por isso mesmo, desde lá desenvolvi interesse por estudos africanos (sabe bell, o tal hino rio-grandense tocou na minha formatura. Só eu não cantei. Adivinha a cor dos outros formandos?). A coisa mudou de figura quando ingressei no mestrado em História na UFRGS, em 2018, e me aquilombei com uma galera diferenciada, uma negra consciente de sua negritude – dos meus colegas cotistas ao meu orientador.

Do auge da minha experiência com o mundo acadêmico, numa perspectiva afrocentrada (Asante, 2009), meus diálogos têm trilhado um outro caminho, caminho que vai ao encontro de Oyèrónké Oyěwùmí, Patricia McFadden, Amina Mama, Dzodzi Tsikata, Minna Salami, Fatou Sow, Ifi Amadiume, Ama Ata Aidoo, Filomina Steady, Gathoni Blessol, Zethu Mathabeni, Sylvia Tamale, entre outras autoras – feministas ou não – do continente africano. Importantes mulheres que, “não sei por que” (contém ironia), não são muito consideradas no meio feminista negro – mas que podem, assim como outras intelectuais do continente africano, serem conhecidas através do *site* Biografias de Mulheres Africanas, que é resultado de um projeto de extensão coordenado pelo professor Rivair, que me orientou no mestrado, e eu (Macedo; Ferreira, 2020).

Aliás, é da autora nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí (2002) a noção de cosmopercepção (ou cosmosensação – *worldsense*), que trago no título desta epístola: diz respeito à percepção de mundo, englobando as formas de percebê-lo e senti-lo que não apenas a ocidental “cosmovisão”. E é isto que percebo a cada carta a ti dirigida que leio. Não se tratam de visões, se tratam de sentimentos, percepções de uma forma geral – físicas ou intuitivas. Espero que cada uma que tiver contato com estas cartas possa também sentir o tanto que senti – amor, sobretudo, mas também raiva, frustração, surpresa, alegria –, possa *te* sentir.

Teus ensinamentos também estiveram presentes na África do Sul, pra onde fui saindo da Nigéria em 2020, onde conheci o African Gender Institute da University of Cape Town e suas intelectuais de toda parte do continente. Aliás, ao longo do processo de escrita da minha dissertação sobre relações de gênero no continente africano (Ferreira, 2020), foi a essuatiana Patricia McFadden (2001) quem me falou de ti, em texto, e me marcou a problematização da categoria “mulher” como universal (hooks, 2004). Sabe, bell, eu atual e pessoalmente, não me considero “feminista negra”, o que não me impede de reconhecer a importância do feminismo negro em suas múltiplas vertentes e níveis de atuação, de admirar, respeitar e dialogar com suas intelectuais, tampouco de me aliar àquelas que estão

comprometidas com o progresso do povo preto (e conseqüentemente da humanidade) como um todo.

Evidente, por minhas próprias andanças e por ser a “Thuila das correções”, conheço Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Petronilha Silva (preta gaúcha, veja só, que participou da elaboração da famigerada Lei 10.639/03, que institucionalizou a obrigação do ensino de História da África e dos africanos que fizeram este Brasil), Sueli Carneiro, Nilma Lino Gomes, Luiza Bairros (outra “preta do sul”, já falecida que, entre outras coisas, foi ministra-chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do Brasil entre 2011 e 2014), Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus... Angela Davis, Patricia Hill Collins, Kimberlé Crenshaw, Audre Lorde, Alice Walker... e gosto muito de Nah Dove e Clenora Hudson-Weems. Te conheço através de muitos trabalhos acadêmicos de gente preta (e alguns brancos) que pude conhecer ao longo destes quase 5 anos fazendo correções. Pois é, eu formato, corrijo, transcrevo, traduzo trabalhos acadêmicos de forma autônoma. Foi a forma que eu arranjei pra complementar a renda da bolsa defasada do mestrado e, em razão da demanda, continuei fazendo. Aliás, eu larguei um emprego público pra fazer mestrado! Loucura para muitos, mas foi necessário romper este ciclo para deixar florescer a Thuila intelectual, sem as amarras das questões de saúde física e mental associadas àquele ambiente (há por aqui quem associe serviço público à moleza, mas meu trabalho nos Correios era braçal e cansativo). Como tu nos ensina, pausas podem ser importantes (hooks, 2021b).

De repente sou convidada ao desafio de corrigir e formatar 31 textos de mulheres maravilhosas, muitas das quais conheço pessoalmente mas nunca tinha lido, outras de quem já ouvira falar – mas nunca tinha lido. Pasmé (ou não, mas eu pasmei – positivamente), até mesmo minha psicóloga, com quem tenho encontros semanais há quase 5 anos, escreve pra ti (e, cá pra nós, ao lê-la e entender a relação dela contigo, entendo também como, após ter passado por outros três profissionais, a terapia, a *pretaterapia*, tem efetividade agora). Sou estimulada por páginas e páginas de amor a ti endereçadas, mas que têm a capacidade de inundar o ambiente.

Sou a Thuila atinúkê - membro do Coletivo Atinúkê sobre o pensamento de mulheres negras. Com minhas irmãs atinúkês – veja só, temos outras atinúkês escrevendo cartas para ti também – teria tido a possibilidade de ler *Vivendo de Amor* (hooks, 2010), mas de todos os nossos encontros em 2019, aquele foi justamente o único em que faltei. Mais tarde ouvi as gurias falarem empolgadas sobre a leitura do texto, e senti que aquela leitura impactaria minha vida para sempre. A preguiça de ler verdades e a responsabilidade implicada em sair da

ignorância me fizeram adiar a leitura, assim como eu faço há uns dois anos, admito, desde que comecei e nunca terminei de ler *O Espírito da Intimidade* (1997), de Sobonfu Somé.

Esses dias prestei atenção na letra de uma música do Childish Gambino (Donald Glover) que ouço frequentemente, mas nunca tinha prestado muita atenção. Até ele, bell. Até ele canta “got that *All About Love*, on some bell hooks” (2020)... já me dizendo para ler *Tudo sobre o amor*. Pois eu li *Vivendo de Amor* (hooks, 2010) e já providenciei minha cópia de *Tudo sobre amor* (2021b). Ainda não sorvi o impacto o suficiente para te expressar, nestas breves páginas (nem tão breves porque eu sou bem palestrinha, risos). Mas a partir desta leitura te garanto que teremos, minha psicóloga e eu, bastante trabalho pela frente (risos).

Te trago minha melhor parte: eu sou a ‘mãmãmãe’ da Zuri, que tem hoje 1 ano e 1 mês de vida. A maternidade me chegou de sopetão, em meio à pandemia e quando, aos 29 anos, me vi pela primeira vez desde que comecei a trabalhar, com 14, sem renda alguma. Zuri precisava vir ao mundo, e a gestação se fez mesmo driblando contraceptivos e tendo como contraparte genitora alguém praticamente desconhecido. “Sopetão” este que já vinha sendo anunciado nos búzios há alguns anos (risos) e que, embora não planejado, sempre foi muito desejado e que, passado o susto inicial, foi muito celebrado. Até mesmo pelos meus ancestrais e mais velhos que, ainda na gestação, me proporcionaram, em sonho, um lindo banquete e, com o nascimento de Zuri Maalum, como Oxum prometera, minha vida prosperou.

Eis que me torno Thuila, mãe preta – do Coletivo Mães Pretas. A despeito de tantas preocupações que trazer ao mundo *maafento* (Ani, 1994) uma criança retinta, de sangue diaspórico e do continente – Brasil e Senegal –, me vejo mais uma vez em coletivo, aquilombada, acolhida e acolhendo, numa rede de mães pretas, as diversas maternidades. Mesmo aquelas que, como a minha, se constituem numa Maternidade-Solo (Moraes, 2022). Não se engane: não gastei nem crio minha bebê sozinha;

[...] a demarcação de Mãe-Solo, nesse contexto, pretende contemplar a potência; não a ausência. Mãe... Solo... de onde a vida brota... Não é à toa, que a TERRA PRETA é a mais FÉRTIL e mais indicada para o plantio, pois ela NUTRE, faz vir à superfície aquilo que foi enterrado em suas entranhas. A Mãe-Solo que carrega o passado e que o transmite para as próximas gerações. É dela que nasce, não somente no sentido de parir, como também no sentido de perpetuar a história. A Mãe-Solo da próxima que vem... (Moraes, 2022, p. 52-53, grifos da autora).

Sem a pretensão de romantizar a maternidade solo, seguimos aquilombadas. Minha filha florescerá no quilombo que nos rodeia e constitui.

A despeito de seres Gloria Watkins e te tornares bell hooks, imagine que, quando Zuri estava para chegar, estudei a possibilidade de retomar um sobrenome da família materna que,

a partir da minha geração, “desapareceu”: Alencastro. Atualmente estou empenhada em encontrar meus antepassados através de pesquisa documental. Achei muita coisa. Vibro a cada descoberta. E me comovo a outras. Parentes assassinados, natimortos, mortos ainda na infância, casadas e mães muito jovens, sem estudo algum – tudo isso era comum. Não surpreendente, a parte da família através da qual cheguei mais longe foi justamente a do único antepassado branco de quem tinha notícia até então: um bisavô materno, mesmo que ele fosse analfabeto. Cheguei às suas tataravós. Do restante da família, todos, sem exceção, chegam em um ponto em que apenas o nome da mãe foi registrado. “Coincidentemente” (a ironia também me compõe, bell – risos), uma época em que a escravização era o regime vigente e em que o estupro era corriqueiro. Minhas tataravós foram, para a época, “mães solteiras”. Cerca de 150 anos depois, eis-me Mãe-Solo de uma criança que é linda e especial, adjetivos que traduzi na escolha de seu nome em suaíli: Zuri Maalum.

Teria e ainda tenho muito a dizer, mas entendo que uma carta não é uma tese (risos). Deixo aqui algumas reflexões. Será que a gente consegue se relacionar amorosamente aqui no Brasil, de norte a sul? Por toda a América Latina (Gonzalez, 1988)? Será que o amor à África consegue transcender o discurso em vez de se contradizer na xenofobia racista reproduzida por muitos de nós quando diante de uma irmã do Senegal, da Nigéria, da Guiné-Bissau, Moçambique, Gana, enfim... que vem pra cá em busca de estudo, de trabalho, de cuidar da sua vida, tal qual fomos e somos capazes quando diante de italianos, alemães e poloneses? Ou nos Estados Unidos, sermos reconhecidos como pessoas pretas, e não reduzidas a “latinas”? Faz sentido chamar alguém de irmã e ser chamada de prima (nos EUA, porque eu bem sei que em muitos países africanos, tias estão para mães bem como primas para irmãs)? Será possível a formação de um grande quilombo, um mundo africano?

A experiência no nível pessoal traz a verdade pro nível internacional: aquilombar foi e continua sendo é importante para não sucumbir à *maafa*. Eu não preciso amar todas as pessoas pretas pelo simples fato de o serem. Mas eu preciso entender que no coletivo somos muito mais fortes. Música, terapia, coletivos, o trabalho, a academia – vários pensares, vários sentires, várias cosmopercepções – me trouxeram até ti. Espero que possamos seguir juntas e aquilombadas no grande coletivo que são (ou não) as pessoas pretas do planeta Terra.

Descanse em ‘Gloria’, na glória dos ancestrais que se manterão para sempre vivos.

## Referências

ANI, Marimba. *Yurugu: Uma Crítica Africano-Centrada do Pensamento e Comportamento Cultural Europeu*. Trenton: African World Press, 1994.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, E. L. (org). *Afrocentricidade: Uma Abordagem Epistemológica Inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BRASIL; UNESCO. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS); Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). *Mapeando o axé: pesquisa socioeconômica e cultural das comunidades tradicionais de terreiro*. 2010. Disponível em: <http://www.mapeandoaxe.org.br/cd/paginas/oprojeto.htm>. Acessado em: 01 de fevereiro de 2023.

BUENO, Íyá Sandrali. *Pelo direito de ser quem sou: um ser coletivo*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2022.

CHILDISH GAMBINO; INK; KADHJA BONET; 21 SAVAGE. 12.38. In: CHILDISH GAMBINO. *03.15.20*. New York: Sony Music Entertainment, 2020. Disponível em: <https://genius.com/Childish-gambino-1238-lyrics>. Acessado em: 16 de fevereiro de 2023.

FERREIRA, Thuila Farias. *Africanas: gênero e feminismo em perspectiva afrocentrada*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: [https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/URGS\\_192ee5aa0b6c2ab0da84e0bddfe99a9b](https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/URGS_192ee5aa0b6c2ab0da84e0bddfe99a9b). Acessado em: 22 de janeiro de 2023.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, jan./jun. 1988, p. 69-82.

HOOKS, bell. Mujeres negras. Dar forma a la teoría feminista. In: *Otras Inapropiables*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2004.

HOOKS, bell. *Vivendo de Amor*. Portal Geledés, 9 de março de 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acessado em: 15 de fevereiro de 2023.

HOOKS, bell. *Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Editora Elefante, 2021a.

HOOKS, bell. *Tudo sobre amor: novas perspectivas*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo Elefante, 2021b.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD); FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (FJP). *Desenvolvimento Humano para Além das Médiast*: 2017. Brasília: IPEA; PNUD; FJP, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/7804>. Acessado em: 21 de janeiro de 2023.

MACEDO, José Rivair; FERREIRA, Thuila. *Sobre o projeto*. Biografias de Mulheres Africanas, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/africanas/>. Acessado em: 16 de fevereiro de 2023.

MCFADDEN, Patricia. Political Power: The Challenges of Sexuality, Patriarchy and Globalization in Africa. In: *African Women's Voices*. Women's WORLD - Women's Organization for Rights, Literature and Development. Port Louis (Mauritius): Mauritius Women's Movement (MLF) and Workers Education Association (LPT), 2001. Disponível em: [http://www.world.org/programs/regions/africa/patricia\\_mcfadden2.htm](http://www.world.org/programs/regions/africa/patricia_mcfadden2.htm). Acessado em: 31 de agosto de 2018.

MORAES, Larisse Silva de. *Mulheres negras em movimento: afrobiografias sensoriais do projeto afroativos*. Projeto de Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

NEVES, Pedro. *Bancada Negra: Cortejo Popular marca a posse dos novos deputados estaduais do RS*. Brasil de Fato, Porto Alegre, 01 de Fevereiro de 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/02/01/bancada-negra-cortejo-popular-marca-a-posse-dos-novos-deputados-estaduais-do-rs>. Acessado em: 16 de fevereiro de 2023.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P. J. (eds). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 391-415.

PEREIRA, Carolina da Silva. *Pessoas negras de pele clara: um olhar para a identidade racial*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

PEREIRA, Gabriela. *O hino do Rio Grande do Sul é racista?* Veja o que dizem historiadora e parlamentares. Medium, 13 de março de 2021. Disponível em: <https://medium.com/iguana-jornalismo/o-hino-do-rio-grande-do-sul-%C3%A9-racista-veja-o-que-dizem-historiadora-e-parlamentares-eb777d09e6e>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2023.

ZUDIZILLA; B.ART. Tudo Agora. In: ZUDIZILLA. *Zulu, Vol. 2: De César a Cristo*. São Paulo: Altafonte Brasil, 2022. Disponível em: <https://genius.com/Zudizilla-tudo-agora-lyrics>. Acessado em: 15 de fevereiro de 2022.

---

## Amor e transgressão em trajetórias de vida: um agradecimento

Rafaela Alcântara Barros de Oliveira  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1961037425939829>  
E-mail: [rafaela.alcantarabarro@ufpe.br](mailto:rafaela.alcantarabarro@ufpe.br)

Clayton Marcio Hermes Pereira  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9443379190939020>  
Email: [clayton.marcio@ufpe.br](mailto:clayton.marcio@ufpe.br)

**Resumo:** O texto abaixo se pretende uma carta para bell hooks, onde os autores, através da personagem fictícia Maria do Socorro, expõem as complexidades de suas próprias vidas, mas também das vidas de outros. Partimos da história de vida de um Eu plural, Maria do Socorro encarna as trajetórias, lutas, transgressões e vitórias que fazem parte da vida de muitos. Para um observador de fora, essas questões podem parecer corriqueiras, comuns, mas nos comunicam e sensibilizam particularmente. Essas vivências se conectam e dialogam com os escritos e as contribuições deixadas por bell hooks, para pessoas que, como ela, conhecem as dores e as belezas de ser quem se é.

Carta à bell hooks

Recife, 15 de dezembro de 2022.

Olá, bell... espero que esta carta te encontre em um plano espiritual melhor do que este que vivemos aqui em terra. Me chamo Maria do Socorro, tenho 58 anos. Escrevo com o desejo que esta carta, de alguma forma, possa funcionar como um elo entre nós, sabe bell?! Eu adoro ler, mas não costumo escrever tanto... acho que deveria fazer mais isso, escrever sobre as coisas que penso, que vivo... Por falar em leitura, foi por ela que cheguei até seu nome. Tudo por causa da minha filha, Yara, que é professora de literatura, formada na Universidade Federal daqui de Pernambuco. Ela costuma me presentear com livros de autoras negras, ela sempre me diz o quanto é importante conhecer os nossos. Ela costuma falar “é preciso de conhecimento para transgredir”. Não sabia muito bem o que isso significava... Esse negócio de transgressão, eu achava que era algo contra a lei... Mas depois eu fui entendendo, minha filha foi me explicando. Ela me deu o exemplo dela própria, que se formou na universidade, a primeira da família! Ela me falou que ela foi uma transgressora, porque conseguiu fazer o que não querem que a gente faça. Ela me pediu para olhar aqui na rua de casa, quantos conhecidos, amigos e parentes nossos estavam na faculdade... Eu me

peguei pensando bastante nisso. Eu concordo com Yara, da forma que ela me explicou, a gente tem que transgredir mesmo.

É por isso que te escrevo essa carta, pra te dizer sobre a importância que você tem em minhas descobertas diárias. Especialmente por ter ensinado minha filha, e agora por estar me ensinando, sobre a importância de transgredir... para mulheres como nós, com a nossa cor, que moram onde moramos. Yara me pediu para escrever para você, acho que ela vai mostrar para alguém, enviar para uma revista, algo assim, não sei! Mas estou te escrevendo mais porque achei que deveria... te agradecer.

Com o tempo, comecei também a ler seus livros, não dependo mais de Yara para me contar. Todas as vezes que li seus livros, me senti abraçada, apesar de me causar uma agonia danada. Me sinto realmente provocada! Veja, eu sou uma mulher negra, mãe de quatro filhos... Quando você fala, eu sinto que aquilo é para mim, eu consigo entender que você fala para mim e para muitas outras que se parecem comigo. Eu não estudei muito não sabe, bell? Fui mãe pela primeira vez aos 16 anos, precisei desistir de muita coisa para acompanhar meus meninos crescerem.

Recentemente consegui concluir meus estudos pela Educação de Jovens e Adultos - EJA, que é uma modalidade de ensino para pessoas mais velhas que nem eu, que já passaram do tempo em que normalmente se está na escola. Pensando bem, acho que essa foi uma das minhas transgressões! Por falar nisso, no último dia de aula fizemos uma cerimônia simbólica de formatura e eu apresentei seu texto, acredita?! Aquele texto que você fala sobre amor como uma escolha, um ato de vontade, uma ação (HOOKS, 2021), lembra?! Eu fico pensando... acho que na verdade o amor foi minha maior forma de transgredir. Eu não acredito no amor romântico, desses de novela, não. Eu acredito mais nessa ação que me moveu durante toda minha vida, o amor que me permitiu viver e lutar pelos meus filhos e por tudo que acredito.

Talvez a vida tenha me feito mais forte para o amor, bell! Perdi o pai dos meus filhos muito cedo, morreu atingido por uma bala perdida que sempre encontra um corpo negro como ponto de chegada, como fim. Mãe solo com quatro crianças para criar, não foi fácil... até hoje não é! Mas eu consegui viu, bell?! Os meninos estão todos formados e empregados. Eu guardo com muito orgulho as placas de formatura na estante da sala, para todo mundo ver! Quando minha menina mais velha foi aprovada na UFPE eu saí correndo pela rua, falando a todo mundo: “minha filha vai estudar na Universidade Federal de Pernambuco!”. Era tanta alegria que não cabia em mim, precisava transbordar. Minha filha, a primeira universitária da família! Ah, mas eu também comemorei quando cada um deles foram aprovados. Comemoro

todas as conquistas deles. Gritei como se fosse eu mesma sendo aprovada. E de certo modo, acredito que um pedacinho dessa vitória seja também minha. No discurso de formatura Dhara falou: “essa vitória não é só minha!” E dedicou a mim. Naquele momento, eu chorei. Mas chorei de satisfação, por ter sobrevivido a tudo que passei, para que meus filhos pudessem ter o que, na época, eu nem sabia que podíamos ter.

Eu trabalhei durante muito tempo em casas de família como empregada, quase sempre em casa de pessoas brancas... era desgastante aquela época. Mas eu pude perceber aquilo que você destaca em alguns textos, sobre a diferença das opressões sofridas por nós, mulheres negras. Eu já passei horas e horas chorando por não poder passar o Natal com a minha família, por ter que deixar meus filhos em casa para ir cuidar dos filhos da patroa, por todo assédio sofrido pelos patrões que por vezes sexualizaram meu corpo, marcado pela cor, como um objeto de sua propriedade. São lembranças duras e que só hoje consigo refletir e reconstruir como uma tentativa de achar a cura para as dores que restaram. Eu acho que entender o processo é o primeiro passo para a cicatrização, você não acha? A minha terapeuta costuma falar isso!

Aproveitando o assunto, quero te dizer o quanto a terapia tem me ajudado também, bell. Minha filha mais velha, Dhara, que me fez entrar nessa de “terapia”. Eu achava que não precisava, já passei por tanta coisa, nunca precisei pagar ninguém para ficar conversando comigo. Na verdade, seria um custo desnecessário, a vida já é tão limitada financeiramente. Mas ela insistiu, fez questão de pagar. Ela me disse que o processo terapêutico a ajudou muito a superar o fim do seu casamento. E esse fato mexeu com toda família, sabe, bell?! O marido dela a abandonou com dois filhos pequenos. Mas acho que o pior para ela, sendo uma mulher negra de pele clara, foi ser trocada por uma mulher branca. Eu acho que isso mexeu muito com ela, trouxe questionamentos que ela nunca havia cogitado. É muito difícil essa situação, mas foi aí que comecei a perceber que o racismo pode mexer com a nossa vida de muitas formas. Percebi que ele afetava minha vida até nas miudezas, nos olhares, nos afetos...

Pensar nisso me fez perceber o quanto já estava cansada. Fiquei pensando... os filhos dos patrões para quem trabalhei, todos faziam terapia, o psicólogo ia até lá na casa deles. E aí me ocorreu... ninguém que eu conhecesse aqui da comunidade tinha ido ao psicólogo antes. Na minha família, só Dhara mesmo. Não sabiam que precisavam. E na verdade, a vida dura me fez deixar o cuidado comigo mesma de lado. A verdade é que o racismo me fez negligenciar meu bem-estar, minha saúde. É essa coisa do cuidado, né? Com os outros e comigo mesma. É preciso estar atenta e estar atenta o tempo todo cansa demais.

Essa minha filha, Dhara, também é formada pela Federal, ela é nutricionista. É um grande orgulho para mim também, assim como todos os outros três, irmãos dela. Eu fico muito emocionada quando vejo a foto dela de jaleco branco com o diploma na mão. Ela é uma excelente profissional, mas precisou ralar muito para conseguir se estabelecer. Passou por um processo longo de depressão, foi horrível ver minha filha daquele jeito, bell! Apesar das diversas qualificações profissionais e currículo extenso, ela demorou muito para conseguir o reconhecimento que merecia. Foi uma vitória quando ela finalmente conseguiu abrir uma sala, onde dividia o atendimento com uma outra amiga. Uma menina branquinha que ela conheceu durante a faculdade. Uma vez fui lá visitar minha filha no consultório dela, me estranhou muito que essa amiga, branca, estava sempre à frente, sabe? Elas tinham a mesma formação, mas havia bem menos pessoas procurando pelos serviços da minha filha. Assim ela foi levando por alguns anos, até conseguir ganhar um pouco mais de visibilidade na profissão. Não bastava ter passado todo aquele tempo no curso, ela ainda precisou estudar mais. Foi fazer especializações e até um Mestrado em Nutrição Esportiva, para ajudar aquele povo de academia, sabe?

Agora deixa eu te contar um segredo, algo que tem me ajudado a colocar para fora minhas emoções... Eu estou escrevendo um livro também, bell, dá para imaginar? Aos 58 anos eu resolvo escrever um livro só meu? Mas veja só, a minha invenção. Vai ser um livro infantil, eu quero poder contar minha história e das pessoas que eu vejo passando aqui todos os dias, pessoas que, podem até não me conhecer, mas se parecem mais comigo do que podem imaginar. Na minha época, a gente não via preto em lugar nenhum, nem nas novelas, em *outdoor*, em lugar nenhum. Quando apareciam, homem negro era bandido, a mulher negra empregada. Eu quero que meus netos e bisnetos aprendam cedinho que o cabelo crespo deles é bonito, que o povo preto também pode chegar longe.

Li o seu livro infantil também, aquele “Meu cabelo crespo é de Rainha” (HOOKS, 2018), que ganhei da Yara. Eu só fico pensando, imagina se eu, a própria Yara, e todos os meus filhos pudessem ter tido acesso a um livro assim durante nossas infâncias. Eu passei a vida inteira com raiva do meu cabelo, não importava o que eu fazia, no fim, ele sempre terminava enrolado e para cima. Mas a verdade, eu acabei me dando conta, é que meu cabelo é bom demais, ele nunca fez mal a ninguém. As pessoas que falavam mal dele, aí eu queria mudar por causa disso. Meus filhos sofreram com o racismo praticado na escola desde muito cedo. Eles não sabiam o que era racismo, muito menos eu. Eu quero fazer diferente, quero tentar mudar as coisas, quero que o meu amor se transforme na ação que nos liberta... assim como você sempre fez.

Coisa curiosa, a forma como você adentrou minha vida e, sem saber, bagunçou e reorganizou tudo. Desde nova, no terreiro de minha mãe, aprendi que às vezes as adversidades são necessárias para a gente perceber as coisas que precisam ser modificadas e reorganizadas. Acho que sua participação na minha vida pode ser resumida dessa forma. Você chegou de mansinho e entrou em minha casa através das páginas amareladas e mofadas dos livros que minha filha pegava emprestado na universidade, e saiu pulando de cabeça em cabeça, nos ensinando a transgredir, mas acima de tudo, a cuidar, de nós mesmos e dos outros, de amar, a nós mesmos e aos outros. O dinheiro é necessário, sobretudo para nós, que vivemos uma vida tão dura. O poder encanta, no sucesso de seus filhos, chegando longe, partindo de lugar algum, mas amar é uma necessidade, não existe vida sem amor.

É claro, sei que sempre amei meus filhos, meus familiares, e aprendi a gostar de mim, um pouquinho de cada vez, mas com você aprendi a perceber o amor. Amor de verdade. Você nos avisou: a palavra amor foi pulverizada – tudo é amor, todos amam qualquer coisa sem saber o que é amar. Amar é uma prática diária, profunda, aterradora, que nos move.

Então, bell, isso é um pouquinho do que gostaria de te dizer, talvez um dia, quando nos encontrarmos no Orum. Seu falecimento nos deixou, aqui em casa, abalados, nos entristeceu profundamente, mas aprendemos com você a transformar a morte numa celebração da vida, pois sabemos que você entregou ao mundo tudo o que podia e o amor a “empoderou a viver plenamente e morrer bem” (HOOKS, 2021, p.258). A morte não mais me desespera, como estive um dia diante do falecimento do meu marido, mas hoje, apenas a aguardo, como quem aguarda a chegada de um velho amigo.

Até logo.  
Com amor,  
Maria.

## Referências

HOOKS, bell. *Meu crespo é de rainha*. São Paulo: Boitatá, 2018.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2021.

---

## A arte de amar como um presente para o futuro

Letícia Eli Pereira de Campos  
Psicóloga e Mestra em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8182830482248473>

E-mail: [lcampospoa@gmail.com](mailto:lcampospoa@gmail.com)

**Resumo:** esta é uma carta destinada à falecida feminista e escritora bell hooks. Nesta carta são expressados meus anseios acerca da arte de amar, conforme foi proposto por bell hooks em sua trajetória como mulher negra e educadora feminista.

Sinceridade é sobre como estar bem, e falar a verdade é sobre como pôr os cacos partidos do coração no lugar mais uma vez. É sobre ser completa – ser plena (hooks, 2019).

Quando soube que você havia partido chorei como se houvesse perdido alguém da minha família, porque estava acostumada a ser sua contemporânea. Por isso, gostaria de falar com você sobre amor, sinto como se fosse o nosso assunto. *That's our business*. Amor como calor, acolhimento, estar à vontade, solta. Viva. Em algum momento de 2018 para cá, perdi esse calor natural. Um inverno de mil camadas e um tempo que parecia infinito se instalou na minha vida com um *iceberg*. Foi bem nesse período que você partiu, eu estava apegada a uma ideia fechada de amor; li avidamente para tentar dar um sentido maior e melhor. Quando o inverno chegou, abandonei o acreditava que iria me aquecer.

Um miliciano se elegeu presidente do Brasil em 2018. Antes disso, a vereadora carioca, Marielle Franco, fora assassinada com vários tiros no rosto pelas mãos de milicianos, junto com seu motorista, Anderson Gomes. Ok, e o que isso tem a ver? Bem, eu estava no auge da minha identificação com as teorias feministas e minha indignação era imensa, fazia-me querer compreender melhor a perspectiva das mulheres negras. Como psicóloga atuando como profissional da saúde mental, precisava costurar minhas próprias feridas e torcer para que elas pudessem virar uma cicatriz não tão visível. Nunca fui uma pessoa que se poderia chamar de atuante politicamente, não como Marielle Franco, mas eu entendia perfeitamente por que ela estava morta. Também entedia o que ela queria dizer com *não seremos silenciadas* e sabia que você também conduzia essa conversa (hooks, 2019). Como escapar, como se recusar a ser vítima sem entender por onde andamos e como faremos soar nossas vozes a partir desse lugar amoroso que você nos deixou como convite? Parece que às vezes

situações dilemáticas entram em nossas vidas para que possamos assumir uma posição mais ativa e enérgica. Fazer do limão uma limonada e movimentarmo-nos além da dor. Encarar a sensação de vazio, de não-lugar, aceitar a dor para que ela se transforme em outra coisa.

Como leitora sua, entendia apenas racionalmente o poder de amar pessoas e situações. Mas o amor estava quebrado dentro de mim, por questões políticas e também por questões pessoais. Você já avisou que não há como separar as duas dimensões, porque toda teoria deve acompanhar a prática e vice-versa. Contudo, minhas próprias definições estavam atrapalhadas, e o amor sem uma boa definição, quando encontra um único destino, é intoxicante e nocivo. Veja bem, para cada bem-amar existe uma entrega que deve ser livre de expectativas.

Em todo o caso, minha existência foi tomada pela sensação de desamor, de solidão e até mesmo de abandono. Uma escassez que me colocava sempre implorando por uma solução para o espaço aberto no meu peito, de me liberar da angústia de viver nesse tempo. Percebi que sempre tive imensa dificuldade de amar. Confesso que pelo meu próprio bem, por sobrevivência mesmo, cheguei a desistir desse projeto. Sentia que era um fracasso, desde que eu havia construído um pedestal tão alto que nem mesmo eu seria capaz de alcançar. Esse pedestal se ergueu cada vez mais diante de um terreno de vidas partidas, de genocídio, com o descaso diante de uma pandemia. Me dava uma dimensão do ideal absurdo, do exagerado que seria amar. Por outro lado tentava, por mais que estivesse negando isso, encontrar o erotismo dos meus sonhos e, não encontrando, me frustrava, baseada em projeções vindouras de experiências de imaturidade emocional, até mesmo as mais traumáticas, feridas antigas e uma consciência política catastrófica. Ser negra no país da “democracia racial” impõe muitas barreiras.

Li alguns de seus livros e na minha dolorosa investigação sobre o amor precisei me dar conta de que não queria a vida que estava levando, cheia de rótulos, de fórmulas que nunca deram certo. Como ser feminista no nosso tempo? Sem entrega a um projeto reformulador desse jeito de viver a vida? Diante de rótulos familiares, o amor estava sendo questionado em suas mínimas expressões. Estava em luta silenciosa, ansiava por parcerias ideais que não vinham, por compartilhar minha dor sem me sentir humilhada, minha felicidade sem me sentir invejada ou desprezada; minhas ideias e ter mais ideias vindas de pessoas que estivessem com a mesma intenção de colocar em prática. Descobria-me sendo essa pessoa ansiando o tempo todo por partilhar o que era irredutivelmente meu.

Mulher preta? Quem se importa? Parece que não sobraria mais nada além disso. Talvez nem isso. Se tudo aquilo que eu estava vivendo era sem nenhum propósito, a não ser

por amor, me dei conta de que não tinha nada. Se tudo o que eu tinha vinha daquela noção caquética de amor em que me desfazia, não estava conseguindo ter ou ser mais nada, burlava com artificios e vícios. Não irei me ater aos detalhes para não gerar comoções desnecessárias, mas para voltar à vida depois de ter perdido ou jogado fora o que me era de alto valor – relações amorosas, amizades, família, universidade e, de certo modo, até minha própria voz, isso tudo não necessariamente nessa ordem – busquei elaborar uma certa contramão, e busquei meu desejo de ser mais ativa, mais bonita, mais desejada, mais mulher, por mim. Não uma mulher negra, um mulherão. Minha fantasia sobre isso que posteriormente virou um propósito, veio de um desejo de mudança para uma trajetória muito mais simples e agradável, mesmo que eventualmente parecesse difícil e, por vezes, impossível.

Criei uma fantasia na minha cabeça de que iria publicar um livro. Não sabia se esse livro seria teórico, desenvolvimento da minha dissertação de mestrado – a qual tinha dificuldade de admitir como um grande fracasso que eu estaria condenada a querer consertar, explicar, retalhar, triturar, sem orientação, só para corresponder um ideal de acadêmica. Ou se seria uma espécie de autobiografia de tudo o que eu poderia escrever. Inspirada em você, bell hooks, mulher enigmática que colocava em palavra sua força intelectual e amorosa, minha constatação correu em direção ao fato do meu acesso a livros – que escolho sempre com o critério básico e fundamental de abrir minha mente –, me trouxe para a literatura negra, feminista e, conseqüentemente, para uma consciência crítica.

Já havia lido pessoas brancas desde a ficção, teoria científica até o conteúdo/mercado de autoajuda especializado em basear-se nas perspectivas e/ou experiências brancas, masculinas e femininas. Incluindo as teorias *queer*. Eu sabia que isso acontecia por causa do racismo, do sexismo, das relações de classe, das condições de cidadania. Passei a me perguntar mais, especialmente depois de minhas frustrações relacionais, quando te encontrei, bell hooks. Enfrentar a depressão é ainda um desafio que por muitas vezes foi acompanhado por sua literatura. Aliás, sua literatura me serviu como refúgio para minha própria marronagem (movimentos de fuga e resistência política dos marrons).

Preciso contar que nem tudo são flores nesse processo de buscar o amor em mim. Nunca me permiti abandonar a literatura. Esse foi um ponto crucial para minha autorrealização como ser que escreve e entende que viver de amor no Brasil nunca foi e nunca será pouco. Inclusive, quando conversava com uma das minhas irmãs sobre a sabedoria e ancestralidade, formulamos sobre oralidade, penso em nossos escritos que sumiram com o projeto de apagamento da história do povo negro brasileiro. A oralidade que persistiu e que foi passada tanto pelos rituais afro-brasileiros na manifestação da nossa

orixalidade torna a palavra muito importante. Somos descendentes dos orixás, aqueles sobreviventes à escravização que transmitiram toda a sabedoria de antes e de depois de África ao Brasil, desde os tumbeiros, geraram descendência da oralidade. Transmitir é o legado dos descendentes. Os descendentes se consolidaram através de muita luta direitos humanos para a população precarizada. Escrever um dia foi proibido para preto nesse país e em países colonizados como os Estados Unidos, de sua nascença.

Entretanto, quando você se foi, pura coincidência, meu ego estava sofrendo em um ponto em que não me importavam quantos livros eu tinha nas minhas prateleiras. Nenhum deles era capaz de me prender, tudo o que aprendi parecia não fazer sentido. De autoras/es negras e negros, brancas e brancos, independente do gênero, queria tacar fogo em tudo, mesmo sabendo que dificilmente cometeria tal heresia. Livros são atos políticos em forma de objeto. Sua conterrânea Angela Davis (2019) nos mostrou que uma mala de livros pode até servir de barganha por liberdade. Sabe, andei com livros em uma mala atravessando o Brasil e poderia muito bem tê-los perdido. Talvez até quisesse que eles desaparecessem da minha frente. Talvez fosse presa por “comunismo”, apenas por andar com livros tão “vermelhos” por aí. Nada disso importava mais. Diante de tantas possibilidades de leitura e nenhum desejo de ler, embora preocupada que meus livros ficassem para sempre empoleirados nas prateleiras como pombas famintas, às vezes dando um rasante no chão deixando escapar de suas entranhas alguma caneta, lápis, correspondência que estaria servindo de marcador de página. Realmente me senti uma fraude.

Por um lado, seria uma fogueira impressionante. Por outro, que triste seria ver as letras que eu mesma queria ter escrito voando como corvos silenciosos pelos ares. Mais triste ainda, saber que tanta gente queria meu pequeno arsenal de guerra, livros não são nada baratos. Em algum momento veio a sensação de que seria tão bom poder compartilhar, com alguém que se identificasse, o que eu fazia das minhas leituras (o que resultava daí), com as coisas que descobria... Tudo isso confabulando com a perspectiva de que precisava escapar da crença de ser uma fraude e de que queria tacar fogo nos livros para não escrever sobre meus próprios clichês.

Sabendo de tudo isso, me surgiu o receio de que tudo aquilo que publicasse sobre as minhas percepções, soaria uma afronta ou uma enorme traição ao movimento negro e de esquerda do qual eu sonhava – por almejar muito, mas não tinha autoestima o suficiente – fazer parte. Descobri que precisava romper com essa situação em que psíquica e materialmente estava presa, repensar em quantas situações eu havia vivido em que apenas

tinha que cumprir um número x de determinados protocolos para ser minimamente respeitada como profissional e, sobretudo, como pessoa, inclusive por pessoas pretas.

bell hooks, eu ansiava por ser criativa, enquanto deixava minhas leituras de lado, sentindo-me louca ao ponto de acreditar que qualquer coisa que eu dissesse não faria nenhum sentido. Tanto fazia meu delírio sobre meus fracassos amorosos, meu passado, meu presente, meu futuro, caoticamente um monte de teorias sobre humanidade para serem desenvolvidas para além da minha própria autoria. Retomei aos poucos essa vontade de escrever, percebi que tanto fazia se escrevesse sobre ser rejeitada romanticamente ou sobre quaisquer questões políticas que soassem mais pertinentes para o público que talvez eu quisesse atingir. Escolhi doidamente escrever sobre aquilo que parecia não fazer sentido em meus diários. Só para mim, narcisicamente, e se você soubesse dessa doideira toda seria massa.

Tipo assim, escrevendo sobre minhas frustrações entendi finalmente os surtos que resultavam em internação psiquiátrica de muitas pessoas. As fugas para um lugar interno, o sono necessário, porém recolhido de meses. O cansaço, o nojo. O inverno inteiro. Cobertas que se misturam com a pessoa. Levantar-se da cama com a (im)possibilidade de se olhar no espelho. O desprezo não admitido: impedimento de amar por odiar tanto a vida e as pessoas que fazem ou não fazem parte dela. Depois, nesse processo de escrita crua, fui descobrindo que estamos tão disfuncionais depois de tantas histórias malditas, seguidas de quatro anos que pareceram uma eternidade de um desgoverno que trouxe um nome para as nossas vilanias. Sobreveio a noção da necessidade de escrever mais sobre amor e levar adiante essa nossa conversa interminável. Dessa forma, modificamos nossas percepções e construímos de uma maneira mais franca um futuro menos distópico.

Diante do caos no Brasil, não por acaso e não sem que uma história de violências sistêmicas tivesse permitido, tive a oportunidade de acessar seus estudos e me encontrar diante de uma autora dedicada a uma compreensão aprofundada da arte de amar e vejo isso como um presente para o futuro, para um além de nós, para gerações futuras. Tem sido valioso entender a importância do tempo e da compreensão do que o amor significa. Só tenho a agradecer por tudo.

## **Referências**

DAVIS, Angela Y. *Uma autobiografia*. São Paulo: Boitempo, 2019.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2021.

---

## **Aprendendo a transgredir: o que hooks nos ensinou sobre o percurso formativo na universidade**

Gabriela da Cruz Miranda  
Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7213489617964805>  
E-mail: [gabi.cmiranda@hotmail.com](mailto:gabi.cmiranda@hotmail.com)

Katiane Barcelos da Costa  
Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4387628673866514>  
E-mail: [katianebcosta@gmail.com](mailto:katianebcosta@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo-carta objetiva discutir, pelo compartilhamento das experiências de estudantes de graduação, o letramento racial no espaço acadêmico a partir da base teórica de epistemologias de feministas negras. Desse modo, propomos uma conversa em forma de carta para a autora estadunidense bell hooks, demonstrando aquilo que aprendemos com sua escrita a partir de percepções apresentadas por narrativas pessoais de duas mulheres, uma branca e uma negra, da universidade. Discutimos práticas de cuidado aliadas à ética amorosa proposta pela autora para discorrer sobre a formação em Psicologia, assim como os processos educacionais e raciais relacionados. Entendemos que, ao compartilhar nossas vivências junto com a discussão teórica de feministas negras, implicamo-nos na transformação do entendimento das relações étnico-raciais no âmbito acadêmico, visando práticas de formação antirracistas.

Amada Gloria,

Nossas práticas cotidianas de existência exigem constantemente uma ação, e isso normalmente não é algo fácil. Para alguns, é a única maneira de sobreviver, e não há outra saída; para outros, disfarçado ou não, é um modo de exercer dominação. Você bem diz que não existe uma posição neutra e passiva, que o político está na nossa construção, nas nossas vivências, relações e percepções de mundo e, por isso, nos colocamos em questão, pois para nos localizarmos precisamos nos reconhecer: estudantes de graduação de uma universidade pública, mulheres cis, bissexuais, uma negra e outra branca. Temos nos inspirado em você e em tantas outras mulheres para romper com as políticas de silenciamento, mulheres ancestrais com legado de resistência, que ousaram falar não só pelo seu pessoal, ainda que também por ele, mulheres do fim do mundo, criando e transformando, no gerúndio porque são marcas que enraízam em sementeira.

Você tem nos ensinado sobre processos de enunciação, ritos de passagem necessários para a construção de um sujeito (hooks, 2019); para tal, destacamos essa escrita aberta como também ferramenta de proposição, pois “a linguagem é também um lugar de luta” (p. 73). Por isso, também usamos essa carta como manifesto de amor, sem que isso adentre as

perspectivas pacificadoras de romance; defendemos o amor como ética (hooks, 2020b), como ato político, de comprometimento e colocação, que sustenta conflitos ao invés de apelar para democracias coloniais que institucionalizaram o racismo (hooks, 2019). Para tanto, pensamos nas nossas práticas de cuidado não a partir de opressões em comum, fato que a diferença racializada não permite, pelo privilégio expropriado pela branquitude, mas a partir da compreensão comum sobre qual caminho queremos seguir, colocando em questão mecanismos de subalternização que nos afetam coletivamente (Rodrigues; Silva, 2021).

Quando acessamos a universidade em 2018, nos deparamos com uma série de impactos de processos que ocorriam e ainda ocorrem, dados, principalmente, pelo movimento estudantil negro, indígena e marginal, como a aprovação ampla das ações afirmativas raciais nas graduações universitárias em 2007, a ocupação de espaços educacionais como resposta a projetos do governo Temer em 2016, e a implementação da disciplina obrigatória de Ensino das Relações Étnico-Raciais em 2019. Contudo, apesar das mobilizações percebidas literalmente na materialidade das paredes da universidade, pouco vimos de movimentação acadêmica nos planos de ensino, docência ou mesmo nas microrrelações de convivência.

A universidade destaca que não só tem preferência por alguns corpos, como que também pretende aniquilar a produção de conhecimento daquilo que desvia. Aliás, o desvio é algo muito estudado na Psicologia: nascemos pelo controle da anormalidade, antes mesmo de reconhecer o que é normal (Rodrigues; Battistelli, 2021), fato semelhante à construção social da raça, pela qual o branco se assume padrão sem se nomear como tal. Contudo, esse destaque a tudo que desvia se dá pela via da objetificação, escondido pelo discurso salvacionista da hegemonia supremacista branca e patriarcal (hooks, 2019), usado em pesquisas em prol da moralidade social; esse cuidado é ensinado por violências coloniais de eugenia (Passos, 2020).

Desse modo, percebemos ações radicalmente divergentes, discursos revolucionários com práticas conservadoras, pessoas que inclusive usavam seu nome em maiúsculo como modo de se esconder das próprias regalias, sem entender que você dizia que uma fala esvaziada não cria diálogo (hooks, 2019). Essas situações criam armadilhas, nos deixam acuadas e confusas e, por isso, destacamos novamente um ensinamento seu (como você bem nomeia): nos guiamos pelo encontro coletivo, criação de comunidades amorosas, destacando a amizade, que ampliam as nossas possibilidades de vida nesse espaço (hooks, 2020b).

O encontro nos permite contaminar e habitar o território alheio (Rodrigues; Battistelli, 2021) pelo acolhimento de narrativas, nem sempre iguais, mas sempre enlaçadas na troca de fala e escuta. Somos mulheres com vivências distintas, não é possível negar que uma de nós

tenha mais responsabilidade de atuação, visto o espaço discursivo dado a brancos; ainda que compartilhem a opressão sexista, o posicionamento da mulher negra nunca será equivalente ao da mulher branca. Assim, defendemos o feminismo que você nos ensina, aquele que luta contra todas as opressões, que inclui para a resistência coletiva, que visa a transformação radical com a ruptura de paradigmas que anulam e exterminam existências. Reconhecemos também nosso espaço de mulheres cisgêneras que frequentam o espaço elitista de universidades; compreender a estrutura particular da dominação não equivale a experimentar uma forma de exploração (hooks, 2019) e, por isso, temos buscado integrar a nossa conexão da teoria crítica com a ética das nossas ações. Precisamos nos atentar a não transformar nosso discurso em mero formalismo conceitual, mas sim com reais propósitos subversivos que nem sempre nos serão fáceis e agradáveis.

Sua produção nos ensina que é possível, por meio de atos de coragem e de solidariedade, construir um mundo mais igualitário. Você também nos ensina a amar a negritude e que, com o amor, somos capazes de curar nossas repetidas feridas causadas pela discriminação, pelo assujeitamento da parcela não-branca da sociedade e pela dominação racista de base patriarcal. Escrever uma carta para você é uma das tarefas mais difíceis que nos propúnhamos a realizar porque é desafiador colocar em palavras sua coragem e grandeza, assim como a coragem das mais velhas que abriram os caminhos para nós. Você também inspira quando fala de amor, ou melhor, do desafio que é o amor; que ele pode ser poderoso e capaz de enfraquecer os modos de dominação instaurados na nossa memória.

Você nos conta que, quando teorizamos sobre nossas narrativas, conseguimos desenvolver um saber que alcança realidades coletivas, quase que um processo de historicização (hooks, 2019); assim, ainda que não pretendamos universalizar nossas experiências nesse espaço acadêmico, buscamos compartilhá-las para produzir encontros e desencontros que tumultuem práticas enrijecidas, abrindo possibilidade de reconhecermos outras experiências, produzir a circularidade do centro de discussão (Collins, 2019).

Como branca, anteriormente me via defendendo práticas racistas como modo de abraçar meus privilégios, ainda que não os reconhecesse como tal. Perceber o que sempre estive ali não foi algo rápido; nosso eu tende a nos proteger, defendendo-nos de qualquer possibilidade que nos desestruture e revele a própria violência que cometemos (Kilomba, 2019). Assumir uma postura antirracista não se trata de uma carteirinha identitária, não me faz a eterna aliada com direito de justificar qualquer atitude que novamente me proteja, mas diz de uma defesa em movimentação. Provavelmente cometerei outros pensamentos e comportamentos racistas, mas é preciso que eu me posicione como branca e não abrace essa

incoerência, estude e escute a fim de reconhecer tais atos, desfazer essas perspectivas, me colocar no espaço de que pouco sei sobre muita coisa e carrego vantagens que deveriam ser usadas para consertar isso. Essa autoanálise deve ser repetida constantemente.

Já quando eu, negra, ingressei na universidade federal em 2018, só havia espaço para alegria e entusiasmo. Compartilho dos sentimentos descritos em suas palavras ao chegar na graduação; ali não estava um lugar de estímulo ao aprendizado, mas sim uma prisão onde não seriam vistas de forma positiva as trocas de ideias e a produção de conhecimento pelos grupos que ocupavam as margens. Escolhi ocupar esse espaço consciente de que era um ambiente hierarquizado e regulado por homens e mulheres brancas. O meu desejo era ser capaz de produzir “um movimento contra as fronteiras e para além delas” (hooks, 2013, p.24). Diante das lacunas na subjetividade negra, me apego aos seus ensinamentos: ser vigilante, fortalecer o meu eu e erguer a voz. Para erguer a voz, é necessário o corpo, o mesmo corpo que é uma espécie de receptáculo de uma violência específica e direcionada, que é sentida somente pelo contingente que é empurrado para o “não lugar”. Senti na pele essa violência, Gloria, e testemunhei episódios violentos sofridos por meus semelhantes. Confundem-nos um com o outro, como se não tivéssemos peculiaridades, gostos e identidades próprias. Veem nossas histórias apenas de um lugar de precariedade, como se não pudessemos ocupar lugares sociais além da miséria. E, quando não consideram nossas ideias, apropriam-se delas. Transformam nossas dores em espetáculo, curiosidade ou acessório, afinal, eles têm o luxo de poder pensar no racismo em momentos pontuais, enquanto para nós é uma ameaça onipresente. É cruel e doloroso pensar em como somos vistos e percebidos pela visão advinda de mitos colonizadores.

Nesse contexto, as relações desumanizam constantemente qualquer sujeito que desvie do sujeito universal, o branco. As situações de discriminação que mencionamos são autorizadas e moduladas pelos signos da supremacia branca. Nas salas de aula, debates promovidos para uma suposta educação antirracista estão sempre categorizados como um assunto fora da curva, já que não se trata “do elemento não marcado, o neutro da humanidade” (Nogueira, 2017, p.123), mas sim do específico, do racializado. Os docentes e discentes que ministram esses espaços vivem em aliança, cerrados no discurso opressor e cobrando do oprimido a ação libertadora — cobrando do negro que estude e acabe com o racismo. Pode isso, Gloria? Como vamos acabar com algo que foram eles que criaram? É necessário que o opressor seja responsabilizado pela opressão.

A sua educação transgressora nos ensinou que a base para a mudança social é a conscientização (hooks, 2019); lutar pela igualdade racial não é uma questão apenas para as

mulheres e os homens negros, mas também para toda a sociedade. Nós, negros, lutamos contra o racismo por questão de sobrevivência, mas é necessário que também nós, brancos, nos envolvamos mais ativamente na descolonização do pensamento. Buscamos não necessariamente desfazer esse conhecimento fundado por homens brancos ocidentalizados, mas os realocar de modo que possibilite abertura para o saber produzido por outras vozes, de outras perspectivas que nos fazem mais sentido na defesa de uma formação aliançada ao cuidado ético (Collins, 2019).

Nas suas lições, Gloria, assimilar e apostar na potência da diversidade são ensinamentos de amor, pois só o amor é capaz de nos fortalecer. Para transformar a sociedade, é fundamental que todos estejam juntos e alinhados com o mesmo compromisso de desfazer as tecnologias de dominação. Assim, mostraremos que o mundo não se limita à perspectiva dominante e desfaremos as crenças construídas pelo opressor em benefício próprio. O amor também está na valorização dos nossos irmãos. Valorizar nossas produções restitui grande parte de nossa memória, que sofre tentativas de destruição e aculturação pela supremacia branca. Você nos ensina que, mesmo numa sociedade em segregação simbólica, o amor é, sim, possível. Seus ensinamentos nos permitem erguer a voz, pensar e vislumbrar um mundo onde eu possa existir e pensar. Isso é transgredir. E poder erguer a voz possibilita a cura: viver e se libertar.

Obrigada pelos seus atos de coragem!

Educar, lutar e libertar!

## Referências

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: a Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma Perspectiva de Gênero. *In: Ashoka Empreendimentos Sociais; Takano Cidadania (Org.). Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003, p. 49-58.

COLLINS, Patricia Hill. Capítulo 11: Epistemologia feminista negra. *In: Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019, p.401-432.

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, p. 223-244, 1984.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. *E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020a.

HOOKS, bell. *Tudo Sobre o Amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2020b.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NOGUEIRA, Isildinha. Cor e Inconsciente. In: Kon, N. M.; Silva, M. L.; Abud, C. C. (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil: Questões para a Psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 121–126.

PASSOS, Rachel Gouveia. Mulheres negras, sofrimento e cuidado colonial. *Em Pauta*, Rio de Janeiro, v. 45, n. 18, p. 116-129, 2020.

RODRIGUES, Luciana; BATTISTELLI, Bruna Moraes. Pela produção de um cuidado antirracista: problematizando práticas, construindo percursos decoloniais. *Revista da ABPN*, [s. l.], v. 13, n. 37, p. 390-409, 2021.

RODRIGUES, Luciana; SILVA, Aline Kelly da. Por uma política de escrita do cotidiano: enfrentamentos ao racismo e sexismo na academia. In: ALVES, Míriam Cristiane; ALVES, Alcione Corrêa (Orgs.). *Redes Intelectuais: epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas*. Porto Alegre: Rede Unida, 2021.

---

## Hoje eu escolho a esperança: a sala de aula como possibilidade de novos mundos

Rebeca Kelly Gomes da Silva  
Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1909648130344435>  
E-mail: [rebecakelly3@gmail.com](mailto:rebecakelly3@gmail.com)

**Resumo:** Nessa carta, objetivo compartilhar os meus encontros com bell hooks e como seus escritos transformaram a forma como percebo a sala de aula. Através da narrativa autobiográfica, apresento como a monitoria e o estágio em docência contribuíram com a minha escolha por ser professora. Revelo o meu afastamento da sala de aula e como encontrei esperança para retornar à docência. A partir da pedagogia engajada, apresento como o pensamento de bell hooks repercutiu na minha prática e me inspira a seguir na sala de aula.

Querida bell hooks,

Essa carta é uma forma de te agradecer por ter trazido esperança para a minha vida. Em suas palavras encontrei consolo, cuidado e amor. Desejo compartilhar como os meus encontros contigo se fazem presentes na minha prática como professora. Quero te contar sobre os medos que senti e a vontade de desistir. Falar sobre como os teus livros me transformaram e me fizeram olhar a sala de aula como território de afetos e possibilidade de construção de novos mundos.

Costumo me apresentar com o meu nome e sobrenome, assim como aprendi com Lélia Gonzalez (2020): sou a Rebeca Gomes, mulher negra, paraibana, apaixonada por sorrisos, pôr do sol, café e boas histórias. Iniciei o meu percurso como professora na igreja, especificamente nas escolas bíblicas. Atuei como professora das crianças e de jovens durante alguns anos. Amava organizar as aulas e encontrar as frestas para promover o desenvolvimento do pensamento crítico das minhas turmas. Ainda na adolescência, entendi que na sala de aula não existia neutralidade e aproveitava para ofertar um espaço de perguntas e problematizações.

Sempre gostei de contar e ouvir histórias. Escutei com frequência, desde a infância, que eu era uma boa comunicadora e que o meu jeito de falar despertava o interesse e a atenção de quem me ouvia. Aos 18 anos de idade, no segundo período da graduação, após a minha apresentação em um seminário, a professora da disciplina falou que via a docência no meu futuro. Até hoje minhas amigas comentam sobre isso: “Sandra estava certa, hein?”. Na época, eu não sonhava em ser professora universitária e nem sabia o que era necessário para

fazer mestrado e doutorado. Isso mudou quando conheci a professora Fatima Pereira e o Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre o Desenvolvimento da Infância e Adolescência (NUPEDIA).

Eu queria ser extensionista de um projeto com jovens em cumprimento de medidas socioeducativas, no entanto, não pude participar, pois ainda não tinha cursado a disciplina Psicologia e Políticas Públicas, componente curricular obrigatório da graduação e ministrado pela professora Fatima. Enviei um e-mail para ela falando sobre o meu desejo de participar do NUPEDIA, mas ela estava fazendo pós-doc na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Me disse para procurá-la em fevereiro de 2015 e assim eu fiz. Comecei a participar de uma pesquisa sobre enfrentamento ao trabalho infantil no estado da Paraíba e, posteriormente, ingressei na iniciação à docência. Fui monitora durante dois semestres da disciplina Psicologia e Políticas Públicas. A partir dessa experiência, me apaixonei pela sala de aula e comecei a desenvolver o meu sonho-desejo por essa atuação.

No Encontro de Iniciação à Docência, evento promovido pela UFPB para apresentarmos nossas experiências no programa de monitoria, lembro até hoje das palavras da professora que avaliou o meu trabalho. Ela disse que via o brilho nos meus olhos quando eu falava sobre a sala de aula e que o programa tinha cumprido seu objetivo: eu queria ser professora. Chamava a minha atenção as metodologias, a forma como o ensinar pode provocar transformações nos sujeitos e na sociedade, como aquele espaço é fundamental no processo de desenvolvimento. A escolha das palavras, o modo como as questões eram elaboradas, como o interesse era despertado, os posicionamentos, as relações construídas.

Hooks, anos mais tarde, quando li seu livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (2017), refleti sobre o que você escreveu sobre a Pedagogia Engajada. Nessa leitura, pensei nas minhas experiências como aluna e como professora, me confrontei com as minhas práticas, percebi o que eu gostaria de potencializar nesse espaço da sala de aula. Enxerguei pistas para esse caminho que estou percorrendo como educadora. Obrigada, minha amiga. Você escreveu que o teu encontro com Freire te transformou como estudante e professora: “Minha experiência com ele [Paulo Freire] me devolveu a fé na educação libertadora” (hooks, 2017, p. 31). Quero que você saiba que me sinto exatamente assim depois que te conheci.

Estar em sala de aula sustentando práticas dominadoras ou desenvolvendo políticas de humilhação não era uma opção para mim. Eu queria o diálogo, construção de acordos, reflexões sobre as nossas responsabilidades como estudantes e professores. Como construir uma comunidade de aprendizagem no ensino superior? Como não ser seduzida pela tirania?

Como enfrentar os sistemas de dominação e pensar o amor como ação revolucionária na educação?

Após a graduação, fui aprovada no mestrado em Psicologia Social na UFPB. Com a professora Fátima Pereira, tive a oportunidade de realizar o meu estágio em docência na disciplina Psicologia da Adolescência e da Juventude. Eu e Fernandinha fomos estagiárias no mesmo semestre e foi um prazer dividir a sala de aula com quem se tornou uma das minhas melhores amigas. Uma das questões que nos movia era a articulação entre teoria e prática. Buscávamos relacionar como a discussão teórica estava relacionada com a prática e a nossa atuação para além dos muros da universidade colaborou bastante para provocar reflexões a partir das nossas experiências profissionais.

Participamos ativamente da construção de toda a disciplina, desde escolha de textos, organização do cronograma, avaliações, correções, plantões de atendimento aos alunos e discussão com a nossa orientadora sobre o processo de ensino-aprendizagem. Diferente de alguns colegas que relatavam a fragilidade do estágio em docência, nós tivemos a oportunidade de experienciar a prática docente em profundidade. Guardei os ensinamentos, refletindo sobre a professora que eu gostaria de ser.

No final de 2020 e início de 2021 comecei a fazer seleções para professora em faculdades privadas. Enviei vários currículos e demorou um pouco para eu ser chamada para a primeira entrevista. Na primeira prova didática que fiz, a coordenadora do curso questionou a minha idade – dado que estava presente no meu currículo enviado no início do processo seletivo. Com cerca de 10 minutos de apresentação, ela me interrompeu e disse que era suficiente. Me senti tão desrespeitada e frustrada. O resultado foi negativo e eu questioneei se esse realmente era o meu lugar.

Rafaela, uma amiga muito especial que conheci na pós-graduação, me ajudou bastante e me incentivou a continuar fazendo seleções. Pouco tempo depois, fui chamada para mais uma entrevista. A banca teceu vários elogios sobre a minha didática, material organizado, atividade proposta e me contrataram. Lecionei para turmas do primeiro ao nono período, fui supervisora de estágio, estive com estudantes de Psicologia e Enfermagem durante o semestre. Tive excelentes experiências em sala de aula e outras que me adoeceram. Na época, o sofrimento foi tão intenso que desisti de ser professora. Me vi sem saber o que fazer da minha vida, afinal passei anos cultivando esse sonho-desejo. Se não professora, o que eu seria? O que eu faria?

Lembra, hooks, de quando você escreveu *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança* (2021)? No segundo capítulo, você revelou o desgaste que sentiu e a necessidade de se afastar da sala de aula:

Eu sabia que era hora de dar um tempo da sala de aula quando minha mente estava sempre alheia ao momento. Nos últimos estágios de esgotamento, eu sabia que precisava estar em outro lugar porque simplesmente não sentia vontade de me levantar, de me vestir e de ir ao trabalho. Eu tinha pavor da sala de aula (hooks, 2021, p. 53).

Eu me vi bastante nesse teu texto, hooks. Senti como se você estivesse conversando comigo. Eu estava esgotada e precisava me afastar. Respirar. Repensar. Sentir. Assim, afastei-me da docência. Ninguém entendeu o que estava acontecendo. Tentei conversar com alguns amigos e familiares, mas me diziam “é o seu sonho. Você vai desistir?” ou “não te vejo fazendo outra coisa”. Eu sabia que eles me amavam e estavam querendo me incentivar a continuar, mas, naquele momento, eu só precisava entender que desistir era uma possibilidade, que eu podia sim amar a docência e, ainda assim, me afastar. Voltei para a psicoterapia e comecei a trabalhar como eu me sentia.

Ali, naquela sala, pude verbalizar todas as dores geradas e como o racismo e o sexismo tinham operado para que minha autoestima estivesse tão ferida. Lembrei da solidão que senti por ser a única professora negra nos cursos, dos olhares de dúvida quando eu me apresentava como a docente da disciplina, os questionamentos sobre a formação, de como tudo isso contribuiu para o meu esgotamento. Tive dificuldade de lembrar dos elogios e dos agradecimentos, das minhas alunas e alunos que me disseram o quanto foi importante terem me conhecido, de como minhas aulas repercutiram na formação delas e deles. Precisei me afastar para olhar essa experiência na totalidade, para entender que, embora ferida, ainda havia amor e esperança.

Quase 10 meses após o início da psicoterapia, decidi me dar mais uma chance e tentar novamente a docência. Foi a minha melhor escolha. Enviei o meu currículo e fui chamada para a prova didática de uma faculdade privada. Durante a minha aula sobre o Pensamento de Silvia Lane e suas contribuições para a Psicologia dos Grupos, eu percebi o quanto eu amava aquele espaço. Ali, olhando para a banca e ministrando o conteúdo, assumi o meu sonho-desejo e, independente do resultado da avaliação, tive certeza de que voltaria a dar aula. Quando concluí, a coordenadora deu um sorriso e, ainda durante a entrevista, deixou explícito que eu estava contratada.

Dias depois, recebi as ementas das disciplinas e iniciei a organização dos conteúdos e materiais. Decidi iniciar as minhas primeiras aulas com uma passagem sua, um dos meus trechos preferidos:

A academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade (hooks, 2017, p. 273).

Convoquei as minhas turmas para a construção de comunidade de aprendizagem, a (re)pensarem sobre educação e nosso papel nas disciplinas. Que sala de aula nós queremos? Que relações cultivaremos? Como promover um ensino transgressor e comprometido com a justiça social? O que é uma educação democrática? Um dos primeiros passos para a construção dessa comunidade foi nos conhecermos. Falei sobre mim, sobre minhas escolhas e desejos, como eu via a sala de aula e o que eu esperava para aquele semestre. Perguntei como cada uma e cada uma gostaria que os chamasse e anotei ao lado da frequência. Lembro da reação de espanto quando perguntei “como você deseja ser chamada/o?”.

Na disciplina Psicologia da Aprendizagem, convidei a turma para escrever cartas. Cartas que seriam lidas no nosso último dia de aula. Escreveram sobre o que esperavam para esse semestre, o que sonhavam para a vida nesses próximos meses, como gostariam de estar. Todas as cartas foram colocadas em um envelope e eu fiquei responsável por guardar. Nossos encontros nessa disciplina ocorreram nas quintas-feiras e como foi potente observar nossas aproximações, as relações sendo construídas, a amizade surgindo, o desenvolvimento do pensamento crítico, as reflexões geradas.

Vejo que as redes sociais contribuíram bastante para isso e, em quase toda aula, era surpreendida com as marcações nos *stories* no Instagram e as mensagens sobre como estavam gostando das nossas aulas. Indicações de livros, filmes e músicas. Atividades individuais e em grupos. Construções de mapas afetivos, discussão de questões, escrita de bilhetinhos de esperança, Cine Psi, resenhas críticas, rodas de conversa, elaboração de materiais pedagógicos, entre outras atividades. Aproveitamos cada momento daquelas 3 horas semanais de aula. Nos intervalos, eu nem conseguia sair da sala de aula, pois alguém sempre me chamava para conversar e esses foram momentos importantes para nossa relação como professora-alunas/os.

Decidi abrir um grupo de estudos sobre Psicologia e Feminismo, chamado Grupo de Estudos AYA. Quinzenalmente, aos sábados, das 14h às 16h, dialogamos sobre o livro

*Esperança Feminista*, da Débora Diniz e Ivone Gebara (2022). Com estudantes de períodos diversos, alguns que nem foram meus alunos, conversamos sobre os verbos ouvir, imaginar, aproximar, acalantar, lembrar, reparar, entre outros. Mergulhamos nas reflexões sobre amor, cuidado, educação e formação em Psicologia. Conseguimos romper as fronteiras das reuniões no formato remoto e nos conectamos além das telas.

Algo que tem me marcado na experiência como professora é o que minhas turmas têm me dito: “Rebeca, a senhora nos escuta”. Uma frase tão simples e ao mesmo tempo tão profunda. Revela a nossa relação e como estamos construindo nossa relação no respeito e na horizontalidade. Diz sobre a colaboração e o engajamento que escolhemos em nossos encontros. Fala sobre a professora que eu gostaria de ser e hoje sou. bell hooks, com você aprendi a não deixar o fatalismo consumir a minha esperança e te agradeço por me mostrar que é possível construir novos caminhos na educação. Minha amiga, obrigada por ter erguido a sua voz. Ela chegou até a mim aqui na Paraíba e pude compartilhar com as minhas alunas e alunos um pouco sobre você.

Obrigada, bell hooks!

## **Referências**

DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. *Esperança Feminista*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Elefante, 2021.

---

## Desaprendendo a graduação: por uma outra Psicologia

Bárbara Magnani Rodrigues  
Graduanda em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2201322098106961>  
E-mail: [bmagnanir@gmail.com](mailto:bmagnanir@gmail.com)

**Resumo:** Ao longo da graduação em Psicologia aprendemos inúmeras teorias e formas de entender o sujeito e nossas relações no mundo. Essas concepções, entretanto, partem de uma academia colonial que tem suas bases ancoradas em saberes do norte global, masculinos, brancos e representantes da cisheteronormatividade. Falar da importância do cuidado, do amor e da comunidade parece algo ainda muito distante para a Psicologia. Como entender pacientes e usuários sem considerar as trajetórias únicas de cada um e como eles são afetados pelos sistemas de dominação? Questões que não vi em aula, mas sim quando extrapolei os muros da universidade para uma maior troca com nossa realidade brasileira. Ancoradas nos feminismos negros, encontro pensadoras como bell hooks, para pensar e propor uma outra Psicologia: uma Psicologia amorosa e cuidadosa que seja engajada política e eticamente com a transformação social.

Querida bell hooks!

Quem diria que estaria aqui te escrevendo depois de tanto tempo e, também, tão pouco tempo desde que nos cruzamos pela primeira vez. Aqui quem fala é a Bárbara, te conheci em 2019, quando ainda estava no segundo semestre da graduação em Psicologia. Assim que li seus primeiros parágrafos do livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade* (2017), o brilho nos olhos de quem pensa “*é isso!*” se acendeu imediatamente por aqui. Eu entrei na graduação muito nova, com 18 anos, logo após terminar o ensino médio. Minha educação toda foi em instituições privadas até chegar na tão sonhada universidade pública. Apesar de por fora ainda parecer ser a mesma, muita coisa mudou aqui dentro desde o início desse percurso. Minha forma de ser, de existir e de me entender num mundo estruturado pelos sistemas de dominação capitalistas de supremacia branca junto com minha forma de pensar e de me expressar seguem se transformando.

As diferentes maneiras de entender e discordar da Psicologia e do percurso conturbado da graduação também foram aparecendo por aqui. Apesar da transição de uma trajetória em instituições privadas para uma instituição pública, muitos dos incômodos do tempo de colégio seguiram me acompanhando na universidade. Assuntos desconexos da nossa realidade, o pouco ou nenhum valor às nossas experiências enquanto estudantes, muito menos ao que sentíamos e pensávamos. Ninguém nunca me perguntou como eu entendia a educação. E, desde que me conheço por gente, passo mais tempo na escola/faculdade do que em qualquer outro lugar. Ninguém nunca me perguntou o que eu queria aprender ou o que eu

esperava dos espaços de ensino. Desde pequena, me frustrei em vários deles. Ninguém nunca me perguntou o que eu mudaria na educação. Desde adolescente, muitas coisas me incomodavam, mas diziam que era normal da minha faixa etária e que com o tempo ia entender melhor o funcionamento do mundo. Ninguém nunca me perguntou várias coisas, mas hoje eu quero dizê-las.

Entre na faculdade com a empolgação de uma caloura que achava estar entrando no paraíso e realizando seu maior sonho. Bastaram algumas semanas de aula e percebi que a errônea idealização da Psicologia me acompanharia pelo resto do curso e da profissão. Afinal, “a Psicologia era feita pras pessoas, um pessoal aberto a acolher todes, uma galera desconstruída, revolucionária de verdade...” pensava eu – o que a estudante não faz para seguir motivada estudando para as provas de vestibular, não é mesmo? A Bárbara caloura entendeu que tudo isso era uma farsa, mas ainda não sabia explicar muito bem por que nem pôr em palavras e entender a dimensão disso tudo. A Bárbara caloura seguiu incomodada, mas quieta, afinal, eu era a novata ali. No segundo semestre da faculdade, quando li pela primeira vez um texto seu, entendi melhor o que vinha me incomodando há tanto tempo em sala de aula. Qual a importância dos conteúdos, conceitos e citações se não conseguimos partilhar nossos aprendizados da vida com as pessoas que estão ao nosso lado? Se não vemos relação alguma de toda essa teoria com nossas trajetórias pessoais? Se não nos enxergamos em sala de aula nem a reconhecemos enquanto um lugar que também é nosso?

Vou me formar num curso que nunca me provocou efetivamente a entender quem eu era e o que meu corpo representava. Um curso que forma psicólogos, que dá um peso enorme à postura dos psicólogos na clínica, mas não instiga seus alunos a entenderem o que é ser uma mulher, branca, de classe média em uma universidade pública. O que é ser uma psicóloga mulher, branca, de classe média trabalhando nos serviços públicos? O que eu represento e deixo de representar? O que eu percebo e deixo de perceber? O que eu reproduzo ou deixo de reproduzir?

A formação em Psicologia numa universidade pública por vezes esquece da dimensão do ‘público’. Seguimos vendo os mesmos referenciais padrões, homens brancos do norte global e representantes da cisheteronormatividade que não dizem respeito à nossa história local, muito menos às múltiplas formas de existir no mundo. Seguimos ensinando a história da Psicologia sem considerar que “[a] história da nossa ciência-profissão tem sido pautada por uma ânsia pelo controle, pela colonização dos corpos, pela patologização” (Jesus, 2015, p. 208). Seguimos estudando pesquisa sem problematizar o fato de que, “como os homens brancos de elite controlam as estruturas ocidentais de validação do conhecimento, os temas,

paradigmas e epistemologias da pesquisa acadêmica tradicional são permeados por seus interesses” (Collins, 2019, p. 493). Seguimos falando de políticas públicas sem considerar os interesses de quem é realmente afetado por elas.

Hoje, fico me perguntando como meu percurso na formação poderia ter sido diferente se nas aulas de constituição do sujeito tivéssemos, antes, tentado aprender com Lélia Gonzalez sobre a formação cultural do nossa “América Latina” (Gonzalez, 2020, p. 127); se nas aulas de pesquisa tivéssemos lido Patricia Hill Collins para questionarmos essa suposta verdade universal que tentam nos impor; se na cadeira de História da Psicologia um dos primeiros textos fosse de Jaqueline Gomes de Jesus, mostrando quem tem acesso à Psicologia e quem tem acesso somente à opressões. O que teria mudado se tivesse aprendido desde o início que a Psicologia nasceu e se constrói para a dominação, para o controle dos corpos, e que as pesquisas que produzimos ainda hoje carregam essas marcas? E se a ciência e o saber valorizado fossem o de uma Psicologia brasileira feminista e antirracista, como seria esse percurso na graduação?

Ensinar o pensamento crítico também é ensinar o outro lado da história que desde pequenas não vemos em sala de aula e depois de adultas seguimos não encontrando. Como é possível formar uma psicóloga sem que lhe questionem suas concepções de saber, sua relação com os sistemas de dominação e como eles se reproduzem nas suas práticas diárias dentro e fora da Psicologia? Uma academia enquanto espaço de produção de conhecimento não deveria ter como objetivo essencial o ensino de um pensamento crítico? Onde fica a “Psicologia que resmungue ante o poder instituído” (Jesus, 2015, p. 210)? Como um curso se propõe a formar profissionais para acolherem outras pessoas, se jamais falamos de acolhimento em aula? Se muitos de nós não se sentem acolhidos em nenhum espaço ao longo da graduação? Talvez, se tivessem ensinado isso tudo nos primeiros anos de curso, a Bárbara caloura poderia ter aprendido desde cedo a questionar e enfrentar todos os absurdos com que se deparou na graduação. Talvez o espaço acadêmico seria outro, pois, enquanto demoramos para nos darmos conta do que acontece no nosso entorno, muitas de minhas colegas não brancas e vindas das ações afirmativas seguem sendo violentadas e tendo que lidar com tudo isso sozinhas.

Durante muito tempo na graduação acreditei que não tinha nada a dizer – e tentava seriamente convencer os outros disso também. Não entendia porque meu olho não brilhava ao ver as clássicas teorias de sempre ou porque os assuntos que eu me sentia engajada eram tão pouco debatidos ao longo da graduação. Me fizeram acreditar que o que eu gostava não era Psicologia. Ou até poderia ser, mas só esse conhecimento não era o suficiente para ser

psicóloga. Hoje, depois de 4 anos de curso, ainda me deparo com esses pensamentos nos momentos de insegurança e incerteza. Muitas vezes na Psicologia parece que temos que nos agarrar a uma linha teórica específica e explicar tudo que acontece na vida das pessoas a partir dela – mais uma invenção da colonialidade que insiste em promover saberes únicos e universais como fachada para o epistemicídio e as opressões que cometem. Elaboram inúmeras regras e padrões sociais que não parecem ter outro objetivo senão se afastar do contato com o outro, da intimidade, do cuidado e da consciência crítica sobre si e sobre o mundo, sobre o que se é feito.

Depois de um tempo refletindo sobre meu lugar nessa Psicologia de aparências, percebi que a Psicologia que eu estava propondo em minhas práticas trazia muito do seu pensamento, bell, pois é nele que acredito. É ele, junto a tantas outras pensadoras pactuadas com a luta e as proposições dos feminismos negros, que venho entendendo a potência do cuidado, da autorrecuperação, do amor e da comunidade, sem deixar de atentar para a urgência de falarmos sobre os sistemas de dominação e as violências sofridas nas mais diferentes esferas da nossa caminhada. Elementos que estão sempre em jogo no exercício da Psicologia e na vida. E é a partir desses apontamentos que venho encontrando amparo para uma outra Psicologia, que seja verdadeiramente engajada política e eticamente na transformação social. Mas dizer isso para meus colegas ainda soa raso, superficial. Como se o contrário dessa suposta “superficialidade” fosse a hierarquia de poder estabelecida por eles a partir da falsa ideia de neutralidade e o silenciamento de corpos e saberes. Como se os diagnósticos e as interpretações verticais fossem mais adequados do que falar de amor... que Psicologia é essa, afinal?

Volto então para a pergunta que tanto nos fizemos no início da faculdade: o que é Psicologia? Hoje tenho plena certeza que o que eu chamo de Psicologia não é o que me ensinam na maioria das disciplinas da graduação. O que eu entendo por Psicologia não passa pela dominação, pela violência, pela disputa de saberes e invasão dos corpos. O que eu chamo de Psicologia nasce do afeto e o afeto é sim uma ferramenta revolucionária dentro desse campo. Se definir o que é melhor para o usuário a partir de interpretações próprias, não considerar os saberes que a comunidade apresenta, não levar em conta que para se falar de saúde mental é preciso antes falar da garantia de direitos e políticas públicas de saúde... se isso é Psicologia, não quero ser psicóloga. Não é isso que entendo por Psicologia. Que lógica perversa que nos foi ensinada ao longo da graduação que permite que espaços de saúde violentem, que espaços de escuta silenciem? Não bastasse uma vida inteira em meio a tantas estruturas opressoras, a graduação nos vem para recheiar esse percurso reforçando a lógica de

existirmos num mundo com uma “cultura de violência” (hooks, 2019, p. 193) que tem como base a dominação. Essa violência constitui a base cultural das nossas relações e, imersos em uma sociedade racista, sexista, classista e capacitista, aprendemos desde cedo a reproduzir essas estruturas em nossos relacionamentos com as pessoas, pacientes, alunos e colegas.

Foi através de autoras feministas e antirracistas que tive contato com o amor como forma de cuidado e com os coletivos como necessários nesse percurso. Nunca no curso de Psicologia até então tinha visto alguém falar de amor, de cuidado ou da importância da comunidade. A Psicologia sempre foi individual, ou melhor, individualista. A partir dessa outra maneira de entender o cuidado e a importância das nossas relações comunitárias, conseguimos estender nosso olhar para quem está ao nosso lado, conosco. Transformar nossa forma de se relacionar é transformar nossa sociedade, pois nossas relações são diretamente afetadas pelos sistemas de dominação e isso explica o tamanho desconforto quando começamos a falar de amor. Uma Psicologia que vise a transformação social precisa estar aliada com isso. Mas então, como propor uma Psicologia amorosa em meio a tanta violência? Nos coletivizando.

Aprendemos contigo, bell hooks, que o individual é político, mas que sozinhas não fazemos nada. Precisamos estar juntas. Desde que a sementinha de seus ensinamentos foi plantada e vem ganhando cada vez mais força aqui dentro de mim, outras pessoas passaram a cruzar meus caminhos. Buscando por gente que também floresce ao te ler, encontrei meu espaço de aconchego dentro da própria universidade – por mais difícil que pareça, isso é sim possível. Fundamos coletivos e nos unimos para pensar o cuidado a partir de suas concepções e isso é algo que a Bárbara caloura jamais poderia prever. A dimensão de um espaço baseado em seus ensinamentos numa instituição que, quando citava trechos seus, mal sabiam quem era, é sim transformadora. Ela foi e segue sendo transformadora para mim também.

Estar nesses espaços contrários à hegemonia acadêmica transformou meu olhar e todo meu percurso dentro da graduação. Ao mesmo tempo que contigo aprendi a importância de erguer a voz e uma voz que seja realmente minha, falar de onde estou e a partir de quem sou – uma mulher, branca, de 22 anos, graduanda em Psicologia, que sempre foi tachada como tímida apesar de querer dar opinião em tudo; que aprendeu a se calar por medo de como suas palavras seriam ouvidas, mas que já não pode mais usar a timidez como desculpa para ficar quieta; que vem aprendendo que as relações na academia não são fáceis, mesmo que para mim em muitos momentos tenha sido; que entender que política, feminismo, antirracismo e amor fazem parte de lutas diárias na vida pessoal, enquanto estudante, mas também como

futura profissional. Ao mesmo tempo que venho encontrando e acolhendo essa voz a partir de seus ensinamentos, com meus coletivos venho aprendendo a transgredir na prática.

Todas essas pessoas que cruzaram meu percurso junto a ti são minhas companheiras nesta jornada por uma educação pela liberdade e por abrir espaço na academia para pensar cuidado e cultivar uma comunidade que acolha a todes. Por fim, queria dizer que escrevi essa carta em diferentes espaços. Fui te levando comigo pros lugares que frequento e que me enchem de dúvidas, pensamentos, alegrias e angústias. Passamos pelo meu quarto, pela faculdade, pelo transporte público. Escrevi sozinha, com pessoas conhecidas em volta e cheia de desconhecidos ao meu lado. Nesses diferentes cenários, uma coisa permaneceu: escrevi o que senti. Acho que sentir é uma palavra que poderia resumir o efeito da tua companhia por aqui. Ao ler teus escritos, eu sinto muito e muitas coisas. Sinto raiva, conforto, alegria, angústia, esperança, frustração, força para seguir e um colo para desabar. Sinto-me acolhida em palavras que seguem impulsionando nossa luta conjunta.

Agradeço a companhia que tem sido em tantos momentos de desesperança e, ao mesmo tempo, de anseios pela mudança. Obrigada por sempre trazer em suas palavras não só aprendizados, mas histórias reais que nos permitem uma conexão verdadeira, fazendo com que a gente se identifique e acolha umas às outras.

Obrigada por me fazer sentir e saber. Sentir que ainda temos muito pela frente e saber que chegaremos lá juntas.

Com muito amor,  
Bárbara Rodrigues.

## Referências

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

JESUS, Jaqueline Gomes. Lições para uma psicologia das oprimidas. In: ANTUNES, Deborah Christina; CALEGARE, Marcelo Gustavo Aguilar; LIMA, Aluisio Ferreira. *Psicologia social e os atuais desafios ético-políticos no Brasil*. Porto Alegre: ABRAPSO, 2015(208-217).

---

## Literatura, cura e poder

Izanete Marques Souza  
Doutoranda em Letras na UFRGS; Professora no IF Baiano.  
E-mail: iza.mar.souz@gmail.com

**Resumo:** Esta carta busca fazer uma reflexão acerca das intersecções possíveis entre a criação de uma narrativa literária, o debate engajado das questões de raça, classe e gênero na perspectiva da autora da obra, mulher negra, que pensa sobre as possibilidades de leitura a partir de suas práticas leitoras e pedagógicas desenvolvidas ao longo de vinte e sete anos de docência e de toda uma vida de aprendizagem. Este debate, alicerçado em fatos da realidade contemporânea, busca refletir sobre a construção de personagens femininas, negras, que possam servir de motivação para o pensar nas violências que as sociedades patriarcais têm submetido as mulheres e nas possibilidades de transformação social e psicológica destes tempos vivenciados. O arcabouço teórico para este diálogo é bell hooks (2010; 2017; 2019; 2020a; 2020b) e a exemplificação literária toma como referências as obras de Jarid Arraes (2017), Conceição Evaristo (2018) e Itamar Vieira Júnior (2019).

Porto Alegre, 24 de outubro de 2022.

Querida bell hooks,

Como eu gostaria que você ainda estivesse viva e que pudesses me responder a esta carta. Nascemos em épocas diferentes, moramos em países diferentes, mas compartilhamos parte de um presente em que apesar de não termos um muro físico para separar as populações negras e brancas, ainda vivenciamos o *apartheid* cultural sob as diversas formas de violências simbólicas e também físicas. Exercemos a docência em espaços geográficos diferentes, mas no campo das Letras, você com foco na língua inglesa, eu com foco na língua portuguesa do Brasil, especialmente a literatura. Temos sede do pensamento crítico. Temos fome de transformação e de equidade social.

Sou professora dos componentes da área de Letras nas turmas da educação básica desde 1995 e nas turmas de ensino superior desde 2006. Hoje atuo com estudantes de primeiro e de terceiro anos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio, com formação para leitura e escrita em turmas de graduação e com formação de professoras e professores da educação básica para o ensino de literatura, isto nas turmas de pós-graduação *lato sensu*. Nestes três níveis de ensino ministro componentes curriculares ou insiro no planejamento pedagógico o trabalho com a diversidade étnico-racial, especialmente nos aspectos das populações negras e indígenas.

Gosto do trabalho com textos literários dos modernismos e contemporaneidade brasileira, principalmente por perceber neles um grande potencial para a prática de uma pedagogia engajada com os movimentos e demandas sociais que nos circundam. Estes

também nos possibilitam uma leitura menos personalizada, apesar de imbricada com nossas vivências, experiências e estudos.

Geralmente, é menos intimidador, até menos constrangedor analisar os fatos em uma realidade ficcional, ainda que esta apresente verossimilhança com a realidade atual e provoque no leitor catarses manifestas em uma variedade de formas. Por vezes, a leitura do texto criativo provoca uma epifania.

Talvez, devido ao encantamento pela obra literária, estou doutoranda nesta área, na linha *Estudos literários aplicados: literatura, ensino e escrita criativa*. Meu projeto de tese envolve o campo da escrita criativa de um romance. Um desafio grande, porém prazeroso.

Quando as professoras Luciana Rodrigues e Jaileila Menezes propuseram um curso livre para estudos do seu pensamento, logo me empolguei, pois acreditava na influência positiva das suas teses para a meus estudos de doutorado relacionados ao empoderamento da mulher negra como algo diariamente conquistado devido a todas as barreiras impostas pela interseccionalidade raça, classe e gênero.

Não me equivoquei. Retomar os seus textos que tratam sobre a educação engajada me trouxe algumas inquietações acerca da personagem principal da narrativa longa que projetei escrever como um dos elementos do doutoramento. Inicialmente, eu havia projetado uma estudante de Psicologia, ou mesmo uma profissional já formada. Contudo, ao vislumbrar o potencial de uma professora no sentido de promover escutas sensíveis das demais mulheres que compõem o enredo, começo a analisar tal possibilidade, ainda mais quando percebo que você foi também uma escritora literária e uma educadora atuante na práxis emancipadora, transgressora, engajada.

Ao ler o texto *Vivendo de amor* (2010) pude retomar um ponto de vista que tem me movido como educadora há alguns anos: a violência contra a mulher é um produto cultural e, por isso, promover projetos educativos que viabilizem o pensar, ou repensar e o educar-se para o combate à violência contra a mulher é uma demanda formativa para toda a nossa vida. Este pensar me trouxe à memória o fato de que, nos Estados Unidos, vimos o assassinato por asfixia, de George Floyd, homem negro, em 25 de maio de 2020. Graças à popularização do acesso aos *smartphones*, todos nós pudemos tomar conhecimento das imagens e sons que envolveram a imobilização e morte da vítima.

O mundo todo se mobilizou a partir da *hashtag* #vidasnegrasimportam (#*blacklivesmatter*), no entanto, nem os brasileiros se movimentaram com tanta intensidade ao ver Genivaldo de Jesus, sergipano da cidade de Umbaúba, assassinado pela polícia, por asfixia, no dia 25 de maio de 2022. Com o assassinato de João Alberto Freitas, por

espancamento e asfixia causada pelos seguranças de uma das lojas do Carrefour, em Porto Alegre/RS, no dia 19 de novembro de 2020 (véspera do dia da consciência negra), houve uma maior mobilização dos movimentos sociais brasileiros.

Associações diversas ergueram a voz e, além da empresa montar um comitê de combate ao racismo institucional, foram obrigados a fazer editais anuais de fornecimento de bolsas a instituições de ensino que possuem reserva de vagas nos cursos de graduação e de pós-graduação. Certamente preferíamos que esta política de ação afirmativa fosse fruto da consciência política dos dirigentes desta e de muitas outras empresas. Porém, o que mais me chamou a atenção foi a invisibilidade delegada às mulheres da vida destes homens. Nenhum noticiário ou instituição, bem como o Estado, seja ele brasileiro ou estadunidense, preocupou-se com a saúde psicológica dessas vítimas. No caso do Genivaldo, a dor da irmã dele foi notícia como pano de fundo para tratar das multas do veículo que chegaram até ela.

No texto *Vivendo de amor* (2010), você desenvolveu a tese de que, após o fim oficial da escravização, a demonstração do amor era vista como um sinal de fraqueza porque nós, pessoas negras, precisávamos criar barreiras emocionais para as violências simbólicas e raciais que poderiam impedir a sobrevivência das pessoas do grupo de ex-escravizadas, mas também de nossos descendentes. No caso das narrativas literárias *Becos da Memória* (2018), de Conceição Evaristo, *Torto arado* (2019) de Itamar Vieira Júnior, *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* (2017), de Jarid Arraes, dentre outras histórias, vemos personagens que necessitam da cura tão propagandeada em seus livros, bell hooks, para reconstruir um presente de empoderamento que denuncia e combate os abusos.

No romance de Evaristo (2018), Maria-Nova é uma personagem que representa o empoderamento dos feminismos negros através das relações de afeto, da persistência em estudar, mesmo em condições adversas, das conversas e das escutas que lhe fortaleciam para os embates da vida na favela sob a constante ameaça do desfavelamento.

No livro de Jarid Arraes, temos a biografia de mulheres negras empoderadas contada em versos. É o caso da primeira negra a assumir um cargo parlamentar (a jornalista e professora Antonieta de Barros), da mulher que criou o primeiro sindicato das empregadas domésticas no Brasil, marco da profissionalização deste tipo de trabalho (Laudelina de Campos), por exemplo.

Por fim, temos na obra de Vieira Júnior (2019) as irmãs Bibiana e Belonísia, de personalidade forte. Uma luta pelos direitos da mulher e da população negra da Chapada Diamantina, na Bahia, através dos movimentos sindicais; a outra, luta e se impões através do trabalho agrícola e do silêncio que fala mais do que mil palavras.

Concordo com você que o amor é uma necessidade básica na vida das pessoas negras, especialmente de nós mulheres. Isso inclui a saúde emocional, apesar de muitas vezes confundirmos o reconhecimento de nossas emoções com o desejo de se manter em autocontrole. Contudo, dialogar sobre as formas de amar e de se deixar amar pode ser um caminho para a cura dos diversos traumas que enfrentamos diariamente. Dialogar sobre isto a partir das leituras que fazemos de narrativas literárias também.

Diante dessas constatações, afirmo que sonho com o dia em que a educação engajada seja uma realidade em todas as instituições, não uma exclusividade de algumas relacionadas ao ensino. Sei que quando atingirmos esta utopia reduziremos o número de clientes para os psicólogos e psiquiatras, mas também faremos isso em relação aos gastroenterologistas, aos oncologistas, aos cardiologistas... porque transgrediremos a cultura do adoecimento e entraremos no entendimento e vivência do princípio de que o amor interior representa a nossa posição em relação a nós e de que o amor próprio representa a nossa posição em aos outros (hooks, 2010). Em outras palavras, afirmamos que quando cuidamos de nós, curamos as nossas feridas nos tornamos mais suscetíveis a amar e a nos deixar ser amadas sem censura, sem o desejo de demonstração de força e de controle.

Espero que as personagens que estou criando caminhem e encaminhem para esta cura.

Um grande abraço.

## Referências

ARRAES, Jarid. *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*. São Paulo: Pólen, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FANTÁSTICO. *Caso Genivaldo: irmã diz que recebeu multas por infrações de trânsito do dia da abordagem da PRF*. G1, 1 de outubro de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/10/01/caso-genivaldo-irma-diz-que-recebeu-multas-por-infracoes-de-transito-do-dia-da-abordagem-da-prf.ghtml>. Acessado em: 15 de dezembro de 2022.

GRUPO Carrefour Brasil. *Morte de João Alberto não pode ser esquecida: Carrefour divulga compromissos antirracistas e plano de ação de longo prazo*. 11 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.grupocarrefourbrasil.com.br/nao-vamos-esquecer/morte-de-joao-alberto-nao-pode-ser-esquecida-carrefour-divulga-compromissos-antirracistas-e-plano-de-acao-de-longo-prazo/>. Acessado em: 15 de dezembro de 2022.

GRUPO Carrefour Brasil. *R\$115 milhões contra o racismo: investimento do Grupo Carrefour Brasil é chancelado pelo Ministério Público*. São Paulo, 11 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.grupocarrefourbrasil.com.br/sustentabilidade/r-115-milhoes-contra-o-racismo-investimento-do-grupo-carrefour-brasil-e-chancelado-pelo-ministerio-publico/>. Acessado em: 15 de dezembro de 2022.

GRUPO Carrefour Brasil. *Editais bolsas de estudo – inscrições instituições de ensino*. São Paulo, 31 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.grupocarrefourbrasil.com.br/nao-vamos-esquecer/editais-bolsas-de-estudo-inscricoes-instituicoes-de-ensino/>. Acessado em: 15 de dezembro de 2022.

hooks, bell. *Vivendo de amor*. Portal Geledés, 9 de março de 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acessado em: 15 de dezembro de 2022.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: pedagogia como prática de liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pesar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. *Ensinando Pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020a.

hooks, bell. *Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Elefante, 2020b.

LEVENSON, Eric. *Policia que segurou pernas de George Floyd é condenado a 3 anos de prisão*. CNN Brasil, 21 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/policia-que-segurou-pernas-de-george-floyd-e-condenado-a-3-anos-de-prisao/>. Acessado em: 15 de dezembro de 2022.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

---

## Descobrir um meio de ser e continuar sendo

Helen Leonardo da Silva  
Graduanda em Psicologia/UFPE  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2198829440194883>  
E-mail: [helen.lsilva@ufpe.br](mailto:helen.lsilva@ufpe.br)

Yure Gonçalves da Silva  
Mestrando em Educação/UFPE  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7125936812522126>  
E-mail: [yure.goncalves@ufpe.br](mailto:yure.goncalves@ufpe.br)

**Resumo:** As formas como os corpos negros foram submetidos à dores e sofrimentos sempre estiveram permeadas pelas marcas da colonização e escravidão, mas também ainda hoje são atravessados pela colonialidade. Em nosso tempo, como compromisso ancestral, tentamos descobrir novas possibilidades de sentir e de nos relacionarmos que potencializem nossa existência, construindo experiências históricas fortalecidas por amor e axé. Nesse processo contamos com a inspiração de grandes intelectuais e artistas como bell hooks e Luedji Luna que nos ajudam a protagonizar as nossas narrativas e nos acolher nos nossos modos de ser e sentir no mundo.

*“A gente ama como sabe! Ama como pode!”  
Luedji Luna*

bell, fazer essa carta foi um processo permeado por muitas evitações. Mas, já faz um tempo que eu venho tentando respeitar meus limites, exceto aqueles que dizem respeito a escrever considerando que para escrever parece que as palavras ficam me cozinhando até que exploda uma forma material consumível, por vezes com altas doses de dissabores.

Me abster de entender os meus afetos e o modo como sou afetada era uma forma ingênua de acreditar que eles não existiam ou não tinham tanta importância assim e desse jeito eu me entendia forte (hooks, 2010). Mas qual a força do rio sem a queda?

Diz um provérbio africano que a água sempre descobre um meio. Comigo sempre foi meio transpiração, meio lágrimas. E foi difícil identificar e amar a nascente, as confluências, as afluentes que sustentam esse corpo continental afrodiaspórico.

Bom, voltando à cozinha, talvez eu só esteja fazendo nesse início seja entendido como “cozinhar” no sentido de estar “enrolando” pra chegar no ponto desejado. Contudo, ainda que não seja isso, eu gosto quando no conto “A avó, a cidade e o semáforo” o neto de Nidzima diz a ela que “Cozinhar é um modo de amar os outros.” (Couto, 2016) e eu prefiro acreditar estar “cozinhando” nessa perspectiva.

A cantora baiana Luedji Luna uma vez escreveu em sua rede social um texto cujo título é Muximba, onde ela disse “A gente ama como sabe! Ama como pode! ” E essa frase vira e mexe volta ao meu juízo quando as coisas esquentam. Ela lembra que eu preciso voltar a mim pra sentir e agir como sou, como sei e como posso. Todas as vezes que me distanciei de mim mesma pra lidar com meus afetos, não deu certo. Vestir uma fantasia de quem eu sou depois de um tempo fica gasta e não serve mais. Depois só resto eu ali precisando lidar com o que eu destruí de mim pra caber onde não deveria.

Sabe que a escola foi um dos meus primeiros não-lugar? Mesmo com a lei nº 10.639/03, com seus vinte anos de existência, o que eu aprendi sobre as pessoas negras no processo formativo escolar foi do período escravocrata e sobre como africanos e africanas eram “escravos” que construíram o país que hoje vivo. Que linguagem perversa e limitante. Eu achava que as pessoas negras eram nascidas escravas e não que quando nasciam, passavam por um processo de escravização.

Como os livros eram ricos em trazer cada detalhe de tortura e dor daquele período. Eu olhava aquelas imagens e descrições minuciosas do que ocorria e me identificava naquele lugar de subalternidade e desesperança, como se meu corpo carregasse aquela memória, aquelas marcas naquele sol a pino que invadia a minha sala de aula com o ar parado, sem fazer contraste naquelas paredes igualmente amareladas.

Só com o ingresso na faculdade, sendo a primeira da minha família a ocupar esse espaço - que tantas vezes se desenha como um não-lugar também - é que pude ouvir a Chimamanda (2019) traduzir essa história única contada sobre negros e negras que tanto me incomodava. Foi através dela, mas também de tantas outras mulheres negras, como você, que eu pude querer “escrever vivências” como Conceição Evaristo nos convoca.

Mesmo essa carta, escrita em primeira pessoa do singular e no feminino, ela congrega histórias de trajetórias de uma mulher negra de vinte e três anos e um homem negro de trinta. Dois jovens que precisam enfrentar diariamente as novas formas de escravização de nossos corpos no mundo e dentre elas, nosso não direito à subjetividade, às possibilidades de amar e de sermos amados.

Enxergar o nosso corpo como guardião de um passado cruel e de outras histórias positivas, de ciência, riqueza, poder; antes da invasão ao continente africano e ao que viríamos a chamar hoje de Brasil. Um país que ainda precisa reconhecer e contar além do dia 13 de maio ou 20 de novembro, a história de Dandara; Aqualtune; Nzinga; Anastácia; Tereza de Benguela; Lélia Gonzalez; Neusa Santos Souza; Beatriz Nascimento; Cida Bento; Nilma

Lino Gomes; Conceição Evaristo; Sueli Carneiro; Marielle Franco e todas as outras que foram malditas, apagadas, esquecidas, mas nunca por nós deixadas de serem sentidas.

Contar e construir narrativas de amor e felicidade de nosso e para o nosso povo. Destruir todos os não-lugares que nos impuseram a viver nossos afetos como sabemos, como podemos, na busca por não nos perdemos de nós mesmas, nem de nossa ancestralidade.

## **Referências**

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm) Acesso em: 30 de jan. de 2023.

COUTO, Mía. Conto ‘A avó, a cidade e o semáforo’, em “*O Fio das Missangas*”. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HOOKS, bell. *Vivendo de amor*. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/oks.pdf>. Acesso em: 30 de jan. de 2023.

## SEGUNDA COLEÇÃO

---

### Uma carta para honrar bell hooks

Gislenny Alves  
Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2000760777685834>  
E-mail: [gislenny.a@gmail.com](mailto:gislenny.a@gmail.com)

**Resumo:** Esta é uma carta amorosa escrita para a educadora, ativista e intelectual bell hooks. Suas contribuições ultrapassam o campo teórico e de conquista de direitos, toca nossos corações e nossas escritas de forma genuína e cativante, por isso, o que se encontra aqui são relatos que expressam as contribuições que os ensinamentos da autora trouxeram para a minha vida.

Arapiraca – AL, dezembro de 2022.

Querida bell,

Sento para te escrever algumas linhas e sinto uma alegria enorme, minhas palavras caminham para te celebrar, para agradecer pelos valiosos ensinamentos que trazes para a vida de quem te lê e consegue sentir a urgência e o aconchego de tuas palavras. Lembro-me de que aprecias poesia, por isso, quero iniciar esta carta compartilhando contigo um trechinho do meu poema favorito da Upili Chisala, pois quando o leio penso em ti e em tantas outras mulheres negras que, com força e coragem, abriram caminho para que eu possa dar passos mais firmes: “Hoje e todos os dias, sou grata por todas as mulheres negras que amam, escrevem, criam, se emocionam a partir de suas raízes e nunca pedem desculpas por sua magia” (Chisala, 2020, p. 28). O encontro contigo renovou essa força interior que todas temos, mas que às vezes está adormecida por causa das muitas violências sofridas no cotidiano.

A tua escrita chegou em minha vida quando eu ansiava por compreensão, conhecimento e autoconhecimento, como bem sabes, ser mulher negra e enxergar o peso político que isso representa nos exige muito no dia a dia. Ler teus escritos se revelou como fonte de magia e reencanto do mundo, dissipa dores e gozos em cada palavra lançada. É essencial. É necessária. Ela é como chamuscas que incendeiam a gente, nos faz ver o brilho que temos e expulsa a solidão. É abraço quentinho em dia frio, é alívio para grandes fardos. E é nossa responsabilidade fazer com que sua voz se multiplique, que muitas meninas e mulheres negras possam sentir alento e segurança ao te lerem.

Há algum tempo venho te escrevendo cartas, geralmente as escrevo quando estou passando por momentos desafiadores, pois sei que o ato de colocar no papel os meus sentimentos e pensamentos me permite avaliar melhor as situações, posso olhar por outras perspectivas, especialmente pela sua perspectiva, bell. Através dos seus ensinamentos compreendo muito sobre mim e sobre o mundo que me cerca. Não me sinto mais correndo sem direção, você nos deu uma bússola que aponta sempre para dentro de nós mesmas e nos faz perceber que as respostas estão conosco, que é preciso cultivar o autoamor e autoconfiança.

Sabe, bell, eu sempre fui leitora, desde a adolescência sinto o deleite de poder conhecer outras realidades através das palavras, mas não tinha muita motivação para escrever, na verdade, sempre escrevi porque os outros me pediam, me exigiam. Hoje sinto que escrevo porque esta é a melhor forma que tenho de mostrar o nosso mundo, meu e das minhas companheiras que circulam diariamente nos serviços da assistência social. Não me apetece escrever somente sobre dados que reafirmam as violências sofridas cotidianamente, mesmo sabendo o quanto é necessário visibilizar nossa realidade, mas também quero poder amplificar a minha voz e a das mulheres negras que me cercam, lembrar ao mundo que não somos somente desprivilegiadas, somos também seres produtores de realidade e conhecimento. Escrever, para mim, é também explorar lugares que ainda não enxergo com nitidez, é alívio, compreensão e angústia. Na escrita me sinto viva, mesmo quando um pedacinho de mim já está morto.

Aprendi também que se não nos definirmos sempre haverá alguém que faça isso por nós, por isso, como forma de afirmar e definir quem sou, o lugar que ocupo no mundo, escrevo sobre mim, sobre a minha realidade, pois tudo que me toca, toca também a minha escrita. Penso ser importante te situar que sou uma psicóloga negra, que atuo na Política Pública de Assistência Social, que venho de uma família da classe trabalhadora, que amo animais e, por isso, não como carne, gosto de ler e ir ao cinema, tenho duas gatinhas e sou o apoio dos meus pais. Faço esforços constantes para manter minha prática e meu discurso indissociáveis, pois acredito que somente desse modo poderei construir minha atuação profissional comprometida com a transformação social.

A honestidade com que expões os teus pensamentos me inspira diariamente a buscar um caminho de comprometimento com a verdade e com a justiça. Paulo Freire (2018), nosso grande educador, nos disse certa vez que todos/as somos orientados/as por uma visão ideológica, todavia, o que define nossa postura no mundo é se essa ideologia que compartilhamos inclui ou exclui as pessoas. Em *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar*

*como negra* (hooks, 2019), você nos diz que a nossa fala precisa ser **com** e não **para** as nossas semelhantes, pois é assim que enfrentamos a cultura da dominação, nós incluímos as pessoas para que as nossas vozes sejam verdadeiramente diversas.

Unindo nossas vozes ameaçamos a ordem social estabelecida pela supremacia branca, que insiste em afastamentos, impondo hierarquias à experiência humana. Nesse contexto é necessário que nos ancoremos umas nas outras, pois em “uma cultura de dominação e anti-intimidade, devemos lutar diariamente por permanecer em contato com nós mesmos e com os nossos corpos, uns com os outros” (hooks, 2019, p. 85), é na coletividade que rompemos com a lógica da dominação e fazemos a partilha de amor e cuidado, nos fortalecemos quando compartilhamos – assim você nos fala, assim ensino para aquelas/es ao meu redor.

Os teus escritos me fizeram perceber a importância de contarmos nossas histórias, de valorizarmos nossas experiências e de levantar nossas vozes onde elas tendem a se calar. No meu cotidiano de trabalhadora do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), me deparo frequentemente com a necessidade de trazer seus ensinamentos para dentro das unidades de atendimento, para os relacionamentos que estabelecemos entre trabalhadoras e usuárias do sistema, e dou ênfase ao feminino porque nós somos maioria nesses espaços tanto do lado de quem faz os atendimentos quanto do lado de quem busca pelos serviços e benefícios, reconhecer a desproteção que a intersecção entre raça e gênero causa é o ponto central para o desenvolvimento de trabalho efetivo no SUAS.

Agradeço por ter encontrado nos seus ensinamentos alento e força para insistir no trabalho coletivo, na prática do amor que é ação concreta, que promove o empoderamento da voz e do abandono do medo de ser mal vista ou ignorada por aquelas pessoas que ainda não conseguiram se libertar das amarras do colonialismo. Hoje, venho construindo uma prática baseada no cuidado mútuo e na valorização de tudo o que não se compra em lojas e supermercados, ou seja, é preciso operar a cultura da coletividade, do bem comum e do crescimento do ser.

Sempre que falo sobre você para alguém enfatizo que, dentre tantas sensações que te ler nos desperta, a que mais gosto é a familiaridade, suas palavras parecem abraços das minhas avós e da minha mãe. Aprendi a valorizar e amar as pessoas através dos ensinamentos delas, dos exemplos que me deram, nunca permitiram que eu me visse como alguém incapaz ou defeituosa, elas me ensinaram que eu não preciso viver para agradar ou atender às expectativas de ninguém. Se hoje acredito no amor, na esperança e na justiça mesmo quando tudo se mostrava desanimador, foi porque sempre tive aconchego, porque me recuso a aceitar

o mundo como ele é e me esforço para criar alternativas a esse modelo de morte que vem perdurando na história dessa nossa terra.

Minha maior conquista pessoal e profissional, que atribuo ao nosso encontro, foi a de não silenciar mais diante das injustiças vividas cotidianamente: mesmo que a fala me traga consequências negativas, sei que é sempre melhor falar. Construir essa voz militante tem sido um grande desafio, mas sei que fazendo isso estou também, de alguma forma, abrindo caminhos para as próximas mulheres negras que vierem depois de mim. Escrevo isso olhando para minha sobrinha, Jamile, que tem quatro anos de idade e é o ser mais feliz que conheço e também penso em Júlia, que ainda nem nasceu, mas já me faz ter urgência para ver mudanças acontecerem.

Saibas que aqui no Nordeste, no interior de Alagoas, estamos resistindo aos apagamentos e às violências, o teu legado de amor às pessoas e ao conhecimento nunca será esquecido, pois tuas palavras transgrediram fronteiras e fertilizaram solos muito produtivos. Mesmo que não estejas mais entre nós, teus conhecimentos e tua sensibilidade estão bem vivas conosco que te admiramos tanto e nos esforçamos para que mais pessoas possam ler e se encantar contigo.

Abraços,  
Gislenny

## **Referências**

CHISALA, Upili. *Eu destilo melanina e mel*. São Paulo: Leya, 2020.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 38. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2018.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.

---

## Carta para minha mais velha

Marlete Andrize de Oliveira  
Filha de Dona Niti  
Doutoranda em Terapia Ocupacional.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2101466450907726>  
E-mail: [terapeutaocupacional.marlete@gmail.com](mailto:terapeutaocupacional.marlete@gmail.com)

**Resumo:** Fortalecida na certeza que em tempos de paz e de guerra o amor é a melhor estratégia, busco no poder (do encontro) das palavras e dos corpos, respiro. Esta escrevivência tem o propósito de honrar a existência de nossa amada bell hooks e compartilhar afetações a partir de sua jornada e textos. Através desta carta desejo agradecer bell hooks pela generosidade da partilha, por sua escrita sempre amorosa e lhe transmitir como suas palavras atuam como fonte de respiro, cuidado e ferramenta de luta para as pessoas negras.

Olá, irmã!

Primeiramente gostaria de pedir licença para te escrever, não porque me é impedido, mas em respeito a tudo que você é e representa. Ainda que não nos conheçamos, sinto que nossos corpos compartilham de muitas memórias. Memórias transatlânticas carregadas de dor e afeto. Quando penso em suas escritas, reflito em como elas acessam meu corpo, e quais seus significados em nossos cotidianos. Neste momento, como já foram em muitos outros, suas escritas são como fôlego de esperança. A torre de marfim que conhecemos como universidade teima em tirar o brilho dos nossos olhos, a força de nosso corpo e o propósito do nosso espírito.

Suas escritas, bell, acionam memórias ligadas às mulheres que me habitam, que chamo carinhosamente de “minhas mais velhas”, sendo elas mulheres negras que chegaram antes, e com um jeitinho muito especial possuem o dom de puxar nossas orelhas e nos acolher. São elas que nos orientam como bússolas em nossas travessias. Mulheres negras que abrem portas e apresentam caminhos. Sinto em meus ouvidos sussurros que dizem “mulher, tome tento!” para que eu abra meus olhos, feche meu corpo e não seja pega desprevenida. Estas mesmas mulheres são colo de mãe para os dias difíceis, nos abraçam e sabiamente nos incentivam a levantar a cabeça, bater a poeira e seguir em busca de nossos propósitos.

É desta forma que acesso seus textos, como conselhos de “minhas mais velhas” que entende o poder da palavra (Bâ, 2010), e a importância do polidiálogo e da comunidade (Somé, 2007). Sinto em sua escrita uma sensibilidade gigante e um afeto admirável, você consegue falar de coisas dolorosas de uma maneira assertiva, mas ainda afetuosa. Acredito que o jeito que você escreve tem relação com o fato de você escrever para pessoas que estão

profundamente machucadas e, sabendo disso, você se preocupa como receberemos a sua mensagem – e sou imensamente grata por isso.

Você como uma “mais velha”, a partir de uma radicalidade amorosa, nos mostra a realidade e nos convida a ter consciência crítica da nossa existência enquanto pessoas negras. E faz isso de uma forma acolhedora e generosa, principalmente naqueles textos que mexem com nossas feridas, você sabe como dói, e sabe como cuidar. Enquanto leio suas orientações me sinto envolta em seu abraço, você nos diz “*tome tento*” com a mesma intensidade que diz “*venha cá, me deixe cuidar de você*” e, assim como minha Vó Finha, você vai sendo tempestade e brisa para os dias de sol e de chuva.

É por estes e por muitos outros motivos que reconheço em você como “minha mais velha”, porque as minhas tias são assim, porque muitas de nós somos assim. Minha avó e minha mãe foram as primeiras mulheres a me habitar e assim me tornaram um ser habitável, quando suas palavras se encontram com outras palavras de mulheres negras que também me habitam é como se eu sentisse em meu ventre o poder e o denço de todas nós.

As mulheres que me habitam sempre me incentivaram a estudar, enxergam na educação não apenas uma forma de sair da realidade que vivemos, mas de compreendê-la e transformá-la. Vejo estas mulheres em seus escritos quando você defende a importância do entusiasmo na produção de conhecimento, ou ainda quando você reivindica o amor em nossos cotidianos. A potência de sua escrita em *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (2013), faz todo meu corpo vibrar. E vibrando acesso às memórias de uma menina negra lá do interior do Rio Grande do Sul que amava descobrir palavras novas no dicionário e que hoje é por vezes esquecida em meio a todas as dificuldades em torno de ser uma mulher negra pesquisadora.

Sempre fui uma criança curiosa, que vibrava com o novo, amava abrir o velho dicionário e fazer grandes listas de palavras desconhecidas que após encontrar os meus olhos e aquelas folhas rabiscadas de rascunho, ganhavam vida. Da mesma forma habitam meu corpo memórias da contação de história da minha avó, principalmente quando ela generosamente compartilhou o nome de minha trisavó Conceição. Assim como o encontro com as palavras do velho dicionário, encontrar o nome de minha trisavó fez com que ela automaticamente existisse em minha vida.

No auge dos meus 27 anos a possibilidade de ter tido uma trisavó torna-se concreta em minha vida e tudo isso graças à palavra, ao amor e à generosidade da partilha. O entusiasmo e o cuidado que aprendi a ter com as palavras fizeram parte da minha infância e me impulsionam a sempre buscar e experienciar mais. O papel da minha mãe, perguntando

quais eram as palavras que eu havia descoberto em minhas jornadas pela leitura, fazia ser ainda mais divertida minha busca. As memórias vivas de Vó Finha alimentam meu corpo e mostram a importância do amor em nossa existência mesmo e principalmente em tempos de dor.

Conceição Evaristo (2021) em uma de suas inúmeras entrevistas relatou que não cresceu em uma casa cheia de livros, mas em uma casa cheia de palavras. Compartilhando desta experiência, afirmo que em minha infância tive pouco ou quase nenhum acesso aos livros, mas as palavras, estas faziam parte do meu ser. E é por este motivo que sinto as palavras como estratégia de afirmação no amor, na educação, na vida. O cuidado com as palavras foi herança de mãe, a ousadia e coragem para gestá-las e colocá-las no mundo vem de vó, irmãs e sobrinhas – e o uso da palavra como tecnologia ancestral de existência vem de você.

Minhas mais velhas sempre orientam sobre a importância de não se esquecer de onde viemos, e não perder de vista os ensinamentos de nosso território. Elas alertam sobre os perigos da universidade, e orientam que eu pegue o papel e volte para casa, pois é lá que aprenderei os ensinamentos mais preciosos. Minha mãe, seguindo os passos de Vó Finha, sempre atenta, me resgata quando me sinto perdida nesse emaranhado de códigos e armadilhas da universidade.

Quando você fala da importância do entusiasmo na produção de conhecimento, ao passo que denuncia como as instituições de ensino têm se tornado projeto de exclusão e de aprisionamento do sujeito negro, consigo imaginar como seria potente seu encontro com minhas mais velhas. Imagino vocês horas e horas conversando sobre o fato de que as universidades, além de não estarem preparadas para nos acolher, tão pouco desejam nossas existências em seus espaços e fazem de tudo para impedir nosso acesso e nossa permanência.

Lembro-me de minha avó, mulher negra, parteira, benzedeira, responsável por muitos feitos em nossa comunidade, dizer que desde criança sonhou estudar, “em ser alguém”, mas teve seus sonhos impedidos pelas estruturas racistas que cimentam as instituições de ensino. Ela sentiu na pele os tentáculos do racismo e sempre que tinha oportunidade chamava minha atenção e assim não permitia que meu corpo se docilizasse e se desarmasse, pois ela conhecia bem as dores que este lugar poderia provocar.

As mulheres que me habitam me ajudam a não sucumbir na biblioteca da casa grande (universidades) e suas escritas, bell, me permitem respirar e me fortalecer dentro deste espaço. Sou cotidianamente lembrada e convocada a sankofar para o útero que me pariu, seja ele de minha mãe e/ou de minha comunidade.

O encontro das suas palavras com as palavras da minha avó, minha mãe, assim como de Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Patrícia Hill Collins e Sueli Carneiro sobre educação, mulheres negras e amor são acalanto. Foi a partir de vocês que pude refletir como a educação produzida dentro e principalmente fora da academia pode ser uma arma potente contra a colonização.

As palavras gestadas e paridas em seus textos são fundamentais para podermos nos encontrar, e assim conseguir ouvir os ecos das mulheres de nós. Quando Audre Lorde (2019) disserta sobre o uso da raiva frente ao racismo e Lélia Gonzalez (1984) denuncia as vicissitudes de ser mulher negra nessa sociedade racista, é como se um peso fosse tirado das minhas costas. Ainda sinto a vibração que tomou meu corpo quando encontrei tuas palavras pela primeira vez, foi um misto de acalanto com uma raiva transformadora. O questionamento de Sojourner Truth ainda ecoa em meu corpo. *E eu não sou uma mulher?* A potência da denúncia de Truth somada à sua escrita nos move, nos acolhe. As escritas de mulheres negras são como poesia e lança, agem como fortalecimento, proteção e cura.

Em seu livro *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo* (2019), fui acolhida toda vez que li sobre as experiências das mulheres negras na história. Admito que foi uma das leituras mais difíceis que fiz em minha vida, pois nos via em cada palavra de denúncia e reivindicação. Em vários momentos meu corpo pediu silêncio para assentar e respeitosamente parava e depois retornava a leitura – e lá se foram meses me rasgando e me reconstruindo. Quando finalizei o livro, a sensação de que finalmente eu poderia respirar tomou meu corpo, mas não era um respiro de alívio, era um respiro de que eu não estava sozinha e que a minha indignação não era do nada, e ali por um breve rascunho de tempo pude descansar.

Sinto suas palavras e elas vão encontrando um lugar especial em meu corpo-território, em meu coração, acomodando dores e desacomodando pensamentos já inquietos. Gosto de pensar que você e suas escritas me abraçam e me sacodem, como se me preparasse para tudo que posso encontrar. Você, como uma “mais velha” radicalmente amorosa, segue nos guiando e nos lembrando da potência do encontro de nossas palavras. Ciente de que escrevendo para você, escrevo para todas nós, peço-lhe a bênção e lhe agradeço, reafirmando que a sua existência será sempre vivida em nossos corpos-memória. Com isso me despeço, com a certeza de que nossos corpos transatlânticos, ora ou outra, vão voltar a se encontrar.

Um até logo carregado de denço e de um desejo de que você descanse.

Com amor, Marlete Oliveira.

## Referências

BÂ, Amadou Hampatê. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (ed.). *História geral da África, I: metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, v. 2, n. 1, 1984, p. 223-244.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2019.

LORDE, Audre. Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo. In: LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019 [1984]. p. 155-167.

RODA VIVA. "Eu não nasci rodeada de livros, eu nasci rodeada de palavras", diz Conceição Evaristo. Youtube, 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5UsChokd6sU>.

SOMÉ, Sobonfu. *O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*. São Paulo: Odysseus, 2007.

---

## Um encontro entre bell hooks e minha Yabá

Tarine Silveira Bialeski  
Graduada em Ciências Biológicas (UFRGS)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0843791227031218>  
E-mail: [ninebialeski@gmail.com](mailto:ninebialeski@gmail.com)

**Resumo:** Esta carta é inspirada no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Como o amor reflete nos fazeres de uma professora? Memórias para encantar os processos de ensino-aprendizagem (2022)*. Neste, apresento minha experiência como mãe, aluna, professora e mulher de terreiro, e dialogo cenas de minha memória a partir dos ensinamentos de bell hooks. Para esta escrita, escolho apresentar minha relação com Oxum e como o amor desta tem modificado meu ser e minha docência.

Querida bell hooks,

Como você está? Com esta carta quero te contar do meu encontro com Oxum e de como ela me ensinou sobre um tema que é muito caro pra ti: o amor. Retirei o conteúdo dessa carta de meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), na Licenciatura em Biologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Meu trabalho tem um título que queria compartilhar contigo: *Como o amor reflete nos fazeres de uma professora? Memórias para encantar os processos de ensino-aprendizagem (2022)*. Eu aposto no amor, no amor como ação, como aquilo que fazemos e, a partir dos teus ensinamentos, quero compartilhar o que venho aprendendo com Oxum, minha Mãe. Então, o relato que compartilho contigo é de celebração do amor, do amor com minha Mãe.

Oxum me ensina que para ir pra guerra é preciso de autoamor e autocuidado, porque quem cuida, antes de tudo, tem que estar bem.. Aos poucos vou aprendendo mais sobre a umbanda e é através da história oral que o conhecimento vai se construindo, é através da vivência dentro do Terreiro com as minhas Mães de Santo e com minhas irmãs/ãos que me aproximo das entidades que me acompanham e assim me fortaleço. Desde criança escuto os rituais de batuque, digo batuque por causa do som, pois dentro das religiões de matriz africana, batuque está mais ligado à Nação (Orixá) que é uma religião trazida pelos negros escravizados, sofreu adaptações e hoje é considerada uma religião afro-brasileira, do que à Umbanda (Caboclo) que é uma religião brasileira marcada pelo sincretismo das religiões católica, espírita e afro-brasileiras.

Conheci alguns terreiros durante a minha vida, o som do tambor funcionava como um verdadeiro chamado. Eu ficava fascinada com a gira, com a roda, com as canções. Sentia o coração aquecer e as lágrimas rolares muitas vezes com alguns pontos, sentir a benção das

entidades é algo maravilhoso, mas nunca tinha sido iniciada. Lembro de um dia me falarem que eu era filha de Oxum e Ogum, e para mim foi tão lindo, porque se meus genitores terrenos não me aceitaram como parte deles, ao menos eu tinha Mãe e Pai espirituais, então ficou tudo bem.. Essa consciência só veio neste tempo aqui de escrita, que também foi o tempo de acontecer o ritual da minha iniciação dentro da casa de Xangô Ibeji e Oxum Docô, pelas mãos das Mães Deise e Mãe Carol, no dia 12 de agosto de 2022. Esse ritual aconteceu com uma cerimônia de lavagem da minha cabeça com ervas e a chegada dos caboclos. Como uma boa filha de Oxum, estava chorando antes mesmo de tudo começar, havia em mim o sentimento de morte e renascimento, renasci com uma Mãe que é só amor.

Durante um período muito duro e dolorido na minha vida, encontrei forças em uma casa de Ogum, Ogum guerreiro, os atendimentos sempre variam de casa para casa, e lá funcionava como um posto de saúde mesmo, pegava ficha e aguardava a vez para ser atendida. Eu não conseguia lidar com a dor da separação do pai do Guilherme, meu primeiro filho, e procurava esperança com o Pai Ogum.. Um dia ele me disse: “filha, a felicidade tá aí dentro, e tu vai encontrar ela, ainda vou ver a senhora sorrir novamente”; eu me sentia confortada através daquelas palavras. Os dias iam passando, e aos poucos fui juntando meus pedaços e me refazendo em cada passe que recebia. Outras vezes ficava sabendo de alguma festa em outro terreiro, geralmente as datas sincréticas do catolicismo, são também comemoradas na Umbanda, como o dia de Ogum, é o mesmo que de São Jorge, o dia de Iemanjá, é o mesmo que a Nossa Senhora dos Navegantes, então lá estava eu para homenagear eles e cantar junto...

Eu tenho sete espadas pra me defender,  
eu tenho Ogum em minha companhia  
Ogum é meu Pai  
Ogum é meu guia  
Venha com Deus  
e a virgem Maria  
Ogum!  
Ogunhê!

Hoje, cada vez que lembro desse tempo, sinto o calor do ferro de Ogum ferver nas minhas veias, pois sei que meu Pai estava comigo. Depois que consegui me libertar da relação com o ex-marido, também acabei me afastando da religião. No bairro em que fui morar não havia muitos terreiros e os que eu conhecia ficavam muito perto do lugar que eu precisava abandonar. Quando conheci o meu companheiro atual, o João Pedro, ouvi muitas falas preconceituosas com relação a religião dos batuques. Alguns signos explicam muito, como o fato dele ser branco, morar em uma casa boa, fazer parte de uma “família tradicional

brasileira” e se dizer católico. Mas eu sou como as águas doces de Oxum são, o rio é calmo, mas não é manso. E essa Yabá (Mãe), sabe contar carço nas asas do tempo, porque entende as esperas.

Logo a vida foi trazendo ensinamentos para o meu companheiro. Uma vez ele fez um serviço para a Deise, esse serviço durou alguns dias, então tiveram muito tempo para conversar, e eles se acharam, conversaram tanto, ao ponto da Deise falar sobre religião e dizer que era uma Mãe de Santo. Olha como são as coisas, logo, ela convidou ele e o convite se estendeu para mim e para nossa filha Flávia. O convite era para participar de uma mesa de Cosme, a mesa dos inocentes, um ritual muito bonito, onde é colocado um pano no chão e servido comidas de todos os tipos, principalmente as comidas que crianças gostam, então as crianças se sentam na volta e são servidas com o axé da mesa farta. Nesta cerimônia, acontece a chegada dos Orixás para orientar e depois as entidades crianças também chegam; os erês descem para participar, é muito lindo de ver. Eu adorei o convite, e me senti tão bem ali naquele terreiro, conheci as Mães de Santo, Mãe Carol de Oxum Docô e Mãe Deise de Xangô Ibeji; duas mulheres que são companheiras de vida também, e lá estava parte da minha família vivenciando aquele momento comigo, com vários aprendizados, quase como uma pílula ingerida: um terreiro de umbanda, com duas Mães lésbicas e o batuque.

Desde que decidi me iniciar dentro do terreiro, meu autoconhecimento tem me trazido coisas boas, eu não me sinto só, tenho as pombas-giras e os exús, as caboclas e caboclos e tantas outras divindades para as quais ainda estou sendo apresentada. Quando retornei para esse mundo da espiritualidade, também queria que tudo o que estava me atravessando fosse acolhido, pensei nisso diversas vezes, então faria total sentido a minha religião ser a umbanda/nação para que eu pudesse realmente me tornar uma mulher negra de pele clara, e afirmar minha negritude, pois foi através da fé que o povo negro trazido de África pôde resistir. No momento em que iniciei as leituras dos meus referenciais teóricos, e meus olhos tiveram o privilégio de ler a tese da Paula (2019), que falava da relação dela e de outras mulheres com os orixás, eu pude transbordar as janelas da alma, as águas dos rios de Oxum, que correm dentro de mim, foi nesse instante que minha Mãe entrou com força para me guiar neste trabalho de cura.

O candomblé transcende a ideia de religião, por implicar numa organização social que se pauta em lógicas distintas do que o projeto colonial impôs, como o individualismo. A cooperatividade é um valor que garantiu a capacidade de sobrevivência do povo negro em diversos momentos de violência extrema (Gonzaga, 2019, p. 151).

As palavras têm um poder muito grande, mas só quando as entendemos, e para mim escutar a palavra ancestralidade era confuso. Em todos os escritos sobre a religião, ouvia dizer que era preciso fazer um resgate da ancestralidade; poxa, mas ancestralidade não é pai, mãe, avô e avó, primos? Sim.. E eu não tenho isso presente. Lendo o Daniel (Munduruku, 2015) entendi que a ancestralidade também pode ser a nossa ancestralidade como seres humanos, pois ela é um movimento circular e não precisa ser só sobre o passado. Só posso pensar naquelas que vieram antes de mim, e que hoje me dão espaço para estar aqui, mas também nas próximas que virão. Ótimos ensinamentos e entendimentos eu tive com o Daniel (2015), que é indígena, assim como os caboclos que eu tanto amo. “Na verdade a gente aprende que não existem coisas insignificantes e que todos os seres vivos fazem parte da grande teia da vida, da qual não somos donos, mas apenas um de seus fios” (Munduruku, 2015, p. 16).

Mexeu demais em mim quando li na tese da Paula Gonzaga (2019, p. 145) sobre eu ser a ancestralidade dos meus filhos. Naquele momento eu desaguei, as lágrimas rolam até mesmo escrevendo agora, porque é forte em mim, e eu sou assim, transbordo quando as emoções tomam conta do meu corpo; dizem que filhas de Oxum são choronas, mas também enxergamos a vida com a profundidade das emoções. Isso não me torna frágil, me traz força e sabedoria para ver quantas vidas eu posso tocar, quais marcas vou deixar, tanto na/o minha/meu filha/o quanto nas/os minhas/meus alunas/os. Vi a lindeza em ser a ancestralidade de alguém, por que me orgulho das coisas que estou fazendo, e sim eu quero mudar o meu mundo e de outras pessoas, aqui eu encontro minha Yabá Oxum, bato cabeça e celebro minha vida com Oxum.

Nesse mundo ou na religião, tudo é novo para mim, e me sinto uma criança, observando tudo o que acontece dentro da casa/terreiro. Quando temos os compromissos, como as segundas-feiras, que são os dias de trocar os ecós do quarto de Santo e da casinha do Bará, fico como se estivesse em prece, e talvez seja isso mesmo, todo o trabalho na casa, como desde os preparos dos padês que são as comidas dos exús, até a limpeza das casinhas, do congá (lugar onde ficam as imagens das entidades da Umbanda), esse trabalho é doação, é estar presente. Quando estou lá dentro, sempre penso nas coisas boas que posso fazer pelas pessoas, que meu corpo e minha energia se transformem em instrumento para levar conforto a quem precise, mas também para celebrar a vida, e nesse observar e aprender volto lá para sala de aula, pois também aprendo e observo, troco conhecimento, e quero fazer o bem através daquilo que sei, e penso que também serei ancestralidade dos meus estudantes, quem não teve aquela ou aquele professor que nos tocou profundamente?

Nas lições das divindades, o que precisamos saber é que não temos o Orixá ou caboclo que nos dará tais características, mas sim aquele que precisamos para conseguir evoluir nas nossas batalhas internas e que nos apoie. É no meu processo de cura que encontro a minha Yabá Oxum.. Durante um tempo, me afastei de mim, esqueci meus valores e de alguma forma continuei, tinha perdido o amor próprio, tratava bem os outros, era sempre gentil e carinhosa, cuidadosa com os outros, mas comigo mesma não era. E hoje consigo ver o que a minha Yabá fez por mim, nunca me abandonou, sempre me levantou do chão, antes mesmo que os outros pudessem me ver caída. Oxum me ensina a lutar, me ensina a dizer: Não: “Se algo te ferir, tu tem o direito de dizer: não!”. Me ensina que se esses não forem os olhos que me vejo, será inútil qualquer outro amor, pois sei que sempre serão insuficientes, cuidar dos outros antes de cuidar de mim é carência e desespero. Hoje eu celebro o amor de Oxum dentro de mim, e ele transborda por onde eu passar, por onde eu tocar. Ora Yê Yê Osún!

Foi na beira do rio  
Aonde Oxum chorou,  
Chora Yê Yê Oh!  
Olhai os filhos seus.

Querida bell hooks, espero que tenha gostado de saber como o amor tem operado em minha vida e o como ele se manifesta plenamente quando me encontro com minha Yabá. Vocês têm operado em minha docência de uma forma tão intensa e de uma maneira tão profunda que preciso celebrar e agradecer. Sonho com vocês uma sala de aula como um lugar de verdadeira conexão com os corpos presentes, com o meu corpo presente, este que se movimenta, pensa, sente, se emociona, que transborda. Tudo dentro da sala de aula importa, os meus desejos e das/os minhas/meus alunas/os, as minhas histórias e as das/os minhas/meus alunas/os.

Quero construir com eles mais e mais histórias boas, ofertar o meu olhar e meu carinho, ofertar em abundância o amor que eu escolhi, assim como uma oferenda que faço dentro do terreiro para minha Mãe Oxum, quando eu peço doçura e amor na vida, e ela me dá todo o seu amor, e eu dou para os meus. É essa a ideia de futuro que eu tenho para oferecer, o lugar onde sou alimentada, e alimento os meus.

Encerro essa carta possível, enquanto cuido dos meus filhos, enquanto pego o ônibus para trabalhar, enquanto limpo minimamente meu lar, enquanto velo o sono da minha pequena criança com febre, enquanto choro a prova em que não fui bem, e sinto o medo da possibilidade em não me formar logo; pois a minha independência financeira depende deste

diploma. É com tudo isso na cabeça que escrevo o meu desejo de uma sala de aula onde o amor está Presente.

Um forte abraço, Tarine.

## **Referências**

BIALESKI, Tarine. *“Como o amor reflete nos fazeres de uma professora? Memórias para encantar os processos de ensino-aprendizagem”*. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2022.

GONZAGA, Paula, R. B. *"A GENTE É MUITO MAIOR, A GENTE É UM CORPO COLETIVO": Produções de si e de mundo a partir da ancestralidade, afetividade e intelectualidade de mulheres negras lésbicas e bissexuais*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. *O banquete dos deuses: conversa sobre a origem e a cultura brasileira*. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

---

## **Carta de uma mulher negra e lésbica que tem aprendido a sobreviver, escrever e cartografar**

Roberta da Silva Gomes  
Mestranda em Psicologia Social e Institucional (UFRGS)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0955671927975538>  
E-mail: robertadasg@gmail.com

Querida bell,

Escrevo essa carta para ti hoje, dia 14 de outubro de 2022, em Belo Horizonte/MG, exatamente um mês após ter vivenciado o I Fórum Nacional de Psicólogas/es Negras/es (I FNPN), organizado pela Articulação Nacional de Psicólogas/es Negras/es e Pesquisadoras/es (ANPSINEP) durante a programação do XII COPENE (Congresso Brasileiro de Pesquisadoras/es Negras/os), ocorrido em Recife/PE. Contextualizando, dia 14 de setembro, quando ocorreu o I FNPN, foi também meu aniversário, o primeiro em que pude passar aquilombando-me junto com as minhas e os meus pares.

Sou uma mulher negra, lésbica, psicóloga, filha de um casal inter-racial – mãe branca, pai negro – nascida e criada no sul do Brasil, mais precisamente em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, estado fortemente colonizado por alemães e italianos. Ainda, meu pai foi adotado por uma família de brancos, sendo eu e ele os únicos negros. Meus pais se separaram quando eu tinha quase dois anos. No começo eu tinha uma convivência mais regular com meu pai, o que não se sustentou durante muito tempo e, com o passar dos anos e com o meu crescimento, foi diminuindo exponencialmente.

A minha primeira referência de negritude deveria, ou poderia, ter sido o meu pai, porém, por diversos fatores, nunca houve essa relação entre nós. Cresci no interior da minha família materna branca, em um bairro branco, estudando em escolas privadas brancas, convivendo com crianças brancas, sendo cuidada por pessoas brancas, desejando muitas vezes ser branca. Afinal, todas as minhas relações e inserções sociais eram brancas, eu não tinha outras referências que não as brancas que me foram apresentadas desde o nascimento.

Tem uma história que eu gosto muito de utilizar para ilustrar esse “desejo de ser branca”: durante vários anos da minha infância e adolescência no dia do meu aniversário eu alisava o meu cabelo, que é afro, um cabelo crespo de tipo 3C e 4A, pois eu vivia imaginando como seria poder passar as mãos nos cabelos e elas deslizarem por entre os fios – como acontece com as pessoas que têm cabelo liso. Hoje entendo o quão violento isso era comigo, uma criança, que desejava se embranquecer na expectativa de sentir-se pertencente.

Quando eu tinha 11 anos a minha mãe começou a se relacionar com o meu padrasto, também um homem negro. Naquela época eu ainda não me entendia enquanto uma pessoa negra. O meu processo de tornar-me negra ocorreu, ou melhor, iniciou, do meio para o final da graduação, mas só foi ganhar força quando já psicóloga comecei a me aproximar do movimento negro dentro da Psicologia. Fui também uma adolescente que pouco se sentia pertencente nos meios em que circulava, eu não entendia muito bem o porquê, só sabia que aqueles lugares brancos nos quais eu estava inserida não desejavam a minha presença, tampouco eu desejava estar neles. Hoje, com outra consciência racial, entendo que sofri muito racismo durante a infância e adolescência, e que vários sofrimentos psíquicos foram oriundos destas violências raciais.

No começo de 2016, logo após me formar, comecei a militar no que viria a ser, em 2018, um coletivo “feminista” – cheio de contradições, a começar por ser dirigido por um homem branco, heterossexual, cisgênero – tendo permanecido vinculada ao mesmo até o começo de 2020. Fiquei quatro anos vinculada a este grupo, que muitas vezes foi extremamente violento, invasivo, autoritário, machista e racista comigo. Vivi muitas situações difíceis, desde um relacionamento que terminou comigo sendo perseguida pela minha ex-companheira (militante do mesmo coletivo), por ela não ter aceito o término, até ter maconha – que pertencia a uma mulher branca, loira, universitária – enxertada pela polícia militar em minha mochila e ter respondido um processo criminal por posse de drogas. Passando por ter sido demitida, me ver sem perspectiva dentro da profissão e em um processo de bastante adoecimento psíquico.

Esse período turbulento da minha vida não se encerrou no começo de 2020, quando me desliguei da organização, mas sim agora, no ano de 2022, quando qualifiquei o meu projeto de mestrado, no qual através de cartas eu compartilho parte dessas histórias, em uma perspectiva de escrita de autorrecuperação, como aprendi contigo, bell.

Desde muito nova eu aprendi que seria preciso “erguer a minha voz” para ser escutada e respeitada – mesmo que eu só tenha entendido o termo e o que ele representa recentemente. Eu não sabia exatamente o porquê disso, mas entendia que quando eu erguia a minha voz, conseguia me fazer ouvir, ainda que na maior parte das vezes fosse chamada/lida como uma mulher grossa, raivosa, que não conseguia conversar. Paradoxalmente, entre os anos de 2016 e 2021 eu acabei me anulando de diversas formas. E isso eu só fui começar a entender no final de 2021: quando passei a me reaproximar da minha espiritualidade, a pensar no que eu gostava de fazer para me divertir, para relaxar; quando lembrei que eu amo escutar música e ir a shows, mas deixei esse hábito de lado naqueles anos. Em alguma

medida, sinto que ainda estou descobrindo quem eu sou, do que eu gosto, e o que faz sentido para mim.

Com isso, eu retorno ao começo da carta, quando falava do COPENE. O que eu senti durante minha passagem por Recife foi muito intenso e segue, um mês depois, reverberando em mim. Hoje é a primeira vez que estou sentando para escrever sobre essas vivências. No congresso pude encontrar pessoalmente duas professoras negras que estavam presentes, de forma remota, na minha banca de qualificação do mestrado, o que foi muitíssimo especial e emocionante. Pude reencontrar pessoas que eu já tinha conhecido pessoalmente, abraçar, rir, chorar. Conheci muitas pessoas novas e também conheci pessoalmente muitas que eu só via nas telas durante os últimos dois anos. No evento de abertura do congresso que ocorreu na concha acústica da universidade que sediava o evento, vi um mar de gente preta, algo que eu nunca tinha visto antes: tantas pessoas pretas, de várias áreas do conhecimento, pesquisadoras, reunidas em um evento acadêmico.

Pisar naquela cidade me trouxe um sentimento de pertencimento que eu só havia sentido antes em Salvador/BA – em janeiro/fevereiro do presente ano, quando passei 15 dias em férias. Uma sensação de que aquele chão, aquela terra era o meu lugar. Era como se eu estivesse voltando para um lugar conhecido, sem nunca antes ter vivenciado aquilo, e de alguma forma eu realmente estava, pois aquela terra foi pisada, habitada, construída, povoada, pelos meus ancestrais. Aquela terra que respira uma cultura afro-brasileira e que reverencia e respeita a ancestralidade que habita este país.

O que eu senti ao caminhar pela cidade, conhecer lugares históricos, estar com as pessoas pretas que habitam não só Recife, mas outras tantas regiões do país, me trouxe uma sensação de finalmente ter encontrado uma possibilidade de me conectar com um determinado espaço físico. Foi como se ali eu estivesse diretamente ligada à minha ancestralidade, à minha origem, à cultura preta, aquela mesma que eu contei acima que anulei durante muitos anos.

Eu sempre gostei muito de comemorar o meu aniversário, desde criança, sempre foi uma data importante para mim, juntar várias pessoas que eu amo e tenho afeto, de uma só vez e, ainda, para comemorar a minha vida! Só que nos últimos três anos não tinha sido possível celebrar, pois em 2019 estava muito deprimida e em 2020 e 2021 por conta da pandemia de COVID-19. Eis que em 2022, mais do que a possibilidade de comemorar o meu aniversário, eu tive a possibilidade de passar o dia todo cercada de pessoas pretas que eu amo, admiro e quero perto de mim. Pessoas pretas que são referências, inspirações, que se fortalecem no coletivo e que respiram luta. Vivenciar a potência de um verdadeiro

aquilombamento compartilhando conhecimento, vivências, sonhos e sorrisos com estas pessoas, enquanto comemorava os meus 31 anos, foi especial demais.

Antes de ir para o COPENE os meus dias vinham sendo muito pesados, muita violência racial dentro da academia, muita dificuldade em circular e ocupar os espaços da cidade onde moro, de me sentir pertencente e de acreditar, ou mesmo enxergar, potência na realidade em que vivo. Os dias em Recife me fizeram retomar o esperançar na construção e sustentação de uma comunidade de cuidado, de amorosidade, de possibilidades de existência e de afetos. Possibilitaram-me uma conexão com a minha origem, com a minha pertença, com aquelas que vieram antes de mim e também com todas as que virão depois de mim. O que me faz lembrar de um trecho escrito por ti, no *Erguer a Voz*:

Dominação e colonização tentam destruir nossa capacidade de conhecer o eu, de saber quem somos. Nós nos opomos a essa violação, essa desumanização, quando buscamos a autorrecuperação, quando trabalhamos para reunir os fragmentos do ser para recuperar nossa história. Esse processo de autorrecuperação permite que nos vejamos como se fosse a primeira vez, pois nosso campo de visão não é mais configurado ou determinado somente pela condição de dominação (hooks, 2019, p. 78).

O que eu (re)descobri durante os dias de congresso também faz parte do meu processo de autorrecuperação, de me enxergar através de lentes outras que não as da dominação e da colonização, mas através de uma comunidade, negra, de psicólogas e psicólogos que compartilham comigo os mesmos sonhos, os mesmos desejos: de que ocupemos cada vez mais espaços que são nossos por direito, que sejamos potência para existir e resistir nesta sociedade supremacista branca, capitalista e patriarcal, que possamos produzir saúde e pertencimento para o nosso povo através de uma ética do amor e de uma construção em comunidade.

Estou encerrando esta escrita no dia 15 de outubro, dia em que se comemora a existência das professoras e dos professores no país. Não poderia ser mais simbólico, já que eu estar onde estou hoje, perpassa, necessariamente, por todos os aprendizados e trocas que tenho tido a possibilidade de viver dentro da sala de aula. Nas trocas com as professoras que têm me acompanhado e também com as e os colegas que caminham ao meu lado e que acreditam junto comigo, e inspiradas/os nos teus ensinamentos, em uma pedagogia engajada, em comunidade e cheia de afeto.

Com amor e esperançar,

Roberta.

Belo Horizonte/MG, 15 de outubro de 2022.

## Referências

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

HOOKS, bell. *Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

---

## Carta para bell hooks: práticas de esperança e de transformação social inspiradas nos feminismos negros

Camila Dutra dos Santos  
Mestranda em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.  
Especialização em Saúde da Família e da Comunidade  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1484860942568489>  
E-mail: [camyladutra@gmail.com](mailto:camyladutra@gmail.com)

**Resumo:** Este texto é uma carta para bell hooks em que conta do meu encontro com ela e da importância da mesma em minha vida, sendo o amor o eixo que conduz esse encontro e trago algumas reverberações deste no meu cotidiano.

Querida bell hooks,

Te escrevo essa carta para expressar a importância que tu tem em minha vida e para dizer o quanto sou grata por tua existência e generosidade em compartilhar conosco tanto afeto e conhecimento. Vou me apresentar brevemente: sou a Camila Dutra dos Santos, uma mulher cisgênera, negra, bissexual, filha de Laudelina e Irineu, irmã de Beatriz, Juliana, Daniel e Jeferson, tia de Luciane e Isabel. Minha mãe é uma mulher muito valente, passou por muitas situações de violência e precarização, assim como meu pai, que trabalha desde a infância, e sempre procurou formas de driblar a pobreza.

Ambos se empenharam muito para serem os melhores pais que puderam ser. Mas apesar de todos os esforços deles de nos protegerem, a violência do racismo cotidiano em todas e todos nós deixou suas marcas. Eu costumo dizer que uma das grandes perversidades do racismo é incutir em nós, pessoas negras, uma dúvida sobre quem somos, nos levando a acreditar nas narrativas racistas.

No meu processo de me tornar uma mulher negra (Souza, 2021) eu tive a oportunidade de te conhecer, e isso foi extremamente revolucionário em minha vida. Recordo do primeiro texto seu que eu li, *Vivendo de Amor* (hooks, 2010). Nossa, esse texto mexeu tanto comigo! E toda vez que o revisito, como agora para te escrever essa carta, me deparo com algo que ainda não havia pensado, e sempre tenho a sensação de que você escreveu ele pensando em mim, como se me conhecesse.

Voltando à primeira vez que o li, me questioneei sobre como me sentia em relação ao amor e como o sentia em mim. Fiquei em choque ao perceber o quanto “muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor. Essa é uma de nossas verdades privadas que raramente é discutida em público. Essa realidade é tão dolorosa que as mulheres negras raramente falam abertamente sobre isso” (hooks, 2010). Sim, bell, esse era

um dos meus segredos: sentir que existia pouco amor em minha vida. Era quase como se eu me sentisse indigna de ser amada, além de eu ter uma compreensão distorcida sobre o amor, em que entendia que eu precisava me entregar quase que por inteira para as outras pessoas.

Você me ensinou que o amor é expresso por meio do sentimento e da ação (hooks, 2010), e que posso desenvolver esse amor por mim, inicialmente através de ações de cuidado, que passaram pelo meu corpo. Sabe bell, em minha família tínhamos o hábito de tentar dar conta de tudo (casa, trabalho, pessoas) e nos deixar em último plano, inclusive no que se refere à nossa saúde. Só buscamos ajuda profissional quando chegava em um nível tão grave que não tinha como evitar ir ao hospital.

Ao te conhecer fui entendendo que isso também era resultado do racismo e do neoliberalismo, que nos ensina que nossa prioridade é estar a serviço e que podemos nos deixar para depois, e desde então venho aprendendo a cuidar de forma preventiva da minha saúde, com cuidados muito básicos, como realizar todas as refeições, cuidados com minha higiene, atividade física, até cuidados mais complexos, como pedir ajuda para pessoas próximas e demonstrar minhas vulnerabilidades.

Tenho contado para minha família sobre o que venho aprendendo contigo e buscando compartilhar os teus ensinamentos com pessoas que atendo. Nem te contei isso antes: eu sou psicóloga! Uma das coisas que admiro em mim é minha capacidade de aproveitar as oportunidades que tenho, e o acesso à graduação através do PROUNI foi uma delas. Eu sou a primeira pessoa da minha família nuclear que acessou o ensino superior, e pelo que sei da minha família materna também. Eu acho isso triste e potente – triste por ser algo que ainda hoje poucas pessoas têm acesso e a permanência na Universidade é bem difícil, especialmente para nós pessoas não brancas; e potente por acreditar que posso inspirar e abrir caminhos para outras pessoas, assim como muitas outras fizeram antes de mim, me possibilitando estar aqui, inclusive te escrevendo essa carta.

Bom, eu estava falando sobre o amor e acho que tudo isso se relaciona com o amor, porque como tu nos ensina, o amor é mais do que sobrevivência, “é ter condições para viver plenamente” (hooks, 2010). Tu nos conta da importância de conhecermos nossa vida interior e nos deparar com nossas emoções. Eu tenho dito de forma recorrente na minha terapia que gosto de sentir as coisas de forma intensa, que acho que isso me humaniza, o que vai na direção da vida, do movimento e do amor.

Muito obrigada, bell, por ter me dito que:

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas

sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura (hooks, 2010).

Finalizo essa carta compartilhando contigo a letra de uma música que eu gosto muito e acho que conversa muito com os teus ensinamentos. É uma música do Emicida, chamada Principia (2019):

Vejo a vida passar num instante  
Será tempo o bastante que tenho pra viver?  
Não sei, não posso saber  
Quem segura o dia de amanhã na mão?  
Não há quem possa acrescentar um milímetro a cada estação  
Então, será tudo em vão, banal, sem razão?  
Seria, sim, seria se não fosse o amor  
O amor cuida com carinho, respira o outro  
Cria o elo, o vínculo de todas as cores  
Dizem que o amor é amarelo  
É certo na incerteza  
Socorro no meio da correnteza  
Tão simples como um grão de areia  
Confunde os poderosos a cada momento  
Amor é decisão, atitude, muito mais que sentimento  
Alento, fogueira, amanhecer  
O amor resgata a dignidade do ser  
É espiritual  
Tão carnal quanto angelical  
Não tá no dogma ou preso numa religião  
É tão antigo quanto a eternidade  
Amor é espiritualidade  
Latente, potente, preto, poesia  
Um ombro na noite quieta  
Um colo pra começar o dia  
Filho, abrace sua mãe  
Pai, perdoe seu filho  
Paz é reparação, fruto de paz  
Paz não se constrói com tiro  
Mas eu miro, de frente, a minha fragilidade  
Eu não tenho a bolha da proteção  
Queria eu guardar tudo que amo  
No castelo da minha imaginação  
Mas eu vejo a vida passar num instante  
Será tempo o bastante que tenho pra viver?  
Eu não sei, eu não posso saber  
Mas enquanto houver amor, eu mudarei o curso da vida  
Farei um altar pra comunhão  
Nele eu serei um com o mundo até ver o Ubuntu da emancipação

Porque eu descobri o segredo que me faz humano  
Já não está mais perdido o elo  
O amor é o segredo de tudo  
E eu pinto tudo em amarelo (Emicida, 2019).

Eu concordo, o amor é o elo de tudo, por isso o amor é *AmarElo* e é ele quem dá sentido para minha vida, que me move, inclusive que me faz escrever, fazer clínica e estar no mestrado. bell, tu faz parte disso, muito obrigada!

Cachoeirinha, 15 de outubro de 2022.

## Referências

EMICIDA. Principia. In: EMICIDA. *AmarElo*. Rio de Janeiro: Laboratório Fantasma; Sony Music, 30 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F7NLszOcZtA>. Acessado em: 15 de outubro de 2022.

HOOKS, bell. *Vivendo de Amor*. Portal Geledés, 09 de março de 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acessado em: 15 de outubro de 2022.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

---

## Para bell hooks: dos seus ensinamentos ao exercício das práticas cotidianas do tornar-se pesquisador

Pedro Henrique Machado

Psicólogo formado pela Universidade Federal de Santa Maria; mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Bolsista CAPES.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5506528993839321>

E-mail: machado\_ph@outlook.com

**Resumo:** Nesta carta, destinada à teórica feminista negra bell hooks, escrevo sobre os atravessamentos provocados pela leitura de seus escritos. Parto das reflexões que surgiram a partir de três obras da autora: *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (2017); *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática* (2020) e *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança* (2021). Aliada às reflexões que emergiram a partir da leitura dessas obras estão as reflexões realizadas no desenvolvimento do projeto de pesquisa de mestrado intitulada *Racismo no ensino superior: o impacto na formação e trajetória de profissionais negras e negros*. O tecer dessa carta representa que as proposições éticas-políticas-epistemológicas propostas por bell hooks reverberaram de forma arrebatadora, vislumbrou-se no horizonte a transformação do sistema de ensino supremacista branco e os caminhos para a educação como prática da liberdade.

Olá, querida bell hooks!

Escrevo esta carta em uma noite quente de primavera. Hoje as estrelas se esconderam, o céu negro me faz companhia e abre caminho para que eu possa transbordar os afetos que você despertou. São 23 horas e 48 minutos, pela varanda do meu apartamento eu vejo um bairro vizinho todo iluminado, se olhar um pouco mais para a minha direita verei uma pequena “floresta” de araucárias que bailam a sinfonia orquestrada pelo vento. É no balançar da copa das árvores que começo a pensar: o que eu vou conseguir lhe falar? São tantos atravessamentos, tantas inquietações, tantos aprendizados proporcionados. Sim! Fui arrebatado pelas palavras certas, como a flecha de Oxóssi, que você nos presenteou. Sou muito feliz por esse presente, por tê-la como uma parte importante do meu processo de construção e formação ética-política-epistemológica.

Bem, quero contar que ando na sua companhia desde que iniciei minha caminhada pelo mestrado em Psicologia Social e Institucional na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2021. Às vezes nem acredito que cheguei até aqui; eu, o filho da artesã negra que estudou até a quarta série do ensino fundamental, que sofreu diversas violências racistas e por isso resolveu parar de estudar – hoje entendo que para minha mãe essa foi a salvação para aguentar a dureza da vida. Ela ainda não consegue verbalizar o sofrimento que o racismo nos causa, mas eu consigo e por isso hoje pesquiso sobre o seu impacto no nosso cotidiano acadêmico e profissional.

Quando cheguei no mestrado, comecei a ler *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade* (2017b) e escrevi a você um bilhete, nele eu dizia:

Olá, bell hooks! A necessidade de ensinar com amor é urgente, principalmente nos tempos em que vivemos. Fiquei curioso e reflexivo a respeito de como ensinar demonstrando amor e paixão em um tempo tão atípico, no qual nossas relações são mantidas através de uma tela. Sinto-me em episódio distópico de “Black Mirror”.  
Pedro Henrique Machado – 28 de abril de 2021.

Essa inquietação ainda persiste, como ensinar demonstrando amor e paixão? Hoje percebo que não foi o tempo atípico da pandemia de Covid-19 que nos obrigou a estabelecer novas formas de relações humanas, que fez com que a falta de amor e paixão na ação de ensinar surgisse. O ensino com amor se tornou uma tarefa difícil porque ainda não “enxergamos a sala de aula como um lugar onde professores e estudantes podem compartilhar a sua ‘luz interna’” (hooks, 2020b, p. 48), não se ensina com amor, porque entende-se que o amor não pode entrar na sala de aula universitária, pois as estruturas verticais de autoridade “precisam” ser mantidas nas salas de aula. Por isso, “é impossível que a educação aconteça em um contexto em que as relações sociais são estruturadas por um modelo de disciplina e castigo” (hooks, 2020, p. 175).

Dentro desse ambiente de ensino, onde o pensamento disciplinar branco se coloca imperativo, o caminho da escrita torna-se árduo. Nos foram retirados a autoestima e o reconhecimento de que o nosso trabalho é bom, fizeram-nos pensar que a língua não era um local de resistência, mas com sua companhia pude sentir que entende a “língua como local de resistência” (hooks, 2017a, p. 227), deixando o percurso mais leve. A fala, a escrita, o pensamento, tudo é língua e resistência, e então sigo com mais força porque durante o processo de construção da dissertação tenho os seus ensinamentos como fio condutor das reflexões; sou conduzido a partir dos seus escritos para a reflexão sobre como a academia supremacista branca vai lançando mão de estratégias diversas para que nós, pesquisadores negros e negras, acreditemos que o que temos para falar não tem relevância, que somos muito militantes e pouco intelectuais.

Chegamos, querida bell. Estamos ocupando as universidades e produzindo epistemologias. Porém, mesmo que estejamos conseguindo construir outros lugares para pensar, o modo de ensinar, hegemonicamente branco, segue sendo um choque para nós, é como você nos falou: “ao ascender nos espaços tradicionais do ensino superior, mais uma vez os estudantes se veem em um mundo onde o pensamento independente não é incentivado” (hooks, 2020a, p. 32). Poucos são os espaços universitários que potencializam o pensamento independente. No entanto, para nós a educação é uma preciosidade transformadora; para nós

pessoas negras, a “educação tem a ver com prática da liberdade” (hooks, 2017b, p. 13). Não a liberdade colonial e escravocrata que nos coagiram a acreditar como única e redentora, mas a liberdade que resgata tudo aquilo que nos foi tirado durante séculos de tráfico e escravização de africanos capturados, sequestrados e violentados.

A chegada foi possível porque houve muita luta dos movimentos negros. Sabe, bell hooks, as ações afirmativas chegaram no Brasil um pouco tarde, visto que os movimentos negros pautam o debate sobre o acesso à educação de pessoas negras desde antes de 1888 – dizem as brancas línguas que nesse ano, no dia 13 de maio, uma princesa muito bondosa assinou de bom grado a Lei nº 3.353, mais conhecida como Lei Áurea, e com isso deu a liberdade para todas/os aquelas/es que eram escravizados. Nossa luta é uma herança ancestral, a qual mostra o poder que temos de transformar a educação em um lugar em que podemos estar; nosso povo é um exemplo de luta pela comunidade (hooks, 2021), foi pela comunidade que criaram-se os quilombos, é pela comunidade que estudantes negras/os enfrentam as universidades ocidentalizadas (Grosfoguel, 2016) e reivindicam a nossa voz.

No Brasil, a passagem do século XX para o século XXI foi um marco histórico que provocou transformações radicais para o povo preto brasileiro. A participação na III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas realizada em Durban – África do Sul, estimulou expectativas e esperanças para o movimento negro do Brasil e para o povo negro em nível latino-americano e mundial (Carneiro, 2020). Sendo signatário do Plano de Ação de Durban, o Brasil reconheceu a nível internacional que há a presença institucional do racismo no país e com isso assumiu o compromisso de construir formas para superar o racismo (Gomes, 2017). Sabe o que isso significou para nós brasileiros/as, querida bell hooks? Significou que o Brasil, o país que vendia internacionalmente a imagem de que aqui vivíamos em uma democracia racial e que aqui o racismo não existia, reconheceu, tardiamente, que sim, o racismo existe e que negras e negros são tratados de formas distintas nesse território. A partir desse momento histórico, que foi a III Conferência de Durban, os governos brasileiros começaram a investir esforços para colocar em prática políticas públicas de ações afirmativas.

Então, bell hooks, foi por causa da organização política dos movimentos negros brasileiros, que lutaram por políticas públicas voltadas para nós, brasileiras/os negras/os, que as políticas de ações afirmativas surgiram. E como resultado da efetividade dessas políticas, hoje eu posso lhe escrever esta carta; sou um homem negro, psicólogo que se formou e ingressou na pós-graduação a partir das ações afirmativas – cotas raciais; por reconhecer a importância das ações afirmativas, hoje pesquiso, escrevo e debato sobre os impactos que

elas tiveram em todo o sistema educacional brasileiro. Sim, bell hooks, graças à sua riquíssima obra, reaprendi a acreditar na nossa força arrebatadora e reafirmei meus votos com a educação, como força de transformações e transgressão do modelo branco, europeu, imperialista, racista e supremacista branco.

Iniciar a escrita desta carta foi muito difícil, mas se cheguei até aqui, é um sinal de que os atravessamentos dos seus escritos despertaram e conseguiram ser postos em palavras. Obviamente não consegui colocar tudo em palavras, mas a escrita gotejada nesta carta diz dos horizontes abertos por você na minha formação acadêmica, política, teórica; fui atravessado, arrebatado pelos seus escritos de um modo tão transformador que pude perceber, a tempo, que essas afetações me conduzirão no caminho da libertação das amarras coloniais e imperialistas que insistem em reger nossos corpos.

## Referências

CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Editora Jandaia, 2020.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

GROSFUGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 25–49, abr. 2016.

hooks, bell. A língua: ensinando novos mundos/novas palavras. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017a. p. 223–233.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017b.

hooks, bell. Ensino 1: o pensamento crítico. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020a. p. 30–36.

hooks, bell. Honrar os professores. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020b. p. 175–180.

hooks, bell. Pedagogia engajada. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020c. p. 47–51.

hooks, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Elefante, 2021.

---

## Cartas para bell hooks: transformação e encontros pela pesquisa afetiva

Camilla Gabrielle Gomes Vieira

Psicóloga e psicanalista. Mestranda em Psicologia Social na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6999871783131949>

E-mail: [allimac.gomes@gmail.com](mailto:allimac.gomes@gmail.com)

**Resumo:** Nesta carta endereçada a bell hooks, celebro a vida e memória da teórica feminista, escritora e professora sobre os enlaçamentos pessoais de vida e pesquisa enquanto mulher negra, psicóloga e pesquisadora, fomentados pelo encontro com seu texto *Vivendo de Amor* (2010). Escrever e pesquisar não implicam apenas em reproduzir conteúdos em uma pesquisa feminista negra decolonial. É uma construção coletiva em que se torna uma amálgama, enfatizando aqui a transformação e o direito pelo afeto e o amor pelas e para pessoas negras, retomando a relevância da vida e obra de bell hooks.

Cara bell hooks,

É engraçado escrever endereçando minhas histórias concretamente a você, quando vives como uma interlocutora encarnada como uma poderosa figura feminina familiar afetuosa, tal como uma irmã ou tia mais velha, ressoando na polifonia de vozes de referência da minha cabeça, que imagino ser o território do pensar.

Neste território, tal como um mundo concreto que dividimos na realidade, existe uma geografia cenográfica onírica um tanto fixa: territórios de natureza em que jorram caudalosas fontes de água, próximas a frondosas árvores, que também podem ser desérticas. Também há um mundo urbano com as dinâmicas de convivência e residência em que você divide uma rua especial com minha analista. Neste imaginário, visito essa rua quando preciso de saberes sobre mim e minhas interações. Quando te encontro, me trazes reflexões de coragem e afeto, junto à voz da minha analista que ecoa sobre desejo e responsabilidade.

Te escrevo com a admiração de uma fã e na intimidade de uma parceira querida, rememorando as muitas vezes em que você foi uma espécie de guia na minha trajetória de descobrimento enquanto mulher negra, feminista e pesquisadora. Neste momento você partiu de corpo, mas permanece profundamente presente e vívida nos enlaces de vida de tantos – para além do referencial teórico, no referencial da experiência de estar no mundo e também de nos teorizar.

Em muitos desses caminhos da vida me deparo com seus textos, que vão formando a poderosa imagem de você, bell hooks, mas um em específico traz desdobramentos que não sei contar dissociados em vida e pesquisa. Talvez seja como Gloria Anzaldúa (2000, p. 233)

conta: “eles mentiram, não existe separação entre vida e escrita”. Nisso, meu caminho de pesquisa e de elaborações de minhas sintomáticas pessoais, tem como marco a leitura do texto *Vivendo de Amor* (hooks, 2010).

Em um período que estava na graduação de Psicologia, estranhando as transmissões hegemônicas coloniais, brancas, androcêntricas e eurocentradas nomeadas como ciência, desmotivada por estar em um não-lugar reiterado como não naturalmente pertencente à universidade enquanto mulher negra e periférica, *Vivendo de Amor* (2010) trouxe perspectivas da necessidade de pensar o amor e os afetos para além da sobrevivência e que nossas subjetividades são historicamente formadas em contornos múltiplos, inclusive pelas opressões sociais. Escrevi com minha melhor letra em um papel na parede um trecho deste texto e, desde então, ele vem me provocando inquietações:

O amor precisa estar presente na vida de todas as mulheres negras, em todas as nossas casas. É a falta de amor que tem criado tantas dificuldades em nossas vidas, na garantia da nossa sobrevivência. Quando nos amamos, desejamos viver plenamente. Mas quando as pessoas falam sobre a vida das mulheres negras, raramente se preocupam em garantir mudanças na sociedade que nos permitam viver plenamente. [...] E para viver plenamente as mulheres negras não podem mais negar sua necessidade de conhecer o amor (hooks, 2010).

Estas inquietações me levaram de uma experiência monocultural de graduação em que o *status quo* se mantinha nas epistemologias e transmissões, para experimentações acontecendo junto a movimentos pessoais de me compreender também politicamente como pessoa negra. Isso trouxe ressignificações, estranhamentos e desnaturalizações, que cresciam assim como os cabelos que descobria crespos sem químicas de alisamento. Diante disso, em um processo um tanto solitário, vi em fóruns e grupos da internet o acesso a teorias de Feminismo Negro e Interseccional, que favoreceram palavras para elaborar questões de minha própria experiência. Deste processo vieram outras parcerias, convidando a estar em comunidade.

A pesquisa se tornou para além de movimento acadêmico, uma potência de fruição de vida, que de um paralelo passou a ser enlace e ágalma com a prática da psicologia em posição de resistência do que era hegemonicamente dado. Trouxe instrumentalidade para além de criar um estilo de atuação, uma possibilidade de construir caminhos de uma ética que implica o cuidado e o engajamento social como bases de atuação que me colocam a trabalho.

Nesta ideia, prossigo academicamente na especialização em Psicanálise e no mestrado em Psicologia Social. Me deparo com a diversidade de estar em duas universidades diferentes e outros códigos, saberes, novidades. Entretanto, a diversidade se mantém ainda hegemonicamente nesta monoculturalidade que fornece suposta maior cientificidade em

nomes eurocentrados e brancos, assim como grande parte dos meus colegas. Mas encontro dentro da universidade também espaços de resistência, como o núcleo de pesquisa e extensão de que faço parte, com pessoas e ideias plurais e polifônicas atuando em perspectivas feministas e decoloniais, fomentando para além do que era – e é – uma frustração, a esperança de construções outras possíveis através da potência da transmissão e diálogos favorecidos pelas instituições educacionais, como você bem enfatiza:

A academia não é o paraíso, mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas suas limitações continua sendo ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade (hooks, 2013, p. 273).

Entendo assim que o encontro com você, bell hooks, me incitou a outros encontros na pesquisa e na vida: referenciais de outras autoras negras, como Ana Cláudia Lemos Pacheco, e também uma comunidade na costura coletiva de pesquisar.

Voltando ao estopim por *Vivendo de Amor* (hooks, 2010), compreendi e me acolhi sobre a necessidade de pessoas negras conhecerem o amor para além de só sobreviver. De cuidado, de comunidade, de redes de afeto que podem ser amparo e força mútua para enfrentar as coisas que nos assolam, como viver em uma sociedade que estruturalmente nos fere com marcas da colonialidade, do machismo, do patriarcado, do racismo, do capitalismo...

A partir do encontro com Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013), que conta a partir de várias autoras e pesquisas sobre como a sociedade pode influenciar na forma em que as mulheres negras são desejadas para formarem uma relação afetiva, comecei a entender: ser quem a gente é sempre estará ligado a como a sociedade é e isso nos influencia, até chega a determinar o que a gente tem acesso, seja a coisas subjetivas ou materiais.

Fiz assim a temática de minha pesquisa no mestrado experiências afetivossexuais de mulheres negras em perspectiva interseccional. Colocando a dimensão subjetiva em interface com a objetiva, penso afeto, raça e gênero nas minhas experiências, de minhas pacientes, amigas e de outras diversas mulheres negras – as que tem vulva ou não, as que amam mulheres e homens, as que amam só mulheres, as que amam só homens... –, se nessas relações afetivossexuais eu, elas e nós nos sentimos sós por conta do racismo que estrutura nossa sociedade age, nossas potencialidades, alegrias, dores, estratégias de cuidado conosco e com outras.

Para pesquisar, preciso tomar cuidados éticos: pesquisar com as mulheres negras, não as mulheres negras. Ter pessoas negras como referência. Escutar as mulheres e suas experiências. Afinal, não se faz uma roupa ou uma escuta sob medida sem que a mulher esteja ali com seu corpo como molde que a representa porque para caber com certa fidelidade da dimensão de tecido ou de acontecimento, é preciso que ela mesma fale onde aperta e dói, onde realça e a faz se sentir mais bonita. E é assim que é o intuito de proceder com as mulheres que se dispuserem a participar da pesquisa, dentro dos critérios e seus rigores metodológicos, do modo de fazer, pretendo escutar uma a uma em sua história, a partir de algumas perguntas iguais feitas a todas elas.

No final disso, espero contribuir para que outras pessoas dentro e fora da universidade, principalmente psicólogas que trabalham com a escuta, tenham pistas e conhecimentos a partir da minha escrita junto com os autores que me embasam e as participantes, para pensar que as relações afetivossexuais não se dão só pelo acaso. Elas se dão por fatores que se costuram à sociedade e influenciam como cada pessoa se sente no individual e indica como as pessoas podem se identificar com questões parecidas no coletivo, na minha pesquisa por serem mulheres e negras.

Sou grata por nossos encontros de afeto, coragem e, acima de tudo, nutrição para transformar a realidade e a qualidade das relações, desde as mais íntimas comigo, com quem aquece meus pés frios à noite e que divido a vida, a família, até as comunidades de modo amplo.

Divago muito; esta é uma das minhas dores e delícias da vida. Talvez esse modo de ser, junto com seus escritos, te mantém ainda mais pertinho como inspiração e referência. O teu trabalho te mantém viva e como um ponto belo em meu tecido de vida e pesquisa, em que não se separam mais as linhas que formam as tramas. Este é um modo que também desejo ser lembrada no futuro: afeto e transformação.

## Referências

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos feministas*, v. 8, n. 1, 2000, p. 229-223.

HOOKS, b. Vivendo de amor. Portal Geledés, São Paulo, 9 mar. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor>. Acesso em: 19 fev. 2023.

HOOKS, b. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Mulher negra: afetividade e solidão*. Salvador: Edufba, 2013.

---

## Carta-testemunho de aprendizagens sobre escutas

Sharyel Barbosa Toebe  
Mestranda em Psicologia Social e Institucional (UFRGS)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4470328920939198>  
E-mail: sharyeltoebe@gmail.com

**Resumo:** Oi, bell. Te escrevi esta carta contando sobre algumas experiências e encontros que vivi nos últimos anos em espaços de trabalho e formação em Psicologia. Esta escrita tem a intenção de registrar estes acontecimentos, dar nome às experiências, agradecer a ti e a outras vozes de mulheres que se somam à tua, nos ensinamentos e aprendizados de escutas de cuidado, independente do espaço e relação em que ocorram. Abraço e seguimos em diálogo.

Oi, bell

Hoje, no dia em que marca um ano do teu falecimento, quero te contar a importância dos teus escritos em minha vida. Mas antes, me apresento: sou Sharyel, uma mulher cisgênera, branca, lésbica, psicóloga, nascida e criada numa cidade pequena no interior do Rio Grande do Sul, chamada Salto do Jacuí, com uma família nuclear composta somente por mulheres há quase 15 anos, desde o falecimento de meu pai...

O primeiro encontro que me recordo com um texto teu, foi em um espaço de grupo de trabalho que se chamava Mulheridades, na Clínica Escola de Psicologia da universidade em que faço mestrado. Foi no início de 2021, naquela época, fazia parte de um projeto feminista que atendia mulheres em situação de violência de gênero. Sei que já havia lido outros escritos teus anteriormente, minha irmã mais nova havia comprado *O feminismo é para todo mundo* (2018) e me emprestou. Mas o encontro com outras mulheres, mediado pela tua escrita e experiência, para pensar a prática e a escuta em Psicologia, me marcou muito. Talvez por isso tenha efeito de primeiro encontro, não foi a primeira vez que te li, mas foi a primeira vez que compartilhei a leitura com outras pessoas pensando acerca da escuta, que é muito importante pra mim. Dos textos que lemos e discutimos juntas naquele espaço, *A língua* (2013), sem dúvida, foi o que mais me marcou, e é daquelas marcas que sei que ainda não tenho dimensão do tanto que vai desdobrar, mas tenho certeza que será muito e por muito tempo.

Te falei que faço mestrado, né? É em Psicologia Social e Institucional em uma universidade federal. Espaço que não achava que teria condições de ocupar, algo muito distante da realidade da minha família. Cheguei ao mestrado com o desejo de encontrar na academia respostas, leituras, especialismos sobre lacunas na escuta que percebi quando

estava na residência em saúde mental, nos serviços de assistência. O ingresso no mestrado foi de alegrias e frustrações. Das alegrias, carrego a aproximação com a prática de escrita de cartas, aproximação com colegas que hoje são amigas, com a tua escrita. Essa última, acontece porque temos uma professora no PPG, a Luciana, que faz um trabalho lindo contigo. Compartilha com a gente teus escritos e a possibilidade de operarmos na prática as mudanças que tu nos ensina. Por essa professora é a que tenho a sorte de ser orientada nesse momento.

Nestes últimos anos, na residência, no mestrado e nas áreas em que trabalho e trabalhei, me percebo descobrindo onde consigo ou não construir outras possibilidades de trabalho, de escuta, de acolhimento nas relações. Onde me retirar, onde produzir tensionamentos, onde minha retirada seria isenção de responsabilidades enquanto pessoa branca, onde seria sinal de saúde e posicionamento. Foi assim no espaço do projeto feminista e no início do mestrado. Nesta primeira, mesmo com o nome se dizendo na perspectiva da interseccionalidade, na hora de discutirmos as questões raciais, pouco se conseguia enxergar os atravessamentos nos espaços de grupos inter-raciais de mulheres. Sabe, bell, agora, lembrando disso, me dou conta, muito com a ajuda de Luciana e a tua, o quanto, nos espaços que busquei aprendizado, aprendi mais o que não fazer do que o que fazer. As figuras de professoras, coordenadoras, técnicos, em sua grande maioria usavam de sua posição hierárquica no espaço que ocupavam para invalidar ou silenciar as discussões levantadas.

Luciana, junto com a professora Jaileila, propuseram um Tópico Especial chamado “Contribuições do pensamento de bell hooks para a pesquisa, o ensino e a extensão em Psicologia”. Um dos encontros foi para trocarmos sobre comunidades de aprendizagem. Desde a primeira vez em que li este conteúdo no cronograma das aulas, fiquei muito tocada. O que é uma comunidade de aprendizagem e de que forma me coloco nela? Tenho aprendido muito sobre isso no novo grupo de orientação em que faço parte e que agora se chama Coletivo bell hooks. Quando o/a professor/a se retira desta posição, abre mais espaço e convida para que estudantes possam avaliar mais suas participações. Digo isso porque consigo contar nos dedos da mão as professoras que tive com essa postura, desde a graduação.

Entreí no mestrado para pesquisar as constituições da manicolonialidade na escuta em saúde mental. Tu já ouviu falar sobre manicolonialidade? Este é um conceito cunhado por Barbara Gomes (2019), mulher preta lésbica, enfermeira da saúde mental, que cursou residência aqui em Porto Alegre, na mesma instituição em que hoje faço mestrado. Ela junta os termos manicômio e colonialidade para pensar a questão colonial na saúde mental. Não se faz luta antimanicomial, não se faz ruir manicômios, sem entender as questões coloniais que

constituem os saberes da saúde mental e os próprios manicômios. Barbara encerra seu trabalho de conclusão de residência com a seguinte frase: “lembra que tantos manicômios são nomeados de colônias” (Gomes, 2019, p. 41). Dentro da pós-graduação fui entendendo que os mesmos tijolos coloniais que constroem as paredes e muros do manicômio foram usados para construir as paredes e muros das universidades.

Estar na pós-graduação foi um processo bem diferente do que eu esperava. Não consegui encontrar acolhida, nem para mim, nem para o meu tema, com a orientadora que eu havia escolhido. Não me senti escutada em um trabalho que é sobre escuta. Parece ironia e também parece óbvio agora. Infelizmente, é o mais esperado nessa academia colonial fundada na supremacia branca cisgênera heterossexual. Hoje, depois de ter tido experiências com pessoas que são muito reconhecidas na Psicologia Social e Institucional, repito, aprendi por onde não trabalhar. Aprendi com as mulheres brancas e com o feminismo branco, com a luta antimanicomial branca por onde não trabalhar.

Hoje, aprendo com mulheres negras, lésbicas, transgêneras, e com os feminismos que elas constroem, por onde ir. Aprendo contigo, com Luciana, Jaileila e mais tantas que é possível outras formas de pesquisa, de escuta, de construção e compartilhamento do conhecimento, e que estes só fazem sentido se passam pela nossa experiência, se reconhecemos a relação da nossa experiência e da nossa localização nestas construções. O conhecimento que não se constrói pela experiência é o que nega, tenta apagar e universalizar os corpos. Os efeitos de teus escritos pra mim com certeza são muito diferentes. Essa é outra coisa que aprendi com Luciana, estar atenta ao encontro do texto de outra pessoa com meu corpo, o lugar que ocupo no mundo (quem eu sou) em relação ao lugar que ocupa a pessoa que está escrevendo.

Por último, te conto mais um encontro com tua escrita. Mês passado presenteei minha companheira com um livro teu, *Tudo sobre amor* (2021). Com Vitória aprendo a possibilidade de olharmos para as experiências do passado e fazermos algo diferente com isso. Qual é o amor que queremos construir? Qual é o lar que queremos? Diferente das experiências que vivemos em nossas famílias, com coerção, aprender contigo que amor é ação faz acreditar em outras possibilidades para a vida.

Os escritos deste livro me fazem pensar muito na minha prática clínica. Lendo ele me lembro das mulheres que atendo. Escutando essas mulheres, lembro dos teus escritos... Teu trabalho me possibilita encontros com outras mulheres e olhar para outros encontros com a potência que eles podem vir a ter, a partir da nossa implicação com a mudança na forma que nos relacionamos e nos posicionamos no mundo.

Com afeto, Sharyel.  
15 de dezembro de 2022.

## Referências

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

\_\_\_\_\_. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução de Ana Luiza Libânio. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

\_\_\_\_\_. *Tudo sobre amor: novas perspectivas*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

GOMES, Bárbara dos Santos. *Encontros antimanicoloniais nas trilhas desformativas*. Trabalho de Conclusão de Residência (Especialização em Saúde Mental Coletiva) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

## TERCEIRA COLEÇÃO

### Para a querida bell hooks e todas as pessoas que constroem mundos novos

Amanda Barbosa Veiga dos Santos  
Mestranda em Psicologia Social pela UFMG,  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1566564495144352>  
E-mail: [amandabveiga@yahoo.com.br](mailto:amandabveiga@yahoo.com.br)

**Resumo:** O trabalho a seguir se refere a uma carta direcionada para bell hooks. Nela, teço as contribuições de intelectuais negras e negros que tenho utilizado como ferramenta para praticar o bem viver no cotidiano e convoco as interlocutoras(os/es) a fazerem um movimento contra as políticas de morte e do destino capitalista perverso, que exclui valores de bem viver das rotinas diárias. Sigo acreditando e convocando outras formas de sonharmos juntos por dias melhores e por lutas singelas com o acolhimento para uma vida boa.

Bom dia!  
Desejo um bom dia para você  
Desejo uma boa vida para você  
Que venha tudo de bom para nós  
Que seja em dobro e sem troco  
Vejo cada olhar nas ruas, nas telas  
Por trás dos filtros, miro gente  
Corpos que não são mercadorias  
Estamos acostumando com a guerra  
Com o desconforto, com a miséria  
Tratar mal ao outro virou rotina

Pare e repare  
Desejo um bom dia para você  
Se a gente contenta com um mau dia  
De repente vamos naturalizando  
Outras mazelas do dia-a-dia  
Acorda  
Lava o rosto e olhe no espelho  
Deseje-lhe um bom-dia  
Bom dia para você  
Bom dia para nós  
E boa vida para mais viver

Com afeto, saúdo a todas! São tantas as marcas da política de morte que operam no Brasil neste instante! Diante do assombro de que meu corpo poderá ser o próximo, vivo uma vida focada na prosperidade, na sustentabilidade das relações e com o desejo que se prolongue por muitos anos. Isso para mim é bem-viver. Estudo e pratico os ensinamentos, compartilho as estratégias que aprendo em todos os espaços que ocupo. Sou tão micro/mínima, mas convicta que podemos prolongar de forma bem vivida nossos dias na

Terra. Assim espalho minha semente, minha muda, meu adubo, minha decomposição na existência dos meus bons encontros. Seja no espaço da clínica com psicoterapia, no âmbito acadêmico, no território-saúde-escola, na família, com a moça que presta serviço de manicure, com a pessoa que vende água de coco, com as crianças e com os idosos no contato virtual ou físico.

Querida bell hooks, sua escrita tem sido um bom encontro nessas práticas! Sua voz, traduzida por tantos, possibilitou a lida e as interpretações que são possíveis dentro do meu campo, dentro do território que habito, nas andanças. Aqui, caras leitoras, digo mais sobre as potencialidades e diminuo o julgamento de limitação, pois, como Antônio Bispo dos Santos (2020) nos ensina, querer fazer direito e perfeito é coisa de colonizado. Sejam contrárias às práticas que nos levam ao adoecimento do intelecto, que afetam a nossa autoestima. Sejam persistentes em construir práticas de bem viver. Quais são as práticas de bem viver que fazem parte das suas rotinas, caras interlocutoras? Quais seriam as práticas de vida boa que faziam parte da vida de bell hooks? Não tenho dúvida do quão cuidadosa era bell hooks ao olhar-perceber-olhar como nos ambientes a recebiam e como as pessoas ao seu redor se comportavam, como tratavam mulheres afroindígenas e pessoas negras. Sua percepção e envolvimento são traduzidos em quase todos os textos e livros que li. Dicas valiosas do manejo da raiva, práticas de autoamor, o cuidado para não reforçarmos o espaço apenas da dor para mulheres negras. Precisamos e devemos compartilhar nossas vivências sobre a intelectualidade e estudos junto às nossas comunidades. Toda escrita é coletiva.

bell hooks e leitoras, despeço-me com um verso, finalizo a carta e desejo que tenhamos o aquilombamento necessário para darmos continuidade aos nossos projetos. O mundo precisa de cada uma de nós vivas. “Somos inumeráveis”, como nos relembram Chico César e Braúlio Bessa (2020). Diante do luto-luta, seguimos com políticas de vida e escrita: escrevivências como termo elaborado pela Conceição Evaristo (2005). Como somos cíclicas e ancestrais, o fim não é necessário para que possamos experimentar todo um trajeto de felicidade. A leitura de intelectuais negras e indígenas foi uma reparação histórica na minha linhagem, não tenho dúvidas!

Agora sei que as régua que medem meus versos são desleais  
Agora sei que as régua que determinam minhas vivências são desiguais  
Agora sei que o silêncio sugerido por anos adoce e adormece todos nós  
Agora sei que minha cura passará por entregar-me ao amor  
O amor é intrínseco  
Ao me olhar nos olhos verá  
O meu corpo é presente

Os meus versos são correntes se quebrando ao versejar  
Diante de tanta dor  
Sou mais uma resistência do amor  
Que os meus ancestrais lapidaram para o mundo encantar  
Sou fruto de uma magia  
Dessa magia nasceu a escolha de meu nome *My name is Amanda*  
*Mi nombre es Amanda*  
Meu nome é Amanda  
Fui nomeada por uma mulher negra  
Que se recusou que eu fosse nomeada por seu pai branco  
Contrariando o meu avô  
Escutei as correntes rompendo ainda no ventre  
O rompimento do silêncio nos salvou  
Recebi a magia negra ao nascer  
E quando nasci, não apareceu nenhum um anjo torto  
Muito menos, os que tocam trombeta  
Meu cargo era mais pesado que carregar bandeira  
Ser uma magia negra no mundo

Abraços afetuosos,

Amanda Barbosa Veiga dos Santos

Padre Paraíso/MG, 15 de outubro de 2022.

## Referências

CÉSAR, Chico; BESSA, Braúlio. *Inumeváveis*, 2020. Disponível em: <https://radiopeaobrasil.com.br/chico-cesar-canta-inumeraveis-musica/>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2023.

EVARISTO, Conceição. *Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita*. Texto apresentado na Mesa de Escritoras Afro-brasileiras no XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/dagrafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Reflexões sobre o Colonialismo, palestra “Presenças orgânicas, invisibilidades sintéticas”, a primeira do Seminário Culturas em Pensamento, uma das atrações do 52º Festival de Inverno UFMG*. 14 de setembro de 2020. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/nao-me-mandem-fazer-direito-eu-nao-sou-colonizado-provoca-nego-bispo>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2023.

---

## Carta abierta a bell hooks (también a Nicole L., quien iluminó mi camino a casa)

Andrea Avendaño Caneo  
Fundadora Museo de la Nada  
E-mail: [avendanoandrea@gmail.com](mailto:avendanoandrea@gmail.com)

Querida bell,

Esta carta comienza con mucha ansia. Es una mezcla de ansia y alegría. Me he dado vueltas pensando en cómo comenzar, sabiendo que es una carta abierta y quizás ahí está el punto de todo esto: mi responsabilidad con todo aquello que digo, cuando sé que, además, no me gusta escribir. A mí me gusta dibujar lo que digo.

Comenzaré hablando sobre cómo inicié mi relación contigo. La primera vez que leí sobre tus ideas fue en *Mixed Blessings* (Lippard, 1990), un libro que emancipa las ideas de arte de latinoamericanos e inmigrantes en los Estados Unidos, de esos que no encajan, de los otros que quieren ser. Todo lo que subrayé en esas páginas resonó con fuerza y las ideas de acciones contra hegemónicas cobraron más sentido para mí y mayor latido en todo lo que hacía.

Pero no es hasta hace unos meses, cuando comencé a estudiar junto al Coletivo bell hooks, que se produce en mí un nuevo orden astral en todo aquello que pensaba. Ha sido realmente mágico. Muchas cosas que me provocaban incomodidad se transformaron en actos significativos, no solo en el ámbito intelectual de mi vida, si no en mi maternidad y recorrido como mujer de color en un país sudamericano.

Soy artista y arte-educadora, y llevo mucho tiempo trabajando con comunidades marginadas, por lo tanto, no he elegido un camino grato en lo profesional y muchas veces me derrumbo, me canso y dudo de seguir en la lucha. Las acciones contrahegemónicas literalmente agotan y quizás ese es su único peligro: sentir que uno tiene todo en contra es dramáticamente abrumador. Es por esto que, esta carta más allá de relatar mi vida, quiero en ella dar las gracias: esta carta es una carta abierta de agradecimientos a bell hooks.

Pienso por momentos que no te imaginarías que una mujer chilena, de 47 años con ascendencia indígena y catalana, hoy mismo se sienta tan afortunada de tener también (además de todo lo “otro”) ascendencia africana. Ser parte de un grupo de investigadores de color ha sido el remedio a mis males, para mi conciencia y ha provocado una sentido de pertenencia (*belonging*) que solo gracias a ti he encontrado.

Mi último proyecto Yon Jaden Desen An (un jardín de dibujo), ha sido el proyecto más descabellado, menos pensado y más intuitivo que hecho en mi vida profesional. Sin embargo, es el más completo y gratificante, en especial cuando empecé a mirarlo desde la *ética del amor* que tú propones. No tenía mucho sentido que, en medio de un aborto laboral, hubiese decidido hacer una comunidad con 8 vecinos haitianos de entre 5 y 11 años, donde solo por cariño nos reuniéramos a dibujar. Estuvimos 3 meses componiendo, por medio de dibujos, acciones que involucraban esa combinación de cuidado, compromiso, conocimiento, responsabilidad, respeto y confianza que tan bien defines en tu libro “Todo sobre el amor”.

Eso ha sido un empuje mayor para mostrar este trabajo. La responsabilidad que he tenido con este grupo de niñxs, el cuidado y confianza que les ofrecí son cosas que nos permitieron ser mejores seres humanos lxs unxs con lxs otrxs, y eso me llena el alma. Honestamente, con eso basta. Sin embargo, esas definiciones también han sido el puntapié para seguir revisando tu obra y descubrir en mi acción nuevas preguntas: gracias a *Teaching to transgress* y *Enseñando pensamiento crítico*, me renuevo profesionalmente. ¡Qué sensación más agradable! Nuevamente vuelve el ánimo a mi cuerpo cuando pienso en eventos donde resistí, donde dudé, pero no abandoné. Hoy, gracias a tus libros, me doy cuenta de lo sutil de las estrategias dominantes. La resistencia no se hace en un gran evento, si no en el detalle de todos los días. Sentarme a escribir una carta premeditadamente amorosa y repensar mis acciones políticas más sutiles: es mi lucha.

Hoy te escribo cansada, desde el valle central chileno donde todo es muy silencioso. Pero gracias a tus escritos, sé que no estoy sola. Muchas veces salgo a sentir el viento y a saludar a la naturaleza, cuestión que me enseñó el lonko Ernesto Huenchulaf: saludar al invisible es la resistencia, es la conciencia, es el amor. Como tú también dices, las acciones casi invisibles son las que van construyendo la vida.

Es por todo esto que me siento afortunada. Sin pensarlo, has ido señalando todas las veces que he sido libre y eso me enorgullece. En “Todo sobre el amor” he encontrado tus definiciones de amor, maternidad, compromiso, responsabilidad y coherencia, pero más allá de esto, es la intimidad y honestidad que se va produciendo en el lector lo que más me sorprendió. Esa revisión constante de toda acción cotidiana es la clave para poder seguir en mis prácticas contrahegemónicas en lo profesional, como artista, educadora y en mi vida personal, en como crío a Clara y Luca, mis hijes.

Esta manera desinteresada en la que escribiste todos tus libros es la que me provoca y empuja a seguir en mi trabajo y comenzar a escribir una ética del descubrimiento. Solo con

esta actitud desapegada puedo percibir la magia del día a día y de cómo en los pequeños detalles se tocan las notas de una melodía íntegra en mi vida y de todos aquellos que amo.

Hoy, tal como tú, te soy sincera. Humildemente y con cariño.

Andrea

## **Referências**

HOOKS, bell, *Todo sobre el amor*, Buenos Aires: Paidós, 2021.

HOOKS, bell, *Teaching to transgress: education as a practice of freedom*, Nueva York: Routledge, 1994.

LIPPARD, Lucy, *Mixed Blessings: New Art in a Multicultural America*, Nueva York: Pantheon Books, 1990.

---

## Compartilhando histórias juntas e misturadas da terra brasilis

Arthemisia Ferreira Paulo Santiago

Doutora em Sociologia

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4541647366188159>

E-mail: [arthe@posteo.net](mailto:arthe@posteo.net)

Katia Lacerda Meira Menezes

Doutora em Psicologia

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6834922507005603>

E-mail: [katia.lacerda.mm@gmail.com](mailto:katia.lacerda.mm@gmail.com)

**Resumo:** Essa carta foi escrita a quatro mãos. Mãos negras, que já escreveram outros textos e que não se soltaram mesmo quando os caminhos acadêmicos e profissionais pegaram atalhos distintos. Logo que tomamos conhecimento da proposta deste livro, ambas nos motivamos a escrever, pois nos demos conta que seria uma oportunidade de, contando um pouco sobre nossas histórias entrelaçadas há mais de três décadas neste cenário brasileiro demarcado por múltiplas desigualdades, reconhecer o legado de bell hooks para iluminar e animar a caminhada que segue, sempre esperando, rumo à sociedade amorosa por ela propagada.

Querida bell, somos suas amigas brasileiras que você não teve tempo de conhecer, e por isso lhe escrevemos. Não sabemos o quanto você conhece do Brasil, um país cuja característica é a permanente instabilidade política. A única coisa estável por aqui é o racismo, que é naturalizado e se expressa de diferentes formas ao longo do tempo e dos contextos, algumas vezes ostensiva e não poucas vezes dissimuladamente. Lembra que você nos ensinou a erguer a voz e produzir conhecimento a partir das nossas experiências existenciais (hooks, 2019a)? Pois bem, é sob sua inspiração que escrevemos esta carta a você, dispondo-nos a compartilhar e contribuir com uma parcela do conhecimento sobre o racismo no Brasil e suas diferentes manifestações a partir das nossas vivências e dos contextos em que elas ocorreram e ocorrem. Ah, isso passa também por ir contando como fomos tecendo nossas histórias de vida e aprendendo a resistir neste que é um dos países de maior desigualdade do planeta. Falando sobre nós esperamos que você perceba que sociedades diferentes como a sua e a nossa acabaram gerando os mesmos resultados do racismo: a apartação do povo negro da riqueza e dos espaços de poder por meio do apagamento de sua história e da tentativa de perpetuação do lugar de fornecedor de mão-de-obra barata.

Nascemos, crescemos e vivemos no Nordeste brasileiro. Mas o nosso Nordeste não é como o Nordeste do seu país. É que, a despeito de ter sido o lugar de início da colonização e da riqueza gerada pelo cultivo da cana de açúcar por meio da exploração do trabalho escravo, o Nordeste há muito que é uma região na qual impera a pobreza que circunda ilhas de

riqueza. Exatamente por conta da intensa e extensa escravização de povos do continente africano, somos nessa região a parte mais mestiça do Brasil, com tudo de bom e de ruim que isso pode gerar. Sabe, companheira, o imaginário escravagista ainda domina por aqui e no Brasil inteiro. Então, parecemos mais com o Sul do seu país do que com o Nordeste rico daí. Aqui a questão regional também é marcadora de preconceito contra nossos corpos, nossa linguagem e nossa situação econômica.

Nós duas somos mulheres negras, herdeiras de um passado de escravização e da mestiçagem que aqui se configurou, não raras vezes pela violência sexual. Pertencemos a famílias inter-raciais. Somos famílias mestiças para todos os lados, com absoluta predominância da pele escura. Somos filhas de pais negros que quase nada sabem de sua ancestralidade, ao mesmo tempo em que somos filhas de mães brancas mestiças com povos originários que tampouco sabem sobre sua ancestralidade.

Nascemos ambas em meados dos anos 1960, na década seguinte à sua. Nascemos e crescemos sob a ditadura militar em nosso país, com tudo de perverso que ela contém. Era o tempo do “Brasil, ame-o ou deixe-o”. A vida de muitos transcorria, enquanto as de outros eram interrompidas por violências que se perpetravam nas sombras, eliminando a quem ousasse caminhar na contramão do autoritarismo e da barbárie. Não, não temos uma bela história para contar. Mas veja, nossa história também é parte da história de um Brasil que persistiu na luta para vencer a ditadura e iniciou mais uma tentativa de democratização. Precisamos lhe dizer que somos da geração do primeiro voto para presidente da república pós-ditadura; da geração da Constituição de 1988; da geração das lutas pela efetivação dos direitos sociais, pelos quais a geração anterior lutou para garantir que tivessem lugar na nossa chamada Carta Cidadã.

Somos crias da periferia, onde se concentra a população pobre desse país. São cenários geradores de condições adversas de existência, que demarcam modos de ser e viver e delimitam possibilidades ante o imperativo de sobrevivência. Aqui, a contribuição dos feminismos negros, da qual você, bell, é expoente imprescindível, emerge como importante para compreender como se interseccionam as diversas dimensões – de raça, gênero, classe, dentre outras – que conformam a vida nesses cenários.

Como você teve a oportunidade de se aproximar um pouco do Brasil, é possível que saiba que aqui nunca houve *apartheid* oficial após a “abolição” da escravidão em 1888. Assim, não fomos criadas em comunidades exclusivamente negras como você. Ao contrário. A mestiçagem no Brasil é tão normal quanto é incompreendida. Pretos e brancos pobres vivem lado a lado nas favelas e periferias; por outro lado, quanto mais alta a classe social,

menor ou quase inexistente a miscigenação. Pausa para lhe explicar como o racismo opera de forma diferente aqui no Brasil: como não houve *apartheid*, os brancos acabaram encontrando mecanismos de dissimulação para o racismo, que continua sendo expresso não como tal, mas como distinção de classe social. No entanto, a realidade brasileira é antilógica, quase um caso psiquiátrico, pois acabamos formando uma sociedade a um só tempo mestiça e racista.

Fomos criadas imersas na cultura branca que domina o país. Ademais, crescemos em meio evangélico batista tradicional, mas não se engane, nesse meio não nos falaram sobre Martin Luther King e sua luta. Assim, o racismo oriundo do sul dos Estados Unidos acabou por se juntar ao brasileiro quando os missionários americanos vieram e implantaram comunidades evangélicas. Aqui nesse país, historicamente, as estratégias de dominação operam no sentido de manutenção das desigualdades e das injustiças sociais, dando ensejo a mecanismos de naturalização da inferioridade de forma individualizada que, conforme tem observado o sociólogo Jessé Souza (2017), mantêm as parcelas pretas e pobres da população em lugares e condições sociais similares ao escravizado. Desse modo, a ascensão social não é usual, acontecendo, não sem dificuldades, por meio do acesso ao conhecimento e à formação educacional.

Nossos pais foram homens pretos e pobres que tentaram e andaram na contramão dessa corrente previsível. Amantes da leitura e da música, ambos nos legaram esse interesse pelo conhecimento e pela arte ocidental. Como você sabe, a comunidade evangélica batista é pródiga na música e aqui no Brasil não foi diferente, até porque a denominação batista aportou no Brasil por meio de missionários da Junta de Richmond, na Virgínia, com todas as implicações que isso significa. Aliás, permita-nos registrar um fato marcante: foi por causa dessa filiação que uma de nossas famílias passou pela triste experiência de perder uma filha que decidiu se tornar missionária evangélica em Angola. Quando ela partiu, em 1993, Angola ainda estava em guerra civil e as formas de comunicação eram muito difíceis. Em 1995, aos 29 anos, ela contraiu malária e faleceu lá. Assim, nossa religiosidade trouxe ao mesmo tempo um episódio brutal e nosso primeiro contato com África.

O conhecimento legado por nossos pais não se ateu à dimensão religiosa. Foi inicialmente a visão ampliada de mundo que buscaram que, resguardadas as diferenças, foram forjando uma base que nos facultou escapar ao “destino prescrito” à maioria das mulheres como nós. Para você entender melhor essas diferenças, vamos nos ater brevemente a aspectos da experiência familiar de cada uma de nós.

O pai de Arthemísia trabalhou parte do tempo em empresas privadas e parte no serviço público, e conseguiu manter sua numerosa família em uma confortável vida de classe

média brasileira. Ela e suas irmãs estudaram em escolas privadas de bairro e fizeram ensino médio em uma das melhores escolas públicas à época: a escola técnica federal. Sua família negra vivia uma vida de exceção em relação à maioria absoluta das pessoas negras no Brasil. Antes dela chegar à universidade pública, todos de sua família que fizeram curso superior, fizeram no ensino privado. Seu pai concluiu o primeiro curso superior nos anos 1970, contra todas as estatísticas; e nos anos 1980, mais uma graduação. Ele costumava brincar que era bídoutor. Ela foi a primeira a ir para uma universidade pública. Interessante contar que ela se casou durante a graduação, aos 21 anos, e não escapou de formar mais uma família inter-racial, já que casou com um homem branco. E não sem resistências do sogro e da sogra, pessoas brancas representativas do racismo dissimulado que predomina neste país. Entre os brancos brasileiros é comum o mote: “tudo bem casar com uma negra, desde que não seja o meu filho”.

Na família de Katia, foi ela a primeira a ingressar numa universidade. Seus pais precisaram começar a vida laborativa muito cedo, ainda adolescentes, impedindo-os de estudarem além do ensino básico. A limitada escolaridade, porém, não impediu que o pai se tornasse um autodidata, desenvolvendo um sólido conhecimento e consciência política. Foi um combativo líder sindical num importante momento do sindicalismo em nossa região, havendo menção a seu nome numa dissertação de mestrado em História, defendida no ano de 2017, na UFPE. Sua mãe se especializou na prática do cuidado, como trabalhadora de saúde e mãe. Não sem esforços, conseguiram, mediante árduas jornadas de trabalho, sobreviver sem privações comuns em nossa sociedade, propiciando que suas duas filhas estudassem, empenhando-se em identificar escolas públicas de referência que possibilitaram o acesso à universidade pública. Katia casou cedo e engravidou prestes a fazer 18 anos, ingressou na universidade já mãe de dois meninos negros e com as preocupações típicas com o destino daquelas crianças nesse contexto de múltiplas desigualdades e injustiças de toda ordem.

Como você pode perceber, prezada amiga, não é fácil ser negra/o no nosso país nem no seu. Além de todos os desafios citados, uma outra dificuldade é a solidão nos espaços públicos nos quais temos pouca ou nenhuma representatividade. A universidade era um desses espaços até antes da existência das ações afirmativas. Quando ingressamos em nossa graduação, elas não existiam e nós negras éramos bem poucas, mesmo em cursos desprezados pela elite. Mas nós não sofremos da solidão esperada; porque foi lá que se deu nosso encontro e se estabeleceu nossa parceria que vem perdurando por mais de trinta anos.

Pois bem. A vida durante os anos de graduação em Serviço Social, de 1987 a 1990, foram marcantes não apenas pelo acesso e conclusão do ensino superior – que eram restritos

naquele tempo –, mas pelo desenvolvimento pessoal, intelectual, social e emocional que nos proporcionou. O ingresso na vida universitária propiciou uma abertura de horizontes. Lá, acessamos o conhecimento pertinente à nossa formação como assistentes sociais, primordialmente de base marxista – pensadores homens, todos brancos. Em nossa área de conhecimento, predominantemente formada por mulheres, muitas autoras, porém, nenhuma negra.

Não obstante essa realidade, cientes de nossa negritude, não podemos afirmar que, na universidade, experimentamos um ambiente mais racista do que outros que frequentávamos, como a igreja, por exemplo, ou que víriamos a frequentar profissionalmente, sobre o qual faremos menção ainda nesta carta. Contudo, o racismo estava presente. Era possível observá-lo na ausência de discentes e docentes negras/os, nos referenciais teóricos e epistemológicos eurocêntricos, no absoluto silêncio sobre a questão. O racismo se mostrava contido na esfera das relações sociais. Tão contido que usar a palavra “negro” poderia soar como ofensa, tal como usar a palavra “*nigger*” nos Estados Unidos. Não por acaso, são utilizadas mais de 100 palavras para denominar a cor da pele das pessoas escuras no Brasil. Aqui nós somos morenas, mulatas, marrons, pardas, bronzeadas, escuras e etc.

Concluída a graduação em 1990, a batalha por emprego não se mostrou mais fácil. A década de 90 foi economicamente muito ruim para o Brasil. À época, os empregos públicos eram escassos e os vínculos informais eram comuns para quem trabalhava com projetos sociais. Apesar da pobreza gigantesca, não havia postos de trabalho em grande quantidade para assistentes sociais. Os cursos de pós-graduação eram escassos e prosseguir na universidade era projeto que raros estudantes acalentavam. Mesmo assim, decidimos ousar tentar. Fizemos juntas a seleção para o Mestrado em Serviço Social em 1991. Fomos as únicas candidatas negras. Aprovadas, compusemos uma turma de mulheres brancas. O mestrado mostrou-se um grande desafio, pois seríamos as primeiras das nossas respectivas famílias a buscar esse título, ao invés de adentrar de pronto no mercado de trabalho. Precisando trabalhar, ficamos atentas a concursos públicos. Coincidentemente, fomos aprovadas e assumimos cargos públicos no mesmo ano, 1993, em esferas diferentes do poder judiciário. O contexto de vida e trabalho à época acabaram por impedir a dedicação exclusiva à pesquisa acadêmica, levando-nos a interromper o mestrado e seguir nossas trajetórias profissionais. Apenas Arthemísia retornou ao Mestrado em Serviço Social e defendeu sua dissertação em 1999.

Durante os anos subsequentes, ambas retornamos à universidade, em diferentes momentos, como professoras substitutas no curso de Serviço Social/UFPE, vivenciando

experiências exitosas. Sempre ambas fomos incentivadas por docentes do Departamento a investir nessa carreira, mas nunca a abraçamos de fato. Posteriormente, Katia ministrou aulas em instituição privada, em cursos de graduação e de pós-graduação *lato sensu*. No Brasil, a universidade é considerada o *locus* por excelência de produção de conhecimento. Como estamos situadas do lado de fora dessa instituição, temos tentado apostar em produzir singular e coletivamente às margens da academia. Como pesquisadoras, elegemos como campo empírico privilegiado o nosso *locus* profissional, qual seja, a instituição judiciária, a qual suscita cotidianamente ampla gama de questões a serem problematizadas.

É difícil traduzir em palavras o impacto por nós vivenciado ao adentrar à instituição judiciária, historicamente ocupada por homens brancos da elite do país no topo daquela estrutura marcada por forte verticalização e hierarquização. Embora ingressando legitimamente por concursos públicos, instituídos após a promulgação da Constituição de 1988, evidenciava-se a abissal distância social entre os que já “pertenciam” àquele lugar e nós, as recém-chegadas. Os marcadores da diferença presentes nos nossos corpos de jovens mulheres negras davam o tom das relações em construção. Sempre nos soou estranha a naturalização dos privilégios e das subserviências. Resistimos. Mesmo sem deter à época ferramentas teóricas e emocionais para lidar de pronto com as tensões relacionais. Ainda não conhecíamos você e sua companheira Patricia Hill Collins (2016), que compõem o conjunto das mais influentes pensadoras do feminismo negro. Hoje, inspiradas por vocês, definimos nossa posição nesta instituição como *outsiders within*, possibilitando-nos atentar às relações de poder de um ponto de vista único, exercitando nosso olhar opositivo como você nos propôs (hooks, 2019b).

Foi dessa perspectiva epistêmica que restou evidenciado perante o nosso olhar que, ao menos em nosso país, o judiciário tem cor, gênero e classe predominante, de forma que sutis e ostensivas tecnologias de poder fazem parte deste cenário, operando no sentido da direção hegemônica, estendendo-se a todas/os que nela circulam. Tais assertivas decorrem da pesquisa de mestrado que veio a ser desenvolvida por Katia e pelas teses de doutorado por nós defendidas, as quais, realizadas em períodos distintos e com diferentes objetos, acabaram sendo pesquisas complementares, tal é a nossa sintonia.

O nosso caminho de volta à academia foi árduo e desafiador. Realizamos nossos estudos sem liberação de nossas respectivas atividades profissionais. Ambas ultrapassamos o período regular até a conclusão das teses. Ademais, ambas estávamos distantes das rotinas inerentes ao mundo acadêmico, escolhemos áreas distintas da nossa formação em serviço social – Sociologia e Psicologia, respectivamente –, e elegemos temáticas a partir da recusa

ética e política a discursos e práticas vigentes e hegemônicas no trato das mesmas. Ao final, entre desesperos e alegrias, os produtos construídos foram exitosos. As teses tiveram indicação unânime à publicação, tendo a de Arthemisia sido selecionada para concorrer ao Prêmio Capes de Tese de 2017.

O cenário que encontramos na universidade neste novo momento começava a mudar. Sim, ainda prevalecem docentes brancas/os. Mas, há sim corpos negros e mestiços circulando no *campus* como discentes, de forma crescente – e isso é fruto de muita luta política, viu? As ações afirmativas finalmente chegaram ao Brasil por meio de governos progressistas instalados no início do século XXI. Também as grades curriculares passam a pôr em evidência os saberes decoloniais e do sul global, a exemplo da disciplina Sociologia das Sociedades Africanas, ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia, da UFPE.

Em termos nacionais, vivenciamos um contexto de incentivo às relações Brasil-África, inclusive por meio de financiamento de pesquisas e acordos de cooperação. Nesse momento, por meio de um projeto de parceria científica entre Brasil e Cabo Verde, Arthemisia pode pisar em solo africano pela primeira vez na vida em 2009, experiência inesquecível por qualquer ângulo de análise, ressaltando que ela foi a única negra do grupo, na condição de observadora da equipe de pesquisadores. Nesse novo tempo fomos apresentadas ao pensamento feminista negro, fomos apresentadas a você e a suas companheiras estadunidenses de jornada, como Angela Davis e Patricia Hill Collins, que logo foram se tornando nossas companheiras e se juntando às nossas latinas e brasileiras como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Jaileila Menezes, mulher negra e nordestina como nós, cujas práticas de pesquisa e docência vêm coletivamente construindo micros e potentes revoluções ético-estético-políticas, práticas de liberdade, em pura consonância com o que você nos ensinou, inspirada por nosso conterrâneo Paulo Freire (hooks, 2017).

Ao encerrar esta longa carta, amiga, queremos agradecer-lhe por todo seu legado, que ilumina caminhadas como as nossas, conforme pontuamos durante nossa escrita. Ao nos aproximarmos de você, sentimos que seu pensamento nos ajuda a entender nossos percursos, a refletir sobre o vivido e a identificar em nós muito dos seus anseios por relações onde o cuidado seja um ato político. Entre nós duas, o cuidado é prática que nos tem fortalecido e impulsionado ao longo da vida, a cada momento. E agora mais do que nunca. Nos últimos anos, nosso país, tão desigual e injusto, atravessa um dos piores momentos de sua história nada bela. Parafraseando você, por aqui, o desamor se tornou a ordem do dia (hooks, 2021).

A despeito da terra arrasada que aqui se observa, nossa histórica resistência como negras e negros nesse país, mais uma vez, venceu. Sobre esse novo momento histórico que

está (re)nascendo? Muitas outras cartas estão por vir. As vidas de muitas meninas, negras como nós, estão agora mesmo sendo escritas. Por ora, basta saber que, mais uma vez, a maioria de nós renova sonhos e reaviva esperanças de um país plural e justo, construído por nossas decisões. Que pena não podermos ouvir o que você diria a respeito desse momento! Mas, de onde você estiver, bell, saiba: sua voz continua a ecoar em nossos desejos, em nossas práticas de resistência e de subversão da ordem, tecendo em rede de cuidados ferramentas de construção da vida justa, por você e por nós esperaçada.

## **Referências**

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019a.

HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019b.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2021.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso*. São Paulo: Leya, 2017.

---

## Conversando com bell hooks: o aquilombamento de profissionais do Serviço Social

Hélen de Oliveira Soares Jardim  
Doutoranda em Ensino – Unipampa, Bagé/RS  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3685209804833142>  
E-mail: [helenjardim.ms@gmail.com](mailto:helenjardim.ms@gmail.com)

Dulce Mari da Silva Voss  
Doutora em Educação, Professora no PPG em Ensino – Unipampa, Bagé/RS  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6357471301897496>  
E-mail: [dulcevoss@unipampa.edu.br](mailto:dulcevoss@unipampa.edu.br)

**Resumo:** bell hooks, mulher negra estadunidense, escritora, professora e feminista que nasceu em 1952 e faleceu em 2021, permanece viva e vibra em cada pele negra que assume sua força e segue a luta contra as violências do racismo, sexismo e embranquecimento. Violências que não cessam, haja vista o crescimento dos feminicídios praticados aos corpos de mulheres negras na atualidade. Escrever esta carta para bell hooks é uma micropolítica de resistência ao racismo, sexismo, colonialismo, exclusões e outras políticas de expropriação das forças vitais negras. Na contramão, seguimos inventando corpos coletivos movidos pelas lutas antirracistas, antissexistas e outras armadilhas do embranquecimento ocidentalizado. Enfatizamos aqui a atuação do coletivo de mulheres negras profissionais do campo do Serviço Social que se reúnem para estudar sobre “Racismo e Serviço Social”. A luta pela afirmação das vidas negras tem atravessado a existência deste coletivo, estamos aquilombadas, cuidar umas das outras e cada uma de si é o nosso desejo e, juntas, também nos fortalecemos para seguir cuidando de outras que atravessam nossas existências e o exercício da profissão que abraçamos.

**Palavras-chave:** Antirracismo; antissexismo; Serviço Social; cuidado.

Cara bell hooks,

Estamos em setembro e hoje é um dia tipicamente de inverno, daqueles em que os raios de sol estão quase encobertos pelas nuvens, o vento Minuano sopra forte e aumenta a sensação de frio aqui nos Pampas Gaúchos, região do Rio Grande do Sul que faz fronteira do Brasil com Uruguai.

Nestas terras marcadas pela colonização europeia, corpos negros estão mais expostos ao frio, às dores e às mortes que outros. Corpos negros de mulheres fronteiriças submetidas a inúmeras violências, ao abuso sexual, aos feminicídios. Nossa região reflete a triste realidade brasileira na qual, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a cada seis horas e meia uma mulher é violentada e assassinada, sendo que três a cada quatro vítimas de feminicídio têm entre 19 e 44 anos, e mais da metade deste contingente de mulheres (61,8%) são negras (Agência Estado, 2021).

A violência aos corpos negros não cessa. São as práticas de tortura e destruição que se tornaram mais sofisticadas e sutis, e que continuam operando a objetivação e exploração violenta das energias vitais, através do sexismo e do racismo. Exclusões associadas aos racismos, sexismos, misoginias, genocídios, colonialismos que expropriam forças vitais, descartam corpos negros, estrangeiros, trans, lésbicos, esses outros/as que não se ajustam à normalidade, à branquitude, a civilidade ocidentalizada. Colonialidade que gera a continuidade da dominação pela raça, “mentira e sopro de má sorte”, encarnação dos seres submetidos à condição de racializados, “marafunda ou carrego colonial”, de um “sistema mundo racista/capitalista/cristão/patriarcal/moderno/europeu e às suas formas de perpetuação de violências e lógicas produzidas na dominação do ser, saber e poder” (Rufino, 2019, p. 12).

Trata-se de uma distribuição universalizante das sociedades ocidentais em categorias, onde algumas usufruem do direito de viver, enquanto outras devem morrer. Efeitos de uma prática biopolítica de morte, assinalada por Foucault e traduzida por Mbembe (2018, p. 18), ao dizer que o racismo sempre esteve presente nas políticas do ocidente como uma tecnologia destinada a permitir o exercício da morte: “na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado”.

Pois é bell, aprendemos na marra uma lição cruel: pode-se mascarar as dores e as torturas, cobrir a pele negra de máscaras brancas (Fanon, 2008), ou resistir, criando macro e micropolíticas de luta contra as políticas de morte – necropolíticas (Mbembe, 2018). O que acontece é que não somos brancas, não temos uma pele branca, por isso enfrentamos tantos desafios diários tentando desviar nossos corpos e vidas negras das armadilhas ferozes que o mundo eurocêntrico, branco, patriarcal e cristão inventou pra nós.

bell, reinventar os próprios desejos e as existências: este é o nosso desafio. Muitos corpos negros assim têm feito e fazem ao longo da história ao escaparem às interdições e capturas. Resistência forjada pelo Movimento Negro Unificado (MNU) que, conforme Gomes (2012) foi o principal responsável pela formação de uma geração de intelectuais e militantes negros que são hoje referência na pesquisa sobre relações étnico-raciais no Brasil, atuantes também no processo de discussão e elaboração da Constituição Federal de 1988, período que é conhecido como de reabertura política e redemocratização do país.

Também o 1º Encontro Nacional de Mulheres Negras, realizado em 1988, na cidade de Valença (RJ); o VII Festival Latinidades, ocorrido em Brasília no ano de 2014, são acontecimentos que demarcam a militância de mulheres negras vindas do mundo todo. O Festival Latinidades não apenas tratou da necessidade de relação entre as divisões sociais de

raça, classe, gênero, sexualidade, idade, nacionalidade e capacidade, como também promoveu a aproximação de pessoas do meio acadêmico e comunitário, idosas e jovens que aprenderam umas com as outras. Presença e mistura de corpos, texturas, peles, cabelos, cores, linguagens, idiomas, e tantos outros elementos conectados entre si, desafiando o racismo e o sexismo que insistem em aprofundar desigualdades sociais entrecruzadas com outras categorias que tornam mulheres, crianças, pessoas de cor, pessoas com capacidades diferentes, pessoas trans, populações sem documento e grupos indígenas mais vulneráveis (Collins; Bilge, 2020).

Em 2015, outra importante ação política se efetivou: a Marcha das Mulheres Negras contra o Racismo, a Violência e pelo Bem Viver, ocorrida também na cidade de Brasília, e que contou com a participação de mais de cinquenta mil mulheres negras de todo o país. Três anos depois, em 2018, o Fórum Permanente de Mulheres Negras: Avaliação dos 30 anos do Encontro Nacional de Mulheres Negras, durante o 13º Fórum Social Mundial, em Salvador (BA), foi um momento especial de avaliação da trajetória de organização das mulheres negras brasileiras nessas últimas três décadas.

Conforme afirmado no relatório do Fórum, o protagonismo das mulheres negras tem dado visibilidade à sua agenda de direitos. Inúmeras organizações foram criadas e qualificaram o embate/debate político-ideológico sobre o racismo e o sexismo na sociedade brasileira. No debate, a discussão do racismo foi associada ao “aprofundamento das desigualdades, empobrecimento da população negra, concentração de riquezas, feminicídio de mulheres negras, assassinato de jovens negros, encarceramento da população negra, crescente encarceramento das mulheres negras em todo o país” (Fórum, 2018, p. 5).

Protagonismo que reconhecemos ao nos encontrarmos com tuas obras, bell, juntamente com o legado de Patricia Hill Collins, Sirma Bilge, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Beatriz Nascimento, Carla Akotirene, Djamila Ribeiro, Vilma Piedade, Magali de Almeida, Nilma Lino Gomes, Petronilha Silva e outras tantas mulheres negras que nos permitem aprender mais sobre existências negras singulares. E compartilhamos saberes em territórios negros, como o Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros e Negras (COPENE), criado pela Associação Brasileira de Pesquisadores Negros e Negras (ABPN), no ano 2000. E que segue fortalecendo a militância da intelectualidade negra.

Neste ano de 2022, chegamos ao XII COPENE. Foi nele que compartilhamos com outros/as pesquisadores/as negros/as uma das vivências que desejamos aqui também te contar. O Coletivo Racismo e Serviço Social, formado por um grupo de 20 mulheres negras do Serviço Social (SS), provenientes de distintas regiões brasileiras que se reúnem

mensalmente para estudar epistemologias negras e dialogar sobre suas formações e atuações profissionais.

O Coletivo iniciou suas atividades em 2019 por meio de encontros virtuais nos quais são compartilhadas leituras de autoras negras e textos que tratam do exercício profissional no SS. Nele, temos operado com epistemologias negras que nos permitem perceber nossas existências no mundo e fortalecer redes de afetos em contracorrente ao colonialismo, racismo e sexismo. Estamos empenhadas em: “promover condições de igualdade dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais” (Silva, 2007, p. 490).

Nesses encontros são construídas possibilidades para uma retomada da formação e atuação profissional, tendo em vista que estamos inseridas em diferentes contextos: comunidades periféricas, sistema penitenciário, jurídico, saúde, educação, organizações não governamentais (ONGs), entre outros lugares em que a presença e ação de corpos negros tem evidenciado a produção de saberes, fazeres e sentires antirracistas e antissexistas de grande potencialidade.

Por isso, entendemos ser de suma importância colocar em questão os saberes que constituem historicamente nossa profissão e atuação junto às comunidades negras, tendo em vista que fomos “submetidas a anos de socialização sexista e racista”, processos que nos fizeram “acreditar cegamente” num conhecimento único “formado e moldado pelo sistema opressivo” (hooks, 2014, p. 88).

Para nós é urgente reinventar nossa formação e o exercício profissional no campo do SS. Respaladas em epistemologias negras, fortalecemos um modo singular de produzir saberes e práticas profissionais. Trata-se de aprender saberes, fazeres e sentires legados por mulheres negras em contextos de combate ao embranquecimento eurocêntrico, a socialização sexista e racista. Como adverte Ribeiro (2019, p. 34): “Uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai experimentar gênero de uma outra forma”. A autora afirma que:

O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. A teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se pensam universais, se racializem, entendam o que significa ser branco como metáfora do poder, como nos ensina Kilomba. Com isso, pretende-se também refutar uma pretensa universalidade. Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal. Busca-se aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva (Ribeiro, 2019, p. 39).

Diz a autora: “um dos objetivos do feminismo negro é marcar o lugar de fala de quem as propõem, percebemos que essa marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica” (Ribeiro, 2019, p. 25).

O conceito “lugar de fala” é criado pela autora por entender que certos grupos não possuem o direito de manifestar suas próprias percepções e experiências vividas. Quando, raramente, esses discursos e outras formas de expressão de grupos subalternizados são pronunciados, carecem de legitimidade em razão da posição que ocupam na vida social. Portanto: “Não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades. Ao ter como objetivo a diversidade de experiências, há a consequente quebra de uma visão universal” (Ribeiro, 2019, p. 34).

Ainda mais quando a atuação ocorre em contextos de profundas desigualdades, e nos quais raramente esses discursos e outras formas de expressão de grupos subalternizados são pronunciados, ou carecem de legitimidade em razão do padrão hegemônico que torna universal a cultura branca, racista e sexista. Seguimos as lutas feministas negras no mundo, nas Américas, no Brasil, em aquilombamentos de mulheres negras que reinventam sua intervenção social e profissional comprometidas com um projeto ético, estético e político referendado em saberes, fazeres e sentires singulares.

Reivindicamos e exercemos o cuidado de si e uma das outras. Assim como escreve Valério no texto *Pelo direto a desaguar: uma carta para as meninas mulheres negras* (2020), onde narra suas experiências como mulher negra que aprendeu desde cedo a enfrentar as dores e os preconceitos racistas e sexistas, sem que pudesse “desabar” diante das enormes desigualdades sociais, de gênero e raciais.

Reivindicar o cuidado de si como atitude ética, anuncia Foucault (2010) quando se refere a uma arte de existência, denominada *parrhesía*, para dizer da coragem que cada sujeito assume diante de si mesmo ao cuidar da sua própria vida, tornando-a bela aos próprios olhos. E, como escreve Valério (2020):

Compreendi que reconhecer-me frágil era uma estratégia de sobrevivência bem mais eficaz que a de negar-me, pois, permitia-me escoar todas as angústias, traumas e dores guardadas e, assim, poderia contribuir, de fato, com as nossas lutas, pois estaria bem, saudável, fortalecida. E, acreditem, não há algo mais transgressor que uma mulher negra feliz, viva! (Valério, 2020).

Por fim bell, desejamos fazer eco ao direito ao cuidado como estratégia de combate ao racismo e ao sexismo que ainda imperam em nossa sociedade e que deve ser travado

coletivamente sem que se negligenciem os anseios e as expectativas individuais de cada mulher negra.

Cordialmente,

Hélen Jardim e Dulce Voss

## Referências

AGÊNCIA ESTADO. *Brasil registra um caso de feminicídio a cada 6 horas e meia*. Correio Braziliense, 15 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/07/4937873-brasil-registra-um-caso-de-feminicidio-a-cada-6-horas-e-meia.html>. Acessado em: 10 de fevereiro de 2023.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.

CONCEIÇÃO, Pedro. Relatório do Desenvolvimento Humano, 2019. Além dos rendimentos, além das médias, além do Presente: desigualdades no desenvolvimento humano no século XXI. Nova York: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/library/relatorio-do-desenvolvimento-humano-2019.html>. Acessado em: 06 de agosto de 2021.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EdUFBA, 2008.

FÓRUM Permanente de Mulheres Negras: avaliação dos 30 anos do I Encontro Nacional de Mulheres Negras. In: *Fórum Social Mundial*, 13., 14 e 15 de março de 2018, Salvador, Bahia.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. *Revista Educação e Sociedade*, v. 33, n. 120, Campinas: SP, jul.-set. 2012, p. 727-744. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/wQQ8dbKRR3MNZDJKp5cfZ4M/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 25 de março de 2022.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HOOKS, bell. *Não sou eu uma mulher?* Mulheres Negras e Feminismo. Tradução livre para a Plataforma Gueto. Plataforma Gueto, [s. l.], janeiro de 2014. Disponível em: [https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher\\_traduzido.pdf](https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf). Acessado em: 20 julho de 2022.

MBEMBE, Achille. *Políticas de inimizade*. Lisboa: Ed. Antígona, 2017.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico cultural da população afro-brasileira. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.).

*Afrocentricidade*: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 197-218.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Ed. Jandaíra, 2019.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. *Educação*, Porto Alegre, v. 3, n. 63, set./dez. 2007, p. 489-506.

VALÉRIO, Amanda Crispim Ferreira. *Pelo direito a desaguar*: uma carta para as meninas-mulheres negras. Portal Geledés, [s. l.], 15 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/pelo-direito-a-desaguar-uma-carta-para-as-meninas-mulheres-negras/>. Acessado em: 28 de julho de 2022.

---

## Pistas para esperarçar

Danuza Kovaleski Machado  
Graduada em Serviço Social pela Unisinos  
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9364410473975305>  
Email: danuzakovaleski@gmail.com

**Resumo:** O ensaio em primeira pessoa trata-se de uma carta simbólica direcionada a autora bell hooks em uma narrativa breve, abordando o processo de encontro com sua obra e como suas ideias influenciaram para o desenvolvimento crítico, no âmbito pessoal e profissional – sugerindo pistas para esperarçar em meio ao desejo de rompimento com o sistema opressor, produzindo inspiração para novas intervenções em cuidado, trazendo também outras autoras para compor a base de reflexão.

Querida bell,

Tu não me conheces, sou uma mulher e profissional que encontrou acolhimento e formas de esperarçar através de teus escritos. Mas permita-me apresentar: me constituo socialmente como uma mulher branca, heterossexual, solteira, da classe trabalhadora, filha mais velha de pais separados que escolheu como profissão ser Assistente Social e, assim como você, sigo e admiro Paulo Freire, a quem também pude me aproximar através da Educação Popular. Te conheci há pouco mais de um ano pela referência do Professor Renato Nogueira<sup>1</sup>, que falava do amor e de como amar na perspectiva de outras culturas. Através de um coletivo que leva teu nome, pude me aproximar de ti através dos olhos e da interpretação de um grupo de pesquisa sobre políticas do cuidado.

Desde o início deste ano, participando deste coletivo, me encontrei com pessoas que partilhavam angústias que, mesmo sendo diferentes das minhas, encontravam-se em pontos comuns pelo desejo do rompimento com o sistema opressor, ecoando no grupo, através de cada um e uma, formando um espaço seguro para além dos campos da pesquisa, um lugar de troca e de acolhida afetiva, que dava corpo e nome aos incômodos vivenciados por todes. Nesta caminhada também venho me construindo feminista, a partir da observação e da escuta de outras mulheres e de me encontrar nelas, mesmo quando nossas correntes forem diferentes, como diz Audre Lorde (2019).

Em dezembro de 2021, pouco antes de tua definitiva viagem, tive o primeiro contato com tua obra no livro *Tudo sobre o amor* (2020). Me identifiquei em questões que pra mim ainda não tinham nome e outras que nem sequer tinha pensado, mas que ganharam sentido. A forma simples, horizontal e afetiva com que expressas tuas vivências, aproximou-se de mim trazendo-me um caminho à reflexão sobre amor próprio, para as relações e interações familiares, formas como lidamos com os processos de luto e o que compõe o amor como um

ato político. Além de como questões de âmbito social podem afetar diretamente o processo de afetar e deixar-se afetar e a implicação de como meu corpo pode interferir nos modos de subjetivação do outro.

Lembro-me que em uma das minhas primeiras participações no coletivo tivemos um encontro *online* com o GEPCOL - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas, da Universidade Federal de Pernambuco. Líamos o livro *Ensinando Comunidade* (2021). Nesta leitura senti um acolhimento diferenciado e a confirmação pela escolha que havia feito recentemente: me desligar do então local de trabalho em que estava, onde me permiti dar uma pausa, cuidar de mim e pensar o que faria dali pra frente.

Sentia-me em culpa por ter decidido abrir mão de um emprego em meio a uma crise econômica, política, em recuperação de uma pandemia, um projeto de necropolítica em curso, atingindo as políticas públicas e conseqüentemente grande parte da população, restringindo o acesso à trabalho e renda. Uma pessoa que depende do seu trabalho para sobreviver decide simplesmente parar! Embora não fosse uma decisão simples, muitos eram esses olhares e comentários que recebia e os conflitos em relação a isso me tomavam. Estava eu adoecida pelo trabalho, sendo que é através dele que mantenho meu sustento, ainda suprido naquele momento, mas preocupada com as cobranças sociais as quais tinha que responder.

É incrível como o sistema econômico e hegemônico em que vivemos nos cobra a produtividade em troca de nossa saúde, nosso tempo de vida ou seja lá o que tivermos a oferecer como moeda de troca! No GEPCOL foi realizada a leitura do *Um tempo de licença: salas de aula, sem fronteiras* (2021) – que conversou com o relato de uma colega do coletivo que falava sobre a necessidade de uma pausa como forma de autocuidado. Lembro dela trazendo isso como uma necessidade e penso que a decisão pelo “tempo de licença” seja uma desobediência política à cultura de dominação. Inspirada em ti e nesta colega, este período de parada foi de buscas, de recalculando a rota e de pensar minha prática profissional olhando para meus incômodos internos, ressignificá-los para minhas pequenas revoluções.

Assim, através de outras mulheres e outros femininos, tenho encontrado também junto a outras autoras do feminismo negro um lugar para outros movimentos e desconstruções, especialmente autoras brasileiras que são mais próximas da minha realidade, fazendo também como tu sugeres em *Tudo sobre o amor* (2020), a construção de comunidades, muitas delas pelo caminho da *dororidade* (2017), conceito de Vilma Piedade que estou descobrindo há pouco.

bell, este ano foi muito atípico e cheio de reflexões, rompimentos e reconstruções internas. Repleto também de buscas de aprendizado, de pensar fora da caixa e até mesmo de

construir minhas próprias caixinhas, porque entendo que nossas caixas, de nossos jeitos e formatos, também nos protegem. Fazendo aqui uma analogia ao pássaro joão-de-barro, muito comum por aqui, que tem uma casa quase uma caixinha, mas não é uma gaiola, feita por ele, de forma que lhe dá liberdade para sair, voar e retornar para um local seguro que atende às suas necessidades.

No segundo semestre retornei ao mercado de trabalho, numa vaga temporária. Como sabes, ainda estamos amargando as consequências de um governo reacionário, então as questões econômicas ainda precisam ficar estabilizadas. Por não poder aguardar por algo mais estável, acabei aceitando o desafio. Desta vez, o trabalho é na Política Pública de Saúde, mais especificamente em um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas - CAPS AD III<sup>2</sup>, uma política e um espaço onde eu desejava muito atuar profissionalmente. Queria muito te contar sobre isso! Neste espaço venho aprendendo e descobrindo, além de novas possibilidades profissionais, outras novas formas de refletir e propor o cuidado em saúde mental.

Nesta caminhada tenho me deparado com desafios, mas também ressignificando minha trajetória profissional, da mesma forma como me identifiquei em tua narrativa. Encontrei junto com a equipe de trabalho durante os atendimentos individuais e dos acolhimentos iniciais, mulheres fragilizadas pelas suas vivências e dilaceradas pela ausência ou falha nas políticas públicas, permeadas pelas expressões da questão social como a pobreza, o racismo, o machismo, entre outras mazelas. Neste contexto, observamos a necessidade de cuidado muito específico, mulheres que cuidavam de outras pessoas, mas não conseguiam fazer o cuidado de si mesmas. Sendo cobradas a corresponder a papéis sociais que lhe foram atribuídos, enquanto adoecem sozinhas, buscam artifícios próprios para acalantar seus sofrimentos.

Propomos um grupo de mulheres com o intuito de acolhimento e cuidado, de mulheres para mulheres. Neste espaço problematizamos as realidades ouvidas e pensamos em conjunto. Como eu precisava te contar isso! Tem sido lindo! Cada vez mais, além de ti, chegam outras autoras compondo nossa base de intervenção, tais como Conceição Evaristo, Dalva Maria Soares, Júlia Rocha, entre outras. Como gostaria te de contar sobre cada uma delas e sobre cada ideia deste espaço! Mesmo sendo necessária outra carta para descreve-las, destacarei algumas delas para te contar um pouquinho do que venho te dizendo...

Quero te contar sobre Júlia, uma artista cantante, política e médica do SUS, que nas narrativas trazidas em seu livro *Pacientes que curam* (2021), podemos encontrar a cada história a possibilidade de um cuidado humanizado pela escuta, o que identifico como um

atendimento horizontal, pelo respeito às vivências e trajetórias das pessoas que buscam o cuidado, sem a visão eurocentrada e hierárquica do conhecimento. Tem também Dalva, mulher forte e aguerrida que encontrou nas palavras formas *Para diminuir a febre de sentir* (2020), que é nome de um de seus livros.

O que tens em comum com essas autoras? A narrativa de histórias reais, contadas com simplicidade mas que evidenciam questões complexas, trazidas como experiência e formas de ressignificação. Ah, descobri recentemente com a *Conceição Evaristo* (2020) que isso pode ser chamado de escrevivência! Essa prática de escrever ou oralizar vivências, temos aplicado ao grupo de mulheres, e preciosidades têm nascido. Como queria que visse isso: outras mulheres seguindo teu legado mesmo tendo te conhecido há tão pouco tempo!

Nestes encontros vamos olhando e nos reencontrando através de outras mulheres. Embora seja vista tanta potência, é uma lástima haver pouca promoção de espaços de cuidado com uma condução descolonial, especialmente em saúde, e por ainda estarmos permeadas pela lógica da competição estimulada pelo sistema vigente hegemônico do patriarcado.

Durante a leitura do livro *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (2019), encontro pistas para uma prática de liberdade com consciência crítica. A cada leitura de teu legado escrito, tenho buscado erguer minha voz e tentado inspirar outras mulheres a erguerem as suas junto comigo. A tomada de consciência crítica para a prática de liberdade causa em mim um pouco mais de capacidade de aprofundamento da reflexão para além do olhar como mulher, e passo a considerar meus marcadores sociais como mulher branca, que somente serão possíveis pelo processo de racialização vivenciado, o que também vem a ser assunto para uma outra carta.

Bem... embora ainda sejam tempos estranhos, é importante ter conhecido tuas palavras e através delas ter encontrado espaços que o digam também, como disse lá no início é enriquecedor encontrar formas de esperar junto de outras pessoas que olham para a mesma direção, embora estejam em perspectivas diferentes da minha.

No fim, o saldo deste ano tem sido positivo. O grupo de mulheres na saúde tem erguido nossas vozes, como um espaço em comunidade, e nos curado também pelo exercício de afetar e ser afetada. É lugar de respiro, saindo da centralização da patologização dos transtornos, desabrochando em nós o protagonismo para uma nova forma de fazer saúde. Obrigada pelas sementes lançadas! Imagina você, que até me propus a escrever sobre isso em um texto para publicação! Acreditas? A arte de esperar pode ter resultados surpreendentes!

## Referências

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In: Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes: ilustrações Goya Lopes. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.*

HOOKS, bell. Ensino 2 Um tempo de licença: salas de aula, sem fronteiras. *In: Hooks, bell. Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança. Tradução de Kenia Cardoso; São Paulo: Elefante, 2021.p.(39-51)*

HOOKS, bell. *Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança. Tradução de Kenia Cardoso; São Paulo: Elefante, 2021.*

HOOKS, bell. *Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.*

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.*

LORDE, Audre. *Irmã Outsider. Tradução de Stephanie Borges. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.*

PIEADADE, Vilma. *Dororidade. 1ª ed. São Paulo: Nós, 2017.*

ROCHA, Júlia. *Pacientes que curam: o cotidiano de uma médica do SUS. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.*

SOARES, Dalva Maria. *Para diminuir a febre de sentir. Belo Horizonte: Venas Abiertas, 2020.*

---

## A controvérsia no amor

Nathallia Protazio

Escritora e farmacêutica. Atualmente mora em Porto Alegre onde trabalha e está mestranda no PPG-Psicologia Social e Institucional da UFRGS

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4455436268066375>

E-mail: [nathalliaprotazio@gmail.com](mailto:nathalliaprotazio@gmail.com)

**Resumo:** Através de uma conversa com a obra *Tudo sobre o amor* (2020) de bell hooks, a autora cria um espaço de análise sobre um possível último capítulo: A controvérsia no amor, no qual defende a ideia de que a criação de amor próprio e autoestima podem ser resultado de um processo de consciência aberta, viva e com coragem suficiente para viver suas controvérsias interiores. “Por que como seria possível amar a mim mesma sem conhecer todos os meus avessos?”

Porto Alegre, 29 de agosto de 2022 - fim de uma segunda-feira cansativa.

Boa noite, bell hooks!

Estou para lhe escrever há mais de duas semanas, mas meu pós-Covid foi marcado por algumas crises de ansiedade que minaram minhas energias. Estranho como tenho a sensação de que nossas carnes, nossos ossos e fluidos corporais também são compostos pelos conhecimentos e experiências que adquirimos ao longo deste trajeto chamado vida. Não acha?

Desde que comecei o mestrado em Psicologia Social na UFRGS parece que todas as minhas conversas, pensamentos e encontros convergem para a reflexão: o que é saúde e como construí-la?

Acho que se me fosse possível recomeçar esta carta eu diria de imediato, “bell, que baita texto esse teu *Tudo sobre o amor* (hooks, 2020), hein!”, mas a crise de ansiedade e seus desdobramentos na minha rotina parecem a todo momento me povoar e tentam, de maneira egoísta, contaminar toda a floresta de minhas reflexões.

Hoje, neste exatamente agora, acredito que saúde é um conjunto de condições – sociais, psicológicas, físicas, afetivas e, porque não dizer também, culturais e econômicas –, cuja integração permite a uma pessoa, inserida em seu respectivo meio, expressar-se e viver com qualidade. Deste modo, o conceito de saúde será diferente tanto quanto forem diferentes os meios sociais, econômicos, culturais e individuais. Não posso imaginar que o que me faz bem, necessariamente fará bem ao outro.

Neste ponto, gostaria de lhe dizer (mais uma vez) que o seu livro *Tudo sobre o amor* (2020) é espetacular. Você fez um ótimo trabalho, detalhista, teórico-prático, didático e sobretudo abrangente, obrigada pelo empenho e por se manter acreditando, mesmo nos

momentos de ausência. Mas, com todo o respeito que lhe tenho, me permita uma crítica: senti falta de um espaço na sua, quase exaustiva, classificação – a controvérsia no amor.

Seria como um espaço de generosidade com a nossa parte mais controversa, aquela dentre todas que nos povoam que arrisca-se, e na aventura de se contradizer abre novas possibilidades de autoconhecimento e criação. Uma amiga me disse: “Nathallia, quando se relacionar, negocie com o outro, faça e receba concessões, converse, troque, esteja aberta. Porém, guarde bem lá dentro, em um lugar seguro, aquilo que para ti é *o inegociável*. Aquilo que na tua essência é o teu maior ato de respeito”.

Não levei muito tempo para verbalizar que o meu *grande inegociável* é a honestidade. Veja bem, não disse que é a verdade, a fidelidade ou a lealdade. Para mim, a verdade é uma ficção aceita por todos, portanto um contrato socialmente construído, a fidelidade é uma ferramenta de controle de natalidade e doenças sexualmente transmissíveis e a lealdade uma terceirização da autorresponsabilidade, o que por si só me soa inútil. A honestidade é estar de acordo com minha ética, com meu mundo, é ser eu comigo mesma, é a minha própria verdade ficcional. Ser honesta é não precisar mentir para conviver comigo. E portanto eu menti.

bell, eu também sou uma mentirosa no mundo. Me odiei, me julguei e me culpei por isso. Sou mentirosa e negocieei o meu *grande inegociável*. Neste processo de me relacionar com o outro eu negocieei o que não deveria, e isso machucou e doeu. Levando o teu livro à risca não foi amor, pois o amor respeita, e na mentira o respeito se fez ausente. Porém, o caos trabalha na controversa humana e uma consciência viva e aberta pode ser a maior definição de honestidade. Mantive minhas sensações vivas, não abafei a dor, a alegria, a troca, o afeto e a minha própria violência.

Como falar de amor humano sem mencionar nossas fissuras e tentativas, nossas fugas e buscas? Abri um espaço de generosidade dentro de mim mesma para entender qual parte de mim me fazia viver aquilo, por que tantos ciclos repetidos, quantos encontros vividos de novo e de novo e de novo. Se o outro parece sempre um é porque eu estou sendo a mesma. Se não quero mais viver o mesmo dia de hoje amanhã, qual escolha eu não estou, não estava e, talvez, precise fazer por mim mesma?

Querida escritora, no abraço ao vazio algumas vezes encontramos aquilo que nos falta, e este encontro enfim nos liberta. Para desejar é primeiro necessário conhecer onde está o espaço disponível para o desejo. Encontrei dentro de mim a fonte da mentira: “Não mereço ser amada” – uma voz rouca soprava dia e noite dentro de mim. O vento violento machuca batendo portas e janelas de meu corpo, casa onde habito. Não estava aberta a

receber amor, como poderia ser amada? Não me sentia em lugar de direito ao amor do outro. Tanto tempo gasto aprendendo a amar, esqueci de mim, não aprendi a receber.

Acredito que quero escrever teu décimo quarto capítulo: *A controvérsia no amor*. Por que como seria possível amar a mim mesma sem conhecer todos os meus avessos? Se é na controvérsia da consciência viva e aberta que colocamos nossos fantasmas e traumas em cheque para através do autoconhecimento abriremos um caminho de respeito a todas que somos. bell, sejamos generosas conosco. Somos passíveis ao erro, às tentativas, somos incompletas e fortes nas nossas andanças. Teu *Tudo sobre o amor* (2020) é quase perfeito, e esta comparação é proposital, pois humanas somos imperfeitas e senti falta de um espaço que abraçasse meus avessos e versões controversas.

Um enorme abraço, saudades da época que te sabia viva, agradecida por te sentir perto.

Nathallia Protazio

## **Referência**

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor*. São Paulo: Elefante, 2020.

---

## Silêncios... ou será que cansamos de explicar sobre lugares?

Izabel Espindola Barbosa  
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8587390093774613>  
E-mail: [izabel.barbosa@iffar.edu.br](mailto:izabel.barbosa@iffar.edu.br)

Eliane Almeida de Souza  
Instituto Apakani  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5074202991348202>  
E-mail: [negrasim2004@yahoo.com.br](mailto:negrasim2004@yahoo.com.br)

**Resumo:** Escrever para uma de nós, entre nós, é como conversar com alguém da família. Chamá-la pelo primeiro nome, Gloria, não seu pseudônimo reconhecido mundo afora. Porque ela está aqui dentro, em cada mente que escutava as palavras de seus escritos. Essa fala em silêncio, a escrita, nos deu alguma permissão pra discutir tantas conquistas e dividir esperanças. Mesmo em planos diferentes, físico e ancestral, pensar os lugares de vidas, vivências, de escutas, falas e silêncios. Com o atrevimento de nomeá-la *Dada*, nossa irmã, que nos emana força para cada vez mais erguer a voz e sermos ouvidas.

Querida *Dada* Gloria,

Podemos chamá-la assim? Ou prefere, em respeito à sua força ancestral, chamá-la *Mama* bell? Talvez, como aprendentes, chamá-la *Mwalimu*... sim, professora, pelo tanto que nos ensinaste. Mas será *Dada*, que é irmã em suaíli. Na verdade é mana, mais próximo e sem formalidade. Mais “chegado” como se fala aqui no Brasil. Sim, sobrevivemos no país tropical. Ainda não iremos encontrá-la. Você partiu, *Dada* Gloria, para a grande viagem e não pudemos nos despedir, mas guardamos seu aviso:

Atualmente, somos convocadas por uma circunstância alarmante - o ressurgimento da violência racista declarada, o aumento da carência e da pobreza, o analfabetismo generalizado e a avassaladora devastação psicológica que produz loucura em todas as fronteiras de classe - a examinar e reavaliar criticamente nosso papel como pesquisadores negros (hooks, 2019, p. 144).

Por isso decidimos escrever. Certo que não nos conhecemos ao vivo, não somos “chegadas”, próximas fisicamente. Mas suas palavras invadem tantas de nós e tanto de nossa consciência de mulheres que não há como lê-la (sim, a ti *Dada*, e não só tuas palavras) e não sentir dividindo muitas experiências. Vivências e, agora, com a permissão de *Mama* Conceição, escrevivências (é *Mama*, mãe em suaíli, porque as palavras dela batem como conselhos de mãe na nossa consciência).

Desculpa misturar tudo, deve ser difícil entender a língua portuguesa, quer dizer o pretuguês, como outra *Mama* ancestral Lélia nos ensinou. E ainda colocamos suaíli, é que foi

uma das lições da pandemia: retornar ao passado para enxergar o futuro, e então se aprende um pouquinho de suaíli.

Queríamos dizer-te obrigada!

Ao ler que “nós compartilhamos uma responsabilidade recíproca e mútua de afirmar o sucesso um do outro. Às vezes, devemos conversar com nossa gente, falar que precisamos de seu apoio e suporte contínuos, que são únicos e especiais para nós” (hooks, 2019, p. 176), sua fala nos autoriza a dividir alguns aprendizados e também algumas angústias.

O corpo negro é visto, e revistado, como objeto carregado de ausências. Ausências de referências, só reconhecidas mais atualmente, ausências de espaços, ausências nas teorias. Mas não nessa construção social do corpo, ele sempre esteve ali inclusive para quem não queira ver o corpo negro e negue as diferenças.

Na ancestralidade africana trata-se corpo-mente-espírito como um só, por isso se “bate cabeça” no terreiro: “eu me coloco a dispor do todo” (do outro, do ambiente, do orixá...). No discurso de Sojourner Truth em 1851 onde ela pergunta *E eu não sou uma mulher?*, ela questiona ao ver negada seu lugar por não ter os “padrões” estipulados por homens, brancos, cristãos, do que seria uma mulher à época. Por isso se nega o corpo, os saberes, a espiritualidade e tantas outras coisas que carreguem o adjetivo “negra/o”.

Mesmo que esta carta seja considerada uma escrita mais frágil, a importância de escrever momentos da vida, a natureza e as resoluções das nossas pretas lutas é parte de uma reconciliação histórica com o passado, que não é da mulher negra, mas de toda uma coletividade (hooks, 2019). Temos o desejo de que as pessoas de cor branca, porque “todos sabemos que branco também é cor” (Bento, 2006, p. 48), tenham além de discursos, ações antirracistas. E, seguindo seu conselho, “devemos estar dispostos a desconstruir essa dimensão de poder, desafiar, modificar e criar novas abordagens” (hooks, 2019, p. 123).

A herança da falta tira das mulheres negras o ser, o existir diante do mundo. Se pensarmos sobre mulheres, o termo, a imagem recai sobre mulheres brancas. Se são negras junte-as à imagem do homem negro. Racismo e sexismo violentam o corpo da negra, a alma da negra, o intelecto da negra, a ancestralidade da negra, o futuro e o presente da negra são complementos de faltas, falta liberdade. “Em lado nenhum isto é mais evidente que no vasto corpo da literatura feminista” (hooks, 2014, p. 8).

Quem escreve ou quem lê e questiona sobre tais “silêncios” são outras mulheres negras, tornando uma corrente de vozes e ouvidos trancafiados em espaços de militância, como peixes em um aquário onde há um espaço. Um espaço delimitado, de onde não são permitidas saídas, e quem sai perde-se em meio ao ar, como palavras jogadas e sem escuta.

Essa é a solidão afônica que não deixa gritar. Afonia é um estado onde há diminuição ou perda da voz, utilizado aqui como analogia desse silenciamento imposto.

Afinal as mulheres estão sempre lutando, forçadas a isso em meio a suas solidões afetivas, sociais, acadêmicas, financeiras, emocionais, infinitos modos de se sentir só, cercada de um vazio que adocece. Para as negras, “[...] a fala verdadeira não é somente uma expressão de poder criativo; é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos. Sendo assim é um ato de coragem - e, como tal, representa uma ameaça” (hooks, 2019, p. 36).

E então, chegamos a um lugar de fala?

Lugares! Será? Porque há lugares em que a presença de um corpo negro, de mulher, já causa um desconforto. Há lugares em que os ouvidos têm filtros e as consciências barreiras que, por vezes, ainda mais pós ano eleitoral, fogem a qualquer som que desvie de suas métricas ideológicas e esclarecidas (bem claro). A inglesa Reni Eddo-Lodge (2019) inclusive escreveu um livro com as razões porque ela não fala mais sobre raça com pessoas brancas, que é usado em alguns escritos acadêmicos, afinal

O racismo é uma questão dos brancos. Aos negros interessa tratar da negritude. Os brancos precisam discutir suas atitudes, seus ideais padronizados pelo velho discurso negacionista. Utilizar frases ou a “audiência” e anonimato (sim, você é só mais um ali) das redes sociais não te faz um antirracista. Não sintam culpa pelo passado, responsabilizem-se pelo futuro (Barbosa, 2021, p. 93).

Além de alguns ouvidos com filtros, escurecemos que lugares são delimitações que não permitem uma boa conversa. Boa, no sentido de criar “minhocas”, criar túneis de ventilação em ideias enterradas no cérebro. Para criar possibilidade de florescer vínculos.

Sim, assim como você, *Dada Gloria*, disse “que mulheres e homens devem compartilhar uma compreensão comum - um conhecimento básico sobre o que é feminismo” (2019, p. 63), nós acreditamos que todes devem ter um conhecimento sobre racialidades e essas relações, especialmente aqui no Brasil (não vou detalhar nossas diferenças históricas, *Dada Gloria* já sabe, mas é do Brasil que falamos nessa carta). Conhecimento de um *lugar de ouvir*, para ter mais aprendizados e argumentos, mas não utilizar o *lugar de fala* para fazer um *lugar de calar* sobre opressões.

Não vamos nos alongar muito, querida *Dada Glória*, até porque poderíamos ter horas de boas conversas. Mais uma vez: obrigada! Tua experiência nos deu força de escolher falar de educação, de mulheres negras, de sermos nós, de enfrentar todes dentro da academia (porque fora fazemos isso há centenas de anos). Obrigada por nos aceitarmos intelectuais sem deixar de sermos militantes. E obrigada por deixar por escrito tantos ensinamentos que

possibilitam recorrer a você, mesmo no plano ancestral, para partilharmos boas conversas com essa nova geração.

Nós aprendemos que “esse ato de fala, de erguer a voz, não é um mero gesto de palavras vazias; é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito - a voz liberta” (hooks, 2019, p. 39). E se vivemos muito no silêncio, e ele ainda nos protege hoje, usado estrategicamente quando necessário e quando, e só, dependendo da nossa vontade.

Esteja em paz.

## Referências

BARBOSA, Izabel Espindola. *Nossas professoras pretas: por uma pedagogia preta feminista*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande/RS, 2021.

BENTO, Maria Aparecida Silva. *Cidadania em preto e branco*. São Paulo: Ática, 2006.

EDDO-LODGE, Reni. *Por que eu não converso mais com pessoas brancas sobre raça*. Tradução de Elisa Elwine. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

EVARISTO, Conceição. *Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira*. Cultura afro-brasileira, Brasília: Palmares. Disponível em: [revista palmares set2005 nova entrevista colorpres.pmd](#) . Acesso em 23/12/2022.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

---

## Se eu não me esqueço do ontem, eu ressignifico o amanhã

Nathália Cristina Lemes Simão  
Pedagoga, pós-graduada em História, Cultura Africana e Afro-brasileira e Educação das Relações  
Étnico-Raciais pela Universidade Federal de Goiás.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6238930266381045>  
E-mail: natisimao@live.com

**Resumo:** A presente carta intitulada “Se eu não me esqueço do ontem, eu ressignifico o amanhã”, tem como intenção narrar práticas pedagógicas antirracistas e transgressoras que foram possíveis a partir da influência e total impacto causado pela autora bell hooks durante a minha trajetória acadêmica. Durante o relato, conto um pouco sobre a experiência com crianças durante a disciplina de estágio obrigatório da Universidade Federal de Goiás (UFG), e de que maneira eu fui profundamente tocada por aquelas realidades e pude desenvolver junto às crianças momentos que possibilitaram a livre expressão e a possibilidade da construção de novos sonhos tanto para mim, quanto para elas.

Querida e tão amada bell,

Espero que essa carta te encontre em paz. Hoje faz um ano desde a sua partida e eu ainda experiencio o mistério da primeira vez em que ouvi seu nome. Eu tento me lembrar dos detalhes daquele dia, mas apenas me lembro da voz de Lara me dizendo que tinha lido um texto que era a minha cara e me entregou em mãos *Vivendo de Amor* (2010), por bell hooks. Ansiosa, rapidamente comecei a ler e logo no início os escritos “Expressamos amor através da união do sentimento e da ação” (hooks, 2010). Devorei aquelas letras, pensei nelas por dias. Uma certa angústia, tentando compreender e analisando anos de amores vividos e tudo que eu poderia fazer dali pra frente para demonstrar o meu afeto e amor àqueles que me rodeavam.

Eu estava na metade do curso de pedagogia na Universidade Federal de Goiás (UFG) e ansiava pela sala de aula, pelos dias em que eu pisaria em alguma escola e mudaria a vida das crianças. Quando de repente chegou o momento, durante a disciplina de estágio obrigatório, e... infelizmente eu me deparei com um sistema que antecede a minha existência. Sim, uma estrutura racista permeando e adentrando em todas as relações na escola. É claro que não explicitamente, mas aquele tratamento dado a crianças, majoritariamente negras, entre 9 e 11 anos, era nitidamente desumanizado. Você não acreditaria se assistisse às aulas ao meu lado. Mas de certa forma você também estava lá. “Sentimento e ação”, eu não tirava essas palavras do pensamento. Foi quando eu adquiri o meu exemplar de *Ensinando a Transgredir* (2017), e você me acolheu de forma tão envolvente. Aquele início, o seu relato sobre a sua descrença com práticas pedagógicas adoecedoras, tudo me mostrava o caminho e

este era apenas um: acreditar nos meus passos e na possibilidade de conseguir aproveitar todas as brechas para fazer alguma diferença nas entranhas desse sistema.

À sua luz, eu planejei aquelas aulas com cada rostinho daquelas crianças em mente, de mãos dadas a você e Freire, acreditando que se de alguma forma eu pudesse fazê-las perceber o quão potente seriam os nossos encontros, sozinhas elas também notariam a força de seus saberes, dos afetos trocados, das infâncias que ali se davam e de como o futuro já era ali e agora.

Sueli Carneiro define o processo de epistemicídio como “para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural” (2005, p. 97), além de enfatizar que esse mecanismo se dá através da deslegitimação da população negra enquanto produtores intelectualizados de cultura e durante os encontros, foi possível observar como as crianças estavam com suas autoestimas dilaceradas, envergonhadas, com receio de se expressarem e até mesmo de serem naturalmente crianças. Isso se dá não apenas pelo trato social que recebiam em geral, mas também pelo tratamento oferecido por parte das professoras do colegiado, fruto visível do racismo institucionalizado, que as impediam de perceber a riqueza daquelas infâncias, que eram sobretudo, negras.

Juntas e juntos, tratamos de combinar que estávamos todas e todos aprendendo. Não precisaríamos nos envergonhar quando não soubéssemos alguma informação durante a construção das atividades. Aprendi com você também que “Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo” (hooks, 2017, p. 25). Então tudo bem também sentir vergonha de falar em algum momento, mas jamais deixaríamos de acreditar em nossas potências comunicadoras e na capacidade de comunicar uma ideia.

As crianças mais comunicativas amaram a ideia. E é claro que aproveitaram todos os momentos para compartilharem suas produções e se envaidecer de cada passo dado. As mais tímidas, passaram por processos diferentes e individuais ao longo do ano. E assim desenvolvemos um ano inteiro juntas. Criando cartas, ilustrações, bilhetes, mensagens para o futuro, analisando obras de arte, compreendendo nossas origens, imaginando e sonhando sobre como e onde estaremos daqui 20 anos. Se algo não estava legal, voltávamos e fazíamos mais uma vez. Juntas. Afinal, nem todo mundo tem bons dias todos os dias. Existe uma realidade fora da escola que deve ser levada em consideração. A fome, a pobreza, o abandono do governo. Várias questões perpassavam por aquelas vidas ali diante de mim.

Em nosso primeiro dia, instiguei-as a olhar dentro dos olhos umas das outras, observar o outro com atenção e perceber o que temos tanto em comum ou diferente fisicamente, se nossas histórias são parecidas e logo um comentário: “somos da mesma cor, professora!”. Se no começo do semestre as crianças se perceberam tão parecidas fisicamente, ao menos, no final do semestre puderam perceber o quão diferentes são. Somos da mesma cor, mas não temos as mesmas histórias. Somos da mesma cor, mas diversas vezes sonhamos diferentes. O mais importante: somos produtoras de cultura e conhecimento. Podemos acreditar em possibilidades de futuro.

Na última aula eu recebi uma surpresa! A menina mais tímida da sala deu um recado para os amigos, algo simples, mas gigantesco para alguém que mal conseguia olhar nos meus olhos. Um amigo no fundo da sala gritou: “não precisa ter vergonha! Lembra? Estamos todos aprendendo!”. Obviamente me enaideci também, mas principalmente, eu percebi o quanto eu também fui tocada por aquelas realidades. Se no início do semestre eu contava apenas com as minhas angústias de professora iniciante e uma expectativa até mesmo exacerbada sobre tudo que eu conseguiria fazer, no final eu pude perceber o quão além eu ainda consigo ir. Eu não posso voltar no passado para mudar a forma como as minhas professoras guiaram seus planos de aula e como eu fui tratada durante a infância, mas eu posso ressignificar tudo agora e pensar em práticas pedagógicas que possibilitem que crianças acreditem em seus passos e confiem em quem elas realmente são.

Mais uma vez eu me apoio em ti, bell, confirmo tuas palavras em minha própria experiência. Quando você diz que “Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem” (hooks, 2017, p. 63). Eu permiti. Me abri a toda aquela diversidade que estava ali na minha frente e pude sonhar junto com as crianças. Pude ressignificar as minhas próprias experiências de passado para construir novos futuros, lá onde é possível fazer do amor o guia dos nossos próprios caminhos.

Obrigada por tudo. Você me encantou e eu te amarei para sempre.

Nati.

## Referências

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. *Vivendo de Amor*. Portal Geledés, 9 de março de 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. 2010. Acessado em: 20 de dezembro de 2022.

## QUARTA COLEÇÃO

---

### Para sonhar contigo um mundo amoroso: compartilhando pedrinhas miudinhas

Luciana Rodrigues  
Profa. Dra. em Psicologia Social e Institucional  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Coletivo bell hooks: formação e políticas do cuidado  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8509719364457130>  
E-mail: [lurodrigues.psico@gmail.com](mailto:lurodrigues.psico@gmail.com)

**Resumo:** A partir dos ensinamentos ofertados por bell hooks, esta carta fala de transformação como possibilidade de ancoragem para sonharmos um mundo fundamentado na ética do amor e em políticas do cuidado. Uma carta-partilha-agradecimento à autora por existir em nossas vidas e por nunca ter desistido de sonhar e nos convocar a sonhar um mundo amoroso, feito a partir das pedrinhas miudinhas de nossa vida cotidiana.

Porto Alegre, 14 de outubro de 2022.

Nublado lá fora, mas o sol desponta aqui dentro.

Querida bell hooks,

Espero que minhas palavras te encontrem bem onde tu estiveres. Sei que tem, ao menos, um lugar onde elas podem te encontrar: aqui onde te guardo em meu coração. Sabe, estava lembrando que há dois anos escrevi uma carta pra ti, num texto que publiquei com outras colegas (Battistelli *et al.*, 2022). Lá te contei sobre meu encontro contigo, sobre como teus ensinamentos me transformaram – como ser no mundo, como professora. Embora aquela tenha sido a minha primeira carta efetivamente endereçada a ti, hoje me dou conta que várias cartas que escrevi para compartilhar com outras mulheres – desde que te encontrei através da leitura do *Ensinando a Transgredir* (2017), em 2018 – eram, também, endereçadas a ti. Foi a partir das tuas histórias, do que tu nos ofertou com tuas partilhas-ensinamentos, que eu pude criar coragem para partilhar as minhas próprias histórias, que pude olhar pras minhas memórias, aprender a cuidar delas e, assim, a cuidar de mim também com mais carinho.

É inacreditável como uma cultura regida por políticas de dominação pode ser tão perversamente perspicaz em nos maltratar, inclusive nos ensinando a internalizar o rechaço a nós mesmas, a falta de autoestima, a autodepreciação, o sentimento de inadequação no

mundo. Eu, como uma mulher cisgênera negra (de pele clara) nascida numa cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul (que se faz conhecer pelo orgulho da colonização alemã), marcada pelos valores supremacistas branco e pela heterossexualidade compulsória (que me fez adiar a afirmação de ser lésbica), aprendi a autodesvalorização muito cedo. Ainda criança, lembro de situações onde eu desejava ser como aqueles corpos que não eram iguais ao meu. Eu olhava ao redor e o que mais me ofereciam como belo era o reflexo de Narciso branco no espelho. Era um jogo de forças onde o espelho de Oxum, que vislumbrava em minha família preta paterna, parecia perder forças. bell, será que tu já sentiu a força do cuidado de Oxum? Levou alguns anos pra que eu pudesse aprender que eu podia mirar outros lugares, como o Abebé, e aprender o que ele tem a me ensinar.

Pois é, não somos mesmo “adequadas” a esse mundo hegemônico que sustenta e preza pelos valores supremacistas brancos, patriarcais, imperialistas, porque desejamos um mundo comprometido com a justiça social, com a diversidade da vida, dos modos de existir, com a oferta de acolhimento e cuidado, não a política do ódio. Tu tem nos ensinado que a ética do amor é um caminho cotidiano para um outro projeto de mundo. Não esse amor como sentimentalismo romântico, descolado da vida, como abstração e transcendência. Teu convite é para que possamos compreender e exercitar o amor como uma escolha que é intencional e prática, pois como aprendi contigo “o amor é o que o amor faz”, é “vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa” (hooks, 2021, p. 47).

Aprendi com tuas partilhas e ensinamentos que eu precisava seguir exercitando o aprendizado do amor próprio, que precisava de exercícios práticos de autorrecuperação para que aquilo que racionalmente eu compreendia pudesse vir a se encarnar em minhas experiências, nos movimentos do meu corpo, das minhas relações cotidianas. Ah bell, eu certamente seria outra mulher se não tivesse me encontrado contigo e com outras mulheres negras que me ensinam sobre ser inteira, sobre amar a negritude, sobre não separar vida e academia, sobre reconhecer, honrar e aprender com nossas ancestralidades. Tudo isso me faz desejar a cada dia ser uma pessoa melhor, que possa ofertar o que tenho de melhor ao meu filho, à minha companheira, à minha família, às/aos estudantes com quem convivo em sala de aula e outros espaços da universidade. A professora que sou segue se reinventando a partir dos teus generosos e preciosos ensinamentos. bell, não sei se tu sabe, mas tu é uma das grandes mestras em minha vida.

Às vezes me pego pensando no tanto de tempo que levei pra conhecer e aprender com mulheres como tu – foram praticamente 30 anos da minha vida (que hoje está em seus 37). Compreender que minha existência não merece que eu olhe pra mim mesma com os valores

internalizados por um projeto colonizador, que incluir me cobrar pelo tempo dos meus processos de cura é também um desafio...

Esse ano, quando completei as 37 primaveras, Nathallia Protazio que, entre outras versões de si, é uma escritora incrível que tenho orgulho de orientar no percurso do mestrado, me enviou uma música de uma cantora brasileira chamada Vanessa da Mata. Havia tempos que não ouvia ela e não reconhecia aquele título que dizia “Hoje eu sei”. Coloquei pra tocar e achei delicada, sensível e que dizia coisas profundas pra minha alma. Seguiram-se os dias, talvez semanas. Voltei para o *Hoje eu sei* (2019) cantado por Vanessa e foi aquela intensa explosão, aquele alvoroço tomando todo meu corpo. Ouvi repetidas vezes e foram muitas repetições. Ia pra universidade pedalando e ouvindo ela no modo repetir. Então, esses dias, em uma conversa com Nathalia, disse a ela que havia algo naquela música que eu ainda precisava “resolver”, aprender, porque é isso que sinto quando vem a necessidade urgente de repetir e repetir uma música e mesmo assim, me dar conta de não ter aprendido toda a letra, pois havia sempre um trecho que eu não cantava justamente por não saber toda a letra, especialmente a parte que diz:

*Na minha vida hoje eu sei  
Quem é dor  
Quem é luz  
Quem é fuga*

*Quem estraga ou quem estrutura  
Quem é adubo, terra ou rosa*

*Hoje eu sei  
Quem é conto, romance ou prosa  
Silêncio amigo ou a cobra<sup>2</sup>*

Como aprender a saber sobre essas coisas na vida da gente sem se implicar, sem apostar em processos de autorrecuperação? De transformação e de cura? *Ensinando a transgredir* (2017) e *Erguer a voz* (2019) são dois dos teus livros que são muito especiais pra mim, que são como divisores de água em minha vida. Anos depois me encontrei, até meio por acaso, com *All about love*<sup>3</sup> (2001), procurando um livro teu para comprar na versão original e ir treinando o meu inglês “enferrujado”. Era um momento difícil de minha vida, de um grande dolorir por tudo aquilo que recaía sobre mim e que eu nunca tinha desejado ou

<sup>2</sup> *Hoje eu sei*, composição de Jonas Myrin e Vanessa da Mata. Compõe o álbum da cantora intitulado *Quando deixamos nossos beijos na esquina* (2019). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zomFN49P-rQ>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

<sup>3</sup> Em 2021 foi lançada uma versão do livro em português pela Editora Elefante intitulada *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*.

imaginado viver através de encontros marcados pelo machismo e racismo no cotidiano de trabalho, pela culpabilização por coisas que eu não sou responsável, pelo silenciamento, pela falta de acolhimento; tudo isso exatamente no lugar onde eu sonhei e lutei para poder estar: na docência universitária, pois esse era, também, meu primeiro ano como docente (servidora pública) da universidade onde trabalho. Aprender a saber quem deseja crescer com a gente e não nos destruir é um processo, por vezes, difícil e cansativo.

Compreender que preciso de autocuidado e autorrecuperação se desejo ofertar espaços de aprendizagem, comunidades de aprendizagem, aliançadas com uma política de cuidado e uma educação como prática de liberdade, foi um processo doloroso. Mas um doloroso que vinha acompanhado com a possibilidade de transformação, como ouvi esse dia de um estudante em uma disciplina sobre relações-étnico raciais. Isso é completamente diferente da dor que sentimos pela violência das práticas fundamentadas em políticas de dominação, que não desejam mais do que nos sugar as energias, nos explorar, nos tornar dependentes, obedientes, adaptados até deixarmos de ser o que somos, nem que para isso precisem nos matar. Como posso ofertar algo se minha presença não for também inteireza, como me engajar em processos de ensino-aprendizagem comprometidos com o crescimento integral de outras pessoas, se eu seguir aceitando a fragmentação que as políticas de dominação produzem em mim, em nós?

Nesses três anos de docência, tenho buscando exercitar a cada dia uma prática amorosa em sala de aula. Venho aprendendo que entre silenciamentos e rupturas, se não for possível me posicionar com palavras ditas, há também a possibilidade de me posicionar de corpo inteiro, aprendendo a reconhecer quando o enfrentamento é possível de se sustentar, sem que isso sucumba nossos corpos, nossa saúde mental; encontrando modos de me proteger e oferecer refúgio a outras/os frente a violência que o pacto narcísico da branquitude, como mostra Maria Aparecida Bento (2002), joga pra cima de nossos corpos ao reconhecer que não iremos pactuar com ele; aprendendo com nossas ancestralidade que nos aquilombar é preciso; que é no espelho de Oxum que devemos nos mirar; que é com o movimento da Sankofa que vamos aprendendo a honrar nosso passado e nosso futuro no presente. Como segue na canção da Vanessa da Mata:

*Aonde a fome vivia  
Joguei minhas cores fartas  
E como a natureza é sábia  
Tem mazelas, mas tem cura  
A solidão fazia casa  
Plantei minhas jabuticabas, lá*

bell, tu é refúgio para mim. Aquela que acolhe, que abraça, que ajuda a sacudir a

poeira, a encarar o que dói para que possamos viver o sonho de um outro projeto de mundo, de uma sociedade do amanhã como Vinicius Silva e Wanderson do Nascimento (2019) nomeiam ao dialogarem contigo. Agradeço por existires em nossas vidas bell, e por nunca ter desistido de sonhar e nos convocar a sonhar contigo um mundo amoroso, feito a partir das pedrinhas miudinhas de nossa vida cotidiana.

Com amor,  
Luciana.

### Referências

BATTISTELLI, Bruna M.; FERRUGEM, Daniela; MARTINS, Luana R.; RODRIGUES, Bárbara M.; PIRES, Karem Samia P.; RODRIGUES, Luciana. Cartas para bell hooks: políticas do encontro para erguer a voz na Universidade. *Revista Alegrar*, n. 29, jan./jul. 2022, 51-48. Disponível em: <https://alegrar.com.br/alegrar29-3/>. Acessado em 14 de outubro de 2022.

BENTO, Maria Aparecida. Branqueamento e branquitude no Brasil. *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p. 5-58.

HOOKS, bell. *Ensinando a Transgredir: A educação como prática de liberdade*. São Paulo: WWF, Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. *All about love: new visions*. New York: HarperCollins, 2001.

SILVA, Vinicius Rodrigues C. da; NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Políticas do amor e sociedades do amanhã. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, [s. l.], v. 10, 2019, p. 168-182.

---

## Valéria, Lucimar e bell: mulheres em diálogo

Valéria Pereira da Silva  
Mestra. Universidade Federal do Paraná.  
<http://lattes.cnpq.br/5825272518254718>  
E-mail: valeriasilvapedagoga@gmail.com

Lucimar Rosa Dias  
Doutora Universidade Federal do Paraná.  
<http://lattes.cnpq.br/5825272518254718>  
E-mail: lucimardias1966@gmail.com

**Resumo:** Este texto é parte da Publicação especial: Cartas para bell hooks: práticas de esperança e de transformação social inspiradas nos feminismos negros aprovada no XII Congresso Brasileiros de Pesquisadores/as Negros/as ocorrido em 2022. Revela o diálogo entre orientanda, orientadora e bell hooks por meio de suas obras e como o encontro com elas cura e afeta a pesquisa. A produção da autora foi como fios que costuram que tecem as produções do grupo de Estudos e Pesquisas ErêYá do programa de pós-graduação da Universidade Federal do Paraná porque por meio de suas narrativas que se entrelaçam com as narrativas das mulheres negras emana cuidado, proteção e coragem possibilitando que essas mulheres estabeleçam referenciais teóricos na pesquisa educacional de modo que suas existências não sejam negadas, mas ao contrário enriqueçam o pensamento acadêmico.

Palavras-chave: bell hooks, Narrativas, Mulheres Negras, Pesquisa em Educação

Curitiba, 29 de agosto de 2022.

Querida bell,

Como você está? Essa carta a você é escrita a quatro mãos, em duas partes (risos). Coisa esquisita, não é mesmo? Eu, Valéria começo a missiva. Acho linda essa palavra. Lembra do dia que encontrou Paulo Freire pela primeira vez? Lembra dos sentimentos, do impacto que lhe causou? Eu queria lhe contar que sei o que você sentiu, pois aconteceu comigo ao ler a sua obra, os seus livros, a sua história. Foi tão emocionante que chega ser difícil descrever.

Eu estava em busca de como fundamentar minha dissertação de mestrado; eu queria escrever sobre narrativas de professoras negras e ao mesmo tempo me incluir nesse cenário, pois sou uma professora negra antirracista. Por isso, fui à sua procura. Comecei pelo livro *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (2017). A cada linha, a cada página, uma descoberta sobre você. Lembro-me do dia em que descobri por que escolheu adotar o nome bell hooks. Isso me tocou profundamente, pois como você teve uma relação muito prazerosa com minha avó. Minha infância também foi em uma casa de mulheres falantes, minha avó, a dona Chica, mal conseguia assinar o nome e para Angelica, minha mãe, a escola

não foi nada acolhedora. Essas mulheres com pouca escolaridade são responsáveis por me ensinar com palavras e com seus exemplos o que é militância, ativismo.

Sinto saudades das longas conversas que tinha com minha avó no final das tardes. Ela narrava as histórias familiares e suas criações para superar os desafios impostos. Minha mãe, me encorajava a olhar para frente, me incentivou tanto a estudar que me tornei professora! E depois uma pesquisadora em relações étnico-raciais. Minha motivação é registrar a história, a existência de pessoas negras. Adoro uma boa conversa, mesmo que seja só para ouvir. Gosto de aprender com o legado que nossas/os ancestrais nos deixaram. Gosto de aprender com as experiências de mulheres negras. Cada uma inventa uma estratégia de resistência para sobreviver às pressões sociais. É incrível o conhecimento produzido nessas experiências.

Ler seus livros e conhecer sua história é muito inspirador. Enquanto eu lia o livro, escutava sua voz e me transportava para o local da cena. Sim, quando você conta que dividia o carrinho com seu irmão, ele lhe empurrava, vocês pegavam uma certa velocidade e o vento tocava seu rosto. Eu ouvia seu riso. Nesses momentos você era uma criança feliz. Sua voz suave alcançava meu âmago me enchendo de coragem para enfrentar a dor mais sofrida que vivi. No ano que você foi habitar outro plano de vida, meus filhos foram retirados desse plano. Isso causou uma reviravolta em minha vida. Acho até que criei um mundo paralelo para suportar tamanha dor. Nessa época pensei em desistir do mestrado. Mas você parece ter escrito para mim quando diz que se deixasse de escrever, quando tentasse retornar seria muito mais difícil. Às vezes a dor me consumia e mesmo assim decidi seguir seus conselhos. Escrevia uma frase, mesmo que naquele momento não fizesse sentido na pesquisa e, com o passar do tempo, parece que ficou mais fácil escrever. Essa escrita de mim, de nós, foi um bálsamo. Você chama isso de cura. Minha dissertação é sobre práticas pedagógicas de professoras negras, sendo eu uma professora negra – narro minha trajetória, busco os ensinamentos de minha ancestralidade, apresento as narrativas de professoras negras, sigo compartilhando histórias. A minha vida foi completamente afetada com sua presença, em suas obras encontro o sentido de minha escrita.

Às vezes sou convidada para palestrar, ouço sua voz e me lembro de seus ensinamentos, me esforço na preparação, para que seja um momento de aprendizado. No segundo momento gosto de conhecer o público para ter algo que me conecte a ele. No dia marcado procuro falar menos, tentando gerar um clima de roda de conversa. Realmente palestrar ainda me causa um certo frio na barriga, apesar disso, tenho tido experiências felizes nas quais consigo compartilhar conhecimento e experiência com o público. Aprendi muito lendo o livro *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática* (2020). O ensinamento

número 10 (p.96) – *Compartilhar Histórias* – é significativo demais para mim, como mulher, como mãe, como pesquisadora. Outro ensinamento que me toca é o 12 (p.108) – *Palestrar ou não*. Preciso confessar, eu penso que esse livro deveria ser de leitura obrigatória para todos/as, como parte de uma lição de vida, uma vez que estamos sempre envoltas em situações de ensino /aprendizagem. Para viver uma pedagogia engajada, faço parte de alguns grupos formado por mulheres negras, e um deles é o grupo ErêYá, mas sobre ele outras mãos entram nesse texto.

bell querida, daqui para frente sou eu quem continuo essa história. Sou Lucimar, a orientadora da Valéria no mestrado e coordenadora do grupo ErêYá. Gostou do nome? Nós mesmas inventamos (risos). Erê é a relação que fazemos com a criança, a nossa interior e as que estão por aí e queremos compreendê-las; e Yá nós fazemos referência à maternidade, não a biológica e sim a ancestral que nos cuida. Como Valéria já disse, seus textos têm feito revoluções em nós. Nosso jeito de amar, estudar e produzir conhecimento. Eles nos provocam, nos acolhem e fortalecem!!! A primeira vez que usei um texto seu em uma aula de pós-graduação foi *Vivendo de amor* (2006). Causou tanto impacto emocional e foi o início de um processo de cura de uma das estudantes. Ela depois da leitura nos confessou suas dores mais íntimas relacionadas com o racismo e sua família. Era tanta profundidade que confesso, temi não dar conta de outras situações que ele pudesse provocar e parei de usá-lo para as aulas. Mas você nunca mais me deixou. Sua leitura passou a ser necessária para mim, seja como professora, seja como mulher. Ela me ajuda a me entender e me faz melhor como educadora.

E assim que seus livros entraram para os estudos do grupo ErêYá, são mais de 20 pessoas (entre mulheres negras – maioria –, mulheres brancas e homens negros) que estão aprendendo a ancorar suas pesquisas, revigorar a caminhada acadêmica e pessoal erguendo a voz, buscam em suas ações e produção acadêmica evidenciar mulheres que quase nunca são escutadas, estudadas e consideradas produtoras de conhecimento. Vão costurando nossos anseios na manufatura de um conhecimento que articula a raça, o gênero, a sexualidade de modo que a produção da cultura seja uma forma de acolher novas interações que prescindam da opressão. A partir das leituras de seus textos que compartilham experiências tão cheias ricas, particulares e ao mesmo tempo que se conectam conosco profundamente, vamos apreendendo contigo e nos sentimos mais fortes e capazes de expressar o que nossos o nosso olhar negro captura do mundo. A cada livro novas perguntas: o que é ser uma mulher? O que é ser criança negra? Qual literatura infantil ler? qual é o feminismo que almejamos alcançar, senão um feminismo para todos/as? Em síntese, é por meio do pensamento crítico que a gente

compreende que podemos e (precisamos) transgredir e praticar a uma educação para a liberdade.

bell, poderia continuar escrevendo tantas coisas para você que lhe desse a nítida noção do quanto tudo que escreveu nos impacta, nos (co)move para espaços potentes que alcançam crianças, mulheres e homens negros e não negros que desejam participar da arquitetura desse novo mundo no qual queremos viver. Um mundo justo e equânime.

Você nos ensina que a luta política é uma luta de amor, de compromisso com a justiça social. Você disse que sua esperança é que estudantes não se tornassem “pequenos/as bell hooks” e sim que aprendessem a pensar criticamente. Desse modo estariam se autorrealizando e se tornando autodeterminados/as. Pois bem, estamos eu e Valéria nessa caminhada. Assim, nos despedimos por ora agradecidas por sua existência e por tudo que escreveu. Ah, mais uma coisa apenas. Moramos em uma cidade (Curitiba) conhecida como uma cidade fria, mas em pleno inverno faz um lindo dia de sol. A luz que brilha lá fora lembra você que nos ilumina sempre com seus textos intensos, provocativos e amorosos. Um beijo enorme.

Valéria e Lucimar

## **Referências**

HOOKS, bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maísa; WHITE, Evelyn. (Org.). O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2006.

HOOKS, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática; tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

---

## Do amor nosso de cada dia: a prática como princípio

Lilian Alves Machado  
Doutoranda no PPGPSI na Universidade Católica de Pernambuco  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2545522490218960>  
Email: [psi.lilian.amachado@gmail.com](mailto:psi.lilian.amachado@gmail.com)

**Resumo:** Uma carta, um dizer, um contar. Contar a bell hooks dos caminhos subjetivos percorridos por nós mulheres negras em uma das atividades da Roda de Cafuné. Das muitas lembranças de experiências de dor e das poucas memórias de recebimento de amor em nossas vidas. Mas, também, da separação das imagens de como nos vemos daquelas que nos fizeram acreditar que somos. Contar, ainda, da experiência de borrar tais imagens ao nos olharmos pelo espelho de Oxum, um conselho de Conceição Evaristo, estando nós acercadas umas das outras. Um encontro em circularidade, em cafunés. Uma despedida. Um agradecimento. Um até mais!

Querida bell,

Assim te sinto, querida, perto, íntima, sabedora, compartilhadora e comungante das poucas experiências de amor na vida de uma menina negra em um país *estruturado* por e mantenedor do *racismo* (Carneiro, 2011). Queria que esta carta tivesse podido ter te encontrar em vida! Em leituras de feministas negras, te vi citada e entronada em um lugar que me chamou a atenção – que mulher é essa? – me perguntei em um dado momento querendo entender como alguém conseguia com tanta simplicidade teorizar sobre a prática do amor.

No Brasil, é muito caro até ter livros. Imagine! As políticas de acesso a eles, não preciso buscar em referência bibliográfica, são escassas; e isto – a falta deles –, vivi intensamente, embora eu recorresse aos poucos exemplares na pequena biblioteca da, também pequena, cidade onde nasci e cresci. Seus livros, só tive acesso já adulta.

Foi em 2018, dois anos antes de fazer minha primeira aquisição de um livro seu – *Tudo sobre amor: novas perspectivas* (2020) –, que entrei em contato com seu texto *Vivendo de amor* (2010) que circulou na internet. Chorei! Eu não queria chorar, mas eu queria. Contraditório, não é? Mas foi assim. Muitos choros estancados. Choros que eu até tinha chorado, mas não ao modo principiado pelo que você me fez encarar: a certeza das muitas ausências do amor em minha vida. Assim, de modo mais alongado a te escutar, percebi que te ler me revirava essas muitas experiências de dor. Talvez, por isso, eu tivesse até evitado estar contigo. Dando-me conta da abundância de faltas a que o desamor me enredou, vi que não podia mais fugir. Senti-me acompanhada por ti nessas travessias sem nome às quais só pude nomear, te lendo.

Uma de minhas primeiras lembranças foram experiências de dor em relação a meu cabelo. Tenho três tipos de fios. Uns correm logo para lugar nenhum. Outros, dão voltas e

voltas brincando uns com os outros, se entretendo pelo caminho feito crianças a brincarem rumo à escola a ponto de esquecerem de para onde estão indo. E outros dão ainda mais voltinhas, voltas miúdas. Aqui e ali preciso, como meus dedos encremados, acariciá-los e fazê-los envolverem-se uns com os outros *com-formando-os* em suas diversidades. Juntos, hoje, alegremente, compõem minha juba. Mas quando criança, eles eram motivos de piadas racistas que todos riam – menos eu – e eu não sabia dizer o tanto que doía.

Éramos 8 filhos e um pente. Para meu desespero, um pente fino. Minha cabeça era a que minha mãe “perdia mais tempo” para dar conta de arrumar. Extremamente doloroso sentir aqueles dentes finos empacados nos diferentes fios. Muitas vezes eu fugia. Outras, eu sumia com o pente. Certa vez queimei-o e fiquei caladinha. A família revirava a casa em busca dele e eu, sozinha, sorria de alívio. Pelo menos, até chegar ao final do mês – tempo da chegada do salário de minha mãe – eu estaria livre dos solavancos, dores e lágrimas que um pente-fino-na-cabeça-de-uma-criança-de-cabelos-como-os-meus, pode propiciar.

Voltei a essa cena para pensar no que você me ensina: “o amor é o que o amor faz” (hooks, 2020, p.72). Penso nas inúmeras crianças que, ainda hoje, enfrentam essa realidade. A escassez de amor se inscreve de muitos modos e pode se inscrever, até, a partir de faltas materiais miúdos, como um pente. A ausência constante do desamor nos marca profundamente, desde a infância. Você disse isso, lembra? E este é só um dos inúmeros exemplos que hoje podem ser narrados por nós. É que antes, não sabíamos como dizê-los. Te digo: ajudar as pessoas a buscarem modos de reposicionalidades na vida diante de suas intempéries, é minha profissão.

Bem, gosto de trabalhar com as crianças. Aqui e ali realizo trabalhos com elas e mais aprendo do que ensino. No entanto, minha maior experiência, como psicóloga, é com pessoas adultas, principalmente mulheres negras. Assim, em 2020, ainda no primeiro semestre e começo da pandemia da Covid-19 no Brasil, em um movimento do e pelo amor, propus um trabalho com mulheres negras a que nomeei Roda de Cafuné, inspirada em você e Conceição Evaristo. Você já ouviu falar dela? Trata-se de uma mais velha nossa, mulher negra, doutora em Literatura Comparada que nos ensina a fazermos acordar, com nossos trabalhos, quem dorme injustamente em berços esplêndidos às custas das injustiças sociais (2016; 2020), inspirando-nos a buscarmos modos de borrar as imagens que o colonialismo criou sobre nós e às quais nos afixaram.

Após divulgar a Roda de Cafuné em redes sociais, as mulheres negras se achegaram e realizamos, via remota e de modo mensal, dez encontros terapêuticos. Contamos com a

participação de dez mulheres (4 de Pernambuco, 2 do Ceará e 1 de Minas Gerais – estados do Brasil – e 3 de Praia, capital de Cabo Verde).

Preciso te contar que acredito no poder de estarmos em círculo, em roda, espaço no qual nenhuma de nós fica atrás ou à frente; nem acima nem abaixo; mas lado a lado, ombro a ombro e de onde se pode ver a todas, bem como ser vista por todas. De igual para igual (Alves-Machado, 2021).

Em um desses encontros, em roda mediada por tela, após termos lido um trecho de *Tudo sobre amor: novas perspectivas* (2020) e buscarmos na memória nossas experiências de falta dele, as anotamos. Paramos, sentimos, choramos e compartilhamos tais lembranças. Mas não paramos nelas. Até que suspiramos e seguimos o que Conceição Evaristo (2020), nossa ialodê, nos aconselha: pegamos nossos espelhos e saímos em busca de algumas raras lembranças de recebimento de amor.

Para a autora (2020), enquanto o espelho de Narciso impossibilita-nos de nos vermos, já que a beleza nele refletida subjuga belezas outras que não as europeias, “No abebé [espelho] de Oxum, nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto” (p. 39). Foi então, que solicitei que pegássemos os espelhos que tínhamos separado antecipadamente para essa atividade e pedi: *coloquemo-nos diante dele*. Houve quem tivesse separado um espelho no qual dava para ver boa parte de seu corpo. Mas houve quem tivesse com espelho de mão no qual se viam apenas os próprios olhos.

Conforme foi possível para cada uma, fui convidando: - *Se olhe! Se contemple! Observe cada parte que é possível: a testa, os cabelos, as sobrancelhas, os olhos, o nariz, a boca, as orelhas, o pescoço*. Dando sempre intervalos para que as emoções fossem se assentando. Depois, seguia com o convite: - *Agora observe, como está seu semblante? O que ele diz de você?*

Pela tela eu as acompanhava. E a mim, também. Meu coração acelerava diante daquele campo de intensidades e me emocionava com aqueles semblantes rígidos, tristonhos, cabisbaixos. Alguns, até esperançosos. O que elas viam de si mesmas refletido? Um misto: “tristeza”, uma “mulher séria”, “carência”, “beleza”, “força”, “acolhimento”, “desamparo”, “potência”, “sem direitos”. Perguntava-me em silêncio, ao modo evaristiano (2020): como “borrar/ desfazer a imagem do passado” (p. 30) que interiorizamos como verdade e que nos aliena de nossa potência de vida?

Foi então, que pedi para que separassem suas anotações: - *de um lado, escreva: como me vejo? Do outro, o que me fizeram acreditar que sou?*

Cada uma delas foi compartilhando suas experiências de dor, suas lembranças de humilhações sociais pela cor de sua pele, por seu cabelo, pela suposta falta de capacidade, pela suposta falta de esforço, pela suposta pouca inteligência. Mas também, por outro lado, suas experiências pontuais, mas existentes, de amor, de muito amor, de acolhimento, de pertencimento, de alegria, de incentivo.

O que as fez ver esse outro lado? A lembrança do carinho recebido. Mesmo que poucos. Fosse por parte do pai – adotivo ou biológico; ou da mãe – adotiva ou biológica; ou de uma amiga; ou de uma professora; ou de um padre.

Importante remarcar: poucos, muito poucos, foram os casos em que o recebimento de afetos potencializadores de vida, de sonhos e de confiança em si mesma, tenha se dado por mais de duas fontes. O que remarca as poucas experiências de amor, relatadas por mulheres negras adultas, em suas/nossas infâncias. Embora poucas, ainda assim, lembranças nutritoras e nutritivas de afetos estavam sendo colocadas em movimento. Ao fazermos isso, outras realidades internas se assentavam, tomavam corpo, tomavam nossos corpos e nos encarnavam a vida. Imagens sendo borradas... Dignidades sendo inventadas! O amor praticado por nós, entre nós! Tudo isso me trazia tua imagem, pois me lembras que o amor recebido nos nutre em dignidade!

“Com vocês é mais fácil eu cuidar de mim”, disse-nos uma delas. “Eu não desisto de mim, mais. Doa em quem doer”, disse outra. E, ainda, “eu posso me dar colo, me acolher, me acarinhar, me ver, me aceitar, ser gentil e generosa comigo mesma”, disse-nos mais uma delas. Estávamos em roda, circundadas pelos afetos e, em reciprocidade, nos cuidávamos. Os cafunés – carinhos com as pontas dos dedos – impossíveis de serem efetivados em um encontro mediado por tela, elas o fizeram como puderam: chacoalhavam as pontas dos dedos em direção umas às outras dizendo: - *Cafuné pra você!* Choros e risos se entremeavam! Foram muitos encontros que nos recobramos o amor em nós e por nós mesmas.

Foi assim, bell, que em roda cotizamos nossos afetos para nutrirmos umas às outras, oferecermos e recebermos cuidados e podermos praticar o amor que, como você nos deixa como legado, não pode se realizar sem ação.

Sinto-me feliz em poder te contar que sua obra me põe em movimento no mundo em nome de e pela prática do amor! Continuo te lendo/ouvindo em vários momentos da vida!

Por fim, gostaria de ter-te abraçado em vida, de ter tomado um café contigo, de ter visto o teu sorriso de perto. Em tua partida, eu chorei. Chorei um choro íntimo e sem saber

muito como exprimir o que se excedia dessa falta concreta que se daria dali por diante. Em reverência a ti toquei *djembê* pedindo às minhas mãos que, em tua honraria, te cantassem as palavras que eu não sabia dizer.

Que não nos falte o amor nosso de cada dia! Que não deixemos de praticar o amor nosso de cada dia!

Fecho os olhos e, em silêncio, te agradeço!

Abraço, até mais ver!

## Referências

ALVES-MACHADO, Lilian. *Escrevivências clínicas: violência sexual na infância de meninas negras – um triplo trauma*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Programa de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE, 2021.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Geledés Instituto da Mulher Negras, 2011. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/?gclid=CjwKCAiA19efBhAkEiwA4TorigwYF2ZW63VOlsu96hhbvBYS\\_90UvV\\_K0p3zy7-BZt6Av04Ifga2UhoCVI4QAvD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/?gclid=CjwKCAiA19efBhAkEiwA4TorigwYF2ZW63VOlsu96hhbvBYS_90UvV_K0p3zy7-BZt6Av04Ifga2UhoCVI4QAvD_BwE). Acessado em: 22 de janeiro de 2023.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê: 2016.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

HOOKS, bell. *Vivendo de amor*. Geledés Instituto da Mulher Negras, 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acessado em: 25 de setembro de 2022.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2020.

---

## Uma carta para bell hooks a quatro mãos e duas cores: escritos que brotam do chão das nossas experiências

Jeanyce Gabriela Araújo  
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia/Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7131395064749728>  
E-mail: [jeanycearaujo@gmail.com](mailto:jeanycearaujo@gmail.com)

Marília Silveira  
Professora Visitante no Programa de Pós-Graduação em Psicologia/Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3589257933308427>  
E-mail: [mariliasilveira.rs@gmail.com](mailto:mariliasilveira.rs@gmail.com)

**Resumo:** Esta carta escrita a quatro mãos e duas cores compartilha experiências diferentes mas que se encontram a partir de bell hooks e dos Feminismos Negros, transformando as práticas profissionais das escritoras. Jeanyce presenteia bell hooks com uma narrativa inspirada em Conceição Evaristo a partir do conceito de escrevivência, contando sua experiência em um serviço de saúde. Prática que mais tarde possibilitou o encontro dela com sua orientadora de Mestrado. Marília, Doutora e orientadora da Jeanyce, narra seu encontro com a bell hooks, sala de aula, a universidade, alunas e orientandas negras, os processos de transformações a partir dessas conexões fazendo brotar essa carta pelo chão fertilizado com adubo preto e branco, nascendo esse texto/encontro.

Ei bell hooks, tá boa? Tudo joia? Sua família vai bem?

Uso essas saudações tipicamente mineiras pois é de lá que eu venho. Sou a Jeanyce e meu apelido é Teka, atualmente mestranda em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas. No momento moro em Maceió, capital alagoana, situada no nordeste do Brasil. A cultura daqui é resistência, não por opção e sim por divisão violenta imposta pela colonização. Temos uma produção acadêmica contra-hegemônica pioneira, você precisa ler *“Enegrecendo suas estantes” o modismo de acadêmicas(os) brancas(os) no movimento antirracista: experiência da formação em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas*, monografia da Yasmin Maciane da Silva (2022), psicóloga negra que desenvolveu o conceito de *antirracismo cordial*, “chamando na xinxá” as/os docentes brancas/os a praticarem o antirracismo. Outra autora que você precisa conhecer é a Iasmin Sharmayane Gomes Bezerra (2022) e sua dissertação intitulada *Feminilidades sertanejas e vidas medicalizadas: escritas de si e narrativas de mulheres no sertão seridoense*. Nossa bell hooks do sertão, pois o estilo de escrita se assemelha com o seu, como diz a Marília.

Escrevo essa carta junto com a minha orientadora de mestrado, a Marília, citada agora a pouco. Ao convidá-la para escrevermos juntas ela disse: “eu posso te ajudar a ler e orientar,

mas acho que essa carta é sua” em resposta falei: “posso escrever só, mas caminhar com você tá tão bom”, e estamos aqui com quatro mãos e duas cores te escrevendo. Marília chega já.

bell, conhecer as suas obras transformou a minha vida, cada livro seu que leio parece uma conversa no colo de Vó Naná, minha vó preta, intelectual do Quilombo São Pedro. Conversa cheia de cuidado, amor, esperança, força, renovação e luta. Entendo suas escritas/falas, são bem diretas, sem firulas. Te ler é tão gostoso, tem sabor de café passado na hora, fresquinho e cheiroso, acompanhado com pão de queijo quentinho. Ler teus textos cura feridas, de um passado sem amor, cheio de dor, entre nós de cor. Às vezes dói lembrar, mas Sankofa nos ensina voltar ao passado, ressignificar o presente e construir um futuro diferente, melhor, sabe? E é isso que tenho praticado enquanto psicóloga a partir dos seus ensinamentos.

Te presenteio agora com uma escrevivência, escrita ancestral toda preta carrega consigo, mas foi Conceição Evaristo de Brito, linguista e escritora brasileira, nascida em Minas Gerais, mulher preta retinta, que deu nome (Evaristo, 2018). A Escrevivência é uma rasteira no método hegemônico de produzir conhecimento. Obrigada Conceição. A experiência vivida a seguir narra uma percepção moralista, sexista e hegemônica, transformada em cosmopercepção, antissexista e contracolonial a partir da leitura de seus livros – resultando em práticas de cuidado emancipatórias e políticas de afeto.

Kethelyn estava com seus cabelos soltos, cachos longos, pretos e brilhantes, parecia uma noite de céu estrelado. Para fazer brilhar ainda mais o dia/noite usava um *short jeans* berola bunda, com alguns rasgados na coxa, um *cropped* verde neon decote V, de vê tudo, até o útero como diz a minha mãe. Para completar o *look*, argolas de *strass*, pedrinhas similares a diamantes, batom vermelho e chinelinho de dedo com a correia fina. “Kethelyn, essa roupa não está apropriada para ir a audiência de guarda da sua filha” disse Rita, referência técnica do serviço a que ela estava vinculada, responsável pelo caso e por acompanhá-la na audiência naquela manhã. Em resposta Kethelyn fala, brava: “Eu não tenho dinheiro para comprar roupa nova, é com essa que eu vou e foda-se”. Seguiram para audiência. Eu era Acompanhante Terapêutica de Kethelyn e observava calada a situação, mas concordava com Rita. Dia de visita na Casa do Neném, Kethelyn ia visitar Gael, seu bebê que foi institucionalizado com 5 dias de vida. Dessa vez vestia uma camiseta de alcinha cinza da cor do céu nublado, aparecendo o sutiã bege com as alças emboladas, uma calça de fazer ginástica roxa neon, bem coladinha ao corpo, marcando as suas curvas, beleza e juventude. Tênis sem meia, os cabelos presos formando um coque, deixando solto apenas dois cachos na testa, o famoso “pega rapaz”. Pensei: “Essa roupa tá muito chamativa, o pessoal da Casa do

Neném vai reparar e colocar observação negativa no relatório, julgam a capacidade da mãe de cuidar da criança pela roupa também”. Nesse momento entrei em conflito feminista, julgando as roupas que mostravam demais o corpo, pensamento moralista, mas ao mesmo tempo conflitava com as regras sociais, traje social, esporte fino, passeio, etc. Até roupa específica para ir ao médico minha mãe tinha me ensinado a usar, geralmente roupas novas. Preocupada com a situação e o espírito de caridade ainda muito enraizado pelo catolicismo, ofereci a Kethelyn roupas adequadas que seriam substituídas pelas novas que eu tinha ganhado. Faz parte da minha história usar roupas doadas, de brechós. O discurso de mãe era o mesmo: “Ganhou roupa ou comprou, dá pra alguém que precisa as roupas que não usa mais, e não é pra dar roupa rasgada e inutilizável não Teka” – prática bem diferente da “presente de patroa” doando sabonete adquirido gratuitamente em hotel de luxo para suas domésticas: “trouxe de presente para você”. Entrei no serviço com a sacola pesada, até cambaleando, ao me avistar, Kethelyn veio correndo ajudar, ficou satisfeita ao abrir a doação: “estava precisando de sutiã”, “essa blusa é linda e bem tampadinha para ver a juíza”, “meu sonho era ter calça da patogê, serviu direitinho e tá novinha”. Passaram duas semanas e chegou o dia da consulta com o psiquiatra. Kethelyn vestia um topzinho preto escrito *la mafia* com o desenho de revólver, dessa vez cobria os cachos com uma touca de lã rosa com glitter, eu senti calor só de ver, e um shortinho de malha *bad boy*, aquele que tem desenhado dois olhos atrás, e o chinelo de dedo, parceiro das caminhadas pelos vários serviços da rede de saúde e assistência. A frustração veio, junto a incompreensão: “Por que ela não usou as roupas lindas e adequadas que eu dei?”.

bell, você responde esse questionamento em seu livro *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* (2019), passo a compreender o motivo de Kethelyn nunca ter usado as roupas que eu doei. Você diz o seguinte:

No texto “The Last Straw” [A última gota], Rita Mae Brown (que na época ainda não era uma escritora famosa) afirmou claramente: Classe é muito mais do que a definição de Marx para o relacionamento com os meios de produção. A classe envolve seu comportamento, seus pressupostos básicos, como você é ensinada a se comportar, o que você espera de si e dos outros, seu conceito de futuro, como você entende os problemas e os soluciona, como você pensa, sente, age. Essas mulheres que aderiram a grupos feministas compostos por classes diversas estavam entre as primeiras a enxergar que a visão de uma sororidade fundamentada em política, em que todas as mulheres estariam unidas para lutar contra o patriarcado, não conseguiria emergir até que a questão de classe fosse confrontada. Inserir classe na pauta feminista abriu um espaço em que interseções entre classe e raça ficaram aparentes (hooks, p. 63, 2019).

Embora eu e Kethelyn sejamos jovens e negras, somos de classes diferentes e o seu autêntico estilo de se vestir diz da cultura de onde ela vem. A favela tem sua própria grife, sua própria moda, vezes criminalizada, muitos jovens negros sofrem violência policial por

vestirem roupas “lombradas”. Já pessoas brancas têm se apropriado dessa cultura das roupas, tatuagens no pescoço, cortes e cores de cabelos, ficando com os lucros gerados pelas ideias originais da periferia, e não perdendo seus direitos nem sofrendo absolutamente nenhuma violência por se vestirem assim – “é tendência”.

Apreendi com você a não julgar pelas aparências. Pode parecer um ditado simples, bobo, impraticável. Mas muitos profissionais de diferentes campos de atuação produzem documentos apontando as roupas usadas pelas mães e crianças, em sua maioria famílias negras, alegando negligência como justificativa para retirar-lhes a guarda de suas filhas e filhos. O nome disso é sexismo, entrecruzado com racismo, capitalismo, capacitismo e patriarcado, problema estrutural que enfrentamos por aqui. Minha história com Kethelyn é longa e muito bonita, ela uma intelectual preta dos becos e eu do interior de Minas, uai. Esse encontro entre irmãs de cor e classe diferentes me levou para o mestrado, em meu trabalho estou narrando com profundidade esse encontro/história, produzindo conhecimento que vem do corpo vivido, e sendo uma grande desobediente epistêmica. Nem ligo, sabe por quê? Sou desobediente desde que nasci mulher preta.

Sabe bell, diferente de você que chegou à teoria porque estava ferida, a mim, Marília, segunda autora desta carta, as teorias psi chegaram e foram, aos poucos, se transformando em matéria/modo de vida. Esse encontro foi tão lindo que pensei ser assim com todo mundo. Fui descobrir que não quando me tornei professora.

Caminhar ao lado das estudantes negras me fez entender: as teorias faziam vida em mim e me faziam pertencer à universidade e ao mesmo tempo produziam dor e exclusão para muitas dessas estudantes. Quando caminho ao lado de alunas e orientandas como Jeanyce, escuto com atenção. Com elas desnaturalizo as facilidades e privilégios do meu corpo branco. Também partilho saberes e caminhos. Desse modo não deixo de ser branca, nem de ser descendente de escravocratas, mas me transformo.

O primeiro livro seu que li foi o *Ensinando a transgredir* (2017). Eu quis e fiz como você narra naquele livro algumas comunidades nas salas de aula por onde passei e passo, ainda que nem sempre elas sejam possíveis. Depende muito de mim, mas não só. Quando aprovei em um primeiro processo seletivo para ser professora, fui ler o que os autores das teorias que me produziram tanta vida diziam sobre ser professor e não gostei nada do que li. Deleuze (1997), por exemplo, na sua arrogância canônica dizia que o aluno em sua aula precisava ficar em silêncio, pois se ficasse quieto o suficiente, não precisaria fazer perguntas, afinal compreenderia o caminho do pensamento do professor, se não o interrompesse. Eu estava aterrorizada com a ideia de uma sala de aula silenciosa e com a ideia de precisar falar

durante quase quatro horas. Eu sabia o quanto não dominava as disciplinas que iria ensinar. No seu livro você falava de produzir espaços para pensar. Era justo o que entendia que precisava ser feito, além de eu mesma estudar muito para poder ensinar. Ainda que o silêncio muitas vezes habite esse espaço de pensar, sempre preferi as turmas barulhentas e perguntadoras.

Nessa primeira experiência tinha um aluno que voltava às minhas aulas depois de já ter feito as disciplinas porque dizia que na minha aula (não sabia explicar o porquê) ele pensava muitas coisas e isso não acontecia nas outras aulas. Na segunda experiência como professora, as turmas começaram a dizer que nas minhas aulas “aconteciam coisas”. Até aprendi essa abertura aos acontecimentos inesperados com os filósofos franceses, mas logo percebi que eles não faziam o que escreviam. Talvez eu também tenha aprendido isso com a literatura e a poesia... Nas minhas aulas, nos grupos de orientação, acontecem coisas – aprendi quando decidimos fazer espaços coletivos de pensar. As coisas acontecem não por minha causa ou por algo que eu diga ou faça, mas por esse convite estendido às turmas e grupos para pensar junto.

O segundo trabalho seu que li foi um artigo, *Mulheres negras: moldando a teoria feminista* (hooks, 2015). Os dois textos foram lidos no mesmo momento, no qual já cursava o doutorado. No grupo PesquisarCOM na Universidade Federal Fluminense, minha orientadora Marcia Moraes vinha com essas ideias de que havia algo no ser mulher e estar na universidade que era diferente de ser homem e estar na universidade. Quando cheguei nesse texto não esqueço do impacto: você dizia que as mulheres brancas precisavam ser ensinadas que eram oprimidas, e elas eram ensinadas nos bancos das universidades. Naquele momento era 2016 no Rio de Janeiro e eu era uma dessas mulheres que começava a aprender pelo feminismo que era oprimida. Nesse mesmo momento também sou interrogada pelas estudantes negras que desmontam meu fascínio e pertencimento à universidade. Hoje, seis anos depois, sei melhor e mais complexamente o quanto somos oprimidas na universidade, no cotidiano e na vida, sei na pele sobre ser mulher e ser lésbica, Jeanyce sabe sobre ser mulher e ser negra. Nossas experiências são distintas e entendemos que caminhar juntas nos faz mais fortes, escrevemos também com o sangue de nossas experiências, e te chamamos sempre que erguer a voz se faz necessário.

Desse jeito vamos aprendendo como contar as nossas histórias, como fazer delas matéria de pensamento. Colocamos para essa universidade hegemonicamente branca e burguesa os percalços todos que nos fizeram chegar até ela e ocupamos nosso lugar. Fazemos um tanto de barulho, incomodamos e, às vezes, nos ferimos. Fazemos comunidade para olhar

e cuidar das feridas, não negamos o sofrimento e as vontades de desistir. Resistimos também umas pelas outras e emprestamos palavras, conceitos, literaturas e também café, queijo, bolo, farofa, torresmo e peixe frito, partilhas que não se restringem apenas aos conceitos e teorias, mas sim partilhas de vida e de existência.

Sabemos que não estamos imunes a nada disso que nos oprime dentro da universidade e pactuamos que se em algum momento sentirmos algo disso, vamos parar tudo e conversar. Em seu livro *Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra* (2019), você escreve:

Vivemos em um mundo em crise governado por políticas de dominação, um mundo onde a crença em uma noção de superior e inferior e sua concomitante ideologia — de que o superior deveria governar o inferior — afetam a vida de todas as pessoas em todos os lugares, sejam pobres ou privilegiadas, letradas ou iletradas (hooks, 2019, p. 46).

Reconhecer isso dói pois nos implica, como você mesma disse, “assumir responsabilidades pela transformação de nós mesmas e da sociedade” (2019, p. 46). O Feminismo Negro e seus escritos, bellzinha, contribuem para minimizar o estresse, medo, insegurança, trauma – sim, trauma –, quantas acadêmicas tem trauma da universidade por ter vivido lesões inesperadas, “você não sabe escrever”, perfurações na pele, “pessoas da sua cor não deveriam estar aqui”, violências, “seu texto não é científico”. Experiências adoecedoras na relação com orientador/a.

Suas palavras e textos têm sido um banho de cura e ressignificação das nossas relações dentro da universidade, refazendo os lugares de hierarquia, nos ajudando a seguir com uma ética em que nossas diferenças se tornem motivo de celebração, sejam razão de mudanças em nós duas. Estamos na universidade pesquisando aquilo que não sabemos, chegamos nela com uma bagagem acadêmica, social e cultural diferente e fazemos desse espaço um ponto de encontro. Assim, fazemos outros mundos dentro da universidade, mundos em que nossas histórias têm a relevância de marcar o tipo de conhecimento científico que produzimos.

## Referências

BEZERRA, Iasmin Sharmayane Gomes. *Feminilidades sertanejas e vidas medicalizadas: escritas de si e narrativas de mulheres no sertão seridoense*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2022.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista com G. Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997, VHS, 459min

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória* [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

HOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 16, jan./abril de 2015, p. 193-210. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-335220151608>. Acessado em 28 de agosto de 2022.

SILVA, Yasmin Maciane da. *“Enegrecendo suas estantes” o modismo de acadêmicas(os) brancas(os) no movimento antirracista: experiência da formação em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas*. Monografia (Graduação em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, 2022.

---

## Sobre a docência e a produção de conhecimento: celebrando os ensinamentos de bell hooks

Bruna Moraes Battistelli  
Doutora em Psicologia Social e Institucional/UFRGS  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4409591967533151>  
Email: [brunabattistelli@gmail.com](mailto:brunabattistelli@gmail.com)

**Resumo:** Esta é uma carta que celebra meu encontro com os ensinamentos que bell hooks nos oferta sobre a sala de aula, sobre conexão, politização do eu e sobre como precisamos estar aliançadas com a busca pela justiça social e transformação do mundo. A partir da minha experiência como docente universitária que trabalha na formação de futuras/os professoras/es, busco explicitar o quanto o amor impacta em meu fazer cotidiano e, por último, busco ampliar o diálogo, analisando o impacto dos ensinamentos de bell hooks em minha prática como pesquisadora, principalmente em minha política de escrita.

Querida bell hooks,

Se eu não trago tudo o que sou ao que estiver fazendo então não trago nada, ou nada de valor duradouro, pois omiti minha essência (Lorde, 2020, p. 104).

Desde que li o texto de Audre Lorde do qual tirei essa citação, lembrei de ti: “a poeta como professora – a humana como poeta – a professora como humana” (2020, p. 103). Teus ensinamentos são sobre como cavamos nossas trincheiras e sobre como e quem convidamos para estar junto nas lutas que escolhemos. Tu fez aniversário há poucos dias e só queria te dar um longo e apertado abraço e, como isso não é possível, resolvemos fazer uma celebração em forma de publicação com cartas para ti. Há tempos venho pensando no quanto temos que celebrar intelectuais que movimentam o pensar e, com sorte, em meu percurso docente e de pesquisadora, encontrei outras mulheres pesquisadoras que também se movimentam por forças de alegria, ternura e emoção em seus trabalhos. Tu, querida bell hooks, mexe com meu corpo todo, me faz consciente de que sou carne, de que sou emoções, de que fui socializada por sistemas de dominação e de que tenho responsabilidades no mundo. Você é poeta, professora, humana e me convida a viver a partir de tudo o que sou.

Teus textos têm poder e falar na universidade desta forma é sempre um risco, pois quando falo que te amo, que teus textos curam, que eles têm poder, sempre há alguém que torce o rosto como se esse tratamento à uma autora não fosse sério, rigoroso e digno de uma pesquisadora. Tua postura como autora, intelectual e professora é uma inspiração e é essa postura junto com teus ensinamentos que me movimentam na sala de aula, que movimentam

as linhas que te dedico, que movimentam os textos que eu escrevo. Tu nos mostra como o mundo é um lugar complexo que exige radicalidade de nossa parte e contigo aprendi que a sala de aula é um espaço que precisa ser cuidado, germinado e amado. E se são com as histórias que aprendemos, se são com as histórias que nos conectamos, são com elas que chego até aqui, são com as histórias que me conecto contigo. Tu e Audre Lorde, assim como Gloria Anzaldúa, foram fundamentais para que eu entendesse que o rigor para um trabalho feminista está na profundidade com que associo minha experiência com o que estudo. Se preciso ensinar sobre desenvolvimento humano, por exemplo, preciso fazer desde o chão que eu e minhas/meus alunas/os vivemos. Se preciso ensinar sobre aprendizagem, mais do que acionar os autores clássicos sobre o tema, preciso mostrar como vivemos e como operamos com esse conceito. São com as histórias, com a escuta de muitas experiências e vozes que resistiremos ao domínio, ao desejo pelo controle que nos é ensinado como requisito para sermos uma “boa” professora.

É da minha relação com a sala de aula que gostaria de falar. Um território que movimenta e movimenta minha pesquisa. Não há como habitar a sala de aula sem pensarmos em como os sistemas de opressão operam nela, em como eles determinam o que ensinamos, os textos que acionamos, as discussões que fazemos. E como tu bem nos diz, antirracismo e descolonização são práticas, não são discursos espalhados por páginas de artigos, teses e dissertações. O que fazemos? Tu nos pergunta e isso ressoa em mim toda vez que escolho um texto, que planejo uma aula, que faço a orientação de um trabalho. O que faço para que o mundo seja um lugar mais justo? Como faço para que a prática de minhas/meus estudantes seja também uma prática de transformação social? Como alimento a esperança por mundo mais justo?

Tenho trabalhado com futuras e futuros professoras/es de um modo geral; pessoas que escolheram a docência para suas vidas. Em sua maioria jovens, vindas/os do ensino médio, cheios de sonhos e empolgações; mas vivemos no Brasil que nos últimos tempos vem experimentando retrocessos a níveis que não vi nem em minha própria infância, que foi vivida em uma época bem complicada para meus pais (final dos anos 1980 e início dos anos 1990). Os sonhos das/dos minhas/meus alunas/os vêm sendo perturbados e esmagados pelas dificuldades financeiras, pela necessidade de compor uma longa jornada de trabalho com os estudos, precisando, às vezes, pegar três ou quatro ônibus para seu deslocamento. Para alguns deles, se a aula inicia às 7h30 é preciso sair de casa às 4h30 da manhã. A aula precisa terminar em um horário adequado para que eles possam almoçar no restaurante universitário, que tem um valor mais em conta e possível de ser pago. Vejo estudantes terem crises de

ansiedade por não saberem como será o futuro, vejo estudantes vítimas de violências de gênero, violências de classe, de racismo e que sentem no corpo as pressões de nosso tempo.

Dar aulas no Brasil de 2022 é reconhecer que a cabeça da/do tua/teu aluna/o não necessariamente estará nos textos indicados para leitura ou no conteúdo trabalhado. É entender que é preciso ir atrás de quem não está aparecendo e criar estratégias para que o semestre seja possível para o maior número de estudantes. Ensinos que lá no *Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade* (2017) já estão presentes: precisamos analisar as relações de classe em nossas salas de aula, precisamos estar conscientes de que a classe é um fator importante em como nossas/nossas alunas/os se colocam em sala, em como suas vozes são escutadas. Ao ler sobre tuas experiências com a sala de aula, um ensinamento me salta às vistas: precisamos trabalhar em busca da conexão. Conexão como ética do trabalho: como nos conectamos em nossas salas de aula? Como nos conectamos nas ações que propomos na pesquisa? Como nos conectamos quando somos ensinadas que a escola e a universidade não são espaços para isso?

Nos conectamos pelo toque, pela ternura, pelos afetos que expressamos. E tu vai além e nos diz que precisamos estar conscientes de nossas ações, do que elas anunciam e com o que elas estão pactuadas. Sou uma professora branca e lésbica, vim da classe pobre, mas hoje vivo na classe média. Cresci em um contexto de pobreza e vulnerabilidade, sei o quanto a classe é uma questão na formação elitizada que as universidades nos oferecem. Ontem mesmo estava lembrando o quanto foi importante encontrar um espaço na universidade no qual minha mãe ser empregada doméstica não era um problema, não era um constrangimento para minhas/meus colegas. Sou grata ao fato de ter te conhecido no início do doutorado, isso mudou minha vida, mudou minha implicação com a pesquisa e com a docência.

Se hoje tenho condições de ofertar para minhas/meus alunas/os um espaço amoroso em sala de aula, mais consciente de que o controle e o domínio da turma são ferramentas de opressão e disposta a estabelecer uma relação de conexão, é porque te tenho como guia intelectual; é contigo que aprendo e é contigo que sinto quando sinto que as coisas não vão bem ou quando minhas orientandas travam em seus processos de escrita. É contigo que busco acolhimento, cuidado e orientação. São poucas/os as/os autoras/es com as/os quais sentar para conversar é tão prazeroso.

Queria te contar que tenho tentado utilizar um modelo de avaliação amoroso, e em uma das atividades o que solicito para minhas/meus estudantes é uma carta que elas/es precisam endereçar para elas/eles mesmas/os. Nesta carta, o pedido é que ofertem boas palavras, palavras que as/os acarinhem, palavras de cuidado; peço que lembrem de coisas que

tenham orgulho de si mesmas/os. Percebo que para muitas/os é um exercício difícil, uma escrita que causa estranhamento, pois como tu bem diz no *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* (2021), estamos acostumadas/os com o auto-ódio e em valorizar as palavras que nos oprimem e que nos subestimam mais do que as palavras que nos elogiam e encorajam. Como falar de desenvolvimento humano e aprendizagem sem alimentar o desenvolvimento e aprendizagem da autoestima e da autoafirmação? Questões que venho me colocando a partir das leituras que faço de teu trabalho. E sou grata por tu ser uma autora generosa, cuidadosa, radical e transgressora.

Tu nos diz coisas como: se uma teoria ou autor são bons, os critique no necessário a criticar e use o que lhe ajuda nas tuas batalhas. Uma boa teoria pode ser utilizada em uma conversa. A sala de aula pode ser prazerosa, a universidade não precisa ser geradora de sofrimentos. Te conhecer fez toda a diferença na minha chegada ao doutorado. Cheguei querendo ocupar a sala de aula, aprender mais sobre o ofício de professora. Cheguei colocando em questão autores que sempre foram apresentados como óbvios para a minha formação em Psicologia e Psicologia Social. Tu me ensina cotidianamente que o pensamento crítico é o bem mais precioso que pode vir com a educação (faço disso um aprendizado pra mim e pra minhas/meus alunas/os).

*O que podemos com o que somos?* Tu nos pergunta. Tem uma pergunta mais linda que essa? Uma pergunta que nos convida ao enfrentamento, ao combate, ao exercício de empatia e conexão, ao exercício radical do encontro. Contigo eu descobri que posso muito com o que sou e que posso, inclusive, alimentar os sonhos de quem me procura como orientadora, das/dos minhas/meus alunas/os e como facilitadora de processos de escrita. Sinto teu amor e sinto a responsabilidade de responder a esse amor, e ser essa pessoa para minhas/meus alunas/os. Como tu bem diz no livro *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança* (2022), precisamos da esperança como força que movimenta nossos fazeres. E tu me mostra o quanto a revolução precisa ser amorosa, alimentada e colhida nos gestos, nas relações. Tudo que sou diz das conexões a que me permito.

Cuidando, amando minhas/meus alunas/os e a sala de aula, trabalho para que a experiência da docência seja também uma busca por justiça social, por transformação das práticas na educação. Em todos os assuntos que trabalhamos, busco instigar o pensamento crítico: essa teoria serve para pensarmos a aprendizagem de nossas/os alunas/os no Brasil? O que precisamos analisar juntamente com as teorias criadas em outros países e contextos para que possamos oferecer justiça em nossas análises, na produção de nossos programas e planejamentos pedagógicos? Instigar o pensamento crítico, a produção de pensamentos, o

exercício de análise são ferramentas importantes que tu nos frisa como a herança que podemos deixar para nossas/os estudantes.

Contigo sonho processos de aprendizagem pautados pelas histórias que nos acompanham. Quanto mais histórias circulam por uma sala de aula, mais o aprendizado faz sentido; assim, de história em história, espero estar engravidando sonhos por uma docência conectada, pautada pelos encontros, implicada com a luta pela justiça social e que de sonho em sonho vai ampliando as possibilidades para vivermos um mundo mais amoroso. Para muitas pessoas da minha área de trabalho (a Psicologia) sou entendida/percebida como utópica ou até mesmo piegas, falando de saúde mental e amor, de amor e aprendizagem, de docência e amor. Enfim, em círculos fora do campo das licenciaturas e da educação, sinto um certo desconforto no ar quando falo de amor a partir do teu trabalho. Imagina que em minha tese falei de amor e erótico como pressupostos para a pesquisa em Psicologia Social (minha área de atuação)! Mas se tem algo que aprendi contigo é que precisamos de coragem para apostar em escritas que dialoguem, que sejam rigorosas e de fácil entendimento e que sejam comprometidas com um mundo nos quais os sistemas de dominação de raça, classe e gênero sejam combatidos em todas as nossas ações e em todas as dimensões de nossa existência. Para uma docência e uma política de pesquisa amorosa, sustentadas pela força do erótico, precisamos de coragem e de enfrentamentos. Contigo aprendi que o conflito precisa ser sentido, vivido e sustentado.

Falando um pouco sobre a produção de conhecimento, venho ocupando estes espaços guiada pelos ensinamentos que estão espalhados pelo jardim do *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* (2021) — o amor como gesto, como ação de responsabilidade comigo mesma e com as outras pessoas. Se quero trabalhar com pesquisa implicada com a transformação social, o amor como componente ético é fundamental, pois com ele reafirmo minha responsabilidade com autorias múltiplas, com as diferentes visões de mundo que nos cercam no caminho do pesquisar e com ele aposto na afetividade, na ternura como potências para uma epistemologia do cuidar. O amor é caminho para o compartilhamento e entrelaçamento de histórias. É com intelectuais negras como tu, Patricia Hill Collins, Carolina de Jesus, Gloria Anzaldúa, Conceição Evaristo, Audre Lorde e Lélia Gonzalez que aprendo que os afetos não podem andar descolados de minha prática acadêmica.

Quando rigor científico virou sinônimo de hermetismo? Como não nos entendermos virou parâmetro de boa produção acadêmica? Alguns que me lerão, vão dizer que estou defendendo uma falta de rigor acadêmico. Ou um apagamento de outras formas de produção de conhecimento em detrimento de autoras como tu (imagina que já fui chamada de muito

radical por escolher não andar com homens brancos europeus). Muito pelo contrário, se abro essa discussão é para que possamos abrir espaços para múltiplas formas de produzir conhecimento. A conversa, uma boa conversa é abertura afetiva para o encontro, mas são tempos difíceis para o diálogo franco e aberto. Como escrever academicamente um texto que não seja áspero ou frio?

Tu nos mostra que a politização do pessoal é base para uma política feminista (2019). Política, um termo temido nos tempos em que estamos vivendo, um termo associado com o exercício de partidos políticos. Tu me diz que o feminismo é “uma política transformadora, uma luta contra a dominação na qual o esforço é mudar a nós mesmas bem como as estruturas” (2019, p. 69). Pois é disso que se trata: pensar a sala de aula a partir dos pressupostos que tu nos presenteou ao longo dos livros que escreveu. Pensar a pesquisa a partir do feminismo.

Escrevo esta carta após ler um capítulo do seu livro *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (2019), era um capítulo sobre apostar no feminismo no contemporâneo, onde tu dizes: “a verdadeira politização é um processo difícil, que demanda desistir de determinadas maneiras de pensar e ser, mudar nossos paradigmas, abriremos para o desconhecido, o não familiar” (p. 67). Toda vez que releio este capítulo (*Feminismo: uma política transformadora*) penso na força deste ensinamento que nos oferta: sim, é um processo difícil, mas não impossível. Nos exige esforço, nos exige trabalho e posicionamento; para que possamos experienciar o amor é preciso que nos permitamos o exercício da politização de nossa existência e práticas. Nos abriremos para o desconhecido tem sido um desafio, principalmente no que estamos vivendo no Brasil. A esperança por um futuro um pouco melhor, o medo pelas formas do desencanto que operam de forma cada vez mais violenta em nossos cotidianos, me faz temer: temo pelo mundo que está sendo produzido. Será que teremos forças para seguir resistindo?

Tu segue pacientemente tecendo tuas ideias do que seria uma luta feminista, nos alertando que o processo de criar laços é complexo e que devemos persistir em uma rede de solidariedade baseada nas ideias feministas, a saber “o feminismo, como luta libertadora, deve existir à parte de e como parte de uma luta maior para a erradicar a dominação em todas as suas formas” (2019, p. 62). Tu nos convoca a ampliar a discussão, a entender que há relações de dominação para além da opressão patriarcal, entender que mesmo as mulheres podem ser sexistas e não implicadas com o que deveria ser uma política feminista (hooks, 2019).

Esse é um dos motivos pelos quais sigo com as cartas; elas são uma forma radical de sustentarmos a pessoalidade, a afetividade, a proximidade no trabalho de pensamento acadêmico. Como dar corpo ao pensamento? Tento preencher as páginas de maneira formal, mas logo me vejo rodeada por cartas, narrativas e histórias (minhas e as que me são ofertadas). Ocupar o espaço da escrita acadêmica tem sido um desafio, e acolho esse desafio com as histórias, com o compartilhamento de memórias, com o engravidamento dos conceitos e das teorias desde nossas entranhas, desde nossas experiências. E convido outras/os ao mesmo processo. Poderia seguir infinitamente te contando dos efeitos e das reverberações que produz em mim, mas por questões práticas e de tempo encerro nossa conversa por aqui.

Querida bell, sinto sua presença! Obrigada por tudo!

Um forte abraço, Bruna!

## Referências

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (org.). *Histórias das mulheres, histórias feministas*. São Paulo: MASP, 2019. v. 2, p. 85-94.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. 2. ed. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

HOOKS, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

LORDE, Audre. A poeta como professora, a humana como poeta, a professora como humana. In: LORDE, Audre. *Sou sua irmã: escritos reunidos*. São Paulo: Ubu Editora, 2020. p. 103-105.

---

## Falando de amor na socioeducação

Roberta Gracyelle de Lima Ferreira Cunha  
Doutora em psicologia  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2775591330128225>  
Cyelle\_ferreira@hotmail.com

Jaileila de Araújo Menezes  
Doutora em psicologia  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5042948325884329>  
Jaileila.araujo@gmail.com

**Resumo:** Esta carta se propõe a apresentar como as reflexões da professora estadunidense bell hooks sobre o amor, para pensar a luta por justiça social, reverberou na composição da tese de doutorado da primeira autora, orientada pela segunda. Realizada com técnicas socioeducativas de uma unidade de privação de liberdade em Pernambuco, a fim de cartografar as experiências e afetos das profissionais, as postulações de bell hooks contribuiu para a discussão de que as técnicas são produzidas em um espaço-tempo onde uma ética amorosa é cotidianamente atacada por relações onde o que predomina é o abandono institucional que agudiza experiências de desrespeito e violação de direitos das profissionais. Apesar disso, as reflexões de bell sobre o amor foram fundamentais para o reconhecimento e criação de práticas e ações amorosas compartilhadas em nossos encontros.

### Cadê o amor que deveria estar aqui?

- *Elas trazem violência, descaso e violação de direitos.*
- *Para com os adolescentes, né?*
- *Não, para com elas.*
- *E como elas fazem pra continuar? O que dá sentido às suas práticas de garantia de direitos?*
- *Ainda não sei bem. É o que tô tentando descobrir. Talvez seja o fato delas entenderem bem os danos causados por esses elementos, mas o cansaço e o desgosto são latentes, dá pra ver no olhar. Às vezes elas riem, fazem graça da própria dor para tentar contorná-la e, assim, vão se consolando.*
- *Me parece difícil tudo isso. O que você pretende fazer?*
- *É difícil mesmo. Tenho medo que elas pensem que tudo que quero é cobrá-las aquilo que não lhes é oferecido. Não, não é isso que quero, na verdade saí hoje de lá pensando que elas precisam de colo. Não sei se conseguirei fazer isso, mas vou tentar movimentá-las. Pretendo mostrar para elas que eu as acolho em suas dores. Que me coloco à disposição para tentarmos construir territórios de resistência à morte e à solidão.*

Você não deve tá entendendo nada não é mesmo, bell? Mas, calma, que vamos explicar. Esse diálogo acima é uma conversa da primeira autora dessa carta consigo mesma, registrada no caderno de campo de sua pesquisa de doutorado defendida no final de junho de 2022. A tese intitulada *Cartografias de experiências e afetos de técnicas socioeducativas em instituição de privação de liberdade em Pernambuco* (Cunha, 2022) foi orientada pela segunda autora desta carta e teve como objetivo compreender como as profissionais se

produzem no espaço-tempo da unidade e os modos que agenciam suas práticas em um território tão complexo como a socioeducação.

De forma breve, bell, podemos dizer que a cartografia é uma proposta metódica da pesquisa intervenção que investe no acompanhamento dos processos que se forjam nos agenciamentos de fluxos de espaço/ tempo e a partir dos quais as subjetividades se compõem a si mesmas e às suas práticas. Valoriza os planos de forças presentes nos territórios estudados, bem como evidencia o caráter ético-estético-político da pesquisa (Tedesco; Kastrup; Passos, 2016).

Decidimos introduzir essa carta com o trecho acima, porque não foram poucas as vezes, bell, que saí dos encontros com as técnicas com a sensação do quanto aquelas mulheres precisavam ser cuidadas e amadas no espaço de suas atuações profissionais. Amadas no sentido que você mesma provoca, de “combinação de cuidado, comprometimento, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança” (hooks, 2020, p. 239).

Sentimo-nos provocadas por você, bell, a pensar um pouco sobre o amor enquanto tecíamos a tese, pois comendo contigo fomos afetadas pelo entendimento de que o amor atrelado à luta potencializa nossas ações e nossas práticas. Como você mesma evidenciou, uma ética do amor tem sido central para garantir os movimentos por justiça social pelo mundo (hooks, 2020).

Também nos sentimos provocadas a pensar sobre o amor porque o lugar da pesquisa é um espaço onde essa palavra parece fazer pouco sentido, ainda que seja um território onde, discursivamente, sustentam-se noções progressistas de garantia de direitos, de acolhimento, cuidado e educação.

*Esperança: Eu acharia bastante difícil se fosse para ajustar o amor com a prática, com a proposta.*

O trecho acima foi expressado pela técnica Esperança durante uma atividade onde propusemos que as participantes escolhessem poemas que as ajudassem a visibilizar os sentimentos que atravessam suas práticas profissionais. Utilizamos o livro *O que é isso que eu sinto* (Egito; Cayo, 2018) para auxiliar o processo de vocalização e reflexão das técnicas, que escolheram os seguintes sentimentos: decepção, raiva, ansiedade e o amor, porém, a técnica que escolheu este último enfatizou que não o fez em relação à sua prática profissional, mas, ao momento pessoal que vivia, a gravidez de seu primeiro filho.

Amor: Começou pequeno e foi crescendo, como faz pra caber no coração? O amor sempre fica maior que nós mesmos. Ele é o sentido da vida. Ele é a própria vida. Olho

pro céu e lá vejo ele: o amor. Olho pra natureza, quanta beleza. Existe demonstração mais bela? Mais grandiosa? O amor nunca acaba. É eterno. Como o vento, bom de sentir. É brisa que traz paz. Ou furação? Só se for paixão. O amor nos torna grandes. Ou pequenos diante da imensidão. Nunca estamos sozinhos. Melhor com ele. Que dissipa o medo. Que traz a paz que o mundo tira. O amor é aquela casinha no meio do nada. É tudo. O paraíso. O amor é mesmo tudo isso. Quem já disse eu te amo hoje? Esse é o melhor bom-dia. Como sol. Como luz em plantinha que precisa crescer. Ser regada. Ser abraçada. Amor: essa luz que nunca se apaga (Egito; Cayo, 2018, p. 22).

Provocamos a técnica a pensar se, em algum momento, ela sentiu a presença desse sentimento em sua atuação profissional. Decidimos inquietá-la não por puro capricho nosso ou para atender à demanda da atividade proposta, mas porque já havíamos nos encontrado com ela em um outro momento, já tínhamos ouvido algumas de suas expressões e afetos em relação aos adolescentes atendidos na unidade e pudemos sentir que, em suas palavras, havia a esperança no poder do amor (hooks, 2021). Amor é o que desafia e resiste à dominação, por isso que a revolução é um ato de amor. O amor é uma força de mediação necessária para não nos quebrarmos no processo de enfrentamento às opressões.

Então, a partir da nossa provocação, ao refletir mais profundamente sobre as articulações entre o amor e sua prática profissional, a técnica nos fez um belo relato. Ela recordou de uma cena onde um adolescente que tinha cometido uma infração muito grave não havia conseguido confessar para a sua mãe, apenas para outro familiar. A partir de um trabalho desenvolvido com ele, decidiu dialogar com a mãe e, para a profissional, foi um momento onde o amor se fez presente, onde o que estava posto eram os sujeitos na potente relação entre mãe e filho que, naquele instante, extrapolava o delito cometido pelo adolescente.

*Elisa: A gente marcou um encontro, uma reunião, né? E tinha combinado que seria o momento de contar, né? Se ele queria realmente isso, enfim, se ele não contasse, não seria eu... A gente estaria ali num ambiente seguro pra fazer esse momento. E, aí, foi muito lindo, assim, esse processo, a gente chorou junto, todo mundo, o menino, eu, a mãe, né? O outro familiar que tava e aí teve esse momento que, assim, o amor tava em evidência apesar daquela coisa seríssima que tinha acontecido, e foi muito bonito assim porque o que era repetido ali, mesmo que não tivessem as palavras explícitas era: **já** *jamais te abandonaria*, independente disso, porque você como pessoa é maior. Eu me senti muito honrada por poder participar desse marco naquela família.*

Nesse trecho de fala Elisa vem fazer coro com você, bell, ao dizer que o amor transpõe o romantismo com o qual comumente caracterizamos esse sentimento, e nos posiciona numa dimensão ética de valorização e consideração da existência do outro com o qual nos relacionamos (hooks, 2020). É essa dimensão que a técnica nos provoca a pensar em seu relato de experiência. O adolescente precisou construir junto com a profissional uma

relação de comprometimento, respeito e confiança que o encorajasse a assumir o ato cometido àquela que, talvez, seja sua principal fonte de afeto amoroso. Nessa cena, Elisa assume uma ética amorosa, um lugar de afeto junto àquele adolescente, acolhendo-o diante de seu maior medo: ser abandonado pela mãe. Aqui o amor interpôs-se como força capaz de reconciliar (o adolescente com a verdade do fato narrado à sua mãe) e resolver (o temor que mantinha a sua fragmentação e sustentava a mentira via omissão). O amor dinamizou a confiança que é o fundamento da intimidade necessária para a abordagem e manejo de temas sensíveis.

Mas a dificuldade de reconhecer esse amor em seu cotidiano reside, sobretudo, no fato de que as técnicas também se sentem abandonadas pela instituição onde estão inseridas. No espaço de nossa pesquisa as técnicas revelam que as cenas que predominam não são essas relatadas por Elisa, mas cenas de desrespeito, de violação de direitos, de ataques ao coletivo de trabalho que as atravessam e as produzem enquanto trabalhadoras. A violência institucional a qual estão cotidianamente submetidas instaura uma política de desespero, onde prevalece a lógica de escapar à brutal realidade através do isolamento e do silenciamento.

Sabe bell, é muito comum que quando a gente fale sobre descaso, desrespeito, violação de direitos na socioeducação, rapidamente nos venha à mente a imagem dos adolescentes e jovens atendidos nesse espaço, mas entendi ao longo da pesquisa que é preciso visibilizar outros corpos e subjetividades que também estão na mira dessas violências. Essa alteridade institucional que ganhou corpo no processo de investigação cartográfica foi composta pelo grupo de técnicas do sistema socioeducativo. É um pouco disso que quero lhe contar, bell, sobre os (des/re)encontros que a pesquisa pode acionar entre elas, a instituição, os adolescentes e a pesquisadora.

Quando eu digo que é importante visibilizar a violência sofrida por outros corpos e subjetividades na socioeducação é porque compreendi um pouco melhor com meu trabalho que uma das principais vias de precarização da vida dos socioeducandos se dá por meio da precarização da vida das trabalhadoras desse lugar. As minhas interlocutoras me fizeram ver e sentir que são produzidas em um território que a todo tempo subalterniza suas práticas, despotencializa o seu papel ético-político junto aos adolescentes, ignora suas necessidades e despreza suas dores. Tudo isso, bell, que não conseguirei detalhar melhor nessa carta, gera uma dinâmica de silenciamento, isolamento, que conseqüentemente resulta no adoecimento das profissionais expressado pelo abatimento, desânimo, falta de perspectiva que, constantemente, se presentificavam no discurso das técnicas.

*Cláudia Amorim: E, aí, isso tem muito a ver com nosso sentimento de, muitas vezes, de impotência diante dos acontecimentos que acontecem, impotência para mudar um pouco da realidade, e o sentimento de você lidar com tantas coisas negativas e acaba que você meio que naturaliza. Você acha que sempre vai acontecer coisas negativas no ambiente, que você sempre vai se deparar com coisas negativas de tanto que você tá habituada a lidar.*

Você nos diz, bell, que amar é trabalhar para afirmar o bem-estar emocional do outro (hooks, 2020), e essa é uma das missões das técnicas em relação aos adolescentes. Mas o que elas nos provocam a pensar em nossos encontros é: quem se engaja no bem estar emocional delas? Como sentir a evidência do amor quando esse sentimento pouco se produz entre aqueles que organizam o espaço socioeducativo? Elas não se sentem amadas – no sentido do cuidado – pela instituição que integram e, portanto, conectar-se ao amor, quando esse não lhe chega, torna-se experiência cada vez mais escassa. Você nos fala um pouco disso em seu livro *Tudo sobre o amor: novas perspectivas (2021)*.

É difícil mesmo reconhecer o amor quando ele se encontra tão desfigurado. É difícil, como você diz, “continuar acreditando na promessa do amor quando, para qualquer lugar que a gente olhe, o encantamento do poder ou o terror do medo ofusque o desejo de amar” (hooks, 2021 p. 28). O amor é sentimento solapado, encoberto debaixo do chão quente e seco da instituição. Assim, bell, aproveitando mais uma vez suas palavras, como reconhecer esse amor? Como fazê-lo evidente? Como amar novamente? (hooks, 2020).

A resposta é difícil, mas, assim como você, nós acreditamos nas potências do amor. Quanto mais as técnicas nos revelavam as cenas desoladoras que constituem seus cotidianos, maior era o nosso desejo de amá-las, de oferecer-lhes, ainda que como uma gota, o frescor do acolhimento, da escuta, da possibilidade de fala, da validação de seus sentimentos. Então, tivemos uma ideia que terei que te contar rapidamente nessa carta.

Através de um instrumento como esse, que aqui lhe dedicamos – a carta – encontramos um caminho para aplinar os efeitos mortíferos e adoecedores do desamor no espaço-campo da minha pesquisa em instituição socioeducativa. Propusemos um projeto de troca de cartas entre as técnicas da unidade socioeducativa de nossa pesquisa e técnicas de outras unidades. Apostamos nesse projeto como forma de criar um território de cuidado e de coletivização de experiências e vivências atravessadas por muitas dores. Um espaço de proteção de umas para com as outras, pois, assim como nos fala uma ancestral nossa, ainda viva, a Conceição Evaristo, “dizer e ouvir entre nós é uma defesa, um remédio que possuímos” (Evaristo, 2005, p. 2).

Uma de nossas interlocutoras nesse projeto disse:

*Resistência: Senti como uma oportunidade de falar tudo o que me incomoda. Mais uma vez, adorei a proposta.*

Com as cartas elas puderam se liberar, exercitarem-se a si mesmas numa prática de liberdade sem anteparos e barreiras para suas expressões. Assim, as cartas foram capazes de criar um movimento de cuidado de si (Foucault, 2004), ou seja, de exercício de autonomia, de livre manifestação.

Com as trocas de cartas elas sentiram que suas dores, lutas e desejos estão mais próximos do que podiam imaginar, mobilizando, assim, a dimensão de coletividade tão atacada e desvalorizada pela dinâmica de gestão da instituição socioeducativa.

*Cláudia Amorim: cada vez nos tornamos "fracos" politicamente, mas que bom que existem momentos como este, em que podemos nos fortalecer internamente.*

O projeto de troca de cartas configurou-se como alternativa de fortalecer esse movimento dentro de uma coletividade, pois não há como negar, sem o coletivo de trabalho possibilidades de mudança são inviáveis. Com as cartas elas puderem experimentar um espaço onde suas experiências foram efetivamente compartilhadas e suas dores e sofrimentos generosamente acolhidos. O espaço das cartas constituiu-se em um território onde o cuidado se evidenciou através do fluxo da fala-escuta.

bell, sei que você certamente se interessaria por muitas outras coisas da minha pesquisa, mas trago essa breve relato para te agradecer e te dizer que você nos fez enxergar que aquilo que chamamos de compromisso ético-político com nossa pesquisa é uma forma de expressar o amor por nossos campos de atuação e, sobretudo, pelos sujeitos envolvidos. Sabe, foi muito gratificante pra nós poder entender nossas práticas enquanto pesquisadoras pela perspectiva do amor. Foi ainda mais gratificante perceber que o amor ainda reside nas interlocutoras da nossa pesquisa, apesar de serem tratadas com tanto desamor. Concluir isso não significa minimizar suas dores e sofrimentos como se elas fossem heroínas capazes de suportar tudo, mas de perceber que enquanto uma ética amorosa as acompanharem – ainda que lapsos dela – a nossa luta por justiça social na socioeducação está viva.

Abraços e beijos cheios de amor,  
Roberta e Jaileila.

## Referências

CUNHA, Roberta Gracyelle de Lima Ferreira. *Cartografias de experiências e afetos de técnicas socioeducativas em instituição de privação de liberdade em Pernambuco*. (Doutorado em Psicologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2022.

EGITO, Marcela; CAYO, Higor. *O que é isso que eu sinto*. Recife: CEPE, 2018.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *Revista Z Cultural*, Rio de Janeiro, ano XV, n. 3, ago. 2005.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos V. Ética, sexualidade e política*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HOOKS, bell. *Ensinado pensamento crítico: sabedoria prática*. Tradução de Bhuví Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

TEDESCO, Sílvia; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Sulinas, 2016.

---

## O amor como uma ação: práticas de autocuidado em espaços não escolares

Tainara Machado Costa  
Acadêmica de Serviço Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Educadora Social  
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0700426258926719>  
E-mail: [tainara.tmc@gmail.com](mailto:tainara.tmc@gmail.com)

**Resumo:** Esta carta pretende descrever algumas experiências de cura e pertencimento vivenciadas por esta remetente, a partir de suas vivências cotidianas e de um projeto executado em uma comunidade periférica de Porto Alegre, em 2019, o qual teve como um de seus objetivos a implementação da Lei 10.639/2003 em um espaço não escolar. Os relatos buscam mostrar a experiência de uma Educadora Social negra atuando em seu território, que por meio das práticas em Educação das Relações Étnico-Raciais, buscou racializar, potencializar e politizar o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para e com crianças e adolescentes negros e negras da comunidade do Campo da Tuca em Porto Alegre/RS.

Querida bell hooks,

A ocupação precisa ser feita pelas nossas histórias.

Bruna Moraes Battistelli

(Encontro Coletivo bell hooks, 20 de dezembro de 2021)

Espero que esta pequena carta te encontre e que estejas bem. Confesso que nem sei por onde começar, mas já quero deixar aqui registrado o significado e importância que as tuas obras têm em minha vida, enquanto mulher preta periférica, estudante de Serviço Social e educadora social.

Dessa forma, quero te contar sobre a minha trajetória na educação popular e no âmbito da educação antirracista, que teve início no ano de 2018, quando recebi o convite para atuar como Educadora Social no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, serviço este executado pela Associação Comunitária do Campo da Tuca, que fica localizada na mesma comunidade onde nasci, cresci e ainda moro. E foi assim, de uma maneira natural, mas embasada através de um compromisso ético com a minha negritude, fazendo valer a Lei 10.639/2003, é que o percurso desse encontro com as crianças e adolescentes da comunidade teve o seu início.

No primeiro ano, em 2018, de uma maneira mais tímida foram introduzidas através de oficinas e diálogos propostas para se pensar sobre como cada criança e adolescente se viam

naquele espaço e a percepção que tinham de si mesmos. De início relatos sobre episódios de racismo – não bullying –, é importante denominar, predominaram sobre a sala e os demais espaços de atividades.

**Figura 1 - Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos**



Fonte: acervo pessoal da autora (2019)

No decorrer deste percurso foram introduzidas, através de oficinas e diálogos, propostas para se pensar sobre como cada criança e adolescente se via naquele espaço e a percepção que tinham de si mesmos. De início, relatos sobre episódios de racismo predominaram sobre a sala e os demais espaços de atividades. Questões sobre a cor, cabelos e referências constantemente não negras também eram assuntos rotineiros ali. E foi com o auxílio de mulheres negras, educadoras e moradoras da comunidade, que encontrei caminhos para uma educação antirracista.

Durante as rodas de conversa foram introduzidas referências negras, mulheres negras que fizeram história no Brasil como Dandara dos Palmares, Luiza Mahin, Carolina Maria de Jesus, Elza Soares, entre outras. Para se chegar ainda mais próximo à realidade de cada um, foi proposto que cada educando contasse um pouco da história de mulheres negras de seu núcleo familiar ou com quem tinham algum vínculo próximo, relatos surpreendentes de lutas e resistências saíram dali.

A partir disso, decidimos convidar para contar sobre suas próprias histórias, mulheres negras que de alguma forma contribuíram para a construção e o desenvolvimento da

comunidade, e com isso se conseguiu de alguma forma homenageá-las. Por meio dos educandos, assuntos relacionados à música foram levados para dentro do espaço privado, dentro de suas residências, onde seus familiares também conseguiram compartilhar com a atividade proposta momentos de dor e violência em que conseguiram se enxergar através das atividades propostas, mas também o que cada um e cada uma conseguiu construir através da experiência de dor, tornar a experiência do sofrimento um caminho de aprendizado e, a partir disso, construir novas possibilidades de (re)existência e cuidado.

A cada prática ali desenvolvida se abriu espaço para a consolidação de novos caminhos a se trilhar, a repercussão e força do projeto desenvolvido na associação de moradores para educandos do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos reatou, promoveu e fortaleceu grandes vínculos, repercutiu e inspirou tantos outros, foi a semente que germinou, criou raiz e deu novos e belos frutos. Frutos esses que agora se reconhecem, se acolhem e se curam, enxergando suas potencialidades e as fortalecendo através da arte, da cultura e da música, tendo assim um sentido real de comunidade, que nada mais é uma forma de manifestação do movimento negro.

Mas, como o racismo ainda é uma ferida aberta (Kilomba, 2019) na vida de pessoas pretas, ser uma educadora preta atuando diretamente com crianças em sua maioria pretas, fez com que em determinados momentos as memórias de um passado bastante violento por conta de práticas racistas, fossem revisitadas. Querida bell, as dinâmicas do racismo são tão perversas, que mesmo eu vivendo em uma comunidade predominante negra, em uma instituição que tinha educandos e educadores em sua maioria pretas e pretos, ainda assim existiam feridas ocasionadas pelo racismo abertas em minha existência que volta e meia insistiam em aparecer e me açoitar em pensamentos, causavam por vezes sofrimento, pois, esta é “uma ferida que dói sempre, por vezes infecta, e outras vezes sangra” (Kilomba, 2019, p. 39).

Com essa ferida exposta, questões relacionadas ao meu cabelo deram o tom no decorrer deste processo, eu sendo uma mulher negra, trago na bagagem experiências de bastante conflito com meu cabelo – por vezes achava ele feio, desajeitado e fora do padrão. Momentos relacionados com o cabelo no período da infância e adolescência regressavam naquele momento como educadora social para me machucar com as lembranças, essas lembranças que insistiam em se fazer presentes e que eu queria muito esquecer, apagar da memória.

Durante vários processos químicos, adaptações e readaptações com o meu cabelo natural, tive que passar por uma nova transição capilar, a transição capilar é o processo onde

a pessoa decide deixar o cabelo crescer ao natural, e para isso acontecer o cabelo acaba ficando com duas texturas: uma parte do cabelo que está crescendo e a outra parte do cabelo compreende os resquícios daquele quimicamente tratado por colorações, relaxamentos, progressivas, pranchas e afins.

A partir disso, existe uma outra etapa deste processo de transição capilar que é popularmente conhecido como “*big chop hair*”, o grande corte, que corresponde à pessoa retirar toda a química que está em seu cabelo por meio de um grande corte. Com isso, eu optei pela última opção, porém não imaginava que tudo isso me causaria grande momento de dor e sofrimento. Pois não me imaginava passar por uma segunda transição e ter de cortar o cabelo novamente, não era só um cabelo, era sobre mim e toda uma história de aceitação que ele representava durante todo o meu percurso. E depois, eu achava meio incoerente da minha parte, depois de ter estimulado, e também através do cabelo, servido de inspiração e identificação para tantas educandas e educandos pretos em se aceitar, aceitar seus cabelos e suas identidades. Já não era mais só sobre um cabelo, era sobre mim enquanto uma mulher preta.

Mas amada bell, te digo que foi através da psicanálise, dos encontros promovidos pelo Coletivo bell hooks sob coordenação das professoras Bruna Battistelli e Luciana Rodrigues, a partir da imersão na literatura de mulheres pretas, que consegui entrar em um processo de cura e autoconhecimento. Assim, em uma das sessões de psicanálise, ao relatar dos processos que ressurgiram em mim por conta do racismo, minha terapeuta, que também é uma mulher preta e sabia exatamente o que eu estava passando e relatando, me “prescreveu” ao final da sessão de terapia o teu texto intitulado *Vivendo de amor* (2010). Lembro que no texto você apresentava a cura por meio do ato de dar e receber amor, e aqueles escritos mexeram comigo de uma forma transcendental.

Ao sair da sessão de terapia com o seu texto anotado, fiquei me perguntando o porquê de minha psicóloga ter me indicado aquela leitura, fiquei bastante incomodada e demonstrei uma certa resistência em procurar o teu artigo para ler. Pois realmente não tinha entendido qual era o intuito de minha psicóloga com aquele ato, e por semanas fiquei me questionando sobre os motivos que levaram ela a me indicar tal texto, como uma forma de bloqueio pensei que não bastavam os textos da universidade, eu tinha que ler mais textos indicados nas sessões de terapia, pra mim não estava certo, parecia fora do óbvio, do normal.

Com isso, passadas longas semanas, vencida pela minha curiosidade e também para procurar entender os motivos de minha psicóloga, que não por coincidência tinha em você uma grande referência, abri a agenda de anotações e fui até a anotação daquela sessão de

terapia e finalmente procurei o artigo para ler. Ao abrir, tenho uma grande e grata surpresa e um verdadeiro encontro comigo mesma, estava no ônibus e cada linha falava de forma tão direta comigo, que achei por bem ler em casa de forma que eu pudesse vivenciar cada parte do teu texto e me permitir chorar e sentir.

Logo no primeiro parágrafo você, amada bell, nos aponta que o “amor é uma intenção e uma ação” (hooks, 2010, s/p), ao ler aquilo pela primeira vez fiquei extremamente tocada, mas ao mesmo tempo curiosa em descobrir o que de fato você queria expressar ao descrever sobre o amor transmitido por meio de uma ação, tanto que o grifei em verde “o amor é uma ação” – a frase ficou ecoando em minha mente por dias, e durante isso, fui para as sessões de terapia na esperança que a minha psicóloga discutisse sobre aquela leitura comigo. Foram várias as tentativas ao falar sobre o texto e os impactos e dúvidas que tinham me gerado. Entre uma sessão de terapia e outra, consegui enfim cortar o cabelo e ir para as atividades da associação sem me sentir culpada ou envergonhada, mas sim liberta por estar cuidando de mim e respeitando as etapas do meu cabelo.

As atividades seguiram firmes como de costume e alguns dias depois dali se passaram, até que em um dia de atividades na associação, uma educanda, com apenas sete anos na época, chegou diferente no Serviço de Convivência: ela vinha com um corte de cabelo parecido com o meu. Questionei o porquê da mudança repentina e ela argumentou relatando que tinha pedido para a sua mãe cortar seu cabelo semelhante ao meu.

Aquele relato me pegou de surpresa, mas ao mesmo tempo fez com que eu me conectasse novamente com a indicação de minha psicóloga a partir do teu artigo, querida bell. O ato, a expressão de amor da educanda, manifestada na ação de cortar o seu próprio cabelo de forma semelhante ao meu, fez com que eu conseguisse de alguma forma curar algumas das feridas deixadas pelo racismo, expostas na criança negra que um dia eu fui. Eu, uma mulher negra, consciente da minha negritude, fui curada por uma menina preta de apenas sete anos. E eu finalmente entendi o que você quis dizer e deixar registrado a todas mulheres e meninas pretas, querida bell, que “o amor é uma ação, nunca simplesmente um sentimento” (hooks, 2010) – e esse amor, da forma que for, pode ser manifestado da maneira mais inesperada possível e por quem a gente menos espera, mas com o poder transformador de nos curar e nos fazer melhores do que somos em essência.

Por fim, após alguns anos, eu deixei este espaço e não mais atuei enquanto educadora social, acho que a academia acabou me engessando, sabe?! E não só a academia, mas por conta de uma série de fatores que contribuem para a defasagem e dismantelo das políticas de assistência social e educação aqui no Brasil. Por vezes, querida bell, me vi sem

forças ou sem possibilidades concretas para sonhar e poder pensar sobre propostas de uma educação popular antirracista possível para as crianças e adolescentes pretos e pretas de minha comunidade. Acho que por um momento, ou dois, eu deixei que eles ceifassem os meus sonhos. Mas foi em um dos encontros do Coletivo bell hooks, utilizando o mesmo texto que me foi “prescrito” pela psicóloga durante a minha sessão de terapia em 2019, que eu ouvi a professora Bruna Battistelli proferir a seguinte frase: “as nossas histórias têm poder e elas precisam ocupar o mundo [...] temos que proteger nossos sonhos”. Ao ouvir isso dela algo me impulsionou de fato. A partir disso, tive outras gratas experiências na academia, ao conhecer uma bibliotecária preta incrível, que me apresentou possibilidades maravilhosas no âmbito da Educação, a partir do processo de mestrado e doutorado, e assim compreendi que ainda há tempo e de fato é possível sonhar. Destaco que com todos esses processos de cura, de encontros e reencontros com meninas mulheres pretas em minha vida, querida bell, estou me permitindo sonhar novamente.

Amada bell, dedico esta carta a você e a todas as meninas mulheres pretas que tenho o privilégio de dividir época.

## **Referências**

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 244 p.

HOOKS, bell. *Vivendo de amor*. Tradução de Máisa Mendonça. Portal Geledés, [s. l.], 9 de março de 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em 20 ago. 2022.

---

## Da lama ao caos, do caos à construção de uma *educação como prática da liberdade*: diálogos sobre uma escola atingida pelo desastre-crime da barragem de Fundão, Mariana-MG

Alessandra Bernardes Faria Campos  
Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5395045491604108>  
E-mail: [ale.bernardescampos@gmail.com](mailto:ale.bernardescampos@gmail.com)

Áquila Bruno Miranda  
Doutoranda em Psicologia Social na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1358703667986311>  
E-mail: [aquilabruno@ymail.com](mailto:aquilabruno@ymail.com)

**Resumo:** Neste trabalho compartilhamos as reflexões de duas educadoras populares acerca do percurso formativo realizado com professoras/es de uma escola atingida pelo desastre-crime da barragem de Fundão, Mariana-MG. Os deslocamentos e aprendizados aqui compartilhados foram tecidos, sobremaneira, a partir dos ensinamentos da intelectual e professora negra bell hooks. Em um contexto onde os efeitos da colonialidade perpetuam inúmeras violências, o desafio/convite foi o de escutar/reconhecer as vozes das/dos professoras/es e comunidade escolar para a construção de práticas engajadas e comprometidas com o diálogo, a solidariedade e a liberdade.

Estimada bell hooks,

Das montanhas de Minas Gerais, no interior do Brasil, te escrevemos a quatro mãos. Mais precisamente, te escrevemos de uma cidade chamada Mariana, terra ocupada, sobretudo, por pessoas negras. Uma *cidade histórica*, como aprendemos a nomear por aqui os municípios que guardam arquetonicamente o estilo de construção do *período colonial*, outra expressão que aprendemos para dizer do tempo em que tínhamos laços formais como colônia face ao nosso colonizador, Portugal.

Tantos séculos nos separam desse tempo, mas tanto nos une também. Nos une a nós três, escritoras e destinatária dessa carta, mulheres sobreviventes nesse continente. Tempos e espaços cruzados, marcados pelo extermínio, pela usurpação dos conhecimentos e outras múltiplas violações aos milhares de povos que originalmente habitavam essas terras. Marcados pela escravização de pessoas africanas, pela exploração do seu trabalho, pela construção e naturalização de uma série de pré-conceitos inferiorizantes que marcam a travessia – pelo Atlântico e pelo tempo – dessas pessoas e de suas e seus descendentes, tema que você trata em sua obra, partilhando sua própria trajetória e de seus ancestrais. Tempos e espaços marcados pela exploração e degradação dos minerais, da terra, das águas, das plantas e de outros seres que coabitam conosco estes territórios.

Entretanto, como parte inexorável desses processos, em sua contradição, estamos também unidas pelas nossas lutas pela resistência-existência, lutas pedagógicas para todes nós, como nos ensinam Nilma Lino Gomes (2017) e Miguel Arroyo (2012) em seus escritos sobre movimentos sociais, lutas populares e educação. Estamos unidas pelo encontro com a voz e os ensinamentos do nosso precioso companheiro Paulo Freire (2016), um lugar de nutrição e cuidado, de afirmação da indignação e da ação coletiva como partes fundamentais nos processos de transformação das realidades opressoras que nos atravessam. Estamos unidas na afirmação da urgência de existires dignos e autorreferenciados; na nossa vontade incessante de viver, de viver alegremente, de viver com prazer, com sentido, como você bell, de maneira tão generosa e potente, nos provoca a pensar e aponta caminhos através dos seus escritos sobre educação. Sobre este ponto, sua voz-palavras bell, ecoam em nossos corações, em nossas mentes. Colocam nossos sentimentos, emoções, ideias, corpos em movimento na direção da construção de “um mundo onde caibam vários mundos”, a partir dos lugares que ocupamos em nossa sociedade.

Como educadoras populares que somos, a caminhada nessa direção, para nós, tem se feito também no interior da escola. Como educadoras, uma condição profissional, mas explicitamente alicerçada em um compromisso ético e político com os coletivos subalternizados em nossa sociedade, queremos compartilhar e dialogar com você sobre uma experiência que vivemos em 2022, em uma escola atingida pelo rompimento da barragem de Fundão, localizada em Mariana, estado de Minas Gerais, uma barragem de rejeitos de uma mineradora que atua em nossas terras, perpetuamente colonizadas.

Os desdobramentos desse *desastre-crime* (termo cunhado por movimentos sociais que atuam no enfrentamento das violências produzidas pela mineração), que aconteceu há sete anos atrás, em 5 de novembro de 2015, atravessou os cursos dos rios das nossas vidas. Nós, que te escrevemos, nos conhecemos e passamos a atuar juntas para realizar atividades de formação em escolas atingidas por este crime, o maior desastre socioambiental do Brasil e um dos maiores do mundo. Um evento que segue se desdobrando de forma silenciada/silenciosa, como pudemos vivenciar em nossos encontros nas escolas nas quais atuamos. Escolhemos uma delas para este relato dialogado.

A escola sobre a qual escrevemos era originalmente uma escola no campo, atendendo majoritariamente pessoas negras, composição racial predominante na região em decorrência da exploração histórica do trabalho de pessoas negras escravizadas na mineração, como te contamos anteriormente. Nos relatos das/dos professoras/es, a presença (persistente) de tensas relações raciais que marcam a história da escola, anterior ao seu deslocamento compulsório

por conta do rompimento. Uma das/dos professoras/es nos contou que as crianças negras, assim como você, durante muito tempo, frequentaram esta escola cuja composição era somente desse grupo racial. No pequeno distrito de Mariana onde a escola tinha sua sede, a segregação racial se presentificava no chão da escola. Violência que não foi problematizada e enfrentada com a integração racial, quando do fechamento de uma outra escola, majoritariamente composta por pessoas brancas.

Nos encontros formativos que mediamos nessa escola, agora obrigatoriamente deslocada para a cidade em decorrência do desastre-crime, colocamos como desafio escutar as vozes, reconhecer e pensar caminhos para (re)existir as memórias que, como você nos ensina em seu livro *Ensinando a transgredir* (2017, p. 224), foram “quebradas, despedaçadas de um povo despossuído e desalojado”. Ainda que não raro de forma pouco reflexiva e problematizadora, as percepções das/dos professoras/es sobre as/os estudantes e suas famílias denunciam as dores do povo negro que foi, mais uma vez, deslocado abruptamente para um território que se organiza a partir de outras linguagens. Nesse contexto de expresse racismo socioambiental, as palavras da nossa parceira Grada Kilomba (2019) se fazem também ecoar um passado colonial, mais uma vez, atualizando-se em cenas do cotidiano.

As vozes da comunidade atingida diziam que o município de Mariana parecia não ser um lugar seguro. Ali, o moroso e doloroso processo de reparação, empreendido com sérios problemas por uma fundação criada pela própria empresa responsável pelo desastre-crime, não amenizava a saudade dos cantos dos pássaros, do coral da igreja, das cavalgadas, de brincar na rua e das parcerias para a construção da festa junina, uma experiência que era vivida sempre de forma comunitária. Já na sala de aula, junto às/aos professoras/es, as diásporas denunciam que o trauma da escravização segue seu curso entre nós.

Nessa caminhada, tecida a partir de laços delicados e frágeis de solidariedade e confiança, sua presença e sua voz bell, foram tão importantes para nós! Sua presença nos ajudou a afinar nossas percepções sobre as sutis esperanças expressas por algumas/alguns professoras/es, em um contexto de grande adversidade que se estende por mais de sete anos. Nos ajudou a perceber e alimentar o desejo de transformação da realidade da escola por parte de algumas/alguns professoras/es que cultivam o compromisso com o potencial amoroso e libertador da educação! Professoras/es que acreditam que a lama não poderia, não pode, silenciar as vozes de uma escola que (re)existe às marcas do apagamento colonial, das feridas coloniais. Dentro dos limites de diversas naturezas que nos eram sistematicamente impostos, nós estávamos ali para, junto com as professoras, estudantes e famílias, aprendermos, coletivamente, a forjar práticas pedagógicas anticoloniais, críticas e feministas.

Aqui, também gostaríamos de compartilhar que, nessa caminhada de um ano, vivemos desafios que pareciam intransponíveis. Em um cenário de lama e de caos, o direito à reparação era uma defesa urgente e necessária. Mas ali, nossos corpos, erguidos, sabiam dos riscos de agir em cumplicidade com os efeitos da colonialidade, mas ao mesmo tempo, acreditávamos que as memórias e sonhos não poderiam ser, como você mesma diz, equacionadas ao ganho econômico e ao poder do dinheiro. Perspectiva narcisista, classicista e racista projetada pelos ideais capitalistas, brancos, patriarcais e racistas!

bell, em um contexto de marcadas e multifacetadas violências, ter você ao nosso lado nos deu coragem para explicitar conflitos, assumir riscos e a “aprender não apenas com os espaços de fala, mas também com os espaços de silêncios” (hooks, 2017, p. 232). Sustentar os silêncios nos agitados corredores da escola, para acolher os fragmentos das vozes que se faziam gritos.

Num cenário onde a fala de uma comunidade subalternizada e marcada por um processo seletivo e violento de escuta, do qual sua negação enquanto comunidade atingida pelo desastre-crime é elemento central, precisávamos aprender a escutar além das fronteiras da conquista, da dominação e da colonialidade. Precisávamos crer na dignidade da paixão e no privilégio de deixar sentir, deixar chorar e abraçar. Coragem para encontrar nossos olhares, nossos corpos, nossas lágrimas. “Abraçar a mudança”, você nos provoca. Ato de amor, ato de coragem. Partilhas que nos possibilitaram reconhecer ruídos contra-hegemônicos. Partilhas que nos remexem inteiras... Jamais seremos as mesmas!

Sim, querida bell, aprendemos a correr o risco com as/os professoras/es! Lugar de desconforto, de não saber, mas um lugar de encontro. Estivemos (e assim seguimos) diante de vivências cotidianas de opressão, da presença de uma lama que não cessa de violentar a escola por mais de longos sete anos, *situação limite* vivenciada na escola. Nesse contexto, nosso caminho, junto com as professoras e professores, foi construir o *inédito viável*, algo que ainda não existe, mas que precisa ser inventado e torna-se real a partir da nossa ação coletiva, como nos ensinou Paulo Freire (2016). Também aqui, sua presença nos trouxe a certeza de que era preciso uma atitude de amor, de escuta genuína, de buscar, no meio do caos, caminhos para semear uma educação como prática da liberdade. Ousamos convidar as/os professoras/es a cultivar experiências de circularidades, a SONHAR a escola que queriam, a celebrar sua realidade, ver o que temos, em nossas potências, fragilidades, desafios, contradições. Convidamos a seguir adiante, desenhando um tema para orientar a caminhada de transformação da escola, dando um primeiro pequeno passo no planejamento desse caminhar. O tempo foi pequeno para nós. Mas aqui chegamos.

As/os professoras/es compartilharam sonhos de uma escola colorida, alegre e digna! Uma escola onde a comunidade escolar reconhece a condição das/dos estudantes e suas famílias como pessoas atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão. Uma escola onde não há pessoas invisíveis!

Em nossas rodas escutamos e fomos provocadas pelas falas das/dos estudantes que, por meio de um rap e um fanzine, buscaram produzir fraturas e solidariedades políticas de (re)existências ao anunciar o desejo de construir uma escola pautada em regras dialogadas, na escuta das diversas opiniões, no respeito às diferenças, no incentivo ao uso das tecnologias digitais, ao direito a um cardápio variado da merenda e por fim, uma escola onde a cultura, a dança e música sejam valorizadas.

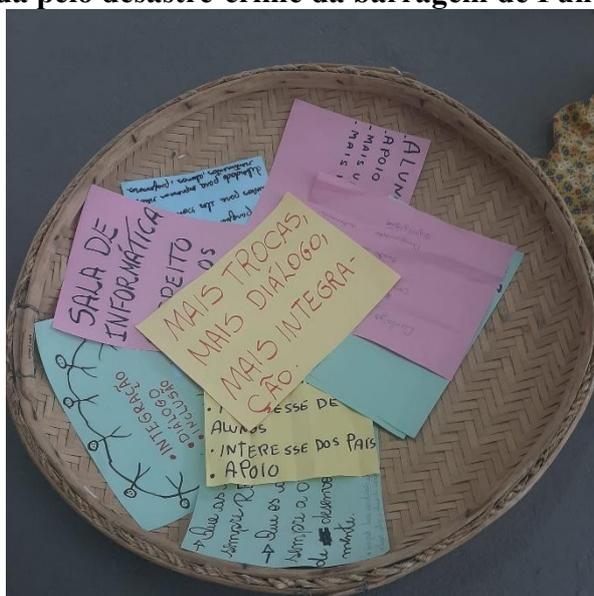
Ao aprender a escutar as vozes de uma escola que teve o seu rio manso atingido pelas violências da exploração capitalista, nossas vozes e sonhos tornaram-se cantos que anunciavam o desejo por uma comunidade pedagógica orientada pelo compromisso de uma escola democrática. Nos caminhos da construção de uma educação popular e democrática no interior da escola, nós seguimos com você, com sua voz ecoando em nossos corpos, em nossos corações, nos apontando caminhos possíveis! Agradecemos pela sua existência, pelos seus escritos que chegam até nós como força e horizonte para, em meio ao caos, em meio lama, seguir na construção de uma educação como prática da liberdade!

**Figura 1 – Registro de um dos encontros de formação em uma escola atingida pelo desastre-crime da barragem de Fundão, Mariana-MG. Ao centro a obra de bell hooks, “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade”**



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2022

**Figura 2 – Sonhos das professoras compartilhados durante uma formação realizada em uma escola atingida pelo desastre-crime da barragem de Fundão, Mariana-MG.**



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2022

## Referências

ARROYO, Miguel. *Outros sujeitos, outras pedagogias*. Petrópolis: Vozes, 2012.

HOOKS, bell; CIPOLLA, Marcelo Brandão. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 16, p. 193–210, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador*. Petrópolis: Vozes, 2017.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

---

## Reafirmando nossa Parceria, o Compromisso com a Educação Popular e com o Amor a partir de bell hooks

Lwdmila Constant Pacheco  
Mestra em Psicologia Social e Política  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9384135367108280>  
E-mail: [lwdmila.constant@upe.br](mailto:lwdmila.constant@upe.br)

Lívia Karoline Guerra Feitosa  
Especialista em Atenção Básica e Saúde da Família  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9821423322314477>  
E-mail: [liviiaguerra@outlook.com](mailto:liviiaguerra@outlook.com)

**Resumo:** bell hooks, aqui compartilhamos um pouco da importância dos seus livros, de você e do seu pensamento na construção da nossa vida acadêmica, profissional e pessoal, do quanto você foi/é significativa na nossa produção na academia e fora dos muros da universidade. A gente precisou desaprender um pouco de nós para reaprender um pouco do outro. Não seríamos quem somos se não tivéssemos passado pelos seus escritos. Vamos além da academia, mostramos sua importância quando falamos de nós e da nossa vida enquanto mulheres, amigas e mães. Temos duas crianças lindas e, tendo você como referência, buscamos caminhar na direção da construção de uma sociedade mais justa e igualitária que priorize o amor em todos os seus sentidos.

Prezada bell hooks, falamos aqui da margem da margem (Aílton, 2017) do sul do mundo (Santos; Meneses, 2009), vulgo Nordeste Brasileiro, e temos refletido em como nossas redes de inspiração nos levam até você. Somos duas mulheres, uma branca e uma negra, uma professora e uma que foi aluna na mesma instituição e que por aproximações ideológicas e afetivas nos juntamos e buscamos do nosso fazer acadêmico/profissional uma extensão dos laços outros que nos tornaram educadora/educanda, orientadora/orientanda, e hoje colegas de jornada nesse mundo.

Uma das coisas que trazemos em comum é a crença no poder revolucionário da educação, visto que acompanhamos o quanto a educação é poderosa na prática tanto de sala de aula como do que vivemos na subversão do autoritarismo educacional ao estarmos ativamente no movimento de ocupação estudantil no ano de 2016. Foi nesse contexto que, uma como apoiadora do movimento e outra como liderança estudantil, acompanhamos a força da autonomia de quem acreditava que poderia mudar os rumos de uma história que tendia ao fascismo, no caso, os estudantes, visto que estávamos em pleno governo golpista do presidente interino Michel Temer. Foi ali que finalmente sentimos a necessidade de aproximação com a leitura de Paulo Freire. E por causa dele foi que chegamos a você: alguém que atualizava a leitura do mundo de Freire, somando a perspectiva da educação libertadora para o século XXI com o olhar de uma mulher negra que não morava no Brasil.

No livro *Olhares Negros. Raça e Representação* (2019a) você diz que “Sem uma forma de nomear a nossa dor, nós também não temos palavras para articular nosso prazer” (p. 32), e de fato, nós exercitamos a memória daquilo que não nos fez bem ao longo dessa jornada juntas, tanto quanto aquilo que nos fez felizes. Pois acreditamos que, ao falarmos das dores que passamos, mesmo quando elas já estão cicatrizadas, impedimos que nos machuquem novamente e validamos aquilo que foi significativo para nós. É uma descolonização afetiva, como você chama. Contigo e com Freire aprendemos a falar de dor e de amor na mesma proporção, e tornar nossos afetos descolonizados caminhos de transformação pessoal e social. Até porque “a descolonização como um processo político é sempre uma luta para nos definir internamente” (hooks, 2019a, p. 37).

Fizemos muita coisa juntas. Lembramos com carinho das atividades lúdicas de valorização da negritude com meninas em situação de abrigo institucional, onde uma das coisas que trabalhamos foi a valorização do cabelo crespo, já que as meninas crespas queriam modificar seus cabelos graças à chacota que sofriam das demais. Levamos em conta o aprendizado que você nos concedeu ao nos falar de todo o processo árduo de luta histórica para as mulheres negras serem reconhecidas como tal dentro do movimento feminista e dentro do movimento negro. Isto é, a mulher negra não se encaixa dentro dos padrões universalizantes do feminino, nem dentro da categoria raça/racismo unicamente. Mulheres negras vivem uma realidade interseccional por viverem opressão de gênero e racial ao mesmo tempo e duplamente (hooks, 2020). E por isso, nunca invisibilizamos a problemática que nos deparamos ao lidarmos com meninas negras e suas demandas de atender os valores estéticos brancos. Também nesse mesmo abrigo fomos convocadas para trabalhar sobre o processo de reconfiguração familiar que essas meninas passavam, já que saíam de sua família de origem e muitas ficavam à espera de uma nova família para adoção. Tentamos sempre trabalhar de forma leve apesar de assuntos tão pesados. E para nos reenergizarmos, líamos quem nos inspirou.

Também fizemos atividades de extensão com crianças consideradas “difíceis” em escola pública da zona da mata sul de Pernambuco, trabalhando estética, laços familiares e a violência que sofriam e eram obrigadas a calar. E isso nos faz lembrar de quando você fala do silêncio típico dos que se sabem invisíveis e não representados, pontuando o quanto a ausência de segurança faz com que, muitas vezes, o silêncio se prolongue e se estenda à falta de envolvimento dos alunos. Como foi importante, segundo os professores e professoras dessas crianças, o espaço para eles expressarem suas agressividades, dores, mas também suas esperanças sem serem julgadas ou avaliadas por isso.

Em outro trabalho que você esteve presente como inspiração, foi sobre a valorização da interiorização da universidade pública na cidade de Palmares, zona da mata de Pernambuco, que atende filhos e filhas de pequenos agricultores, empregadas domésticas e demais atividades desvalorizadas salarial e socialmente e que eram os primeiros da família a fazer um curso de graduação. Nesse trabalho, ouvimos os estudantes sobre os sentidos construídos graças ao acesso ao ensino superior e quais os momentos mais significativos e educativos para eles. Não é de surpreender que os momentos considerados mais importantes para essas pessoas foram aqueles em que eles tiveram oportunidade de exercer sua autonomia dentro da universidade, os momentos de construção da amorosidade com os demais e com o saber em construção a partir da reflexão e da práxis. Como você diz naquele texto *Vivendo de amor* (2010), o amor é ao mesmo tempo uma intenção e uma ação.

O último trabalho que fizemos juntas foi sobre a invisibilidade da mulher lésbica dentro das unidades de saúde da família de um território do estado de Pernambuco. Acreditamos que as desigualdades que existem em todas as dimensões da existência humana, em especial por questão de gênero, sexualidade, raça e classe social, terminam por determinar o modo de adoecer e morrer da população. Enxergamos que o sistema heteropatriarcal que domina o país – e o mundo –, expressa diversas formas de opressão frente a mulher lésbica, preta, da periferia e, às vezes, mãe. A heteronormatividade compulsória moralmente vigente coloca a sua prática sexual como saudável, única e correta, enquanto tudo que fuja dessa “normalidade” é visto como desviante e discriminatório.

Então precisávamos ouvir essas mulheres, colocá-las no lugar de sujeito da nossa pesquisa, e claro, não teríamos como fazer isso sem usar você como uma das nossas principais referências frente ao desenvolvimento da pesquisa, pois, como você diz “ouvir um ao outro (o som de vozes diferentes), escutar um ao outro, é um exercício de reconhecimento” (hooks, 2019b, p. 58). Caminhamos também lado a lado com o Paulo Freire, decidimos realizar o círculo de cultura neste trabalho. Trabalhar com você e o Freire é ir em direção ao círculo de cultura, é reconhecer a vivência participativa engajada na reflexão-ação crítica e coletiva. Assim, aprendemos juntas a reconhecer os sujeitos de suas histórias na construção coletiva de um pensamento crítico, visto que para Freire (2020, p. 126) “quanto menos criticidade em nós, tanto mais ingenuamente tratamos os problemas e discutimos superficialmente os assuntos”.

Ao nos aproximarmos da leitura de seus livros, diante da cultura de dominação na qual vivemos, continuamos a refletir sobre nossos valores e hábitos que refletem no nosso compromisso com a liberdade, e sobre como é possível construir uma revolução com ternura

e amorosidade. Estamos sempre nos policiando para enxergar o mundo para além da nossa realidade. Defendemos o feminismo, caminhamos na direção de uma contínua construção e reconstrução individual e coletiva, pois vemos o feminismo como um compromisso político e não como um estilo de vida, assim como você nos ensinou em seu livro *Teoria feminista* (2019b), por isso sempre nos inquietamos quando ouvimos em discursos pelo mundo acadêmico, e fora dele, que *teoria feminista é coisa de mulher*. Infelizmente esse é um discurso ainda muito presente nas produções feministas, porém você diz o contrário: não devemos deixar esse fardo apenas para nós, mulheres, carregarmos. Você coloca que “tirar a atenção dos estereótipos é necessário se quisermos rever nossas estratégias e trilhar novos caminhos” (2019b, p. 63), e é nisso que acreditamos.

A consciência política nos possibilita reconhecer a necessidade de lutarmos contra todas as formas de opressão, e assim como você, acreditamos também que o feminismo é crucial para nos libertar da opressão sexista – libertar não apenas nós, mulheres – e renovar em nós outras lutas de libertação. Em seu livro *Ensinando a transgredir* (2017), você pontua que no mundo capitalista em que vivemos o feminismo e a teoria feminista podem facilmente se transformar em mercadoria e só os privilegiados se beneficiam disso, portanto, foi lendo você que a gente se atentou que a teoria feminista é para ser falada com mulher, homem e criança. Buscamos sempre encorajar a pluralidade de opiniões e o diálogo crítico.

Somos muito parecidas em diversas coisas e significados, mas também somos muito diferentes em outros pontos e sentidos. Muitas coisas nos unem, mas tantas outras nos mantêm diferentes. O mais importante é que sabemos que não precisamos eliminar nossas diferenças para manter sempre vivo nosso vínculo de solidariedade e irmandade. Uma enquanto mulher negra e outra enquanto mulher branca, sabemos que não precisamos viver a mesma forma de opressão para combatermos a opressão em si. Nos unimos por compartilharmos da mesma crença e almejarmos a diversidade. A gente acredita tanto no amor que o enxergamos como princípio fundamental para alcançarmos uma educação libertadora, e você consegue costurar a educação, liberdade, amor e pensamento crítico, alinhando essa linha de uma forma tão acessível que consegue ser entendida por todos e por todas.

O princípio fundamental para construção da consciência crítica dentro da educação colocada por Paulo Freire (2020) é o diálogo em conjunto com o amor, pois só conseguimos verdadeiramente dialogar com alguém se nutrimos amor, humanidade e respeito sobre o outro. Longe disso, estaríamos praticando o antidiálogo que resulta numa relação vertical de A sobre B, visto que o antidiálogo não comunica, faz comunicados. E é por isso que o amor é

nossa maior arma contra todas as formas de opressões existentes, pois é através dele que construímos o diálogo, a consciência crítica, a educação libertadora e fortalecemos a teoria feminista.

Hoje em dia, apesar de não termos mais o espaço institucional que nos uniu, visto que estamos morando em estados diferentes, ainda buscamos compartilhar nossas experiências de vida e nossos anseios profissionais para que possamos continuar nos amparando e nos fortalecendo. Entre tantas coisas juntas da qual compartilhamos, bell hooks, sucedeu de sermos mães no mesmo período. Em uma de nossas tantas conversas, a gente buscou entender o amor como construção, na busca de não naturalizar a romantização da maternidade, é claro.

No livro *Tudo sobre amor* (2021) você diz que “nossa confusão em relação ao que queremos dizer quando usamos a palavra amor é a origem da nossa dificuldade de amar” (p. 45). Acreditamos que entender o amor para além do amor romântico é o primeiro passo em busca de uma educação libertadora, visto que, como diz Freire, o diálogo é a base da educação libertadora, e para se existir diálogo precisamos compartilhar o amor, vivenciá-lo, pois o amor é o que o amor faz. O amor não está dado e entendemos que é pelo amor que conseguimos destruir os preconceitos e caminhar na direção de uma sociedade mais justa e igualitária. É esse amor que buscamos compartilhar com nossas crianças. Uma mãe de um menino, outra mãe de uma menina, e por defendermos a teoria feminista não iremos enfatizar na nossa educação a responsabilidade única e exclusiva da mulher de fazer revolução feminista, buscamos criar nossas crianças com amor, diálogo, pensamento crítico e, acima de tudo, criar indivíduos comprometidos com a revolução feminista ensinando ambos a se reconhecerem como companheiros de luta.

Você está em todo canto que estamos, seja na academia, na praça, seja dentro de casa em conversas com nossas crianças de 4 e 5 anos e, por tudo isso que construímos, somos e seremos em comunhão, te agradecemos. Muito obrigada!

## Referências

AÍLTON Krenak e o Sonho da Pedra. Direção: Marco Altberg. Produção de Bárbara Gual e Marcelo Goulart. Rio de Janeiro: Indiana/Canal Curta, 2017 (52 min).

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 46ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. *Olhares Negros. Raça e representação*. São Paulo: Editora Elefante, 2019a.

HOOKS, bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019b.

HOOKS, bell. *Não sou eu uma mulher?* Mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2020.

HOOKS, bell. *Vivendo de amor*. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>. 2010

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

KRENAK, Aílton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (orgs). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina SA, 2009.



---

[instagram.com/coletivobellhooks](https://www.instagram.com/coletivobellhooks)  
[coletivobellhooks.ufrgs@gmail.com](mailto:coletivobellhooks.ufrgs@gmail.com)

**XII COPENE**

**DEMOCRACIA, PODER E Antirracismos:**  
avênços, retrocessos legais e ações institucionais

## SOBRE AS AUTORAS ORGANIZADORAS

---

### **Bruna Moraes Battistelli**



Doutora e mestra em Psicologia Social e Institucional pelo PPG de Psicologia Social e Institucional/UFRGS. Especialista em Instituições em Análise pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professora substituta na Universidade Federal do Paraná (UFPR) na área da Psicologia da Educação. Integrante e pesquisadora do grupo de estudos, pesquisas e extensão intitulado "Coletivo bell hooks: formação e políticas do cuidado" (UFRGS) e o grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros NEAB-UFPR. E-mail: [brunambattistelli@gmail.com](mailto:brunambattistelli@gmail.com)

### **Luciana Rodrigues**



Possui graduação em Psicologia pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC/2008) e mestrado (2012) e doutorado (2017) em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente é Professora Adjunta na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), vinculada ao Departamento de Psicologia Social e Institucional e ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional. Coordena o grupo de estudos, pesquisas e extensão "Coletivo bell hooks: formação e políticas do cuidado". E-mail: [lurodrigues.psico@gmail.com](mailto:lurodrigues.psico@gmail.com)

### **Jaileila de Araújo Menezes**



Possui graduação em Curso de Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (1997), mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999) e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004). Estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (2017). Atualmente é professora titular na Universidade Federal de Pernambuco, vinculada ao Departamento de Psicologia, Inclusão e Educação Centro de Educação e ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Pesquisadora vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas (GEPCOL) e integrante do GT Juventude e Pesquisas Participativas da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP). Integrante do Coletivo bell hooks: psicologia e políticas do cuidado. E-mail: [jaileila.araujo@gmail.com](mailto:jaileila.araujo@gmail.com)

## Diônvera Coelho da Silva



Psicóloga pela Universidade Federal do Rio Grande (2021) e Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) na linha de pesquisa Epistemologias Descoloniais, Educação Transgressora e Práticas de Transformação, com mobilidade acadêmica no curso de doutorado em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Engenheira Agrônoma (2014) e Mestra em Sistemas de Produção Agrícola Familiar (2017) pela UFPel. Integrante do Grupo Mariposas: minorias sociais, resistências e práticas de transformação" (UFPEL), Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas

(GEPCOL-UFPE) e Coletivo bell hooks: Psicologia e Políticas do Cuidado" da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É Psicóloga Clínica voluntária no Centro de Atendimento Psicológico (CAP) da FURG. Tem como áreas de interesse e atuação: Formação em Psicologia; Atuação profissional em Psicologia Clínica e Social; Relações Raciais; Políticas do Cuidado; Saúde Mental da População Negra; Educação e Políticas Públicas. E-mail de contato: [diionveracoelho@gmail.com](mailto:diionveracoelho@gmail.com)